

REVISTA DA SEMANA

Colaboração
especial de:

VIRIATO CORREIA
LÚCIA BENEDETTI
RUGGERO JACOBBI
RUTH GUIMARÃES
OLGA OBRY
C. TUIUTI TAVARES
NEY MACHADO, etc.



Contos de:

ARTHUR SCHNITZLER
F. HUGH HERBERT
VASCONCELOS MAIA
JULIO DENIS



Edição especial do

SUPLEMENTO
DA MULHER
MODELOS A CORES



PREÇO CR\$ 5,00
EM TODO O BRASIL

NUMERO DE
ANIVERSARIO
N.º 21 22-5-48



NINGUEM DIZ...
MAS JÁ PASSEI
 dos
50!

CLARIM - M - 515

São estes os resultados do uso constante da Quina Petroleo Malibú! Cabelos permanentemente jovens, higiene perfeita do couro cabeludo, sem caspa e sem calvície! Quina Petroleo Malibú é, realmente, um fator de rejuvenescimento! Faça, também, uso deste notável tônico capilar e

SEJA DOS QUE FICARÃO NOS 50!

Malibú
quina petroleo



Uma aplicação diária, após o banho, produz resultados estupendos!... porque a Quina Petroleo Malibú contém pilocarpina.

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÓAS CASAS DO RAMO

O roupismo

em

Copacabana

NOS, que vivemos em Copacabana, vamos perder o jeito particular de quem mora para cá do túnel. Vamos passar a ser pessoas-problemas, pessoas desajustadas. Uma verdadeira desgraça, principalmente para os turistas, se os turistas ainda quiserem ter a bondade de existir. Bom, acho que o que menos interessa no caso é o turista. Nem sei mesmo como ele se infiltrou nesta conversa. Mas Copacabana anda sempre misturada com turista, de forma que onde vai a corda vai a caçamba. Deixe o turista ficar. Eu estava falando de pessoas-problemas, que somos nós mesmos, gente de Copacabana. Reparem na nossa diferença. Uma pessoa da Tijuca sobe no ônibus, paga sua passagem, desce, anda pela cidade, ninguém sabe que é da Tijuca. Vem alguém de Laranjeiras, faz a mesma coisa, fica por isso mesmo. Mas, se é de Copacabana, qualquer um vê logo. Pelo sol plantado na pele? Pelo modo de andar? Pela roupa? Não se sabe. Tudo junto, mais um quê particular. Copacabana. Vejam as adolescentes daqui. Cada uma salu de uma página de revista. Tem adolescentes do "Vogue", tem do "Mademoiselle", tem do "Parati", tudo de Copacabana mesmo. Agora olhem os rapazes. O jeito de dar com os ombros; andam como se nadassem. A falta de respeito para com o preconceito das roupas. Colarinhos sem importância rodeando gargantas importantíssimas. E tratados tal como devem, isto é, como servos do pescoço e não como donos deles. Também as senhoras, também os senhores. Vejam os bebês. E' impossível que não reconheçam que gente de Copacabana é gente especial. E' gente que presta atenção no corpo. Eis aí, meu Deus, eis aí. Gente que tem corpo, para quem o corpo representa um patrimônio. Nós não somos como os habitantes do Andaraí, que só tem corpo quando vestem vestidos de baile. Nós temos corpo todos os dias. Não damos uma folga. Cada dia o corpo fica mais importante. Fazer ginástica é tão corriqueiro como beber café pela manhã. Andar de bicicleta é uma obrigação, quando algumas banhas, irrefletidamente, se deixam ficar por lugares não convencionados. Mostrar um corpo que não escandalize é imperativo. Praia tem dessas coisas. Nós somos praia. Temos obrigação de ser praia com muita decência. E fazemos o possível. Jamais traímos nossa situação de praianos honrados.

Eis que em virtude dessa nossa dedicação, estamos metidos num apuro danado. Quebraram a nossa inocência, avisando que corpo é feio e que falta de roupa é contra a lei. Sem nenhuma preparação psicológica, sem nenhuma instrução prévia. Da noite para o dia. Estávamos dentro da nossa realidade e nos impuseram a fantasia.

Impor o roupismo com rádio patrulha e "casse-tête" é uma idéia espantosa. Vocês, que não são de Copacabana, nem podem imaginar o que isso seja. Um choque. Imaginem se, num dia de chuva, um guarda se aproximasse de vocês e gritasse: "Tá na cana! Não pode usar galochas, nem guarda-chuva! Tira a capa de borracha que é contra a lei!" Na mesma hora: "piu, piu!" um apito, rádio-patrulha e condução de graça para o distrito. Como é que você ficaria? Na maior estupefação. Nós estamos assim. De queixo caído.

Nossos rapazes saíam por aí, em manhãs bem cálidas, de pés descalços, braços nus, como no poema de Casimiro de Abreu. Todo mundo achava natural.

Agora, saem agasalhados, com um ar, coitados, de quem anda perdido. Nossas jovens iam para a praia e o maior cuidado delas era levar a barraquinha. Agora rodam pela casa. Falta alguma coisa? Falta alguma coisa? Deus nos livre e guarde que ela se esqueça da saída de banho!

Todo mundo anda desorientado. Quem ia ao cinema, em manga de camisa, com o sorriso mais copacabanense do mundo, agora sai preocupado, olhando as esquinas, avançando com cautela, como um ladrão que quer roubar galinhas.

Uma moça aqui da vizinhança ganhou um "short" vermelho chegado de Biarritz. Descabelou-se, chorou, andou pela casa abraçada ao "short". Ninguém da família podia informar se aquele "short" era decente ou não. Estamos nessas condições. Antigamente quando a polícia comparecia, tratava-se de um ladrão, um malfetor, qualquer coisa no gênero. Agora todo mundo fica de coração apertado. Alguém se esqueceu de embrulhar as canelas! No entanto, fomos sempre tão gentis para com as pessoas não-praia! Todos os adventícios que surgiam por aqui revestidos de roupa, eram tratados como pessoas respeitáveis. Ninguém corria atrás deles, ninguém caçoava. Ninguém dizia piada. Deixava-se que a pessoa muito vestida andasse à vontade. Mas, vejam o que estão fazendo conosco! Explicando as coisas com rádio-patrulha e "casse-tête"! Venham os psiquiatras. Venham os mestres de psicologia. Não vamos mais ser a alegria dos turistas com o roupismo em Copacabana, viramos um foco de pessoas-problemas.

LUCIA BENEDETTI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO:

COLABORAÇÃO

O roupismo em Copacabana (Lúcia Benedetti)	3
Rio, centro mundial de turismo (Berilo Neves)	12
Silva Jardim, o maior propagandista da República (Viriato Corrêa)	12

BIOGRAFIA

A vida de Buda (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	78
---	----

CARICATURA

Bom humor	11
-----------------	----

REPORTAGENS

Uma tragédia grega no palco do Regina (Demóstenes Varela)	6/9
O candomblé do Tempo	14/18
Um milagre de inteligência e tenacidade	26/31
Deixarão os homens de trabalhar? (Ruth Guimarães)	43/49
A mais fabulosa pescaria do mundo ..	50/55
Maurice Chevalier conta as suas memórias (Ruggero Jacobbi)	56/58
Shakespeare para as multidões (Olga Obry)	59/62

CONTOS

O tenente Gustel (Arthur Schnitzler) ..	19/25
Morte (Vasconcelos Maia)	32/35
O espólio do sr. Cipriano (Júlio Diniz) ..	36/37
As patifarias de Bindle (F. Hugh Herbert)	38/41

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Vida Literária	76
Música	90

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty)	63
Novidades de Hollywood	66
Sugestões de Paris	71
A personalidade da semana (Sarah Marques)	71
Mães e filhos (Zóia de Laet)	72
Muro das lamentações	73
O espírito feminino através dos tempos "Week-end" na cozinha (Marie Cook) ..	74

ILUSTRAÇÕES

Abelardo Zaluar, Armando Pacheco, Armando Moura e Orlando Matos

NOSSA CAPA

Ilustra hoje a nossa capa a figura fascinante de YVONNE DE CARLO, uma novata que cedo se impôs em Hollywood e conta com milhares de fãs, graças, principalmente, ao seu encanto pessoal. Admiravelmente fotogênica é, uma das rainhas do technicolor e dois dos seus últimos sucessos foram "sedução" e "Salomé". A Universal, companhia que possui a exclusividade, tem já em preparo uma série de filmes com a glamurosa "estrela", cujos lançamentos na Cinelândia estão bem próximos.



a Semana em Revista

O NOSSO 48.º ANIVERSÁRIO



Com a presente edição, REVISTA DA SEMANA, que nasceu no alvorecer do século XX, completa seu quadragésimo oitavo aniversário, vencendo galhardamente mais uma etapa de sua existência. Tendo atravessado dias calmos e felizes, no início de sua vida, quando o Rio de Janeiro ainda não era a metrópole moderna dos dias de hoje, em que tudo é vertigem e borborinho, permanente agitação e nervosismo, a REVISTA DA SEMANA tem acompanhado a evolução da cidade, do país e do mundo, refletindo-a através de suas páginas, quer na documentação fotográfica, quer através da

palavra impressa. Vinda do Rio que ainda não conhecia o cinema e o banho de mar em Copacabana, REVISTA DA SEMANA testemunhou a abertura dos túneis, a inauguração da Avenida Rio Branco, o desmonte do morro do Castelo, o nascimento de Copacabana, o da Cinelândia, da Esplanada etc. Viu a estátua de Pedro Álvares Cabral ser inaugurada e, depois, ser retirada do seu sítio primitivo, como um trambolho que atravancava o trânsito... Viu o Rio crescer, desdobrar-se, e, com esse desdobramento, nascerem novos problemas. Assistiu transformações políticas sensacionais, no país e no estrangeiro. Registrou em suas páginas os progressos, as crises e os desfechos de duas guerras mundiais que devastaram o mundo, que espalharam luto e destruição, que representaram para o mundo o mesmo que uma cavalcada dos cavaleiros do Apocalipse, — e viu depois surgir a paz, acendendo esperanças que os anos seguintes não justificaram. Viu tombarem dinastias, des-

parecerem tronos, surgirem repúblicas, desaparecerem nações sob a cobiça de outras nações. No meio de tudo isso, tivemos nossas próprias lutas, nossos próprios dramas, — crise de papel, dificuldades de renovação de material gráfico, desapropriação do tradicional edifício que há tantos anos ocupamos. Presentemente nossos esforços estão voltados para a renovação dos nossos maquinismos e para a construção de um novo edifício, onde, melhor aparelhados, esperamos poder corresponder, cada vez mais e melhor, à confiança, à estima e à simpatia dos nossos leitores. No dia em que entramos no nosso 49.º ano de existência, não queremos deixar de testemunhar aos nossos leitores, como aos nossos agentes, anunciantes e colaboradores, a expressão do nosso reconhecimento ao apôlo que há quase meio século vêm dando à REVISTA DA SEMANA, a mais antiga das publicações ilustradas do Brasil.

UM PLANO DE AMPARO AO TEATRO NACIONAL



Depois dessas considerações, declara o cronista de "O Globo": "O sr. prefeito e o sr. ministro da Educação deverão receber por estes dias uma cópia de um plano trienal concebido por alguns intelectuais com o fim de resolver definitivamente o problema da falta de teatros no Rio. Tive oportunidade de ler o

Escrevendo um destes dias, na coluna "Cara ou coroa", que mantém no "O Globo", o brilhante jornalista e dramaturgo Henrique Pongetti, valor autêntico do nosso mundo literário, teceu interessantes considerações a respeito do amparo dos poderes públicos ao teatro nacional. Nesse artigo, intitulado "Rigoletto apronta o saco", Henrique Pongetti notou, de início, que com a temporada lírica deste ano, no Municipal, a Prefeitura vai gastar perto de cinco milhões de cruzeiros. Por outro lado, o governo federal também dispende, todos os anos, alguns milhões, sem nenhum proveito duradouro. São milhões destinados à simples montagem de peças teatrais, em país em que não há teatros e a falta de palcos, cada vez maior, constitui o mais angustioso de todos os problemas.

rascunho desse plano e posso antecipar àquelas autoridades e aos meus leitores o essencial dos seus numerosos itens. Trata-se nem mais nem menos de pleitear, que o total das subvenções, destinadas à ópera e a certas companhias dramáticas nacionais já bastante amparadas pelo "público" seja gasto na construção de teatros em terrenos da Prefeitura e da União. A verba desses três anos iria aproximadamente a uns vinte e cinco milhões de cruzeiros, soma julgada suficiente para a construção de uns quatro ou cinco teatros simples e confortáveis de comédia em pontos chave do centro, dos bairros e dos subúrbios. A adesão de arquitetos, de construtores, de fornecedores de materiais, assegurada desde já, poderá aumentar ainda o número de palcos. Assim se formaria uma rede de teatros municipais onde se revezariam os elencos permitindo o rodízio também nos palcos do centro. Uma "tourné" metropolitana arrancaria por fim das garra do cinema em língua estrangeira um imenso número até hoje mantido, à margem do teatro nacional". Pergunta Henrique Pongetti se seus leitores gostaram desse plano. Não sabemos o que eles responderam. Quanto a nós, achamo-lo ótimo. E os srs. prefeito do Distrito e ministro da Educação, se tiverem outra opinião sobre esse assunto, é, então, porque não querem se preocupar com soluções definitivas, preferindo deixar as coisas como estão apenas para ver como é que ficam...

BOAS VINDAS AOS ROTARIANOS



tercâmbio comercial entre as nações, a elevação dos estudos e debates em que se empenham os seus associados, bem pode imaginar o que significa, para a nossa capital, como para o próprio Brasil, a realiza-

Estamos, presentemente, em plena época da 39.ª Convenção Rotariana Internacional, reunião importantíssima para a qual o Rio de Janeiro foi escolhido como sede. Quem conhece o que é a organização do Rotary Club Internacional, o modo pelo qual estão nele representadas as mais nobres e diversas profissões, o empenho com que trabalha pela concórdia e pela expansão do in-

tercâmbio comercial entre as nações, a elevação dos estudos e debates em que se empenham os seus associados, bem pode imaginar o que significa, para a nossa capital, como para o próprio Brasil, a realização dessa Convenção Rotariana entre nós e que significará a repercussão desse acontecimento em todo o mundo. A chegada simultânea de milhares de ilustres visitantes, à nossa capital, representa um estímulo para várias das nossas atividades, inclusive para o comércio; pois está calculado que os rotarianos, no prazo de sua estada no Rio, despendirão cerca de três milhões de dólares, ou seja, cerca de sessenta milhões de cruzeiros. Evidentemente, em uma cidade em que existe crise de habitações e os hotéis estão sempre super-lotados, tinha de surgir o problema da hospedagem dos convencionais. Aí foi posto à prova o espírito rotariano, incumbindo-se numerosos associados do Rotary Club do Rio de Janeiro de hospedar, em suas residências, no seio de suas famílias, determinado número de confrades, para os quais não foi possível obter reserva nos hotéis. Grande parte desses rotarianos resolveu seu problema, residindo a bordo do próprio navio que, especialmente fretado,

os trouxe ao Rio, — o "Nieuwe Amsterdam". As homenagens oficiais e de caráter privado preparadas aos convencionais rotarianos no Rio proporcionarão a todos eles um ambiente de carinho e de estima. Entre estes, figuram personalidades do mais alto destaque, em diversos ramos da atividade humana, — e so no "Nieuwe Amsterdam" viajaram representantes de onze diferentes nações e de quarenta e quatro dos quarenta e oito Estados da União Americana. Esse simples detalhe é altamente ilustrativo, mostrando quanto o Rotary Club está contribuindo para aprofundar as relações entre os povos e o mútuo conhecimento entre as nações civilizadas. REVISTA DA SEMANA, que sempre procurou prestigiar as atividades rotarianas em nosso país, aqui deixa seus efusivos votos de boas-vindas aos ilustres visitantes que ora participam da 39.ª Convenção Rotariana Internacional.

ANO XLVII
N.º 21 — 22-5-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cld. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

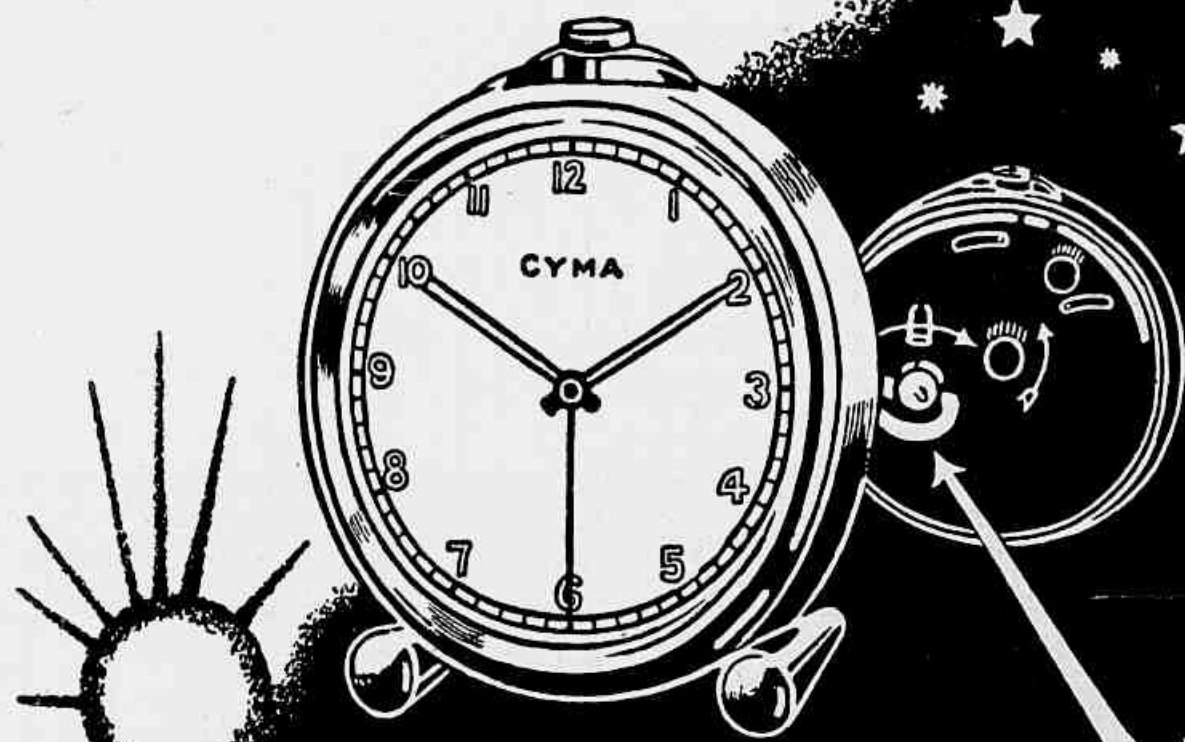
ESTE NÚMERO CONSTA DE 100 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



F OI eleito presidente da Itália o senador Luigi Einaudi. De Gasperi vai organizar o novo gabinete da Península... Nos Estados Unidos os "democratas" sulistas continuam a guerra contra Truman por ter esse incluído no seu programa para as próximas eleições a completa igualdade constitucional entre brancos e negros. A ojeriza racista dos eleitores do sul está criando uma auréola de apóstolo para a cabeça de Mr. Truman. Merecida, aliás, neste caso... Aqui no Rio, deu-se um fato curioso: Manoel Quesada, o patrão, dono de uma oficina metalúrgica, quis recrutar à força os seus operários para o comunismo. Não o conseguindo, resolveu despedi-los sumariamente. Talvez ele os convertesse se, em primeiro lugar, fizesse com que os operários partilhassem anualmente do lucro líquido da empresa. A força é que ninguém se torna comuna, nem deixa de sê-lo... Furtaram da Delegacia Federal de Rendas, em São Paulo, sete milhões de cruzeiros de selos de imposto de consumo. Não se preocupe tanto o Tesouro. Vai ser difícil encontrar tanta mercadoria para ser selada... O Tribunal Regional de São Paulo decidiu que também os mendigos podem votar, apreciando o caso do mendigo Belarmino Pereira, de Itapetininga. O doutor Jacarandá, o popular "jurisconsulto", acrescentou que podem até eleger um representante da classe, cada vez mais numerosa... A Argentina está, nesse sentido, mais adiantada. Lá, até os analfabetos votam, segundo afirmou o desembargador Toscano Espinola, recém-chegado do Prata... A senhora Strauss, presidente da Comissão dos Parques da Cidade de Londres introduziu uma inovação nos jardins a dos "bancos para óculos", argumentando que é muito incômodo para os namorados a presença de um estranho no mesmo local. Vejam o que é compreensão e simpatia humana... Aqui no Rio, a Rádio Patrulha introduziu o sistema dos "bancos para ninguém", abolindo deles os casais de namorados que não fazem mal a quem quer que seja... O vereador niteroiense Onacir Pereira da Silva encaminhou à mesa da Câmara um requerimento solicitando permissão para que o povo subisse à tribuna da Câmara e, de viva voz, pedisse soluções para os seus problemas. O psiquiatra Pereira da Silva, homônimo do vereador fluminense, talvez achasse nesse requerimento a confissão de um "complexo de culpa"... Um caso curioso ocorreu na Caixa Econômica. Uma devota abriu, há tempos, uma caderneta em nome e em favor de São Francisco de Assis, santo falecido há muito tempo, como sabem. Morrendo também a devota, um padre católico achou-se com direito de servir de procurador do seu colega de hábito, munindo-se para isto da caderneta e de um ofício de um Juiz de Direito. O Conselho Superior da Caixa Econômica, no entanto, achou que o sacerdote não poderia levantar o saldo de São Francisco, visto que tanto o santo como a devota tinham morrido sem terem antes deixado instruções específicas sobre o caso. Assim sendo, o dinheiro depositado, em nome do franciscano vai reverter em favor dos herdeiros da depositante. Pela primeira vez na história bancária um santo possuiu depósito em banco. Infelizmente há grande falta de cambiais para o céu... Com a nova crise de empregos, os mexicanos querem ir para os Estados Unidos de qualquer maneira. Na semana passada a polícia da fronteira descobriu 59 clandestinos que estavam cruzando a fronteira dentro de uma "big" geladeira. Os mexicanos passaram dessa geladeira para uma "geladeira" malcriada... Formou-se na França um movimento popular de caráter sentimental, procurando induzir o governo a perdoar o velho marechal Pétain, herói da guerra de 14 e considerado traidor da Pátria no conflito de 1939... Pétain foi colaborador do nazismo, — dirão, — mas já de miolo mole... O ministro do Trabalho interveio no Sindicato das Dançarinas, em virtude da renúncia da diretoria antiga. Digase de passagem que tal sindicato nada faz de útil para a elevação do nível de vida das suas associadas... Telegrama de Belém nos conta que entre seis sentenciados que embarcavam para a Colônia Penal, um deles, momentos antes da partida, ajoelhou-se, rezou alguns minutos em latim e fez em seguida uma pregação aos seus companheiros de infortúnio. O criminoso latinista estudara, em Seminário e resolvera, à última hora, abandonar o sacerdócio para se dedicar ao crime... Entraram em greve nos Estados Unidos 230 mil trabalhadores de frigoríficos e da companhia telefônica... A CCP, investida de nova autoridade, vai tabelar os preços dos gêneros, hotéis, cinema e até dos ingressos dos campos de futebol. Quer isso dizer que, brevemente, também os torcedores pagarão luvas para entrar no estádio... Os vereadores cariocas acabaram as férias em que se encontravam. Ficou resolvida finalmente a composição da Mesa e foram distribuídos os automóveis pelos seus ocupantes, coisa de transcendental importância para os nossos edis... Não há dúvida que o nosso café reviste a tudo, até aos políticos do Brasil. Quiseram arrasá-lo durante a ditadura e criaram o Departamento Nacional do Café. Não o conseguiram. Há pouco tempo criaram a comissão liquidante do Departamento Nacional do Café. Nada feito. Surgiu agora, na Câmara, a Comissão Especial de Inquérito sobre o Departamento Nacional do Café. Parece que o café não é um caso liquidado... Segundo um economista australiano, o Brasil é o vigésimo primeiro país quanto à renda per capita dos seus habitantes, isto numa lista em que só figuram vinte e um países. Na nossa frente, entre outros, estão a Argentina, o Uruguai e o Chile. Felizmente temos exceções que salvam as aparências, como as fortunas dos Guinle, dos Seabra, do deputado Duvivier, dos Severiano Ribeiro, do ex-conselheiro E. G. Fontes, do capitão Vital, etc... O senhor Corrêa e Castro demitiu-se da pasta da Fazenda, porque não compreende que o DASP, órgão auxiliar da administração pública, seja incumbido pelo presidente de organizar a proposta orçamentária, responsabilidade intrínseca e direta do Ministério da Fazenda. Não é possível SALTAR sobre tais coisas, teria dito em carta ao presidente Dutra... A temporada teatral continua brilhante. "Anjo Negro" se despediu. "Medéia" e "Bendito entre as mulheres" continuam no cartaz. "Carlota Joaquina" foi estreada por Jayme Costa e "Dona do Mundo" por Dulcina e Odilon. Nesta semana, será estreada, no Fenix, a famosa peça "Tobacco Road", com o título de "Estrada do Tabaco". É um sucesso de oito anos, na Broadway, e aqui terá como intérpretes Itália Fausta, Saddy Cabral, Maria Della Costa, José Guerreiro e outros. Por hoje, é só. Esperemos, agora, o início do 49.º ano da REVISTA DA SEMANA. — quer dizer, o sábado vindouro...

O novo despertador CYMA



Uma única chave
dá corda simultaneamente
ao movimento e ao alarme

O despertador suíço de precisão
Preço de venda cr. \$280,00

Sim!
tudo comprado
na Mesbla...

...A ATRAÇÃO DA CINELÂNDIA
ONDE HA SEMPRE
UMA SURPREZA PARA VOCE

Já é um hábito de elegância, antes de ir ao cinema ou ao chá das cinco, fazer uma visita às exposições da Mesbla, na Cinelândia.

Ali, a dona de casa moderna encontra sempre muitas novidades com que satisfazer seu apurado gosto e surpreender suas amigas.

E quando, ao chegar em casa, e depois de trocadas, pelo telefone, as impressões do dia, o assunto recai sobre as compras realizadas, é sempre com orgulho que ela exclama:

TUDO COMPRADO NA MESBLA

VENDAS A VISTA
OU PELO

Credi-MESBLA

MESBLA

Rua do Passelo, 48/56



UMA TRAGÉDIA GREGA

NO PALCO DO GINÁSTICO

DADA A CONHECER AO NOSSO PÚBLICO, PELA SENHORA HENRIETTE RISNER MORINEAU, A ADAPTAÇÃO NORTE-AMERICANA DE "MEDÉIA", DE EURÍPEDES

Por DEMÓSTENES VARELA

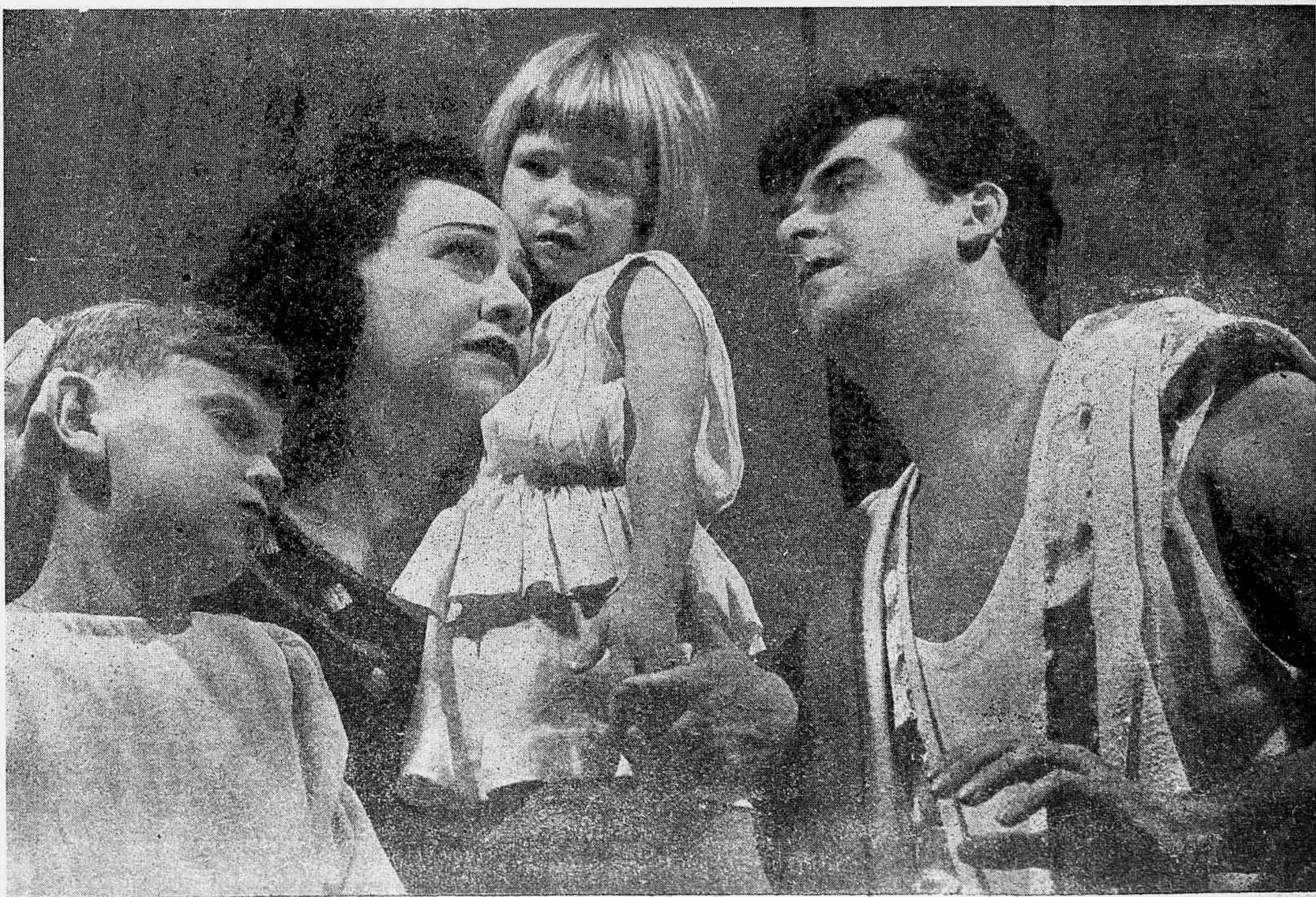
Fotos de CARLOS

O tema de "Medéia" foi objeto de dezenas de peças, desde a antiguidade aos nossos dias. A lenda dos argonautas, com o ambicioso e bravo Jasão à frente, em busca do famoso velocino de ouro, foi versada na Grécia e em Roma por grande número de dramaturgos. Após a Renascença, foi retomada por outros tantos, sendo inúmeras as variantes trágicas e até mesmo cômicas desse tema. Ficaram, no repertório das companhias teatrais e nas antologias os textos de Eurípedes, Séneca, Racine, Catulle Mendes e outros. A última dessas contribuições foi a do escritor teatral

norte-americano Robinson Jeffers, que é o autor de vários dramas em versos e fez uma recente transposição, em versos livres, do texto de Eurípedes, representada com êxito em Nova York, no Royale Theatre, com as atrizes Judith Anderson e Florence Reed, fazendo o papel de Jasão o ator Dennis King. O diretor desse espetáculo, que a 29 deste mês deixará o cartaz, em Nova York, foi o consagrado ator inglês John Gielgud, famoso por suas interpretações de obras de Shakespeare. Talento dramático semelhante ao de Judith Anderson, — nossa conhecida no cinema, — tanto que, no teatro,



Na página ao lado: Jasão (interpretado pelo ator Graça Melo) suplica a Medéia (Henriette Morineau), a graça de ver seus filhos. Em cima: cena entre Medéia (Henriette Morineau) e Egeu (David Conde). Em baixo: outra cena de "Medéia", a tragédia de Eurípedes, adaptada pelo norte-americano Robinson Jeffers, com Medéia (Henriette Morineau), Jasão (Graça Melo), e seus filhos interpretados por Yoman e Fernanda, duas crianças da União das Operárias de Jesus.





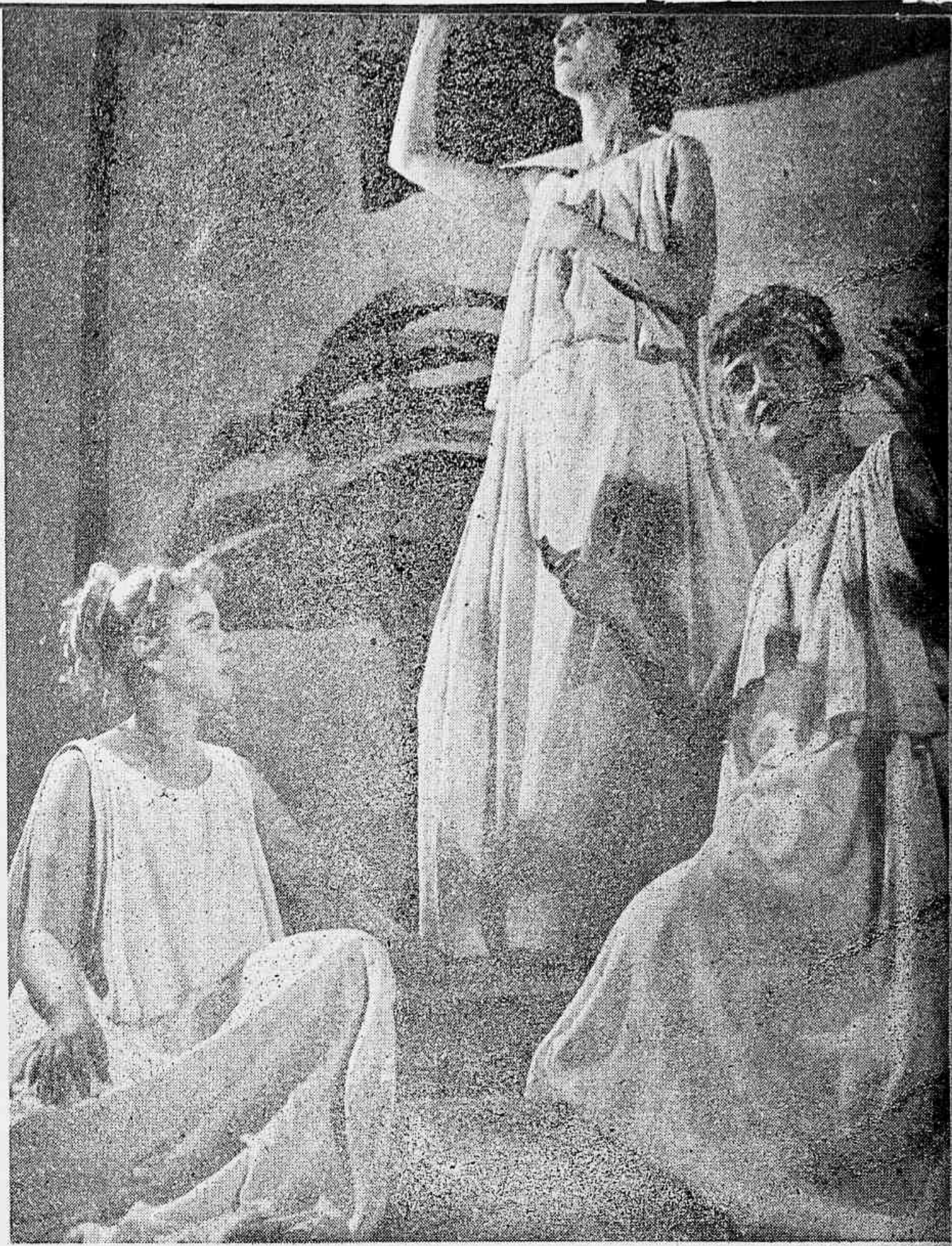
Medéia, filha do rei de Colchos, iniciada na alta magia, mas simples mulher apaixonada pelo ambicioso e másculo Jasão, trai o pai e entrega ao aventureiro o famoso velo-cino de ouro. Mas é por sua vez traída por Jasão, que se apaixona por Creusa, e resolve vingar-se de forma terrível do amante e de sua rival. Na figura de Medéia, a atriz francesa Henriette Risner Morineau encontrou um papel rico de substância dramática.

interpretou, ao lado de Bibi Ferreira, o papel da governanta misteriosa de "Rebecca", feita na tela por aquela atriz de língua inglesa, — a senhora Henriette Risner Morineau elegeu a adaptação de Robinson Jeffers para a inauguração de sua nova temporada teatral, no palco do Ginástico. O texto inglês foi vertido em prosa por Genolino Amado, escritor que alia o bom gosto literário à exata compreensão do que seja a linguagem dramática, o diálogo teatral. Reunindo em torno de si um elenco em que há figuras do valor de Flora May, Margarida Rey, Graça Melo, Dary Reis, Jacy Campos, Ambrósio Fragolente e outros, — e tendo chamado o ensaiador Z. Ziembinski para dirigir o espetáculo, a ilustre atriz francesa converteu "Medéia" em um autêntico êxito artístico. Sua interpretação tem um vigor, uma intensidade, uma vibração dramática poucas vezes atingida em nosso teatro.

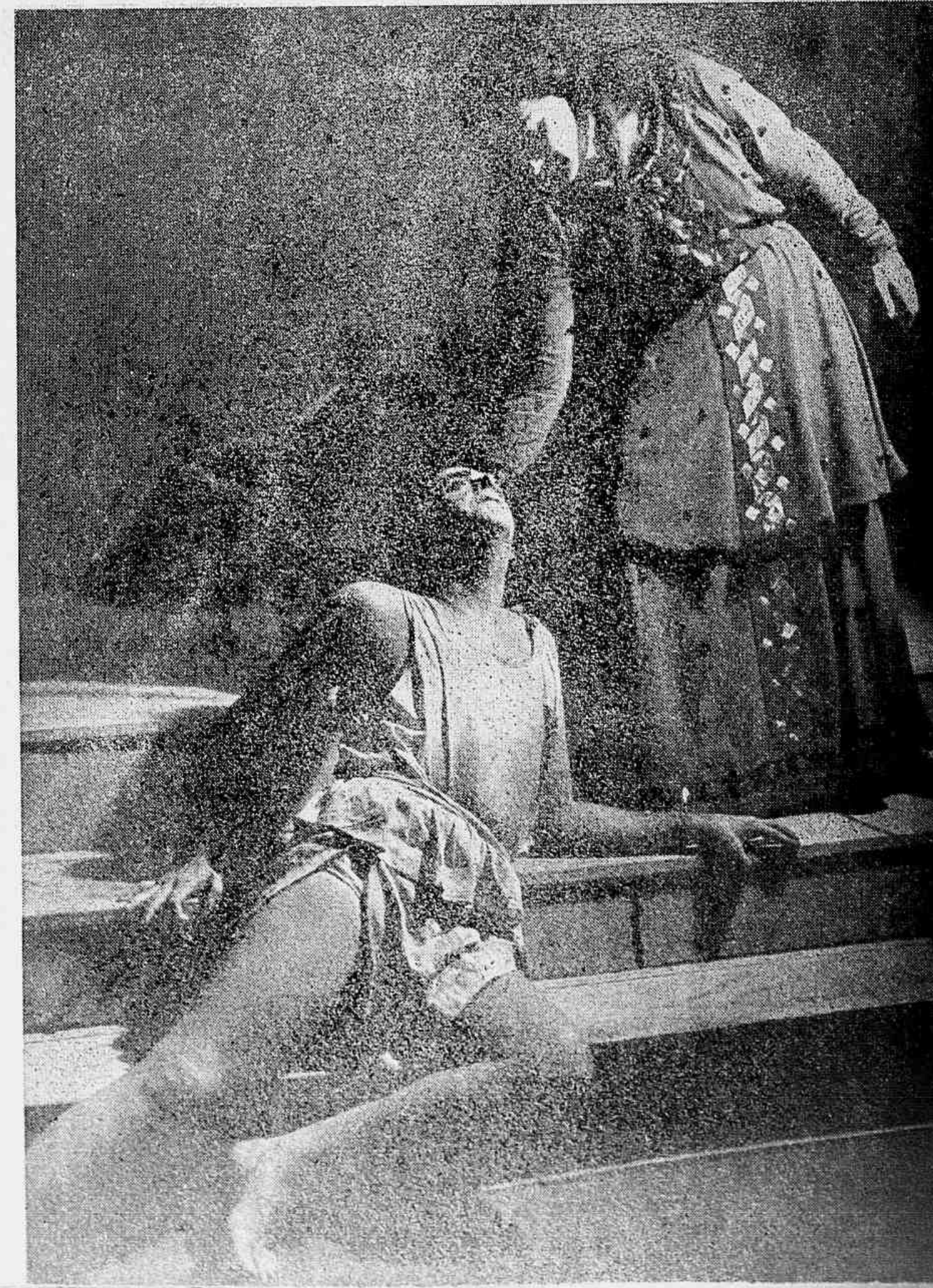
"Medéia" exige, na verdade, tremendo esforço vocal e de interpretação de sua protagonista. Somente uma atriz de grande envergadura poderia se aventurar a uma experiência de tal gênero, — e a senhora Henriette Risner Morineau sem dúvida saiu vitoriosa da prova a que se submeteu, mau grado as naturais deficiências de um elenco que não está afeito aos arru-bos e tropeços do repertório clássico. Dentro do animado panorama teatral de 1948, em que tantos êxitos têm se registrado, da farsa à tragédia, a apresentação de "Medéia" ficará como um dos acontecimentos mais expressivos da temporada.

Estas fotografias de Carlos documentam os violentos embates, o choque de paixões de "Medéia", um êxito teatral que tem mais de dois mil anos e serve mais uma vez para demonstrar a verdade, já sedida, de que, depois dos gregos, nada se fez de novo sob o sol...





Em cima: à esquerda, cena da tragédia de Eurípedes, com Henriette Morineau e Ambrósio Fregolente; à direita: o coro de mulheres coríntias, com Margarida Rey, Flora May e Joyce de Oliveira. Em baixo: à esquerda, cena entre a ama (Maria Castro) e Medéia (Henriette Morineau); à direita: cena do último ato, entre Jasão (Graça Melo) e Medéia (Henriette Morineau).



H A V E R Á C U R A P A R A D O E N Ç A S D O F I G A D O ?

REVELAÇÃO SENSACIONAL DE UM GRANDE
MÉDICO BRASILEIRO ABRE NOVOS CLARÕES À
ESPERANÇA DOS HEPÁTICOS DE TODO O MUNDO



O dr. Rego Barros, brilhante oficial superior e Diretor da Farmácia Central do Exército, ao ser entrevistado.

Até não há muito, criara-se entre as populações a mística de que não havia cura para as doenças do fígado, ou mesmo qualquer maneira racional de atenuá-las. Eis que uma equipe de cientistas, incansável no seu labor de encontrar o prolongamento da vida, mediante condições de saúde dantes não conseguidas, descobre e entrega ao público um medicamento já conhecido nos círculos médicos como a drágea capaz de debelar, com rapidez e eficiência, mesmo os casos mais graves e mais persistentes.

Ainda há poucos dias, tivemos ocasião de encontrar o doutor Rego Barros, médico, com consultório instalado à rua Haddock Lobo nº 153, e farmacêutico de renome, figura de indiscutível realce nos círculos científicos do Brasil, nome que se projetou no conceito de milhares de brasileiros, como estudioso dos nossos problemas mais arraigados e que, como diretor da Farmácia Central do Exér-

cito, conseguiu uma invejável auréola de respeito, graças à tradição de honorabilidade na sua carreira militar, consolidada dia a dia num labor consciente e produtivo. Foi o dr. Rego Barros quem confirmou ao jornalista a notícia do sucesso que FIGACOL vem obtendo entre aqueles que sofrem de males do fígado.

Eis o que nos disse o ilustre homem de ciência, cujas palavras transcrevemos na íntegra:

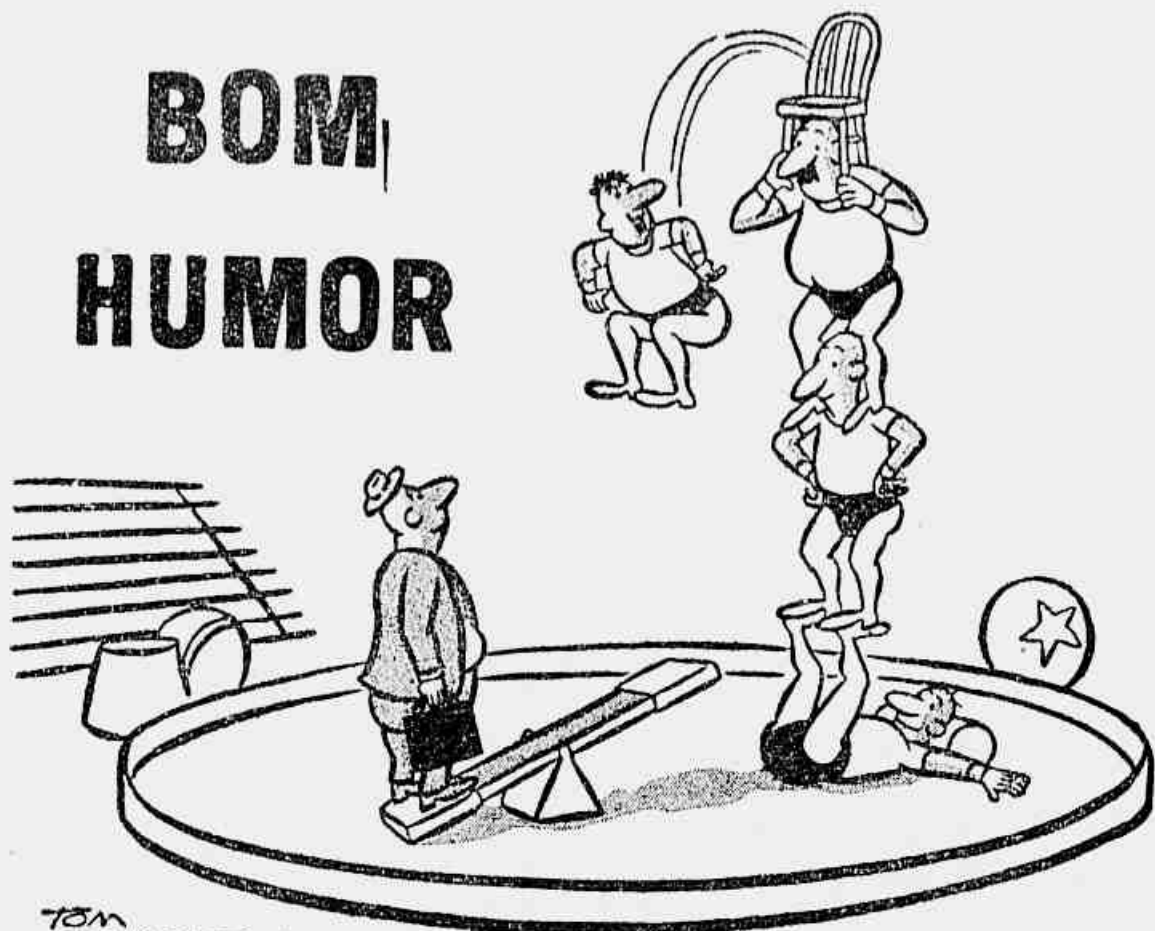
"Depois que li a fórmula de um medicamento denominado FIGACOL, cheguei à conclusão de que algo de novo se abria nesse terreno de lide tão ingrata. Os sofredores do fígado devem estar radiantes. Trazendo como garantia o conceito dos produtores da famosa EMAGRINA, o FIGACOL apresenta, em sua composição, uma série de substâncias medicamentosas capazes de produzir efeito imediato sobre qualquer enfermidade

do fígado. Tenho-o aplicado, com muito êxito, entre os meus clientes, observando sempre melhoras acentuadas de dia para dia, chegando a resultados verdadeiramente positivos. E, diante dessas experiências, não tenho dúvidas ao afirmar que FIGACOL realizará, com sua fórmula extraordinária, uma verdadeira transformação no clima social do país, tornando uma geração sadia e concorrendo para o retorno ao trabalho, de tantos braços outrora tolhidos pela enfermidade que não escolhe e não perdoa."

Eis, portanto, a boa notícia: FIGACOL trouxe um influxo novo aos que sofriam do fígado, acenando-lhes com o restabelecimento imediato, com a saúde, com a felicidade, enfim.

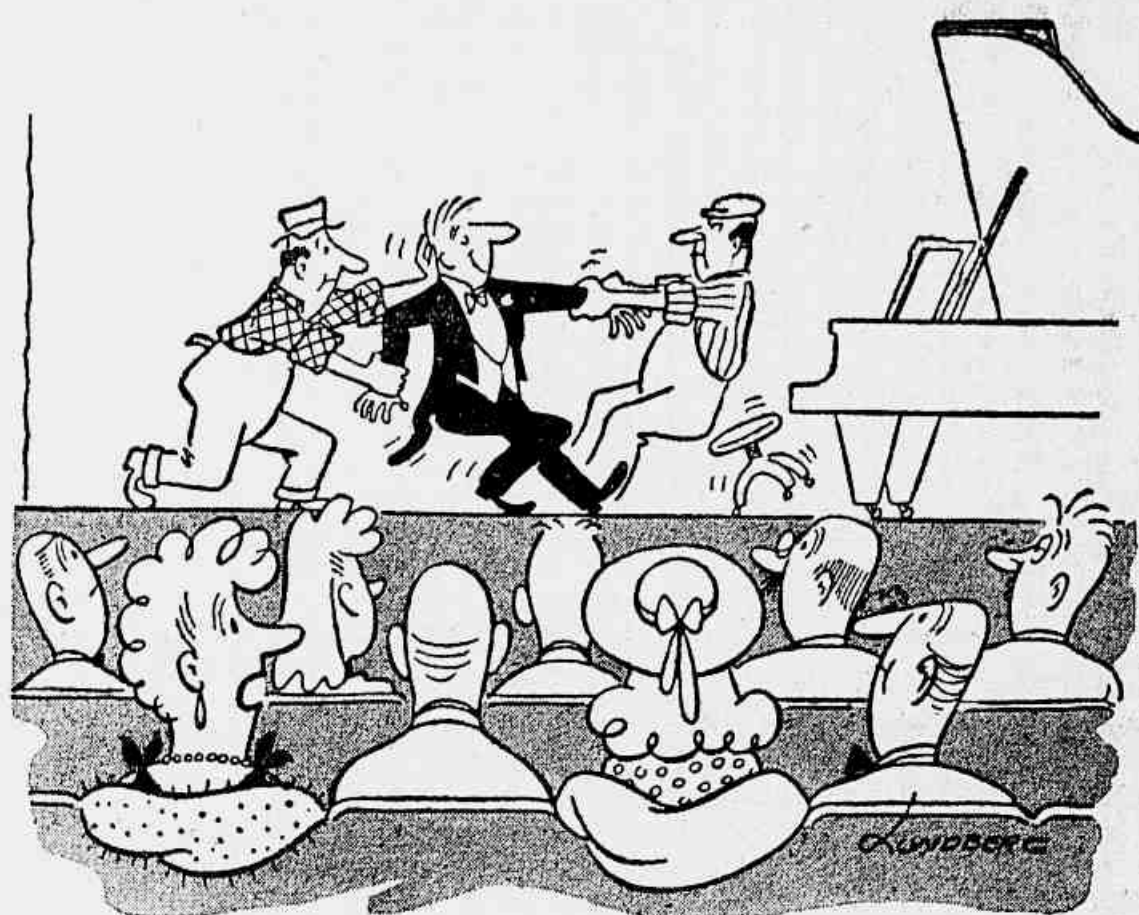
(Transcrito de "A Gazeta da Farmácia" — Março.)

BOM HUMOR



TOM
HENDERSON

— E' aquele cobrador, papai... Vou mandá-lo lá para cima!



O pianista modesto é chamado a tocar um bis...



BALDO PIN

— Cortei meu cabelo... e sabe o que o barbeiro disse? — Que poucos homens, na minha idade, têm um cabelo tão fino...



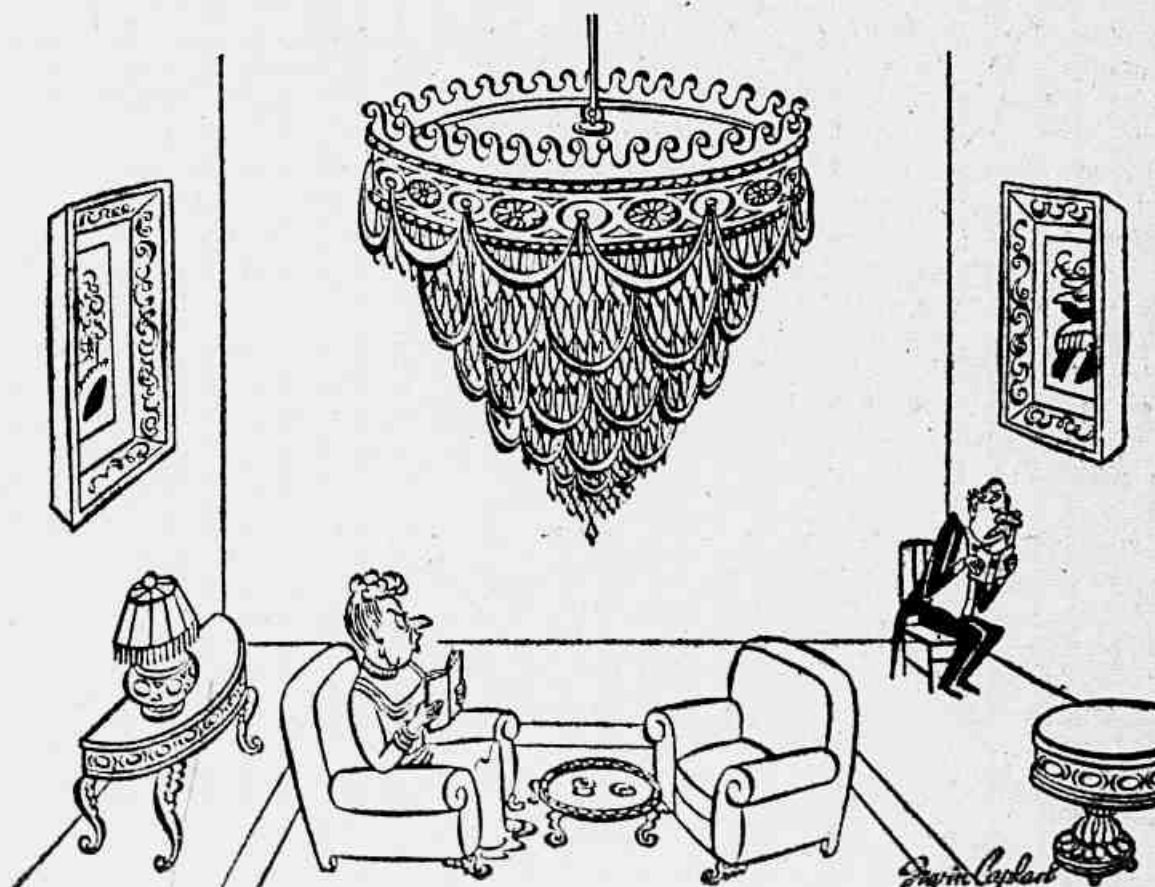
Chon
Day

— Esta é a última novidade, — tem aquecimento central e bateria elétrica...



TOM
HENDERSON

— Já é tempo de aprenderes a usar esses óculos direito Jesuino!



Sam Kaplan

— Covarde!

RIO CENTRO MUNDIAL DE TURISMO

Realiza-se, presentemente, nesta Capital, a 89ª Convenção do Rotary Internacional. (Dos jornais)

O mais belo destino de uma cidade é ser bela. De Roma antiga se conta que, estendendo-se por enorme área, eram necessários muitos dias para que o estrangeiro curioso lhe pressentisse, ao menos, a portentosa grandeza. O embaixador de uma nação amiga, depois que lhe admirou os monumentos e edifícios, indagou se, ali, ainda era uso morrerem os homens — tão diversa lhe parecia a urbs da comum fábrica dos mortais... Talvez o Rio do meado do século XX sugira idêntica reflexão. Estaremos numa cidade como as outras, ou já transpusemos de há muito as fronteiras bíblicas do Eden?...
★

A escolha da enseada da Guanabara para sede de uma Paris tropical deve-se, em grande parte, ao senso estético dos franceses. Não fosse o sonho quinhentista da França antártica, e conseqüente tentativa colonizadora dos huguenotes, e talvez não se estadeasse hoje às margens da Guanabara a mais bela cidade dos trópicos. O Rio foi o prêmio da vitória na luta entre lusos e gauleses, o que vale dizer, entre Roma católica e a Reforma calvinista. A proeza de Estácio de Sá não teria sido possível sem o auxílio das hostes indígenas, guiadas pela mão taumaturgica de Manuel da Nóbrega. Este e José de Anchieta são os verdadeiros patronos históricos da Cidade de Estácio de Sá. Nas origens profundas da urbs está uma batalha entre duas religiões — e entre duas estéticas... O Rio foi como a flor que a dama antiga atrava à lã, ao seu cavalheiro predileto, na hora sangrenta — e heróica — do torneio medieval...
★

Situada numa latitude ingrata, onde não há outras metrópoles da sua importância política e econômica, o Rio de Janeiro vence os ardores do clima pela amenidade das águas que a banham, e pela imponência da natureza que a envolve. É como uma orquídea apoiada poeticamente em anoso e robusto tronco. A cidade sem rival possui todas as ardências tropicais, temperadas, porém, pelas águas dadasas que a acariciam e refrigeram. Por isso, aos cenários típicos das terras ardentes junta aspectos verdadeiramente europeus — graças à mão prodigiosa da Arte, que a vem alindando e retocando, no decurso dos séculos. A velha Corte de Pedro II difere muito da cidade ampla, de largas vias, que os turistas do mundo inteiro agora conhecem e admiram. Suas ruas estreitas e tortuosas, mal calçadas, perpetuamente invadidas pela poeira ou pela lama — deram lugar às avenidas ousadas que a estão rasgando de ponta a ponta, e devem multiplicar-se à proporção que as gestões municipais reconhecerem a sua utilidade e benemerência. Ainda no meado do século XIX, quando por aqui passou o desafortunado Maximiliano da Áustria (que deveria morrer, no México, vítima de um sonho imperial de Napoleão III), o malaventurado príncipe achou medonha a cidade tortuosa e pouco limpa, a que presidia, entretanto, o gênio patriarcal de Pedro II. É que a engenharia sanitária ainda não tomara a seu cargo aperfeiçoar a velha cidade dos vice-reis que o Império recebera do Brasil-Colônia e, com pequenas modificações, conservara. Foi a República, através do gênio saneador de Passos, Frontin e Osvaldo Cruz, quem afeicou a obra tósca, fazendo, da urbs semi-colonial do século XIX, a formosíssima metrópole em que hoje fruimos o sagrado direito de viver... A idade moderna do Rio de Janeiro data de ontem. Ainda na primeira década deste século, os que a conheceram tiveram que lamentar-lhe a angústia das ruas, os tropeços das vias, a escassez de praças refrigeradoras e ornamentais... De há 40 anos para cá, a cidade parece ter ido à Europa... Adquiriu boas maneiras. Poliu-se. Aprendeu o seu francês e o seu inglês. E hoje serve de cenário aos filmes norte-americanos, quando os produtores precisam impor ao espectador cansado a sensação forte dos panoramas deslumbradores e imprevisíveis...
★

Aí temos o Rio centro mundial de turismo, o Rio — escala forçada das almas em villegiatura. Aí temos a cidade ouro e azul, onde raiam as mais belas manhãs do mundo, e onde os crepúsculos à beira-mar são dignos da alma suave de um João de Deus ou de um Casemiro de Abreu. O Rio junta, aos primores da arte urbanística, os encantos da selva, do mar e da montanha que Deus fez. É como essas «formas» do seu natural, de que nos fala Manuel Bernardes e que, com pouco enfeite, levam de vencida as mais prendadas e superciliosas damas que se lhe antepõem... A cidade quer-se vista e louvada dos alienígenas. Tão bela é que seria crime privá-la de ver a parte feliz do gênero humano que se dá aos prazeres periódicos do turismo.
★

Neste ameníssimo mês da Virgem e das flores, o Rio touca-se das suas melhores louçanias, e veste-se com os mais primorosos raios de sol. A luz — esta grande decoradora natural — anda a arrebiá-la de mil jeitos, e a aformosé-la de mil modos. O mês antigamente votado ao culto da deusa romana é, entre nós, o mais cristão de todos, por ser o mês de Maria, mãe comum dos que sofrem e espelho bíblico de todas as virtudes feminis. A cidade pomposa, no seu mais alto esplendor. E cada manhã de sol é como uma nova bênção de Deus que lhe vem confirmar a predileção com que o Senhor a exornou de formosuras e extremou de maravilhas e graças sem conta...
★

Por BERILO NEVES

FRANTE muitos anos a propaganda republicana no Brasil teve uma feição de curiosa inocuidade. Uma infinidade de criaturas gabava-se de republicanismo, a maioria dos homens de certo cunho intelectual primava, por elegância, em incluir o nome na ala republicana, mas, pela propaganda da Idéia, ninguém fazia nada. O credo da república era uma espécie de aristocracia mental e os aristocratas tiveram sempre a fatalidade de viver na ociosidade. Os propagandistas realmente trabalhadores representavam a exceção. Pardo Mallet teve uma frase que retratou o republicanismo brasileiro antes de 89: "uns são republicanos de ação, outros preferem ser acionistas da República".

Dos republicanos de ação, Silva Jardim foi inegavelmente o maior.

Pode-se afirmar com segurança: a República emergiu da sua operosidade e da sua tenacidade de propagandista.

Até hoje não houve Idéia nenhuma que vencesse pela inercia. Vence pela flama incendiante e incendiária.

A flama que ateou o incêndio destruidor da realza no Brasil foi Silva Jardim. Medeiros e Albuquerque, contemporâneo da propaganda e propagandista também, deixou em poucas palavras a definição do papel que o grande tribuno teve no advento da República: "sem Benjamin Constant talvez não se tivesse feito a República a 15 de novembro, mas sem Silva Jardim, com certeza, não se teria cogitado disso. A Idéia republicana vingou porque ele lhe deu corpo, porque a estendeu e a disseminou.

Silva Jardim era realmente um homem excepcional. O seu melhor retrato é aquele que Valentim Magalhães traçou num único período: "Pequenino, nervoso, entre gordo e magro, pés e mãos delicados, de criança, cabeça redonda proporcional à estatura, olhos de extrema vivacidade, nariz adunco, de asas afilantes e abertas, boca enérgica com um jeito de ativo desdém, queixo saliente indicativo de pertinácia — quem observava com atenção reconhecia imediatamente estar em face de um homem não vulgar, de uma organização singular de linhas fortes, salientando-se do vulgo como um belo alto relêvo de força, energia e resolução".

A natureza não lança indistintamente as criaturas no mundo. A cada ser distribui um papel como nas caixas de teatro. E não faz papéis para as criaturas, faz as criaturas para os papéis. Silva Jardim era o moldou maravilhosamente para propagar a causa republicana no Brasil. Tinha ele tudo de que necessita o pioneiro de uma Idéia nova. Coragem e até temeridade, temeridade até à loucura. E, ao lado dessas qualidades que lhe davam relêvo excepcional entre os propagandistas, tinha ele ou-

SILVA JARDIM

Por VIRIATO CORRÊA
(Da Academia Brasileira de Letras)

tra virtude absolutamente necessária para a fulgência dos apóstolos. Era pertinaz, grave, sério, econômico, operoso, infatigável, independente e abnegado. Os seus grandes defeitos não eram inatos, nasciam da cega paixão da Idéia que pregava.

Para Medeiros e Albuquerque Silva Jardim foi o maior espírito de organização da propaganda. "Os meetings, os artigos de jornal, os ataques quotidianos à monarquia, só se sucediam infatigavelmente, graças sobretudo, à sua inspiração."

No Brasil, um chefe de partido não pode viver numa torre de marfim, acima do nível normal dos outros homens. Ou se mistura com o povo, multiplicando-se em atender a todo o mundo, ou nada conseguirá. Silva Jardim era, no seu tempo, quem melhor compreendia o cunho do nivelamento da política brasileira. Nunca deixou uma carta sem resposta. Houve ocasião em que teve de tomar um, dois, três, quatro secretários. "O mais humilde sertanejo que lhe mandasse um bilhete, de Goiás ou Mato Grosso, tinha a certeza de receber a réplica", conta Medeiros e Albuquerque.

Para Fellsbeilo Freire, Silva Jardim "representa a maior formação mental do movimento". É "a organização moral mais integrada, a dedicação mais sincera, o ardor mais pronunciado pela vitória da Idéia que todo o dominou, a audácia mais requintada em afrontar as iras do preconceito e o espírito mais afeito à propaganda de todos quantos nela tomaram parte em sua segunda fase. Espírito rebelado, intransigente, autoritário e insubordinado, pôs à causa da República a sua atividade e todo o seu concurso".

Foi realmente prodigiosa a atividade que ele dedicou à causa republicana de 88 e 89. Depois da emancipação dos escravos, a propaganda não teve chefe maior do que ele. O seu verbo, em constante inflamação, foi o precipitador da queda da realza.

Após a primeira conferência em Santos, a 28 de janeiro de 1888, não mais teve o propagandista um instante de repouso. E' o tufão derrubando a seara monárquica, tufão que vai deixando seu rastro destruidor.

A sua operosidade deixa estupefatos os homens mais resistentes e mais operosos. Em trinta dias fez vinte e sete conferências em vinte e sete cidades de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro: Rio Claro, Limeira, S. Carlos do Pinhal, Campinas, Jacaré, Pindamonhangaba, Taubaté, Guaratinguetá, Lorena, Rezende, Barra Mansa, Pirai, Vassouras, Valença, Paraíba, Juiz de Fora, Petrópolis, Friburgo, Cantagalo, S. Fidélis, Campos, Macaé, Barra de S. João, Capivari, Rio Bonito, Itaboraí e Niterói.

De 88 a 89 realizou conferências em vinte e uma cidades fluminenses, em dez mineiras, em nove paulistas,

e mais ainda no Recife, na Bahia, em Nazaré, Timbaúba, Goiânia e Palmares.

Foi pela sua boca que a propaganda ganhou celeridade e celebridade. Orador, como no tempo não houve outro mais inflamado, os seus discursos produziam incêndios na alma popular.

Medeiros e Albuquerque descreve: "... assim que começava a falar, havia um deslumbramento. Discutia e comovia. Nada de retórico e palavroso; era um homem instruído, um argumentador poderoso. Quem lê o que ele escreveu acha o estilo insuportável. E' estilo de orador. Há períodos de légua e meia. Mas Jardim tinha um fôlego sobrenatural: começava esses períodos em surdina, elevava um pouco a voz, sustentando sem desfalecimento aquela imensa mole de frases, subia, subia, subia e, de repente, deixava enfim cair, como uma chuva esmagadora, a conclusão. E havia uma tempestade de aplausos".

Não eram apenas excelsas as virtudes de Silva Jardim, eram também sólidas. Foi positivamente de pedra e cal que a natureza construiu os alicerces de sua coragem. O que se conta de sua destimidez de homem franzino e delicado é realmente prodigioso. Era a coragem serena, fria sem zabumbas e sem mascaradas.

E' ainda Medeiros e Albuquerque que nos conta episódios da destimidez do grande propagandista.

Um deles foi a 30 de dezembro de 1888. Silva Jardim estava falando num clube republicano, instalado na travessa da Barreira. A famigerada "guarda negra", quando o discurso ia em meio, correu a atacar a casa. Os do clube responderam o ataque à bala. O orador, ao rumor dos tiros, parou o discurso, mas ficou na tribuna, de pé, como quem espera a volta de silêncio para prosseguir.

Em vão os correligionários lhe pedem que se afaste. Se a porta da rua cede aos golpes dos atacantes, ele, fatalmente, será atingido. Mas Silva Jardim não se move. Apenas sorri e, sorrindo, diz com uma calma desnor-teante:

— Eu não posso sair, ainda não acabei.

Durou aquilo três quartos de hora. A polícia, afinal, não pôde mais fingir que ignorava o barulho e compareceu para tomar medidas de repressão.

E como os negros se tivessem reunido no largo do Rio (a praça Tiradentes de hoje), as autoridades policiais, cercando os republicanos de proteção, pediam-lhes que saíssem para a rua do Lavradio.

Silva Jardim serenamente, friamente, sem espetáculo, sem ruído, declarou que, quando acabava as suas conferências, costumava ir diretamente a pé para a rua do Ouvidor. E que, apesar da atitude agressiva da

O MAIOR PROPAGANDISTA DA REPÚBLICA

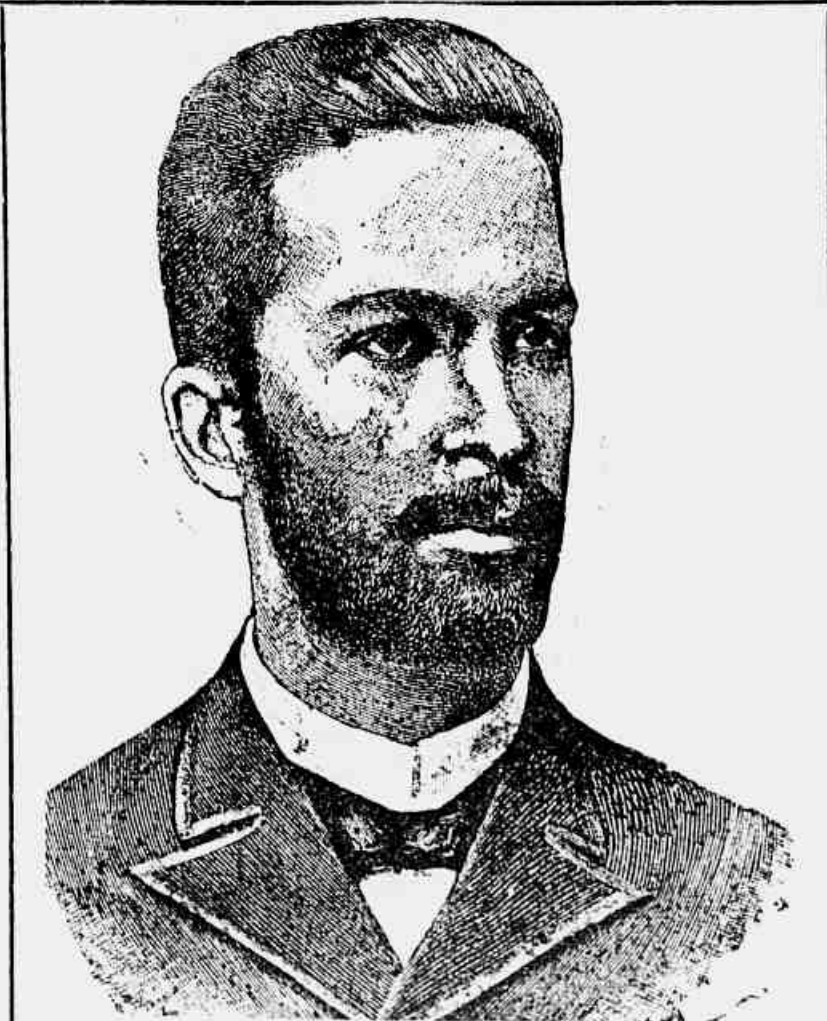
Especial para
REVISTA DA SEMANA

"Guarda Negra", não via razão para alterar o seu programa. A polícia foi então obrigada a tomar medidas que garantissem a sua caminhada a pé, até à rua do Ouvidor. O propagandista, como de costume, entrava no Café Londres — o quartel general da propaganda, e, conforme os seus hábitos, tomava a sua xícara de café, seguindo depois para o largo de S. Francisco de Paula. No largo, ia tomar o seu bonde para casa, quando a autoridade policial lhe veio mostrar que aquilo era uma temeridade. Seria conveniente tomar um carro. E Silva Jardim, sorridente, polidamente mas com uma firmeza imperturbável, respondeu:

— E' sempre de bonde que eu volto para casa. Não vejo motivo nenhum para hoje me servir de outra condução.

E tomou o bonde.

Nunca houve homem com tanto destemor, nunca houve propagandista que, com tanta serenidade, afrontasse os perigos.

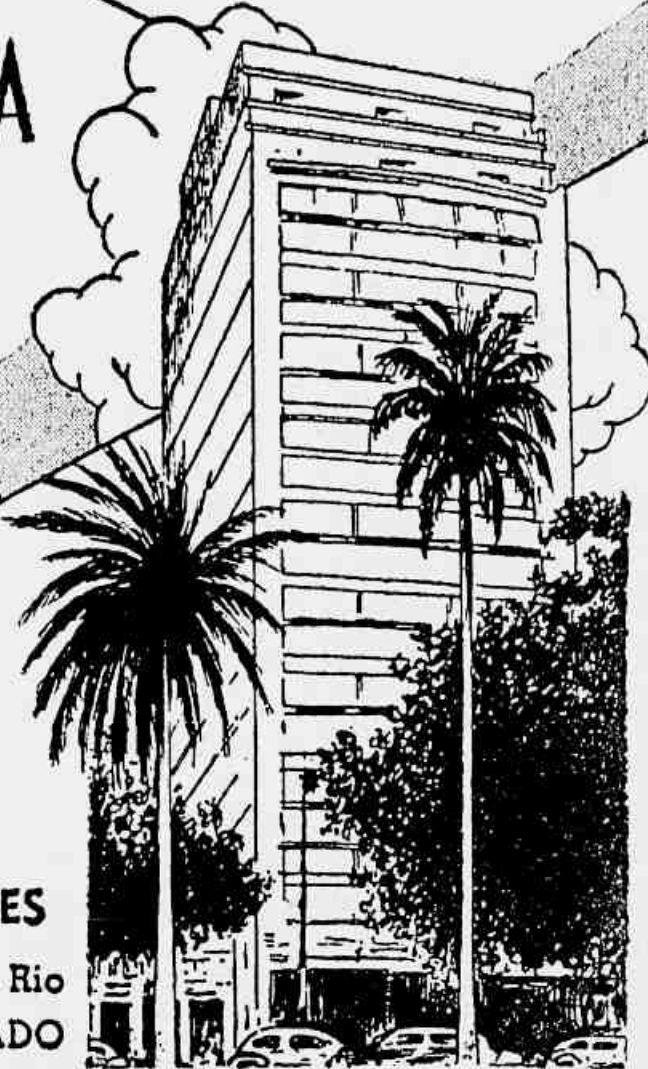


ANTONIO DA SILVA JARDIM

COMPANHIA BRASILEIRA DE NOVOS HOTEIS. ★

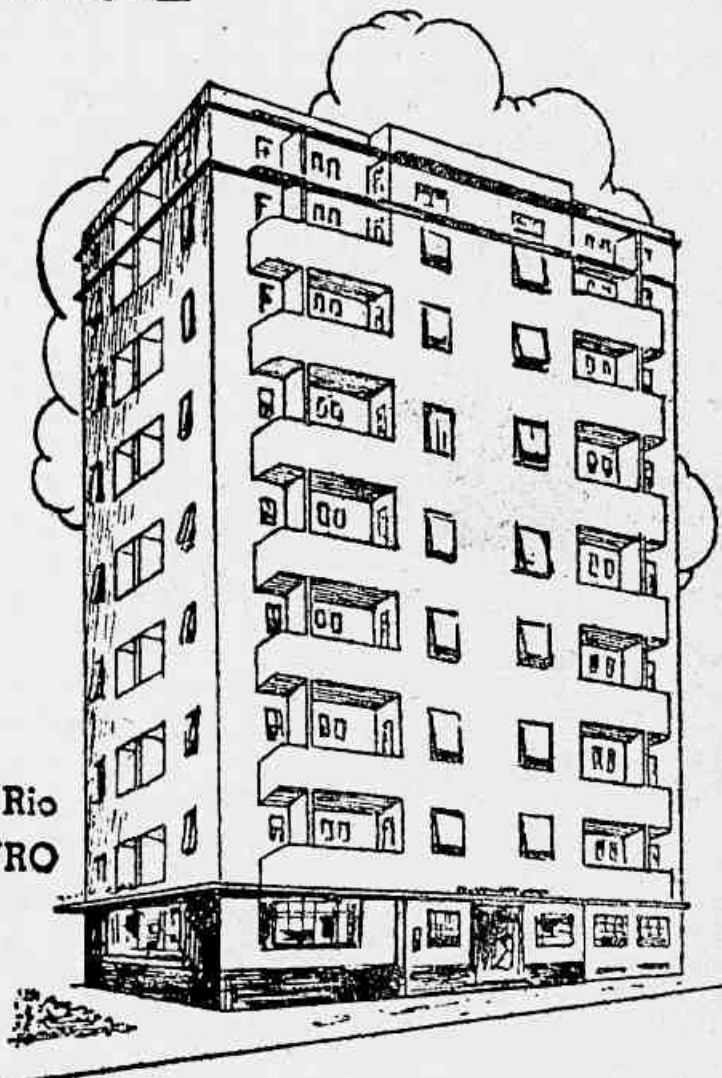
HOTEL CASTRO ALVES

à av. N. S. Copacabana, 552 - Rio
End. Telegráfico: APRIMORADO



AEROPORTO HOTEL

à avenida Beira-Mar, 280 - Rio
Enderêço Telegráfico: FUTURO



CONFORTO E DISTINÇÃO
NOS NOVOS HOTEIS



APARTAMENTOS DE LUXO
COM BANHEIROS PRIVATIVOS

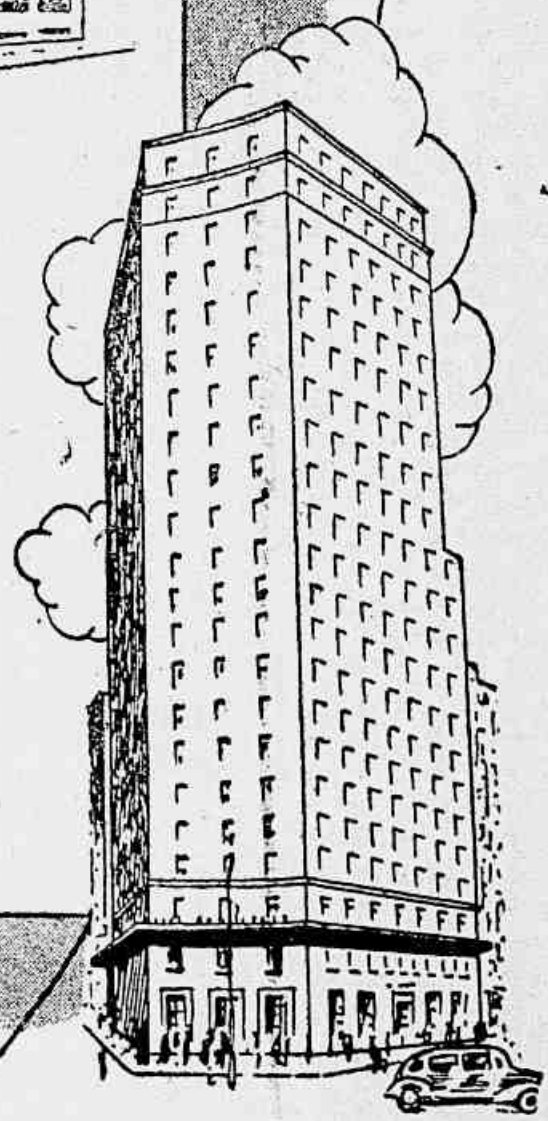


RESTAURANTE À LA CARTE NOS
HOTEIS AEROPORTO E SÃO PAULO

Escritório Central: RUA DA ALFANDEGA N. 111-A
4.º andar — Telefone 23-2740 — Rio

HOTEL SÃO PAULO

à pr. das Bandeiras, 11 - S. Paulo
End. Telegráfico: CONFORTÁVEL





O sangue de "Agutan"
é derramado sobre o
fetichismo do tempo



"Oxossi" e "Umulú", com seu capacete de fibras.

O CANDOMBLÉ DO TEMPO

DOIS REPÓRTERES PASSAM 20 HORAS NO TERREIRO DO "BABALOURIXÁ" JOÃOZINHO DA GOMÉIA — SACRIFÍCIOS DE "AKIKÔ" E DE "AGUTAN" À ÁRVORE SAGRADA TEMPO — AS DANÇAS FETICHISTAS DE OXOSSI — A HISTÓRIA DE UM CANDOMBLÉ NA BAHIA

Texto de CLÁUDIO TUIUTÍ TAVARES

★

Fotos de JOSÉ BRITO

FOI no terreiro de Joãozinho da Goméia, o «pai de santo» mais famoso do Brasil, que o grande poeta chileno Pablo Neruda viveu uma esplêndida e «loca» noite baiana. Esse gigante lírico do continente americano sentiu, no terreiro da Goméia, que «uma cinta de misterioso feitiço envolve a Bahia». Os repórteres desta narrativa sentiram na alma e no sangue a confirmação dessas palavras, vivendo uma noite de vivo temperamento negro e de palpitante liturgia afro-baiana. Os «orixás» enfeitaram ainda mais o plástico terreiro, repleto de árvores sagradas, com pegis, mandingas, o barracão das cerimônias fetichistas e a «casa dos santos». Parecia a paisagem da Goméia uma ampla alcova lunar, habitada pela luxúria dos velhos «orixás» da Nigéria.

20 HORAS DE RITUAL

As fases mais impressionantes do candomblé em louvor do "Tempo", o deus do presságio e da segurança secular da casa e da confraria de Oxossi e do caboclo da Pedra Preta (a que pertence o «babalourixá» João Alves Tórres), constituíram quatro etapas marcantes, em ritmo ascendente, não só no sentido da idolatria negra, da religiosidade fetichista, como em seus aspectos atrativos, pictóricos, com os cânticos e os bailados de cada «orixá».

1º — Madrugada, ao aparecimento do sol, o maior sacrifício, o de «agutan», para satisfazer os apetites menos fisiológicos do que espirituais de Tempo; 2º — Ainda, pela madrugada, depois de cerca de 80 minutos, realizou-se o sacrifício de «akikô», para acalmar e fazer de «Exu» um cavalheiro amigo, que permita, com o seu poder de embaixador entre os crentes e os deuses, de-

correr em boa paz o «santo ofício do candomblé», como me disse uma negra, filha de Xangô; 3º — Prossegue o jejum das sacerdotizas, que ficam recolhidas, à espera das cerimônias para a chamada dos «santos». Neste intervalo, são preparadas todas as comidas para os «santos» e para os convidados especiais do «pai de santo»: xinxin de galinha, xinxin de bofe, caruru de folha e de quiabo, milho branco, feijão preto com dendê, acarajé, arroz e aluá; 4º — O candomblé propriamente dito, começando com o despacho de «Exu», que tem seu ponto fundamental no sacrifício do galo a este semi-orixá; a chamada dos santos, com danças e cânticos, ao ritmo dos instrumentos sagrados, os atabaques e o agogô; e a queda dos santos. Depois vem a entrada dos «santos», que já se personificaram em seus «cavalos», as «filhas», consagrando-se, por fim, a alegria e a fraternidade entre todos, principalmente quando aparece o Caboclo da Pedra Preta. Desde as 5 horas daquela manhã, o sangue fértil dos animais sagrados adubaram os «orixás», que, regalados, chelos do amor dos seus pobres crentes, aceitaram o grande convite para honrar a festa de Tempo. De 5 horas a 1 hora da manhã do dia seguinte, não houve um sêr, sequer, na Goméia, que não sentisse a influência miraculosa dos deuses negros que atenderam aos chamados soturnos dos atabaques.

FILHO DE JUBIABA

A frase que mais pode dizer sobre a personalidade de Joãozinho da Goméia, o «pai de santo», o crente profundamente convencido de sua missão mística: «Joãozinho foi talhado pelos orixás». É uma criação maravilhosa de algum Pigmalão das sete portentosas nações d'Africa.

Baiano, nasceu João Alves Tórres, filho de mãe africana, no município de Inhambupe, no primeiro ano da Grande Guerra de 1914-18. Com a idade de 13 anos, passou a morar na capital, conseguindo um emprego no Armazem Juncal, ao Bom Gosto da Calçada. Acometido de doença misteriosa, a que não curou medicamento de espécie alguma, o menino foi aconselhado a visitar o mais prestigiado «pai de santo» da época, o velho Jubiabá. E o grande «babalourixá» mostrou a causa dos sofrimentos de Joãozinho: trazia o corpo marcado por «santo africano»:

— «Tu precisa fazer o santo» — disse-me Jubiabá. Não crendo nas palavras de Jubiabá, não compreendendo mesmo o sentido do Candomblé, pouco liguei. Procurei descansar para ver se melhorava da doença desconhecida. Mas, meu amigo, os sofrimentos continuaram e não pude mais aguentar. Então, procurei o tratamento de Jubiabá. Ainda guardo de memória a data em que fui «iniciado», em que fiz o meu santo, que é Oxossi, o caçador: ocorreu há 17 anos, em 21 de dezembro de 1930.»

Há 13 anos que o grande e amado Jubiabá morreu, para viver na alegre paz de Olorum. Joãozinho da Goméia participou das exéquias do «mago». Dois anos depois do falecimento de Jubiabá, abriu a sua casa de candomblé, tornando-se «pai de santo».

Perguntei: quantas «filhas de santo» já preparou, por todo o tempo de duração do culto?

— «Da primeira vez, botei duas «daús». No segundo ano, consegui fazer mais 9, e no terceiro já tinha preparado mais 19. Ao todo, até esta data, já foram feitas por mim 316 «filhas de santo».

CANDOMBLÉ POR OBRIGAÇÃO

Com uma larga seriedade facial, o «pai de santo» faz questão de afirmar que tudo em seu Candomblé é idêntico ao que existe no gênero na África, tanto em ritmo, em dança e idioma. Por certo, suas afirmações estão eivadas da história daquela coruja que só enxergava beleza nos filhos. Sou, ainda, da convicção de que o Candomblé do Gantois, da «babalourixá» Menininha, sem distinção de nações, é o que conserva, com tradicionalismo, a pureza dos antigos toques africanos.

Creio que Joãozinho da Goméia não é um candomblezeiro por simples esporte. O candomblé já faz parte de sua vida e sem ele, sem os seus vícios de alma e de sangue negro, Joãozinho não seria o notável bailarino folclorista que é.

— «Faço candomblé por obrigação. Fico maluco quando vejo uma sala» — disse-me, com seu trejeito de baiano místico.

Ele sempre acentuou:

— «Independente de «pai de santo», sou bailarino e bailarino legítimo. Não é por menos, disto me convenço, que já dei aulas de dança negra, ou dança de «macumbas»,

fício de «akikô», um galo preto, para Exu. O animal sagrado permanecia passivo, calmo, à espera da morte que se avizinhava. Nas mãos do «pai de santo» não mexia uma pena. O «axôgum», o matador, dirigiu-se empunhando o facão da cerimônia, para ficar postado bem em frente ao pegi de Exu. O «pai de santo» tira os primeiros versos do oferecimento do sacrifício, tendo em torno uma fila de 7 «filhas de santo», as mais velhas do terreiro. Os atabaques marcam o ritmo para a cantiga.

«Sara-é-é, bakenum,
Sara-é-é, akikô.»

As filhas de santo rezam o estribilho, aplaudindo o oferecimento, com palmas compassadas, no acompanhamento vazado pelos atabaques:

«Exu barabô,
Emôjubá,
Ebôcoxé,
Exu barabô,
Emôjubá,
Emode ekô, ekô,
Barabô,
Emôjubá,
Lebara, Exu, Ionan.»

da lâmina afiada do «axôgum», ao canto das vozes da matança:

«Exu,
Egexoru,
Xorô beumpau,
Onimá bôdi,
Oguêguê Mariô,
Onimá bôdi
Oguêguê otá.»

O sangue quente, grosso e borbulhando, desce fribilmente sobre o «orixá». O entusiasmo das «filhas de santo» aumenta, enquanto os sons dos atabaques e as palmas mais se intensificam. E os versos do sacrifício são repetidos:

Exu
Egexoru
Xorô beumpau.»

Passado o auge do sacrifício a Exu, a cabeça de «akikô», já desfalcada do corpo, é colocada ao pé do «orixá». O corpo do galo é levado para o tratamento da comida sagrada ou «amolá», que, depois de três dias, o «pai de santo» deposita numa encruzilhada ou de lado de qual quer caminho.



O «cavalo» do pai-de-santo dominado pela maior possessão fetichista.

a Eros Volúcia, Ani Guaiba, Sérgio Maia, Carmen Brown, Anita Otero e outras mais, que me têm visitado.»

Joãozinho relembrou certos desentendimentos que teve, uma vez, no Rio, com Eros Volúcia. Por isso, pediu:

— «Diga em sua reportagem que a Eros aprendeu comigo os mais legítimos passos do candomblé. Para ela, sempre fui um professor dedicado. As estilizações de «ballet» negro que a Eros interpreta estão alicerçadas, em grande parte, nos aspectos coreográficos do meu candomblé.»

SACRIFICIO PARA EXU

Exu é o mais temível dos «orixás», chegando a não ser, puramente, um orixá. As suas atribuições são as mais diversas, destacando-se o seu grande poder de ligação, de inter-comunicação, entre as sacerdotizas do culto afro-baiano e os grandes deuses do panteon gêge-nagô. Exu precisa ser o «padrinho da festa». Para comprar Exu, que deverá trazer a paz para todo o desenrolar do candomblé, o primeiro sacrifício da madrugada dedica-se a ele.

Naquela manhã, no terreiro da Goméia, foi feito o sacri-

Depois de repetir-se três vezes o oferecimento, que é tirado pelo «pai de santo» e respondido pelas sacerdotizas, canta-se o «Kokê Odará», que vem reafirmar a oferta do sacrifício. Enquanto dançam em círculo, comandadas pelo «pai» Joãozinho, as «filhas» vão cantando:

«Kokê Odará,
Odará Babarebô,
Kokê Odará,
Odará Babarebô.»

Esta cantiga entoa-se sete vezes, para em seguida haver o mais completo silêncio. Só quem pensa e fala é o «pai de santo», com seu «axôgum».

Quando da apresentação das cantigas de oferta do sacrifício a Exu, o «pai de santo», com presteza incomum, abre a portinhola que fecha o «pegí». O galo, sustentado pelas mãos do «axôgum» e do «pai de santo», é colocado, em sentido transversal, por cima do orixá, que, antes, já havia se preparado para receber o sangue do sacrifício, tendo sido embebido pelo sagrado azeite de dendê, preparado com os mais terríveis e complicados pós de mandinga. O pescoço de «akikô» recebe o primeiro corte

SACRIFICIO EM LOUVOR DE TEMPO

Uma velha gameleira materializa Tempo. E' Rôco ou Irôco para os nagôs. Cercando o fetiche, a gameleira, formando o pegi de Tempo, está uma tósca cerca de madeira. Os ojas, largas tiras de panos multicores, enfeitam a árvore. Em seu pé, vai realizar-se a matança de «agutan», que dará o alimento sagrado para o padroeiro da grande festa do candomblé de Joãozinho. O alimento depois de três dias, quando a força de sua substância for absorvida, totalmente, pelo «deus» intermediário, será jogado no mato pelo «pai de santo». Nem todos os alimentos usados na alimentação dos «orixás» são, depois, jogados em terra ou no mato. A comida imprestável de Oxum e Yemanjá vai para o mar, enquanto a de Oxalá e Nanan é depositada em água doce. Joga-se na encruzilhada somente o alimento que serviu a Exu.

Todas as «filhas de santo», que participaram da matança a Exu, seguem o pai da Goméia, que é acompanhado por uma auxiliar mais imediata, conduzindo o carneiro para o sacrifício. Três homens musculosos, filhos da casa, estão junto ao fetiche de Tempo, prontos para

ajudar o «axógum» na matança de «agutan». Neste meio termo, os atabaques já largaram os seus toques cabalísticos. O côro religioso entoa a primeira cantiga, a do oferecimento:

«Tempo êh,
De Inganazambe.
Tempo êh,
De Inganazambe.
Oi akicimbe,
Pé pé pé
E ingué
Tempo êh.»

Forma-se uma roda animada, onde as sacerdotisas demonstram suas habilidades no jôgo das pernas e dos braços, em movimentos sutis, ao ritmo monótono dos instrumentos de percussão. O «babalourixá» comanda as danças. Tira-se a segunda cantiga:

«Oi o Tempo,
Pé pé pé.
Oi o Tempo,
Quero lá.
Oi o Tempo,
Pé pé pé.
Oi o Tempo,
Quero lá.»

O «axógum», em seus detalhes técnicos, ajusta o carneiro para o golpe de morte. Sustento, fortemente, pelos braços e pelas pernas, o animal deixa a cabeça estendida sobre o fetiche de Tempo, a gameleira sagrada, sobre a principal parte do tronco de «erôco», envolta por um ojú de côres branca, azul e vermelha. Cantam as «filhas» de casa, agora, a terceira cantiga do oferecimento do sacrifício a Tempo:

«Tempo macurá de lé.
— Oi Amôraxó.
Tempo macurá tatá.
— Oi Amôraxó.
Xóxó Mukerulá
— Ai ai ai.
Oi Ameraxó.
Ai ai ai.
Oi Amôraxó.
Xóxó Mukerulá.»

Tendo as mãos do «pai de santo» levemente pousando em seu braço direito, o «axógum» dá corte no cachão do carneiro, aprofundando mais e mais o talhe. O líquido rubro espirra, regando o fetiche. Descendo pelo tronco da gameleira, o sangue termina por formar pequenos filetes rubros pela areia branca que cobre o chão do «pegi» de Tempo. Continua o sacrifício por cerca de dois minutos, com o sangue a correr, refrescando com novas provas de amizade dos adoradores do culto a existência de um deus da fitolatria fetichista. E os versos do sacrifício de «agutan», propagando a majestade do ato, encham o ar:

«Bé bé bé,
Congo de abandá.
Tudéa.
Tata combondo,
Segurarome,
Congo de abandá,
Tudéa.»

O SALÃO DAS DANÇAS

As «filhas» de Omolu, Xangô, Oxossi, Iemanjá e de tantos outros orixás, já estavam dispostas, prontas, quer espiritualmente, quer com suas vestimentas características, contas e «ojás», para o ritual ao som dos atabaques. Uma assistência heterogênea e ansiosa, de olhos curiosos, enchia literalmente — do lado esquerdo, as mulheres; do direito, os homens — o barracão das danças do culto fetichista da Goméia. Mulheres, homens e crianças, negros, mulatos e morenos, gente branca, também, das mais variadas profissões, do estivador ao advogado, até um destacado professor da nossa Faculdade de Medicina, esperavam o início do candomblé a Tempo, com a cerimônia do «moutubá», com o despacho de Exu. Em cadeiras destacadas, bem visível, sentaram-se os «ogans», os protetores do culto, e os convidados especiais da casa, entre eles os repórteres autores deste artigo.

Dentro do barracão, neste de Joãozinho da Goméia, o local de mais destaque fica reservado aos tocadores de atabaques, que se chamam «engomas» ou «alabés». Colocam-se de frente para a entrada do grande salão e os instrumentos do ritual, os de percussão, são em número de três, de tamanhos diferentes: o Lé, o atabaque menor, o Rumpi, o médio, e o Rum, o maior. Todos estão envolvidos por largas faixas de pano florido, os «ojás», elementos decorativos imprescindíveis, que, da mesma forma que envolve o corpo das filhas de santo, adornam os atabaques — instrumento membranofone sagrado — cuja música é um dos imperativos para a realização do ritual fetichista. São os atabaques que, em companhia do «agogô», instrumento metálico, formado por duas campanas, promovem a «encantação» da seita e chamam os orixás, que se manifestam nas suas respectivas filhas, seus «cavalos», meios de ligação, entre as divindades e «a mãe ou pai de santo», a quem os orixás ditam os seus desejos e suas ordens.

MOUTUBÁ E DESPACHO DE EXU

O «moutubá» é a primeira cerimônia do candomblé, à noite, e consiste na saudação de todas as «filhas de santo» ao chefe do terreiro e aos atabaques. Uma a uma, elas desfilam diante do «pai» Joãozinho da Goméia, sentado numa espécie de trono, donde avista todos os recantos do salão. Da Goméia, disse-nos que somente uma pessoa, fora de sua seita, se sentou no trono do «babalourixá», durante uma cerimônia. Foi o poeta chileno e senador comunista Pablo Neruda, de quem todos guardam uma agradável e bem falada recordação.



Ao alto: Em frente ao «assento» de Exú, os três atabaques soam em homenagem ao «embaixador do mal». Em baixo: Evoluções do bailado de Oxossi, o santo caçador.



Joãozinho distribui às sacerdotisas a sua bênção e o consentimento para participarem da festividade sacra. As «filhas de santo», obrigatoriamente, reverenciam os atabaques.

Depois da cerimônia do «moutubá», faz-se uma ligeira pausa e os atabaques tocam para Exu. Coloca o «pai de santo» uma pequena quartinha com o espírito de Exu bem no centro do salão, enquanto as devotas do culto vêm formar um círculo em torno. Seus nomes variam e intimamente são tratadas por denominações em nagô, ligadas a fatos, coisas e obrigações do culto de cada orixá. Como Nanance, filha de Nanan; Muzambi, comida de Xangô; Cecitu, filha de Oxossi; e outros mais, Bekê, Kalendurá, Ideci, Janidé, Katuleme, Cinanguê...

A filha de Omolu veste-se em cores acentuadas no vermelho e no preto. No pescoço e nos braços, traz colares e braceletes com contas encarnadas e negras. E' Omolu na presença simbólica do sangue vertendo da chaga do doente. Outra de Iemanjá, bela como a rainha das águas, ostenta um vestido com saia de seda cor de rosa e colares e braceletes com contas azuis e verde-escuro. A filha

E mais:

«Tenda tendá, Bombomgira, tendá-ê.»

Para o despacho de Exu existem quatro cânticos, ou mais, que são repetidos sete vezes. O último reza:

«Maviletango jacoitallê mavilê.»

OGUM, XANGÔ, OMOLU

Ogum é o orixá das guerras e dos heróis, dos homens valentes. Ogum não encontra rival no manejo das espadas e das lanças. E' tão temido e respeitado quanto Exu e Omolu. Ogum é o Santo Antônio dos católicos, o santo soldado, de vida lendaria. Para os negros do sul do país, ele é comparado a São Jorge. As macumbas cantam:

«Ogum, Ogum,

Ogum, meu pai!

Ó Jorge, ó Jorge.»

A dança para Ogum é uma das mais ágeis. Os braços das «filhas de santo» lançam-se para a frente e para trás, como se estivessem lutando com arma branca contra um inimigo invisível. Os atabaques batem apressados e o canto corta o espaço:

mal que pode trazer. No «apanijê», as «filhas» dançam em círculo, fazendo gestos de gente velha, andando tropegamente. Todas cantam respeitosamente, para Omolu, que se aproxima, com sua mansidão de velho bom:

«Ei lô, izô, ei lô,

Omolu, operê,

Izô lá.»

POSSESSÃO DO ORIXÁ OXOSSI

Com o persistente batido dos atabaques e a gesticulação interminável das «filhas de santo», os «orixás» começam a se manifestar em seus «cavalos». Uma «filha» de Tempo, dando assobios — o grito da chegada do «orixá» — cai no santo, com gestos bruscos, contorsões, caretas, joga-se em frente dos atabaques, com todo o corpo. O Tempo havia chegado, estava presente em sua «filha», seu instrumento — «o cavalo do santo». Aos gritos de «ii-dô-ú», as «filhas» de Xangô recebem, também, o «orixá» das tempestades e do trovão. Oxossi desce no seu «cavalo» favorito, o «pai de santo» Joãozinho da Goméia. O suor escorre pelas suas faces e o «babalourixá» grita como um cachorro, dá urros parecendo mais latidos de



«Oxossi» encarnado em Joãozinho da Goméia.

de Xangô tem vestido vermelho e branco, com pulseiras de latão.

O «agôgô» retine e os «alabés» tocam para o despacho de Exu, para «o homem das encruzilhadas» não ficar amuado e não causar distúrbios na progressão das danças e dos atos do candomblé a Tempo. Conduzida por uma filha de Tempo, que por sua vez segue o «pai de santo», começam as danças e os cantos para o despacho de Exu. Movimentam os braços, as pernas, as ancas, ao ritmo contagiante dos atabaques, dançam em torno da quartinha do tão temido «orixá». Os seios das «filhas», presos pelos «cojás» que os envolvem, permanecem sempre altivos. Os sons e os cantos sacros ecoam pela sala, despachando o orixá do Diabo, o homem satânico das emboscadas. São palavras africanas que, ligadas ao batuque nervoso do fetichismo, jamais pensamos em traduzir, porque, em sua virgindade e em seu segredo, é que sentimos a sua força ocultamente sugestiva:

«Bombomgira jacumidandô, iá, iá,

Ou rêrê.

Bombomgira jacumidandô,

Bombomgira cunjam, cunjanjô.»

«Ogum ajô, hê mariô!
Ogum ajô, hê mariô!

Xangô é o orixá das tempestades, do trovão. E' personificado pelo relâmpago e seu fetiche é uma pedra, um meteorito qualquer. Suas filhas vestem-se frequentemente de vermelho e branco e a sua dança principal se chama o «alujá», em que há uma espécie de sincronização dos movimentos dos braços com os dos pés. O que caracteriza o «alujá» é um sistemático e violento rodopio em torno do pé esquerdo. O «alujá» tem sete toques diferentes e é sem dúvida o bailado do candomblé mais cheio de variedades. O movimento que nos pareceu mais belo no «alujá» foi aquele dos braços, com as palmas das mãos, agitando-se para baixo e para cima, sucessivamente, como as asas de um grande pássaro nas nuvens.

Os atabaques repercutem mais fortemente, a força de invocação aumenta, ao passo que as «filhas de santo» lançam os seus cânticos, com mais fervor, chamando os orixás do panteon gêge-yorubano. Começa, em seguida, o toque do «apanijê», dança de Omolu, o velho, o orixá das doenças da pele, da lepra. Omolu é o São Roque dos católicos, não só pela sua veneranda pessoa como pelo

cão doente. E' a manifestação típica de Oxossi, o caçador, que se expressa no meio da mata. Toca o «ceci» para maior alegria dos bailarinos. A dança alucinante não cessa, dela participando, no mesmo frenesi, um mundo estranho de braços, pernas, cabeças e variado colorido. Uma «filha» aqui e outra acolá, se entregam às manifestações espasmódicas da posseção de Oxossi.

Agora, Joãozinho não é o pobre ente da Goméia. E' Oxossi em carne e osso, Oxossi em sua presença humana. A força sobrenatural do deus da Nigéria transforma a fisionomia do «pai de santo» em um rictus sereno, fortemente místico, levemente imponente e misterioso. Oxossi surge com os paramentos sagrados, as insígnias simbólicas, com sua «capanga», armado de arco e flecha. Repetem os atabaques, com sutileza, o toque do «ceci». Oxossi corre à procura da caça. Corre para um canto, olha, nada vê. Corre para ali, olha, há algo suspeito. Vai mais adiante. Encontrou, lança a flecha. O tiro certeiro. Cai o animal alvejado. Procura a caça, acha e dá dois pulos de alegria. As feições de toda a assistência revelam contentamento. Oxossi está alegre, profundamente alegre. Ogum aparece, pelejando simbolicamente, e compartilha da alegria do grande Oxossi.

O TENENTE GUSTEL

Novela de ARTHUR SCHNITZLER

Tradução de HERMAN LIMA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A RTHUR Schnitzler foi um dos grandes nomes das letras austríacas, no período 1910/1930. Dramaturgo e romancista, de iguais méritos, conta Paul Géraldy, no prefácio da tradução francesa de "O chamado das trevas", de que faz parte o presente conto, que ele dizia ironicamente ser o melhor autor dramático dos romancistas e o melhor romancista dos autores dramáticos. A verdade, porém, é que foi um grande animador de vidas e de almas, duma aguda sensibilidade, quase feminina, de tão sutil, duma grande força de análise psicológica. Precursor em vários setores literários, foi quem primeiro se aventurou a tratar da psicanálise no teatro, como também foi um dos criadores do monólogo interior, levado aos céus pelo "Ulysses", de Joyce. "Mademoiselle Else", sua admirável novela que, ainda na opinião do poeta de "Toi et moi", é uma obra perfeita, "aliando ao rigor da composição, à precisão, à força do geral, que distinguem o homem de teatro, a dutilidade de conduta, a fluida naturalidade do andamento, a liberdade, o sentido do particular e todas as qualidades que fazem o romancista", é, no gênero, uma pequena maravilha, como o é também este conto, pelo "pathos" da alma do protagonista, entregue ao mais cruel dos suplicios morais e psicológicos, ao choque das suas reações do pundonor individual e do amor animal pela vida, que um estúpido incidente de rua esteve a ponto de sacrificar. Tudo nesta pequena obra prima é admirável pela precisão do reparo, a fixação do estado da alma torturada, o tumulto das idéias e das impressões, a revolta da criatura jovem imolada ao destino implacável, o apêgo doloroso às belas coisas terrenas, a música, as mulheres jovens, a amizade, o amor. Estamos certos de que nenhum dos nossos leitores ficará insensível ao sentido destas páginas de tão profunda humanidade e tão alto cunho literário.

QUANTO tempo vai durar isto? Vou olhar as horas... mas isto não se faz num concerto. Ora! quem é que vai ver o que estou fazendo? Os que estão distraídos como eu? Tanto pior, esses não terão nada que me censurar... Só dez horas menos um quarto?... Tenho a impressão de que estou aqui há três horas. Falta de hábito... Que é que estão tocando? Vou consultar o programa... Ah! é verdade: um oratório! Pensava que fosse uma missa. Estas coisas estão deslocadas fora da igreja. A igreja tem uma vantagem: pode-se fugir quando se quer. — Se eu estivesse num lugar lá no fundo! — Paciência, paciência! Nada é eterno e os oratórios também acabam! Talvez seja muito bonito e eu esteja apenas indisposto. Que posso fazer para ficar de bom humor? Quando penso que vim aqui para me distrair... Antes tivesse dado minha entrada a Ben-dek, pois estas coisas o distraem; ele toca violino. Mas Kopetzky teria ficado sentido. Evidentemente ele quis me agradar. Um bom sujeito esse Kopetzky! O único com quem se pôde contar... A irmã dele está cantando no coro, lá em cima. Com moças, com virgens vestidas de preto, como é possível reconhecer-las? E' porque ela vinha cantar que Kopetzky obteve uma entrada... Por que ele mesmo não aproveitou? — Aliás, elas cantam muito bem. Palavra de honra, é comovente. Bravo! bravo!... Vamos, vamos aplaudir. O homenzinho ao meu lado aplaude como um louco. Queria saber se o entusiasmo dele é sincero. — A moça no camarote lá em baixo é bem interessante. E' para mim que ela está olhando, ou para aquele cavalheiro de barba loura?... Um solo de canto! Quem é? Contralto: Mademoiselle Walker; soprano: Mademoiselle Michalek... esta deve ser o soprano... Há muito tempo que não vou à ópera. Eu sempre me distraio na ópera, mesmo quando é caceté. Poderia ir ver "La Traviata" depois de amanhã. — Depois de amanhã? Talvez eu seja apenas um defunto. Que loucura, não creio numa palavra disto! Espere meu caro doutor, eu lhe farei passar a vontade de fazer observações fora de propósito. Hei de cortar-lhe a ponta do nariz com minha espada...

Estou vendo muito mal aquela moça no camarote. Gostaria de tomar emprestado o binóculo do meu vizinho, mas ele vai se zangar comigo se eu lhe perturbar o recolhimento... De que lado estará a irmã de Kopetzky? Serei capaz de achá-la? Só a vi duas ou três vezes no cassino dos oficiais... Aquelas

moças lá em cima... queria saber se todas elas são sérias. Oh lá, lá!... "Com o concurso da Sociedade de canto!" — Sociedade de canto, engraçado isto! Faço sempre confusão com as cantoras — dansarinas de Viena, quer dizer não faço confusão... mas enfim... Que lembrança esta... Como era mesmo que se chamava aquela pequena? Ela me mandou um postal de Belgrado... linda cidade! — Que felizardo aquele Kopetzky; nesta hora deve estar jantando no restaurante e fumando um charuto!...

Porque é que aquele indivíduo está olhando para mim com tanta insistência? Ele está vendo que eu estou aborrecido e deslocado aqui... Aconselho que preste atenção à maneira de me olhar; do contrário serei capaz de pedir-lhe explicações no intervalo! — Ele está desviando os olhos!... E' engraçado, eles sempre têm medo do meu olhar... "Tens os olhos mais belos que eu já vi!" disse-me Steffi noutro dia... Oh! Steffi, Steffi, Steffi! — E' por sua culpa que estou escutando há não sei quantas horas as jeremiadas destes cantores. — Ela se contradiz o tempo todo, isto começa a me pôr nervoso! Que noite poderíamos ter passado juntos! Estou com vontade de reler a carta que ela me fez, tenho-a aqui na carteira. Mas, se tirar a carteira, meu vizinho do lado vai me engulir vivo! — Aliás, sei o que ela me diz... não pode vir porque está com "ele" e com ele vai jantar fora... Foi engraçado, há oito dias, quando os dois estavam e eu numa mesa defronte com Kopetzky, ela namorando comigo como havíamos combinado e ele sem perceber nada. — Inerível! E' com certeza um judeu! Banqueiro, de bigode preto!... Não há dúvida. E' também oficial da reserva. Não o aconselho a passar seus vintes e oito dias de estágio no meu regimento! Como se permite aos judeus serem oficiais? — Deste jeito ligo bem pouco ao antisemitismo! Noutro dia, na festa dos Mannheimer onde tive aquele caso com o médico... Parece que eles são também judeus, os Mannheimer... naturalmente batizados... mas não se diria — a senhora principalmente, linda como um amor, bem feita... Foi uma boa festa, jantar delicioso, charutos formidáveis... nada mau. E' sempre lá que a gente vai tirar a barriga da miséria... Bravo, bravo! Acabou? — Todos estão se levantando, lá em cima... Essa gente é bem elegante, palavra. Tem linha! — Agora, órgão?... Gosto muito muito de órgão... Ah! aí está o que me agrada — é muito bonito! Devia-

se ir mais vezes aos concertos. Vou dizer a Kopetzky que foi maravilhoso... Será que o vejo esta noite no café? Não estou com vontade de ir ao café. Basta ontem, que perdi cento e sessenta florins duma vez! Fiquei furioso. E' uma estupidez! E Ballert, que é bem rico, levou tudo... Foi por culpa de Ballert que vim a este concerto... Evidentemente, se eu tivesse dinheiro, poderia ter ido jogar esta noite e reem-bolsar meus cobres. Que sorte que eu tenha dado minha palavra de honra a mim mesmo de não tocar numa carta durante um mês... Mamãe vai fazer uma cara quando receber minha carta! — Ela que vá procurar meu tio, ele é rico que dá desgosto, não vai ligar a uma florins. Se ele quisesse me conceder uma renda regular... Mas, não, é preciso que eu mendigue todo vez que preciso de alguma coisa. E depois vem a resposta clássica: "A colheita foi má!..." Se eu fosse passar neste verão quinze dias em casa de meu tio? Mas eu lá me aborrego a ponto de morrer. Se eu não tivesse tido... vamos, como se chama ela?... E' curioso, esqueço todos os nomes!... Pronto, Etelka!... Ela não sabia uma palavra de alemão, mas nós nos compreendemos sem falar... Nada má, essa idéia, quinze dias de bons ares, quinze noites com Etelka ou outra qualquer... Sim, mas devo passar oito dias com papai e mamãe... Mamãe estava com mau aspecto no Natal... Espero que ela se tenha consolado... Em seu lugar eu gostaria muito que papai tivesse pedido reforma. — Quanto a Clara, ela achará um marido... Meu

tio poderia dar-lhe um dote... Vinte e oito anos, não é velha... Steffi deve ter essa idade... E' curioso: essas mulheres se conservam jovens muito mais tempo. Quando se pensa em Marietti em "Madame Sans-Gêne", ela tem bem trinta e sete anos e que físico! — Palavra, eu não diria "não"... Pena que ela não me tenha perguntado... Está fazendo frio! Ainda não acabou? Estou com pressa de respirar um pouco! Darei um pequeno passeio pelo Ring... E' preciso deitar-me cedo hoje, para estar lepido e disposto amanhã! E' engraçado! Mal me lembro disso, isso me é completamente indiferente. Da primeira vez eu não estava calmo assim. Não tive medo, mas fiquei nervoso na noite anterior... O tenente Bizanz era um adversário sério. — E sai são e salvo... Faz mais de um ano. Como o tempo passa! Embora os mais atiradores sejam muitas vezes os mais perigosos. Doschintzky me contou que um sujeito que pegava numa espada pela primeira vez quase o degolou; e Doschintzky acabava de ser nomeado professor de armas na Ladwehr. Talvez o outro tenha progredido depois. O que é preciso é sangue frio. Não sinto mais a raiva de outro dia, e, contudo, que audácia! — Nunca ele teria essa coragem se não estivesse um pouco bebedor... Que audácia! Sem dúvida um socialista! Hoje todo comprador de brigas é socialista. — Que canalha!... Se eles pudessem, aboliriam o exército; e quem os defenderia no dia em que os chineses lhes caíssem em cima? Eles não se importam, os idiotas! — E' bom dar um exemplo. Eu





METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

Vida, Incêndio, Transportes (Marítimos e Terrestres) Automoveis, Acidentes Pessoais e Acidentes do Trabalho

★

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS
OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 -- 1.º ANDAR

★

PRESIDENTE:

DR. F. SOLANO C. CUNHA.

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

Diretor: ANGELO DA SILVA RAMALHO



tive razão. Fiz bem em repelir o que ele disse. Fico ainda furioso quando me lembro! Mas me conduzi bem; o coronel me confirmou que eu me portei com absoluta correção. Outros teriam deixado que ele falasse. Este caso me será útil. Muller, por exemplo, teria procurado ser objetivo. Ah! a objetividade, só serve para se fazer "gaffes"... "Senhor tenente!"... Só a maneira com que ele dizia "Senhor tenente" era atrevida. "O senhor me confessará que..." De que era que nós estávamos falando? E como foi que eu tive a idéia de discutir com aquele socialista? Que foi que determinou aquela discussão?... A mulher morena que eu tinha conduzido ao buffet estava nos escutando... como também o jovem pintor que faz quadro de caça. — Como se chama aquele rapaz?... Palavra, ele que foi a causa de tudo! Foi ele que falou em manobras; o médico se aproximou e fez uma observação sobre os homens que brincam de guerra — eu ainda não podia dizer-lhe nada, mas estava irritado... Sim, e depois falou-se na Escola de Cadetes... isto mesmo... e eu descrevi uma festa patriótica a que assistira... e o médico aproveitou o pretexto para levar a discussão mais longe. — Finalmente me fez esta observação: "O senhor me confessará, senhor tenente, que nem todos os seus camaradas escolheram a carreira militar com o único fim de servirem ao seu país!" Que insolência! E teve a coragem de lançar isto à face dum oficial! Não me lembro mais exatamente o que foi que lhe respondi... Falei de pessoas que se metem onde não são chamadas... E depois... havia um cavalheiro endefluxado que quis acalmar a briga... Mas eu estava com muita raiva! Ele tinha dito aquilo, o médico, como se tratasse de mim. Por pouco não acrescentaria que, tendo sido eu posto para fora do colégio, não tivera mais que fazer senão entrar na Escola de Cadetes... Essa gente é muito imbecil, não compreendo nada... Quando penso no dia em que vesti a farda pela primeira vez, aí está um gênero de emoção que certos homens não experimentarão nunca... No ano passado, nas grandes manobras — não sei

o que não daria para poder combater de verdade... E Mirovic me disse que era tal qual como eu. E quando Sua Alteza Imperial passou as tropas em revista e o coronel nos fez seu pequeno discurso — puxa, era preciso ser um patife para não se ficar emocionado num momento desses... E um "rond-decuir", um indivíduo que passou a vida inteira atrás de alfarrabios, tem a ousadia de fazer semelhante observação!... Espere, meu velho — vou pô-lo fora de combate... verás o que é isto, meu velho...

Que é que há? Não acabou?... "Anjos do Senhor, louvai o Altíssimo..." Com certeza é o côro final... Magnífico, não resta dúvida, esplêndido! — Pronto, esqueci a pequena, aquela que eu estava namorando. Para onde foi ela?... Já saiu!... Aquela outra também é bonita... Foi uma estupidez ter esquecido meu binóculo! Brummtaler é sabido, deixou o dele no café para o ter sempre à mão. Aquela garôta na minha frente bem podia se virar! Fica como se fosse um modelo. A mãe com certeza está com ela. — Queria saber se eu não deveria casar-me Willy tinha a minha idade quando se decidiu ao grande mergulho. Deve ser uma coisa deliciosa ter uma linda mulherzinha à nossa espera em casa... Muito cacete que Steffi não esteja livre esta noite! Se eu soubesse onde ela vai jantar, iria de novo sentar-me na mesa defronte dela. Que aventura se o velhote percebesse alguma coisa... Eu a teria nos braços, aquela boa Steffi! Quando penso no que Filess gasta com a amiguinha dele, sem falar que ela o engana... Aquela história acabará mal... Bravo, bravo! Afinal!... Que bom desentorpecer as pernas... Vamos, puxa! Você não acaba de meter o binóculo no estojo?

"Desculpe, desculpe, dá licença que eu passe?..."

Que multidão! Prefiro ficar de lado e ver os outros desfilar... Muito bem, aquela mulher... São bugigangas as jóias delas ou verdadeiras?... Atenção, aquela pequena ali é também bonita... Ela está me olhando de um modo!... Pois não, Mademoiselle, eu bem que gostaria!... Oh! aquele nariz! — é ju-

dia... mais uma... é espantoso, metade das pessoas são judeus... não se pode sequer estar no seu ambiente para se ouvir um oratório... Agora é o momento de seguir os outros... Porque que este idiota atrás de mim está me empurrando? Vou fazer com que ele perca essa vontade... Ah! é um senhor de certa idade!... Um cumprimento, ali?... Tenho a honra de cumprimentá-lo... Quem era?... Não tenho a menor idéia... Onde irei jantar?... No restaurante defronte ou naquele onde estive outro dia? Steffi talvez esteja lá. Porque que ela não me escreveu dizendo aonde iria? Talvez não soubesse. Ela é absolutamente escrava... coitadinha! — ali está a saída... Oh, como é linda, aquela ali! Boa idéia! Vou segui-la... Está descendo a escada... Um coronel do 95º?... Ele correspondeu muito amavelmente ao meu cumprimento... Ao menos eu não era o único oficial na sala... Onde está aquela moça bonita? Ah! ei-la... perto da rampa... Agora, o vestiário... Depressa, que ela não me fuja... Pronto! Ruivinha dos diabos! Deixa-se levar por um senhor na saída e me sorri indo embora! — Todas iguais... Que aperto, meu Deus!... prefiro esperar... Ali! Será que este idiota vai se resolver a tomar o meu número?...

"Olá, duzentos e vinte e quatro! Você não está vendo? Você é cego? Ali! Graças a Deus!... Dê cá..." Aquele barrigudo toma todo o espaço...

"Perdão, cavalheiro!"...
"Perdão, cavalheiro!"...

Que é que ele está dizendo?
"Um pouco de paciência!"

E' preciso que eu lhe dê uma resposta.
"Deixe-me passar!"
"Vamos, o senhor não tem mais pressa do que os outros!"

E' a mim que ele está se dirigindo?
Ele vai longe, não posso tolerar isto!
"Cale-se!"

"— Que é que o senhor está dizendo?
Eis uma maneira de falar incrível!
"Não me empurre!"
— "Dane-se, hein!"

Eu não deveria ter dito isto, foi grosseria... Tanto peor, agora está feito!

"Que foi que o senhor disse?
Ele se volta... Eu conheço este homem! — E' o padeiro que encontro muitas vezes no café... Que é que ele está fazendo aqui? A filha talvez seja da Sociedade de canto... Que está se passando? Que é que ele está fazendo? Parece-me... Mas, é sério, ele está segurando o punho de minha espada... Mas este homem está louco...
"Diga então, o senhor..."

— "Quieto, senhor tenente, não se mova".

Que é que ele está dizendo? Meu Deus, se alguém ouvisse? Não, ele falou muito abaixo... Porque ele não larga minha espada?... Santo Deus... E' inútil insistir... Não consigo fazer com que ele largue... evitemos um escândalo!... Será que o coronel, por acaso, não está atrás de mim?... Podem ver que ele está segurando o punho de minha espada? Ele está falando, que coragem! Que é que ele está me dizendo?

"Senhor tenente, se o senhor fizer o menor movimento, tiro sua espada da bainha, quebro-a e mando os pedaços ao comandante do seu regimento. Compreendeu bem, seu imbecil?"

Que foi que ele disse? Devo estar sonhando! E' comigo que ele está falando? Eu deveria responder... Mas ele está disposto... está puxando minha espada. Meu Deus — ele vai executar a ameaça... Sinto que vai fazer isso! Que é que ele está dizendo ainda?... Oh! Senhor, Senhor, nada de escândalo. — Mas que é que ele está dizendo?

"Não quero cortar sua carreira... sabe?... Portanto, tenha juízo!... Ora não tenha medo, ninguém nos escutou... aqui está... vou me despedir do senhor cordialmente, para que ninguém possa pensar numa briga! — Adeus, senhor tenente — muito prazer".

Santo Deus, terêi sonhado?... Ele me disse tudo isto?... Onde está ele?... Vai andando na minha frente... Eu devia puxar a espada e matá-lo agora

'PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE

FAMOSOS EM TODO O MUNDO
exijam estas marcas

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

NAVALHAS
PARA BARBA E TESOURAS
TRÊS COROAS



FOGAREIROS, COSINHAS,
LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR,
LAMPARINAS



SCANDIA POLAR STAR RELIANCE

MAQUINAS
PARA USO
DOMESTICO



MAQUINAS
DE COSTURA
BICICLETAS.



DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, ETC.

STENMAN



SERRAS
STRIDSBERG



Q

U

A

L

I

D

A

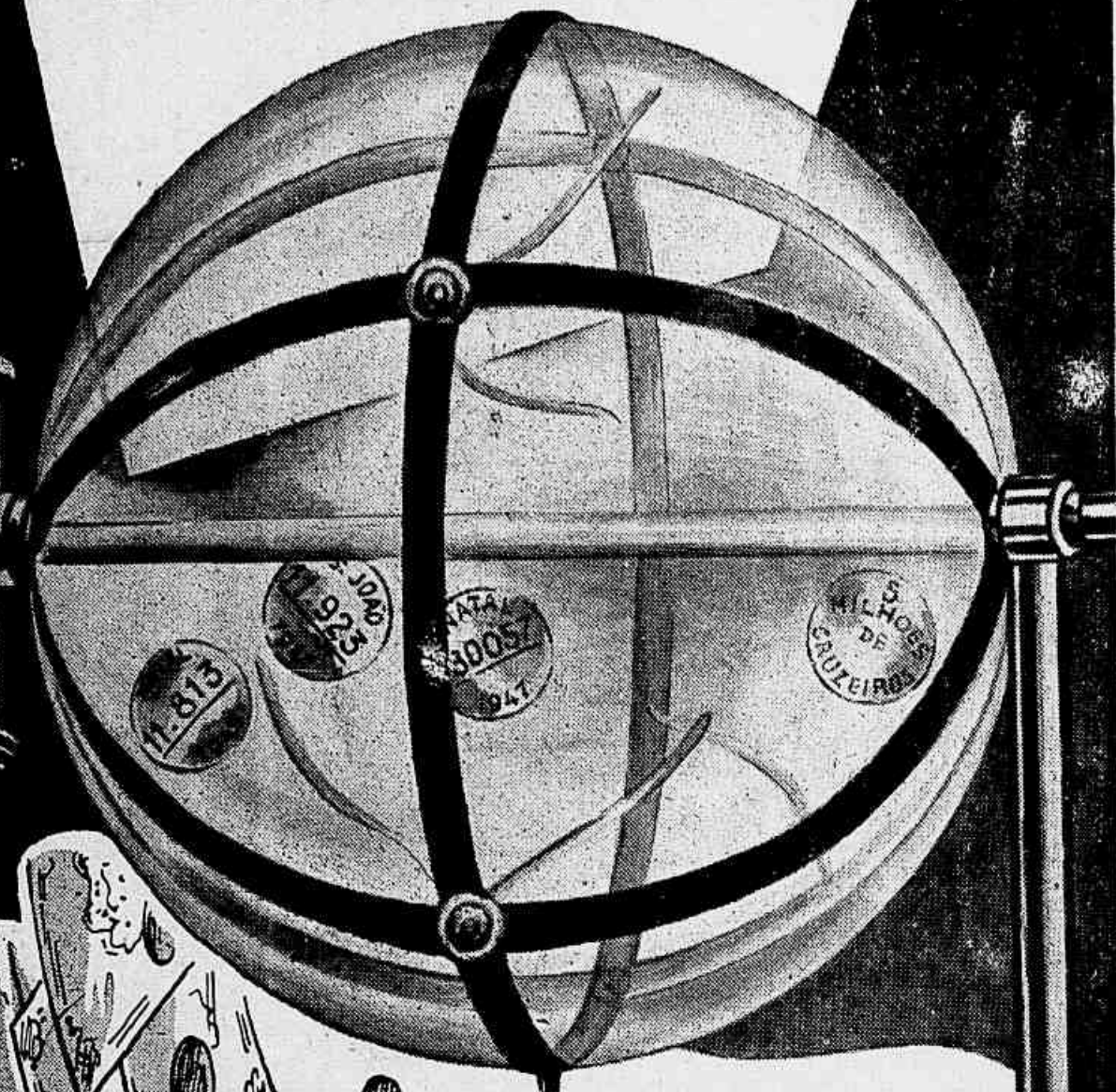
D

E



Daqui sai a sorte,

**DUAS VESES
POR SEMANA**



SÃO JOÃO

Cr\$ 15.000.000,00 em 5 prêmios maiores assim distribuídos:

- 1.º — Cr\$ 5.000.000,00
- 2.º — Cr\$ 4.000.000,00
- 3.º — Cr\$ 3.000.000,00
- 4.º — Cr\$ 2.000.000,00
- 5.º — Cr\$ 1.000.000,00

PREÇOS

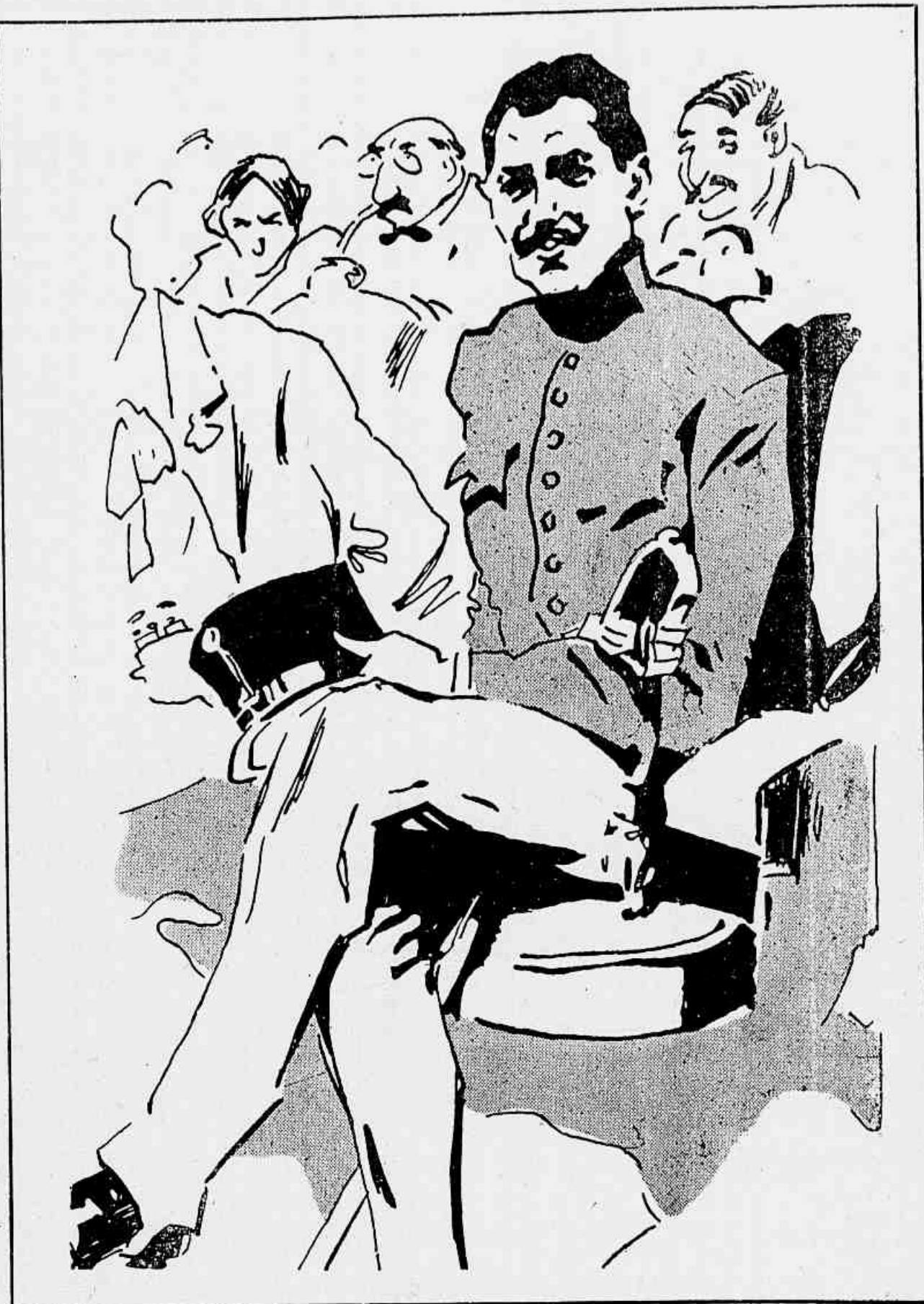
Inteiro: Cr\$ 1.200,00 — Meio: Cr\$ 600,00 — Quarto: Cr\$ 300,00 e Frações a Cr\$ 60,00

SOCIEDADE MONUMENTAL

100 bilhetes inteiros divididos em 10 Sociedades a Cr\$ 300,00, cada parte. 40 Sócios para 10 bilhetes int. ou seja uma Sociedade.

Pedidos para o

ACMUNDO LOTERICO
OUVIDOR
139
CAIXA POSTAL 2005



mesmo. — Se alguém o tiver ouvido?... E' impossível, ele me falava ao ouvido... Se eu corresse atrás dele o derrubar... Não, não posso... era na mesma hora que eu deveria ter feito isso... Porque não o fiz?... Ele não deixava... estava segurando minha espada e é duas vezes mais forte do que eu... Se eu tivesse dito uma palavra ele teria me esmagado... Que sorte que me tenha falado em voz baixa! Se alguém o tivesse ouvido, eu não teria outra coisa a fazer senão meter uma bala na cabeça... Talvez fosse apenas um pesadelo... Porque é que aquele senhor está me olhando assim? — teria notado alguma coisa?... Vou perguntar a ele... Perguntar a ele?... Ah! eu fico louco! — Talvez meu aspecto esteja me traindo. — Devo estar pálido. — Onde está aquele canalha?... Quero matá-lo!... Todo o mundo foi embora?... Onde está minha capa?... Estou com ela... não tinha prestado atenção... Quem, portanto, me ajudou a vesti-la?... Aquêlê homenzinho?... Sim, vou dar-lhe uma gorjeta!... Pronto... Mas, enfim, é verdade? Alguém ousou falar comigo naquele tom? Alguém me chamou de imbecil? E eu não o matei?... Não podia... o pulso dele era duro como o ferro... eu estava absolutamente impossibilitado de me mover... Teria portanto perdido a noção das coisas? Com a mão que me restava livre teria podido... sim, mas minha espada... ele estava segurando minha espada, tê-la-quebrado — e estaria tudo acabado... acabado! E depois dele ter saído já era muito tarde... não podia por conseguinte correr atrás dele, atacá-lo pelas costas rachá-lo de alto a baixo com uma cutelada...

O que, estou na rua? Como fiz para chegar aqui? — Está fresco... o vento está agradável... Que gente é aquela no passeio? Porque estão todos olhando para mim? Terão ouvido alguma coisa?... Não, ninguém pode ter ouvido... estou certo disso, verifiquei imediatamente! Ninguém me estava prestando atenção, ninguém estava escutando... Sim, mas aquele homem me insultou, mesmo que ninguém o tivesse

ouvido; ele me insultou, isto é certo. E eu, o deixei falar como embrutecido, que estava mesmo!... Que fazer? Eu não tinha outra alternativa. "Quieto! não se mexa!"... é espantoso, é intolerável!... é preciso que eu o mate! É preciso que o descubra e o mate!... Um indivíduo que ousa dizer-me... que patife! E ele me conhece... Sabe quem eu sou!... Pode ir contar a quem quiser ouvi-lo o que me disse!... Não, não, ele não fará isso! Porque teria ele falado em voz baixa?... Só estava se dirigindo a mim... Mas, como saber se ele não vai contar à mulher, à filha, aos camaradas no café... No café!... Arrisco-me a encontrá-lo lá amanhã! Ele estará instalado como todos os dias, jogando sua partida de "tarok" com Schlesinger e o vendedor de flores artificiais. E' inadmissível, inadmissível... Se o vir de novo, racho-o... Não, não tenho este direito... era na mesma hora que o deveria ter feito... na mesma hora!... Se tivesse podido! Irei procurar o comandante... sim, o comandante e lhe contarei o que aconteceu... O comandante é sempre tão delicado. — Direi a ele: "Meu comandante, ele estava segurando o punho de minha espada, não o largava; eu estava absolutamente desarmado..." — Que será que o comandante vai dizer? — O que ele vai dizer? — Mas não tenho outra coisa a fazer — é deixar o exército... deixar o exército, estou deshonrado!... Aquêlê ali são voluntários? E' uma coisa aborrecida, de noite parecerem oficiais... Estão fazendo continência! — Se eles soubessem — se eles soubessem!... Ah! o café Hochleitner... com certeza, cheio de oficiais... lá acharei certamente alguns camaradas... Se falasse com um deles e contasse minha aventura, como tendo acontecido a um amigo?... Estou desvalrado... Que é que estou fazendo, andando atoa pela rua? Aonde eu queria ir? Ah! ah! ir sentar-me entre os outros... Todo o mundo perceberia alguma coisa... Bom, mas enfim, é preciso que me decida... Que fazer?... Que iniciativa devo tomar?... Nada — desde que ninguém o ouviu... ninguém desconfia de nada... Ninguém, a esta

hora... Se eu fosse procurá-lo em casa, suplicar-lhe que guardasse silêncio?... Não, prefiro matar-me imediatamente! Sim, um bom tiro de revólver... Talvez não fosse mais estúpido do que isto... Não mais estúpido?... Mas é a única coisa possível... a única que me resta fazer! Se eu perguntasse ao comandante ou a Kopetzky — ou a Blany — ou a Friedmaier — todos me responderiam: "Não tens outra coisa a fazer, meu velho!... Estou com vontade de falar com Kopetzky... Isso não me parece mal... quando não fosse senão para regularizar o caso de amanhã... Naturalmente, amanhã, na caserna de cavalaria... tenho que me bater às quatro da madrugada, amanhã... mas não posso, não posso mais, meu adversário teria o direito de não querer mais dar-me satisfações... Que asneira! Desde que ninguém sabe o que se passou... ninguém sabe! — Conheço indivíduos que andam por aí e tiveram outras aventuras pobres... o que não disseram de Deckner, por ocasião de seu duelo com Rederow... E o conselho militar decidiu que ele podia bater-se. Qual seria o veredito do conselho militar no meu caso? Seu imbecil... seu imbecil... e eu não dei um pio! — Ah! lá, lá, trata-se de saber se alguém ouviu!... Eu ouvi, eu, não é? e é o bastante! Sinto que não sou mais o mesmo que há uma hora — sei que poderei recusar dar-me satisfações... Não viverei tranqüillo... sem cessar estarei com medo de que alguém me lance em rosto o que se passou esta noite! — Como eu me sentia feliz há uma hora... Aquêle idiota de Kopetzky tinha lá necessidade de me dar a entrada dele — e aquela vagabunda de Steffi não podia ter saído comigo, pois não? — Veja-se de que acaso dependemos... Esta tarde tudo estava perfeito e neste momento sou um homem perdido, que não tem outra coisa a fazer senão desaparecer... Porque estou correndo assim? Não perdi nada... O relógio da igreja está batendo... Que horas são?... Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze... onze horas... Se afinal de contas eu fosse jantar?... Ha "bistrotts" onde ninguém me conhece — e posso comer, pronto a me matar depois... Ah! ah! a morte não é uma bagatela... quem era que outro dia estava dizendo isto?... Não me importo, afinal de contas...

Quem sentiria mais?... Mãe ou Steffi?... Ora, Steffi?... Ela teria de esconder as lágrimas, do contrário o velho seria capaz de pô-la na rua... Pobre pequena! — No meu regimento — ninguém saberia por que eu fizera isto... procurariam saber, queriam a cabeça... enfim porque se mataria aquêle bravo Gustel? — Bem esperto quem adivinhasse que eu metera uma bala na cabeça porque o sujo de um padreiro... uma criatura repugnante, que por acaso era mais forte do que eu... é uma imbecilidade, uma imbecilidade! — E é por isto que um rapaz como eu, jovem, alegre, corajoso... Depois, todos ficaram de acordo, para dizerem: "Não valia a pena matar-se por uma tolice destas, é lamentável!" Mas, se eu consultasse alguém, não aconselharia outra coisa... outra coisa senão isso que estou repetindo para mim mesmo há uma hora... O diabo leve os civis... não temos defesa contra eles... Os outros pensam que carregar uma arma nos dá vantagens... ah! pois sim!... Se um de nós tem a desgraça de usar a espada, caem-lhe em cima, como se fosse um assassino de profissão... Se eu me matasse, sairia publicado nos noticiários: "Suicídio de um jovem oficial"... que escreveriam em tal caso?... "Os motivos desse ato permanecem em mistério... Ah! Ah!... Este suicídio enluta uma família inteira... — Mas é que isso tudo é verdade... tenho sempre a impressão de estar dizendo bláguas... é preciso que eu me mate, não posso escolher outra coisa. — Não posso arriscar-me a que Kopetzky e Blany amanhã me recusem servir de testemunhas!... Seria um patife se lhes impusesse... Um tipo como eu, que se deixa insultar sem piar... Todo o mundo amanhã vai saber disto... Sou muito idiota em pensar que um sujeito daquelas não vai espalhar sua aventura... A mulher vai saber... amanhã todo o mundo estará sabendo... os garçons... o

senhor Schlesinger... a caixa. — O mesmo se ele resolver não contar imediatamente, vai contar depois de amanhã... dentro de uma semana... E, se ele morrer dum ataque de apoplexia esta noite, isso não mudará a face das coisas, porque eu o ouvi, eu!... Não, não posso mais vestir a farda e usar a espada, depois de ter sido deshonrado deste modo!... E' preciso que eu desapareça, está dito! — E depois, depois, afinal de contas? Pode acontecer que o médico me mate dum golpe de sabre, amanhã... são coisas que acontecem... o pobre do Bauer teve uma meningite, que o levou em três dias... e Bremitsch quebrou o pescoço caindo do cavalo... e depois, não posso fazer outra coisa, — não tenho outra alternativa. Não tenho! — Outros talvez levassem a coisa e trocassem... eu não. — Entretanto, há muitos enganados bem divertidos... Ringelmeier deixou o exército depois de se ter deixado esbofetear por um charcuteiro que o tinha surpreendido com a mulher... Pois bem, é! foi para o campo e se casou tranqüillamente... Dizem-se que há mulheres que se casam com um tipo desses!... — Eu não lhe apertaria a mão, se ele voltasse a Viena... Compreendeste, meu caro Gustel, que não há remédio? — Acabou-se, é preciso dar cabo da vida!... Sim, compreendi, não é difícil... compreendi muito bem, estou calmo... Allá, eu sabia que no dia em que tivesse de acontecer isto estaria calmo, absolutamente calmo... Somente, acontece... eu não pensava que este momento chegasse... sobretudo não pensava que fosse por um motivo destes!... Talvez eu tenha compreendido mal, afinal de contas... talvez ele tenha dito outra coisa... Eu estava tonto com a música e com o calor... talvez estivesse louco... e nada de tudo isto é a verdade... Não é verdade? Ah, lá lá, não é verdade!... Mas ainda estou escutando, as palavras dele ainda soam no meu ouvido... estou com os dedos doendo do esforço que fiz para me libertar... Que atleta! Não sou um alfenim... no regimento só ha Franciscki, que é mais forte do que eu... mas aquêle!...

A ponte d'Aspern... Para onde é que eu estou indo? — Se continuar, estarei em Kargan à meia noite... Kargan! — Nós gostamos de chegar lá, em setembro! "Mais de duas horas de marcha de Viena!" — diziamos... Eu estava arrasado. — Assim que cheguei, me dei um banho e dormi como uma marmota! E depois, à noite, estivemos no music hall... Kopetzky, Ladinsner, eu e... quem mais? — Ah! sim, o jovem voluntário que nos contara anedotas de judeus durante todo o percurso!... Eles são bem amáveis, às vezes, os voluntários, mas deveriam ficar como sub-oficiais — cois que é que isto rima? Nós trabalhamos a valer durante anos, esses sujeitos vivem durante um ano e a ba nos tendo o mesmo posto... isto é uma injustiça — Mas não tenho nada com isto — não tenho mais nada com isto. — Um simples soldado da tropa de abastecimento vale mais do que eu agora... Já deixei de existir... acabou-se... minha honra está liquidada e eu com ela!... E só carregar o revólver e à... Gustel, parece que ainda não estás aceditando! Reflete... não há mais nada fazer... é inútil dares tratos à bola... não acharás outra solução! — Seja homem, guarde seu sangue frio, mantenha-se como um oficial até o fim, para que o comandante possa depois dizer de você: "Era um belo rapaz, conservaremos dele uma grata recordação!..." Quantas companhias são previstas para prestarem a última homenagem a um sub-tenente?... Eu deveria saber... Ah! ah! o batalhão inteiro e toda a guarnição poderiam dar vinte salvas que não conseguiriam mais fazer-me levantar de novo! — Eu conheço este café; passei aqui uns momentos agradáveis com o senhor d'Engel, na tarde do "steeplechase do exército!..." E' engraçado, depois ele nunca mais deu sinal de vida!... Porque que ele estava com o olho esquerdo vendado? Tive bem vontade de indagar, mas não tive coragem... Lá estão dois artilheiros olhando para mim... com certeza pensam que vou seguindo aquêle mulher... Vou olhar

A TORRE

TRIPPL

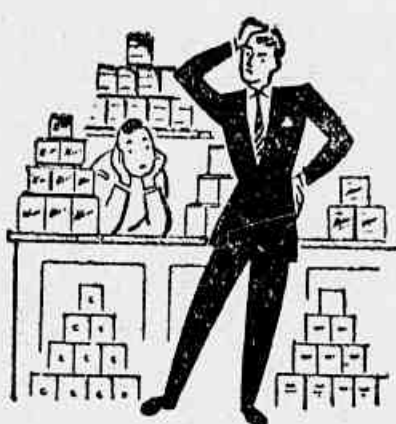
*Artigos finos
para cavalheiros
de bom gosto.*



**COMPLETO E VARIADO
SORTIMENTO
DE ARTIGOS
PARA VIAJANTES**

97-RUA DO OUVIDOR-99 CONFECCOES LIMITADA

HA MUITAS TINTAS
PARA INTERIORES...



...MAS SÔMENTE UMA

Kem-Tone

PRODUTO DA SHERWIN-WILLIAMS

POR APENAS CR\$ 98,50
PINTA-SE UMA SALA INTEIRA

É tão fácil, tão econômico renovar e embelezar sua casa com Kem-Tone! Produto da Sherwin-Williams, Kem-Tone é o acabamento mágico que cobre com uma demão — seca em uma hora e não deixa cheiro de tinta! Qualquer um pode pintar com Kem-Tone. Um galão, diluído com água, dá 1 galão e meio de tinta — o suficiente para pintar uma sala. Pinte V. mesmo — ou chame um pintor — mas especifique Kem-Tone.



À venda nas boas casas do ramo

Um galão, Cr\$ 98,50 no Rio e em São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS

BRASIL

RIO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23, TEL. 32-2077
S. PAULO: RUA BARÃO DE ITAPETINGA 124, 4.º AND. TELS. 4-6681 E 6-1229

para ela... Misericórdia! — Como é que uma criatura dessas faz para viver?... Eu preferiria... embora quem não tem cachorro, caça com gato... em Przemysl... eu me lembro. Senti uma tal repugnância depois, que pensei nunca mais poder tocar numa mulher... Que horrível temporada aquela na Galícia... tivemos sorte de ser evacuados para Viena. Pokorny continuava em Sabor e tem possibilidade de envelhecer por lá tranquilamente. Mas, se eu tivesse ficado lá, o que se passou esta noite não teria acontecido... e gostaria mais de envelhecer tranquilamente na Galícia do que dever... Dever o que? — Que foi que aconteceu? que é que pôde ter me acontecido? — Estou louco para esquecer o que me está esperando? — Palavra que sim!... e no entanto a toda hora me esqueço!...

Eis um camarada que deve meter uma bala na cabeça dentro de uma hora e fica pensando em tudo o que não é de sua conta! Palavra, parece que estou bêbedo. Bêbedo de que?... de sangueira... de assassinio? de suicídio? Bonita embriaguez! — Bem, lá estou fazendo blague — não posso me conter — estou de bom humor... coisa de temperamento... Se eu dissesse, ninguém me acreditaria. — Se eu tivesse aquela pequena coisa comigo... apertaria o gatilho — e tudo estaria liquidado... no espaço dum segundo! Isso que é sorte — outros sofrem durante meses... Minha pobre prima ficou de cama durante dois anos, imóvel com dores atrozes — que pena!... Não é melhor a gente mesmo se encarregar disto? Apenas, cuidando! Façamos bem a pontaria!... para não fazer como o aspirante do ano passado... Pobre diabo, não morreu, mas ficou cego... Que foi feito dele? onde estará vivendo? — Horrível ter de vagar assim — mas será que ele pode mesmo andar por aí? É obrigado a ter um guia. Quê idade tinha ele?... Apenas vinte anos!... Mais acertado andou ele quando atirou na amante... essa morreu na mesma hora... Formidável que se possa matar por um motivo desses! Por ciúme! Nunca soube o que é isso... Steffi está no restaurante com "ele os dois voltam juntos para casa depois... pois bem, não me incomoda... Steffi está bem instalada. A sala de banho com a lanterna vermelha. — Outro dia, com o roupão verde... não veria mais o roupão verde dela — também não veria mais Steffi... não subirei mais os degraus de sua bela escadaria... E mademoiselle Steffi continuará a se divertir, como se não tivesse acontecido nada... não poderá falar com pessoa alguma sobre o seu pobre Gustel que se matou... Porém ela há de chorar, com certeza ela há de chorar — e não será a única... Mamãe! — prefiro não pensar nisto! — Ah! não, absolutamente. Proibido pensar nos parntes, Gustel, proibição absoluta, estás ouvindo?

Isto, isto não é desagradável, estou no Prater... em plena noite... Se me dissessem esta manhã que eu viria passear no Prater... Que estará pensando aquela polícia que está olhando para mim?... Vamos andando sempre... aqui está agradável... Muito tarde para jantar ou ir ao café: o ar é puro e agradável, e que calma!... Calma! — E' o que tenho à vontade, daqui a pouco. Ah! ah! — Estou respirando com força... corri como um louco... Devagar, Gustel, levagar, não estás com pressa, não tens mais nada que fazer — nada mais — nada mais, absolutamente! — Estou tremendo? — E' com certeza a emoção... e depois não comi nada... Que é que está cheirando assim? Ainda não é a floração. Estamos a 4 de abril... já tem chovido um bocadinho ultimamente... mas as árvores ainda estão nuas... e está escuro. Dá até medo... eu me lembro que ha tempos tive medo, quando sozinho na floresta... a única vez na minha vida, creio... eu era pequeno... não tão pequeno assim... Faz nove anos... eu tinha quinze anos... mas, sim, aos dezito eu era cadete — subtenente aos vinte... e no ano próximo serei... que é que eu serei no próximo ano. Que significam estas palavras: no próximo ano? Que quer dizer: na próxima semana? que quer dizer: depois de amanhã?... Oh! Batendo os den-

tes? vamos, não nos importemos. Meu tenente você está sozinho... não precisa fingir para ninguém... é duro, é muito duro...

Vou me sentar naquele banco... Ah! — Onde estou? — Muito longe, sem dúvida... Como está escuro! Atrás de mim, deve estar o segundo café... creio que vim aqui no verão passado, ao concerto de nossa orquestra militar... sim, eu estava com Kopetzky e Ruttner — e ainda outros mais... — Estou cansado... cansado como se tivesse feito uma marcha de dez horas... Pouco faltaria para que eu dormisse aqui. — Ah! um tenente dormindo num banco... Eu deveria voltar para casa... Nada que fazer em casa!... Também não tenho nada que fazer no Prater. — Se pudesse dormir neste banco e não acordar mais, seria ideal! — seria tão comodo! — Não, meu tenente, a morte não será tão fácil... Quando e como devo agir? — E' tempo de pensar nisso... é preciso refletir... é preciso pensar em tudo... é a vida... Vamos pensar!... Vejamos!... O ar está agradável, devia-se vir passear mais vezes no Prater, de noite... Eu deveria ter pensado nisto mais cedo... agora não há mais Prater, nem passeios que tenham importância... Vamos, eu dizia que... é melhor tirar o qu'pi; ele me pesa sobre o cérebro, não me deixa pensar... Pronto!... é melhor assim. Reúna suas idéias, Gustel... e imponha suas últimas vontades! Amanhã de manhã, por conseguinte, eu me mato... amanhã de manhã, às sete horas... Sete horas, a hora foi bem escolhida. Ah! ah! — As oito horas, quando Kopetzky mandar fazer a instrução, terei passado a arma para a esquerda... sim, Kopetzky ficará muito emocionado, não poderá dar a instrução... Talvez não saiba ainda... se ninguém ouvir a detonação... Max Lippay se matou de manhã... não perceberam nada... e só descobriram, algumas horas mais tarde... Alias, sou bem tolo por me preocupar se Kopetzky fará a instrução ou não... Se te horas! a hora está marcada... E depois?... E' se isto, não tenho outras disposições a tomar. Eu me mato no meu quarto, será ligeiro! O enterro será segunda-feira... Conheço alguém que ficará contente o médico... O duelo não pode realizar-se por causa do suicídio dum dos combatentes... Que pensarão os Mannheimers? — Ele levará a coisa filosoficamente... mas a linda mulherzinha dele... com essa haveria alguma coisa a fazer... Creio que eu teria tido possibilidades de êxito se tivesse tratado disso... e isso me poderia afastar dessa pequena ordinária de Steffi... Mas, aí está, é preciso não ser preguiçoso... é preciso fazer a corte, mandar flores, conversar... não se pode dizer simplesmente: "Venha ver-me amanhã no quartel!" Ah! sim, uma senhora da sociedade, isso me tentaria, não resta dúvida... Aquela senhora de Przemysl não era da sociedade... eu juraria que Libitzky, Wermutek e esse aspirante enojado também tiveram sua aventura com ela, como eu... Mas, madame Mannheim... era diferente, esta seria capaz de me transformar — de fazer de mim alguma coisa — ao passo que essas raparigas, sempre essas raparigas... E' que eu comecel muito cedo — era ainda um garoto no momento de minhas primeiras férias em Graz, em casa de meus pais... Riedl estava comigo — era uma tcheca... ela tinha duas vezes minha idade por lo menos. — Só voltei para casa de manhã... A cara de Papai, quando me viu!... e o olhar de Clara... Fiquei confuso diante dela... Nesse tempo ela estava noiva... porque ela não se casou? nunca indaguei disto... Pobrezinha, nunca ela teve sorte — e eis que perde seu único irmão... Não me verás mais, Clara — nunca mais! Hein, não desconfiavas disto, minha querida, quando me acompanhaste à estação depois do dia de ano bom... não desconfiavas que não me verias mais... — E Mamãe... não quero pensar em Mamãe... se pensar nela, serei capaz de fazer uma sujeira... Ah! se pudesse ir vê-los... dizer-lhes que tive férias de um dia... ver de novo papai, mamãe, Clara, antes de me matar... Se eu tomasse o trem das sete horas, estaria em Graz a uma... Bom dia, mamãe... alô, bom

dia, Clara! Como vão vocês?... Que surpresa, hein? Mas, se elas percebessem alguma coisa... Clara com certeza adivinharia o que está se passando... Intelligente, tão delicada — ela me dá sempre excelentes conselhos... que moço boa e decidida!... Eu teria tido talvez outras possibilidades se tivesse ficado em casa... Teria estudado para ser agricultor, ficaria com meu tio... todo o mundo me aconselhou isto quando eu era garoto... E neste momento estaria casado com uma boa moçoinha... Talvez tivesse casado com Ana... ela gostava de mim! Notei isto na última vez, embora ela tenha marido e dois filhos... ela me olhava de tal maneira... e depois me chamava de "Gustel", como antigamente... Vai dar-lhe um choque quando ela souber! — Mas o marido dirá: "Eu tinha previsto isto... aquilo era um indecente!" — E todo o mundo acreditará que me suicidei porque estava endividado... e não é verdade, tudo está pago... é verdade que há os cento e sessenta florins da noite passada, mas eles estarão lá amanhã de manhã... E preciso que eu faça com que eles sejam entregues a Ballert... explicar isso antes de me matar... é abominável, abominável!... Se eu fugisse — na América ninguém me conhece!... Ninguém na América desconfiaria do que se passou esta noite... Li num jornal outro dia que o conde Rungo, que aqui teve um caso sujo, era diretor dum hotel em New York... e nem ligava ao nosso código de honra... E eu poderia voltar dentro de alguns anos... não para Viena, naturalmente, nem para Graz... Mas, para o campo, para a casa de meu tio, por exemplo... E papai, mamãe e Clara prefeririam mil vezes me saber vivo do que... E aos outros isto não interessa... quem se interessa por mim? — Ninguém... ha Kopetzky... os outros pouco se importam... só Kopetzky, de fato... E foi ele que me deu aquela entrada... e foi a entrada a causa de tudo... Sem ela, eu não teria ido ao concerto e nada disto tudo teria acontecido!... Que foi que me aconteceu?...

Dir-se-lá que isto se passou há cem anos... eu pensaria assim... e foi somente há duas horas, há duas horas que me disseram "seu imbecil", e que quiseram quebrar minha espada... Santo Deus, eu seria capaz de gritar em plena noite! Porque isto tudo? Eu não poderia ter esperado que o vestiário ficasse vazio? E porque foi que eu disse "Dane-se!" Escapou-me, não sei como. — Sou de hábito um rapaz polido, nunca fui grosseiro assim... nem mesmo com minha ordenança... estava nervoso, é evidente — tinha muitas amolações — o azar no jogo, a carta de Steffi — o duelo amanhã — falta de sono há algum tempo — e arrasado como ando com o serviço — não se resiste muito tempo! — Com certeza eu ia cair doente, seria obrigado a pedir uma licença... Ah! sim, mas — vou partir para as grandes férias — com suspensão do solo — ah! ah!...

Quanto tempo vou ficar aqui? deve passar de meia noite... penso que cuvilas doze badaladas. — Que é aquilo? Uma carruagem a estas horas? rodas de borraça — daqui estou vendo... Talvez seja Ballert com Berta?... Porque havia de ser Ballert? — Vamos, meta o chicote, cocheiro! — Sua Alteza Imperial tinha uma carruagem muito elegante em Przmysl... Usava-a para ir ver "a Rosenberg"... Nada orgulhoso, Sua Alteza — camarada com todo o mundo... Aliás, era o bom tempo, aquele... Mas a terra era horrível... e que calor, no verão!... Três oficiais tiveram insolação... e o caporal de minha divisão também... um homem precioso — de tarde nós ficávamos todos nus nas camas... — Um dia Wiesner entrou no meu quarto como um pé de vento; eu, sonolento, me viсто, apanho a espada ao lado e a tiro da bainha... eu deveria ter um aspecto!... Wiesner ria a morrer — e agora é capitão... capitão de cavalaria... Eu também gostaria de servir na cavalaria... papai não quis nunca — era muito caro! — E' pena... Agora isso não tem mais importância. Não tem mais

(Cont. na pág. 84)

M A T E R N I D A D E ARNALDO DE MORAES



*Para as futuras
mãesinhas...*

Uma instituição a serviço das senhoras
sob o maior conforto e garantia absoluta

Casa de Saúde especializada para partos, ginecologia e cirurgia de senhoras. Tratamento de tumores pelo Radium e Radioterapia profunda. SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO PARTO COM INTERNAÇÃO E ASSISTÊNCIA MÉDICA POR CR\$ 2.000,00, MEDIANTE INSCRIÇÃO E EXAME PRÉVIO OBRIGATÓRIO. Raios X, diagnóstico permanente. Anestesia pelos gases. Médico permanente para atender aos casos de urgência

ACEITAM-SE DOENTES DE MÉDICOS
ESTRANHOS A MATERNIDADE

M A T E R N I D A D E

ARNALDO
DE
MORAES

RUA
CONSTANTE RAMOS
173
COPACABANA

Telefone
27-0110





UM MILAGRE DE INTELIGÊNCIA E TENACIDADE

COMO HELEN KELLER, CÉGA E SURDA, CONQUISTOU A CELEBRIDADE MUNDIAL COMO ESCRITORA E EDUCADORA

WESTPORT, Connecticut — Estados Unidos — Abril — Com uma coragem excepcional, Helen Keller, educadora e escritora surda e cega, está atualmente criando uma vida nova para si das cinzas da sua casa e bens no valor de 50.000 dólares, perdidos no ano passado num trágico incêndio.

Apesar da perda completa de sua casa, dos seus pertences e de uma coleção de livros e manuscritos, Helen Keller nunca desanimou por um só instante que fosse na sua luta para ajudar os cegos do mundo.

Na época do incêndio, a indomável Miss Keller estava no exterior, na Grécia. Estava fazendo um inquérito sobre as necessidades dos muitos milhares de combatentes cegos da Europa.

Regressando a América, entregou-se com renovado vigor,

apesar dos seus 67 anos, na ajuda à Associação Americana dos Cegos para levantar 2 milhões de dólares de fundo para os cegos da guerra.

Sem ter uma casa a que pudesse chamar de sua, ela duplicou os seus compromissos de conferências e de aparições em público.

Jamais fez menção a sua própria perda insubstituível.

O fogo foi duplamente trágico para ela. Além da perda da casa e dos seus bens, Helen Keller ali tinha vivido muitos anos e estava familiarizada com todos os cantos da mesma.

Podia mover-se da casa para o quintal com facilidade e confiança um sentimento de segurança que é muitíssimo importante para o cego — levada apenas pela sua longa associação com os objetos familiares.

Tudo isto desapareceu numa madrugada.

A sua única declaração pública a respeito da sua perda foi feita numa breve declaração depois que voltou da Europa. Disse ela:

— A destruição de meu lar em Arcan Ridge não é o que mais me aflige. A perda dos meus livros e manuscritos é a pior parte — é como uma mutilação.

“O cego está certo quando diz que suas necessidades intelectuais são muito maiores do que as do corpo. Mas, não tenho tempo para lágrimas ou lamentações. Meu coração está também pesado com as tragédias dos outros.”

E enquanto trabalhava noite e dia para ajudar a aliviar essas “tragédias dos outros”, os amigos de Miss Keller foram para

diante com os seus planos para ela.

No mês passado o seu longo planejamento e trabalho terminou quando presentearam Helen Keller com uma jóia de uma nova casa aqui em Westport.

Não era apenas uma outra casa.

Horas de atividades tinham decorrido no presente dos admiradores dela. Tinha obtido as velhas plantas da casa destruída pelo fogo.

Foi construída uma exata duplicata — uma residência de 12 quartos ao estilo da Nova Inglaterra, com os mesmos jardins e escadas da mesma forma que as antigas.

Acendedores de luz, escadas e portas estavam exatamente nos mesmos lugares — tão bem conhecidos de Helen Keller no passado.

A esquerda: O quintal da casa nova em Westport, Connecticut, está sendo examinado por Helen Keller, à direita, famosa escritora e educadora surda e muda, e sua companheira, Polly Thompson. A casa, construída por amigos, substituiu uma antiga que foi destruída pelo fogo. A direita: A nova casa de Helen Keller é em estilo de Nova Inglaterra. Os vizinhos ofereceram-lhe móveis novos. Os antigos e as curiosidades, avaliados em 50.000 dólares foram destruídos pelo fogo na antiga casa.





Helen Keller, na porta de sua nova residência, acompanhada de Polly Thompson, a famosa educadora e escritora, surda e muda.

Quando ela entrou na posse de sua nova casa — juntamente com ela a sua velha companheira de 31 anos, Polly Thompson e o seu antigo chauffeur, Herbert Hass — os vizinhos admiradores trouxeram-lhe uma mobília.

Esta mobília está colocada nos mesmos quartos, nos mesmos lugares, nos mesmos ângulos como estavam antigamente.

O único acréscimo feito ao novo Arcan Ridge é um espaçoso terraço, na parte traseira da residência. Pode ser aberto no inverno e fechado no verão.

Nele, Helen Keller faz muito do seu trabalho atualmente.

"Tôda a casa é como um sonho que se convertesse em realidade. E' como se estar fora por muito tempo, longe das coisas familiares, e depois voltar a casa — segura, confortável, assegurada na presença de coisas amadas e conhecidas."

Uma linha amuralhada de faias assinala o cuidadoso jardim da casa. Guiando-se pela sua mão ao longo da trilha, Helen Keller pode andar durante horas no meio de suas flores e árvores.

Em baixo: A moderna sala de trabalho é a delícia e a alegria de Helen Keller, que aqui aparece trabalhando num manuscrito Braille. Atualmente está empenhada na Campanha da Fundação Norte-Americana de Cegos, para angariar 2 milhões de dólares para os cegos da Europa. Na página ao lado: Uma imitação de "Mãe Lamuriôsa", de Miguel Angelo, é segura por Helen Keller, em sua nova residência. A casa é uma exata duplicata de sua antiga residência. Os móveis estão nos mesmos lugares.







Do alto: No terraço da nova casa tomam uma refeição Helen Keller, Miss Thompson e Herbert Haas, o seu chauffeur e guia. O terraço, que pode ser aberto no verão e fechado no inverno, é a única diferença da casa antiga. Em baixo: Os planos do arquiteto para a casa nova, que é chamada de "Arean Ridge", tal como a antiga, são examinados em Braille por Helen Keller com a ajuda de Miss Thompson.



Em lugares convenientes no jardim estão bancos de madeira, onde às vezes ela se senta com o seu Shetland Collie "Gillian" para ler e estudar em Braille.

O seu quarto de trabalho, onde prepara os seus artigos e conferências, ocupa a maior parte do seu tempo nestes dias em que ela prossegue o seu trabalho para os cegos.

Por mais que o seu novo lar signifique a felicidade para si, ela diz que se sente na obrigação de trabalhar para os desamparados. Diz ela:

— O que êsses cativos da luz do dia pedem é oportunidades culturais, confiança em si e competência social.

"Quero passar os meus dias ajudando êsses cegos — não só no interior do país como no exterior, onde a guerra roubou-lhes muito."

Diz ainda:

— Minha alma chora pelas criancinhas, muitas delas não apenas cegas, mas também sem um braço ou uma perna, e sem nada dispôr para a sua instrução.

Na página ao lado: Com o seu cão Gilliam, Keller senta-se num dos bancos rústicos do jardim, para repousar ao sol e ler o "Braille".





— Seu Ernestino, o filho de d. Marcionília dali-defronte tá chamando o sinhô.

Respondeu de mau humor, reabrindo a ducha, que tornou a cair sobre o seu corpo noutra surra revigorante:

— Ó, Maria, não vê qu' estou tomando banho? Pergunte a ele o que é.

Dai a segundos a voz de Maria bateu na porta do banheiro, entrou, fraquinha, e medrosa:

— Seu Ernestinho...

— Diga lá, Maria.

— Seu Ernestinho...

— Vamos com isso, Maria!

— Seu Ernestinho... é que... d. Marcionília... d. Marcionília manda dizer... que... que...

— Dizer o que, Maria-gaga-duma-figa?

— Manda dizer que... da casa do seu Silvino telefonaram...

— Ora, Maria, isso é novidade? brincou ele.

— Mas... seu Ernestinho... telefonaram... telefonaram para avisar pro sinhô que seu Silvino... **SEU SILVINO MORREU!**

Ele ouviu as palavras perfeitamente, mas não deu logo fé do seu conteúdo. De repente a compreensão da notícia estrondou no seu cérebro. Rodou a torneira, a água estancou, ele ficou parado, petrificado.

— Ó, Maria, que diabo de recado é este?

— E' esse mesmo, seu Ernestinho, é esse mesmo — a voz da preta agora era rápida como se quizesse desincumbir-se o mais depressa possível da tarefa ingrata: da casa do seu Silvino telefonaram pra d. Marcionília pedindo o favor de mandar um menino aqui pra

dizer que seu Silvino morreu hoje de manhãzinha.

— De manhãzinha?... Silvino?...

— Sim sinhô.

Morto? Silvino? Silvino morreu?

— Sim sinhô.

A voz de Ernesto reboou como a dum canhão:

— Você está variando, Maria?

Mas a empregada já não estava ali, fugira, ela própria horrorizada com a notícia bruta — coitada do seu Silvino, tão bom, tão distinto, pilheriava tanto com ela, não tinha essas bobagens de côr!

Ernesto agora se enxugava velozmente, o coração descompassado, uma agili-dade físico-mental muito grande substituindo de chofre o pismo do princípio. O cérebro trabalhava com rapidez, conjecturas saltavam, argumentos pipocavam, morte, morte, Silvino morreu, morreu,

não pode ser, o diacho dessa empregada está doida, ou então ouviu mal, ou também pôde ser algum trôte, alguma brincadeira de mal gosto, de péssimo gosto, isto não se faz, absolutamente não se faz, poderia até me matar de coração — se eu soffresso do coração.

Vestiu o pijama, errando as pernas, meteu os pés nos chinélos, safu estabe-nado do banheiro:

— Ó Maria!

Ela acudiu, trêmula, sem olhar pra seu Ernestinho — ele sofria da mania de descontar os aborrecimentos nas costas de quem não tinha a menor culpa-sinha assim.

— Sinhô...

— Cadê o menino?

— Já foi, seu Ernestinho...

— Foi o que, sua macaca, quem lhe mandou despachar ele?

E se jogou para a janela, zonzinho, vendo logo d. Marcionília de lá de frente, parada no jardimzinho anêmico, amarelo de margaridas bôbas, esperando-o, sua cara (cara não, cara quem tem é cavalo), seu rosto, seus dedos carregados da notícia.

— D. Marcionília...

— Telefonaram, seu Ernesto...

— Não pôde ser... Silvino?

fazendo côro à sua solidariedade, alguém — cioso das responsabilidades domésticas — rogando a Ernesto que não reparasse na desarrumação da casa, onde havia menino era isso mesmo, nenhuma do lado de lá reparando também que Ernesto estava de pijama, cabelo despendeado, toalha molhada nos ombros. E se ele mal ouvia, não via nada, estava cego de dor, seus dedos trêmulos não acertavam a discar, foi por isso que a Marôcas, filha da dona da casa tomasse o fone das suas mãos e fizesse a ligação, não antes sem tentar dizer-lhe com os olhos que uma mulher era necessária na vida dum homem, principalmente num desses momentos de tristeza e se ele tivesse querido, oh! se ele tivesse querido...

A ligação foi feita e então, amparado pelas excelentes vizinhas, confortado pelas moças e pelas velhas, ele próprio ouviu, da própria boca duma das irmãs de Silvino, a grave, a patética, a fúnebre notícia. Todo mundo o rodeava, todo mundo sentia o passamento do seu melhor amigo e dava-lhe pêsames, condolências, sentimentos, floreios ou enxutos, conforme o vocabulário de cada. Aterrado, violentado, sofrendo muito, ele deixou-se sentar na cadeira que a bôa Marôcas lhe trouxera — ah! era imprescindível uma mulher na vida dum homem, principalmente etc. — e ficou assim um tempão, traumatizado, pensamento de novo arrojado, coração partido, murmurando que era impossível, impossível, não podia ser, não podia, deixara o amigo na noite anterior, tão bem, tão alegre, tão satisfeito...

Seu Peixoto descia a escada do sótão (era funcionário do Águas e Esgotos, acordava tarde, o chefe de seção era seu compadre), viu aquele alarme de pêsames e caras amarradas em sua casa, pensou logo que a desgraça tinha sido entre os seus, se assustou, perguntando o que era, o que era, lhe dissessem pelo amor de Deus. Mas assim que ficou ciente, serenou, aliviado, juntou-se a confortar Ernesto, ah! meu filho este mundo terreno é uma pinóia, um dia vivo, outro dia morto, basta-se viver para estar sujeito à morte, salvação está mas é em Deus, na religião, no protestantismo, você devia entrar para o protestantismo.

Então, acordado pela voz senatorial e pastosa de seu Peixoto, Ernesto voltou à realidade, viu que estava apenas com a pijama sobre o corpo, e assim na casa dos outros, tanta moça junto, uma indecência. Ficou embaraçado, que o desculpassem daquele traje, ficara aluado — e saiu entre novos protestos de solidariedade urbana, se ele precisasse todos estavam às ordens, o telefone ali ao seu dispor. Marôcas para qualquer ajuda em sua casa.

★

Quando voltou da padaria com um quilo de sujo pão mixto gloriosamente conseguido (oh! amaldiçoadas filas, filas pra carne, manteiga, açúcar, pão), quando voltou da padaria, d. Coló também ficou apatetada, abismada com a notícia. Não teve ataque não era dessas tais, mas sentia na profundidade do seu ser a morte de Silvino, gostava dele como gostava de Ernesto. Ficou olhando o filho, braços sem força, cara de vaca quando morre, boca balbuciando na inaceitação da morte:

— Não pôde ser, não pôde, ontem ele saíu daqui tão forte, tão disposto. Pilheriou muito comigo, mangando de mim, se eu não ia casar de novo, dizendo que se não fosse você não consentir, me tomava como esposa. Prometeu até jantar aqui hoje, que eu me prevenisse e lhe preparasse o doce de cajá tão de seu paladar.

— Ele vinha mesmo, vinha jantar mais o Geraldo. Nós três íamos sair, íamos fazer uma farrinha no Fantoche, combinaríamos depois a ida ao futebol de amanhã.

E Ernesto se lembrou que o dia seguinte era domingo, Pernambuco tinha vindo jogar contra o "scratch" da Bahia, Silvino estava ansioso pelo prélio,

MORTE

reservara entradas há muito tempo, tinha dito até que a Bahia dessa vez daria uma lavagem em regra nos pixótes dos pernambucanos. E recordando que o grande amigo iria perder o sensacional jogo, que nunca mais assistiria um duelo futebolístico, ele, cuja maior paixão era essa, Ernesto teve outra crise de choro, não lhe vindo à cabeça que o seu lugar não era ali, mas àquela hora deveria estar junto ao amigo morto, junto à família do querido finado, a qual, na certa estaria muito mais chocada, desvairada mesmo, — coitada — Silvino era o único homem em casa, arrimo de família, por isso mesmo não pudera casar-se, dedicava-se como um escravo à felicidade material das irmãs, das suas titias, da avozinha cega.

D. Coló foi quem lhe lembrou isso, ele fosse para lá, haveriam de estar precisando de alguém ativo e prático, dum homem enfim que soubesse providenciar as coisas, contratar o enterro, fazer os convites pelos jornais; e quem a não ser ele, o indicado para isso?

Ernesto achou que a mãe tinha toda razão, foi para o quarto, trocou de roupa, vestiu-se, nem deu direito o laço do que de Windsor na gravata, não ligando a tais caldazinhas, fungando, dolorido, ainda não podendo acreditar, vêr para crer. Recordou que Silvino, às vezes, no melhor duma festa, no maior entusiasmo dum jogo, se queixava duma dor aguda no coração, parando, ofegante, ficando frio, frio, mãos geladas, suando, com tontice, o coração correndo, galopando para de súbito estancar quase de vez, precisando Silvino deitar, descansar, tomar coramina. Fora muitas vezes ao médico, médico amigo, de confiança, desses que não vão só atrás do dinheiro do camarada, o dr. auscultara-o todo, tamara-lhe o pulso, dissera com um grande e sábio sorriso que era impressão, pura impressão, nada mais, o coração de Silvino estava ótimo. Acendeu-se no seu peito amigo uma tempestade de ódio contra o médico, generalizou a ignorância à classe toda, burros, cretinos, mas considerou tristemente que não adiantava raiva, com o destino ninguém pôde, seu Peixoto tinha razão, coração é assim mesmo, a salvação estava em Deus — mas como assim ele continuava a não tolerar o protestantismo. Tornou a ouvir mentalmente a voz de Duda pelo telefone, entrecortada de soluços, lhe dizendo que fora de repente, ninguém esperava uma coisa daquelas, um horror. E podia reconstruir tudo direitinho, podia sem grande esforço ver o amigo levantar-se da cama, apanhar a toalha, a saboneteira (era muito ordenado, tinha os objetos em seus lugares) caminhar para o banheiro, tomar o seu banho sem cantar, escovar os dentes, jogar os cabelos para cima, tudo com aquela afobação de quem vai tirar o pai da força, afobação que ele, Ernesto, achava demais e todo dia lhe condenava. E depois de sentar-se à mesa rodeado pelas irmãs e tias, a chicara levada aos lábios, a mão perdendo a força, o café se entornando pela roupa, a cabeça caindo para a frente — morrendo sem um grito, morrendo suavemente, como um passarinho, morrendo como tinha vivido, sem incomodar ninguém.

— A gente fez tudo, Ernesto, tudo, mas já era tarde. Milôca saiu como uma doida, chamou o dr. Quadros, você conhece ele, esse magricéla que mora perto daqui, ele veio, se interessou, fez o que pôde, deu injeção, cortou os

pulsos de Silvino, procurando vê-la. Não adiantou nada.

E terminara pedindo-lhe para vir, elas estavam um tanto sem saber o que fazer, precisavam dele. Sim, e que não se esquecesse de avisar a Geraldo. Geraldo. Com o abalo ele se esquecera de Geraldo, do outro amigo, o terceiro amigo, o Aramis da trinca inseparável, dos três mosqueteiros solteiros do Clube Carnavalesco Fantoche da Euterpe. Nem se lembra de Geraldo, estava demorando de avisá-lo, era uma desconsideração, como ele, não iria ficar? Achou em seguida que fazia até bem em demorar a notificá-lo, sentia pena do sofrimento de Geraldo, sabia que a amizade do Aramis era do tamanho da sua. Mas concluiu que não devia esconder, Geraldo nunca o desculpava, "eram amigos no prazer e na dor", chegou a experimentar uma mansa satisfação, uma satisfação confortadora em saber que não ficaria só, que Silvino também não ficaria sozinho em seu coração, tinha outro com quem repartir tristeza e saudade eternas.

Saiu do quarto, mandou que d. Coló telefonasse da casa de d. Marcionília à repartição avisando que não iria trabalhar e só por muito custo, depois de muita insistência da bôa mãe, consentiu em tomar um gole de café — achava que comer naquelas circunstâncias era um insulto, mas, contudo, afinal de contas precisava de forças para ajudar a família de Silvino.

★

Não quis telefonar para Geraldo, em telefone nunca se diz o que se quer. A casa dele ficava no caminho, era só saltar do bonde, outro viria após quinze minutos, em quinze minutos poderia desincumbir-se da cruel mensagem, como Geraldo a receberia?

Andava de cabeça baixa, a cabeça curvada por um peso estranho, o corpo também era outro, sem leveza, as pernas caminhavam entorpecidas, mas mesmo assim, depois de procurar dominar-se, depois de ter-se dominado, sentia-se calmo, uma serenidade trágica, uma serenidade analgésica, como se sua carne e seu cérebro tivessem tomado uma injeção dissensibilizante, dessas de arrancar dente. A manhã estava fresca e limpa, o céu alencarmante de anil, o sol plebrotórico de luz, mas o que vale a formosura duma manhã se não tem sentidos para captá-la, se os sentidos estão abrutalhados pela morte súbita do melhor amigo?

Pegou o bonde, não teve ânimo de procurar lugar, mesmo não valia a pena. Geraldo morava perto, foi no estribo. Viu em pouco a casinha verde com janelas amarelas feito uma casa de letra de samba, desponhou mais adiante, numa curva quando o bonde diminuiu a marcha, e neste momento o carro da Assistência dobrou a esquina numa velocidade danada, tilintando a campainha com desespero, chegando antes dele para onde ele ia, parando na porta de Geraldo, cessando o barulho, enchendo janelas de curiosos, juntando gente na calçada, todas as bocas, todos os olhos indagando quem morria. Ele também correu, que diacho o que acontecia na casa de Geraldo? Advinhou que a notícia da morte de Silvino já chegara a alguém da família, mulher provavelmente, d. Ester com certeza, tivera ataque, tinham telefonado para a Assistência. Abriu

— Seu Silvino, Ernesto.
— A senhora ouviu bem? Ouviu direito?
— Eu mesma atendi, Ernesto.
— Mas é impossível...
— Por vias das dúvidas quer eu toque de novo pra lá?

Ele ainda murmurou palavras convencionais — não se incomode não, d. Marcionília, — e quase sem ter noção de movimento, precipitou-se para a rua, entrou como um louco na casa fronteira. D. Marcionília recebeu-o, acompanhou-o contando-lhe todos os detalhes da telefonema, ainda tendo tempo de citar três ou quatro casos idênticos, de morte assim de repente, ele que esperasse pelo pior. E toda a família se lhe juntou.





caminho no ajuntamento, entrou e, mal havia transposto a soleira, viu Aluizio, o caçula, muito nervoso, muito pálido, desvalirado, correndo ao seu encontro:

— Ernesto! Geraldo...

E nada mais disse, nada mais poderia dizer, arfava, as palavras embolavam-lhe na garganta, ele se encostou na parede, exausto, ofegante, tossindo, uma tosse dolorosa, o pobrezinho sofria de asma desde pequeno. Mas seus olhos esbugalhados gritavam aflição, que somados ao fato de estar a Assistência na porta queriam dizer desastre, acontecera um desastre maior do que um chilique de d. Esther, porque ele proferira o nome de Geraldo? pensou de súbito Ernesto, com o sangue esfriando, um pressentimento angustiante batendo-lhe no coração, ele continuando a entrar na casa em polvorosa, tendo já a certeza.

— D. Ester, o que é isso?

A tia de Geraldo crescendo em sua frente como uma onda, num choro convulso, os olhos vermelhos, enormes, gotejando lágrimas, as carnes fartas, tremelantes, sofrendo:

— Ernesto, o meu filho, o meu filhinho do coração, Ernesto, coitadinho, Oh! meu Deus!

E ele agarrando pela mão de criação do amigo, um pequeno autômato empurrado pela mulherça nervosa, pensamento asfixiado, entrando no quarto de Geraldo, Geraldo deitado na cama, Geraldo de olhos revirados, Geraldo se esverdeando, em estado de coma, Geraldo envenenado, morrendo apaz do médico tentar todos os recursos, Geraldo moribundo, estrebuchando nos últimos segundos de vida. E todo mundo falando, atormentando o médico com palpites errados, os parentes o abraçando, molhando-o de lágrimas, iam mandar avisá-lo, cianureto de potássio, ninguém sabia dizer a causa, Geraldo não tinha vícios, não jogava nem bebia, empregado exemplar, jamais falara em suicídio. E o médico levantava-se, cobria o rosto do rapaz, tudo estava acabado, d. Ester rolou no chão, gritou e soluços reboaram, uma voz que ele não sabia de quem murmurando-lhe ao ouvido:

— Foi mulher, mulher casada, eu sei...

E tudo o mais se esvanecendo, rodando, a casa virando de telhado para baixo, ondas de sombra avassalando-o, sufocando-o, a queda, o nada, esquecimento.

★

Quando veio a si e a clareza se fez completa no seu cérebro, o terror também cresceu, apossando-se de sua cabeça, dolorindo-a, esmagando-a. Dum momento para outro estava mudado, já não era a desolação pela morte dos dois amigos que agora afligia-o tanto. Os fatos haviam-se ligado em seu raciocínio e a estranha convicção fixara-se profundamente em sua mente, acordando o seu egoísmo, atecando-lhe o medo. Sentia-se violentamente abatido no corpo e na alma e já agora sabia que não tinham sido apenas os choques simultâneos da morte dos dois amigos que o transtornava desse jeito. E o terror aumentava dentro dele, desmantelando-lhe todos os outros pensamentos e sentimentos. Ernesto considerava-se condenado, tinha a certeza absoluta de que ia morrer também, que não passaria daquele dia, suas horas estavam contadas. E o pressentimento fortalecia-se, enfibrava-se cada vez mais à medida que os argumentos enfiavam-se em sua reflexão. Eles tinham sido amigos inseparáveis desde a adolescência, desde os tempos ginasiais desde aí que lhes haviam posto o apelido de "os três mosqueteiros". Sairam do ginásio, nenhum foi para nenhuma faculdade, a urgente necessidade de ganhar dinheiro pedia necessidade imediata de emprego. As ocupações esperavam-nos durante o dia, mas eles continuavam os mesmos amigos pelo tempo à dentro, pura e enorme amizade, nunca mosquitada por uma dúvida, jamais agitada por uma rivalidade, transigiam com as faltas uns dos outros, davam relevo aos favores uns dos outros. Sofrimento e felicidade, tristeza e alegria, doença e saúde, tudo era fraternalmente compartilhado pelos três, os três eram solidários na ventura e na adversidade.

— Nem que fossem irmãos — diziam

admirativamente os conhecidos, comuns.

E de repente, brutalmente, selvagemmente, primeiro Silvino, depois Geraldo, dois deles morriam no mesmo dia, com diferença de horas, quem não via ali a mão trágica do destino? Eles que na vida jamais se separaram, que nunca passaram vinte e quatro horas sem se verem, sem se falar, sem trocarem idéias, sem se aconselharem, que iam sempre juntos a piqueniques e enterros, a manifestações de agrado e cinemas, a cassinos e jogos de futebol, não poderiam deixar de fazerem juntos a última, a grande viagem. Deus não consentiria na separação final. Silvino se fôra, puxara Geraldo, os dois estariam a sua espera, Ernesto os ouvia chamando-o, chamando-o, contavam ambos com sua última prova de lealdade, a maior de todas, a única que verdadeiramente era um sacrifício, ele não poderia deixar de cumprir o seu dever de amigo. E a obsessão dilata-se em seu cérebro, entumescia-lhe a cabeça, jugulava toda a

sua vontade, ele sentia que os amigos insistiam. Mas o instinto de conservação relampejou no derradeiro instante de luta, ele se sacudiu a si mesmo, a nevoa dissipou-se como por encanto, seu pensamento clareou, Ernesto se acovardou diante da morte, viu-se no espelho do quarto-de-banho da casa de Geraldo, pálido, transtornado, uma navalha entre os dedos. Estremeceu horrorizado, atirou longe o perigoso instrumento. E apoiando-se na pia, olhando cheio de medo o outro Ernesto lá refletido, ele se viu em toda a sua nudez, egoísta, covarde, sobrelevando a vida à toda a amizade que dedicara aos amigos, a todo o amor fraterno que em seu coração pudera caber. Descobrimo-se a si mesmo, não lhe foi difícil recobrar toda a lucidez enterrou a cara na água fria, enxarcando os cabelos, reagindo, querendo crer que não morreria imediatamente, o seu dia não era aquele, não teria de seguir os outros dois, toda a trama que se enredava em sua mente não passava de mera fantasia, supersticioso como era. Enxugou o rosto, verificou surpresa que penteava os cabelos com o pente seguro firmemente nos dedos, considerando em seguida, forçando-se despreocupação, que tudo era obra de simples acaso, as duas mortes seguidas nada tinham de mau presságio, elas não estavam tão pouco fatalmente ligadas a si. Saiu quase seguro de si mesmo do quarto onde entrara sem o perceber, após o desmaio, onde por pouco deixara de suicidar-se sem a menor noção do que ia fazer, entregando-se até a exaustão, com lágrimas sinceras, nos preparativos do enterro de Geraldo. Isto lhe fazia bem quer dizer, o trabalho lhe fazia bem lhe fazia esquecer os pensamentos tetricos. Notificou a morte de Silvino aos parentes de Geraldo, mas estes pouco ligaram, estavam imersos em sua própria dor, Geraldo morreria, porque os seus amigos deveriam estar vivos? Este último pensamento foi o que Ernesto julgou fuzilar nos olhos de d. Ester, desvalidamente fitando-o, e ele se encolheu como se ela estivesse querendo fulminá-lo, como se estivesse achando insultante o fato de ele continuar vivo, numa torpe falta de consideração aos dois mortos.

Depois disso, sentindo-se em falso ali, Ernesto achou que não deveria permanecer na casa de Geraldo, as irmãs de Silvino estariam com toda a razão reparando na ausência dele, eram quase onze horas, ele se despediu, saiu. Na rua, no bonde, no tilintar da campainha, nos pregões dos vendedores-ambulantes, nas buzinas dos automóveis, entregou de novo aos seus pensamentos, a obsessão temida voltou. E apressando os passos, ele se atirou para a casa de Silvino, sófrego por fazer alguma coisa, em ser útil, em cansar-se no trabalho físico. Mas esperava-o a decepção, as moças já tinham feito tudo, Silvino já estava dentro do caixão mortuário, sua fisionomia rubicunda e bondosa igualzinha à que ostentava em vida, parecendo dormir em sono socegado e comum, entre flores e cirios acesos, rodeado de vizinhos e amigos, num velório quieto, silencioso e pacato que cheirava à rosa, pingado pelos pequenos soluços de alguém que procurava estancar o choro num quarto distante.

(Cont. na pág. 80)



DESDE que uma crença consegue radicarse verdadeiramente na imaginação do povo, difícil é ao poder dos séculos ou à evidência dos fatos desarraigá-la. Parece que à medida que um por um se vão quebrando os laços que a prendiam à razão e diminuindo a plausibilidade que dos espíritos sensatos a fazia ainda aceitar, mais atrativos ela ostenta à fantasia popular, sempre afeiçoada ao maravilhoso e impelida a correr atrás duma destas sedutoras ilusões, como as crianças a perseguirem as borboletas através das campinas.

Quando o povo vê fugir, por inverossímil, do campo da discussão um fato controvertido, é quanto mais se apressa a recebê-lo como dogma, a adotá-lo com a cegueira da fé; é então que o transmite aos filhos, à maneira de um novo artigo do seu credo religioso, e olha para o que se atreve a levantar a mão iconoclasta contra esses vagos objetos do seu culto ideal como para um ímpio, digno da fulminação celeste.

De historiadores e biógrafos se ri: não há provas nem documentos que valham para lhe fazer ver as coisas diferentes de como as imaginou; mais vezes aqueles cedem, até, sacrificando a exatidão à poesia e admitindo em seus escritos a colaboração da pena popular. Por isso nas crônicas dos tempos passados é através das lendas que se pode procurar a história. Adornada com as galas e louçainhas do maravilhoso é que o povo se apraz de acolher a tradição. Despidas das mãos do historiador austero, parece afetar-lhe tão escandalosamente a vista como a dos mais castos monjes de Tebaida as formas nuas de tentadoras aparições.

Igualmente, ao lado da biografia exata dum indivíduo, ainda dos mais obscuros, o povo refere de ordinário outra, menos documentada talvez, porém sempre mais curiosa.

Com olhar perscrutador penetra o seio das famílias a descobrir a fatos recônditos, pequenos incidentes da vida doméstica, onde, mais fielmente do que nos da vida pública, se refletem os caracteres e as índoles.

Não julgueis que lhe basta a enumeração das batalhas, dos feitos brilhantes, dos serviços humanitários, dos atos civis do herói do dia; quer vê-lo em família, depois de despir a farda, a toga ou os arrinhos, para envergar o modesto robe-de-chambre; aspira a devassar-lhe no modo de viver íntimo e a estudar-lhe os hábitos; obriga a personagem da história a representar diante de si o papel de filho, de irmão, de amante, de espóso e de pai no drama da vida, e é então que mais interesse lhe excita, é então que aplaude; e, quando lhe falecem as informações, inventa, recorre ao inesgotável tesouro da imaginação, senão a alguma coisa de mais seguro. E nisto é o povo verdadeiramente admirável! Há o que quer que é sobrenatural na maneira por que se lhe revelam às vezes segredos, sabidos apenas por duas pessoas, interessadas ambas em conservá-los ignorados; não espera por provas, satisfaz-se já com indícios; pronuncia-se, quando os mais prudentes hesitam, e, devemos confessá-lo, se em certos casos esta antecipação o leva ao erro, muitas vezes também, ou quase sempre, por caminhos misteriosos, o conduz à verdade.

Os boatos! Ai temos um desses problemas que desafiam toda a ciência humana. Donde partiram estas, deixem-

me assim chamar-lhes, emanções sutis que aspiramos todos, os crédulos e os espíritos fortes, os ignorantes e os ilustrados, como todos contraímos a epidemia, cujo foco se desconhece?

Suscita-se às vezes sobre qualquer indivíduo uma opinião que se diz pública, somente porque cada qual em particular se não atreve a reconhecê-la por sua; os fatos conhecidos da vida desse homem parecem desmentirem-na, todas as aparências lhe são contrárias, é humanamente impossível encontrar algures os fundamentos dessa crença, nascida não se sabe onde, propagada não se sabe como; e, contudo, persiste. Por que? Quem o pode dizer? É, a meu ver, um fato da ordem de outros que observa o naturalista na ordem dos animais. É um fenómeno de instinto.

Na aproximação do inverno, as aves viajoras reúnem-se em bandos para desertarem das paragens que parecia oferecerem-lhes ainda por algum tempo os últimos calores duma estação favorável. Que indício lhes revelou o perigo? Quem lhes apontou o caminho de mais amenas regiões? O instinto, respondem os filósofos; e a mesma resposta obtendeis, se os interrogardes sobre tantos outros maravilhosos atos que nos surpreendem, nos costumes de certas famílias zoológicas.

Concedam, pois, também ao povo instintos, instintos que o fazem adivinhar fatos ocultos, como a ave pressente o inverno, instintos sobre os quais se elevam juízos que a razão prudente repele ao princípio, mas que tantas vezes o futuro vem confirmar mais tarde.

O povo tem uma filosofia especial, que ainda está por escrever; esse concurso de individualidades tão heterogêneas dá uma resultante, cuja noção não nos pode vir só do conhecimento isolado dos componentes.

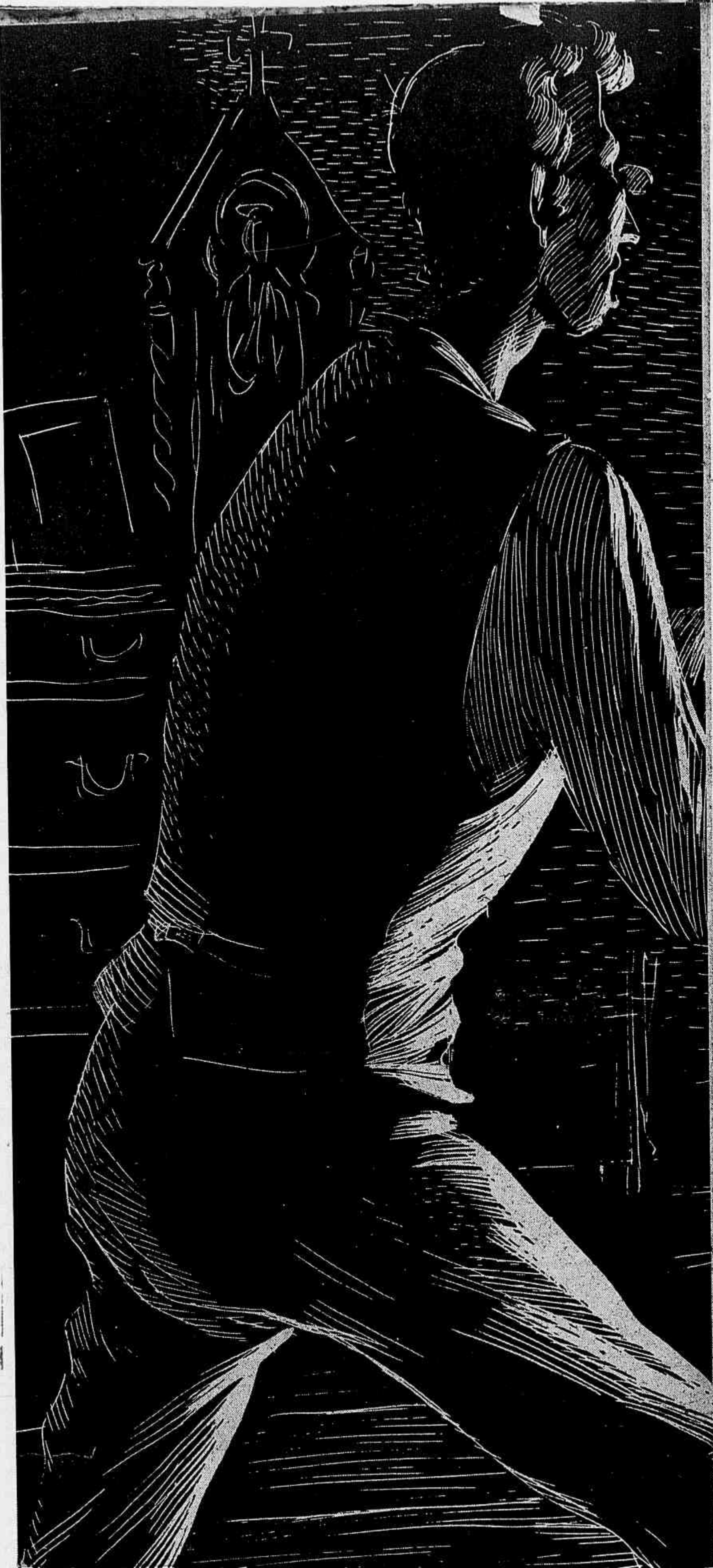
Quem o fosse estudar por uma análise minuciosa, quem, por um quase processo anatômico, o decompusesse em elementos, para um a um os examinar com escrupuloso cuidado, não o teria compreendido; não seria mais feliz do que se procurasse resolver o problema da vida dissecando um cadáver e aplicando o microscópio a cada fibra de seus tecidos e órgãos. Onde os homens se reúnem em povo, uma influência oculta se lhes associa, uma como inteligência comum: daí os enigmas da multidão.

A solução destes enigmas não a procurem, portanto, nos indivíduos, que neles não reside; está na entidade coletiva; assim como o modo de reagir do sal neutro não se encontra no ácido, nem na base, seus elementos únicos; é o resultado da combinação.

Sirvam estas reflexões de prefácio ao caso modesto e obscuro que vamos narrar e que as exemplifica.

Por uma das tais vozes interiores que entretém o povo dos mais recatados mistérios da vida de família, como se linguareiro duende lhós andasse segredando ao ouvido, era que, em uma pequena cidade da província do Minho, havia muito se tornara opinião geral que Cipriano Martins, octogenário que vivia miseravelmente na mais estreita e mal esclarecida rua do menos limpo e povoado bairro daquela já de si não muito apetecível terra, não obstante tais aparências pouco inculcadoras, possuía fabulosas riquezas e era devorado pela mais sórdida e inqualificável sôvina.

Nada podia modificar a opinião pública a este respeito; era absoluta, geral, intransigente, incapaz de vacilar, estável



no seu pôsto, que defendia heroicamente contra o ataque combinado de todas as aparências; sublima de pertinácia, admirável de resistência.

Nunca experimentara destas oscilações vulgares nas mais enraizadas crenças; nunca passara por alternativas de desfavor que até as idéias mais generosas sofrem no correr das épocas, nunca; nem quando os aguçados cotovelos do velho Cipriano rompiam escandalosamente através das mangas coçadas e beneméritas do seu casaco de saragoça; nem quando aos olhos dos comentadores se patenteavam as laceradas plantas, das botas colossais de que o nosso Harpagão usava, ou as numerosas cicatrizes — vestígios honrosos de longos anos de assinalados serviços — que lhe crivavam as calças, onde cada fábrica de tecidos tinha um espécime de seus produtos, combinados todos em artístico mosaico.

Cada vez que o inofensivo tema dos longos e pouco misericordiosos comentários populares entrava numa loja a com-

prar os parques materiais de sua diária alimentação e estendia a mão para receber os trocos miúdos, aos quais, como outro qualquer, tinha direitos incontesteáveis e garantidos por lei, havia nos circunstantes certo resfolegar de mófa que, ao voltar costas o velho, degenerava em bem significativas e nada equivocas exclamações.

— Olhem o unhas de fome!
— Sume-te, porco!
— E' capaz de se enforcar por um vintem!

— Se lhe caísse um pataco ao inferno, atirava-se lá para apanhá-lo, o tinhoso.

— Sovina!

— A pobre irmã morre à míngua por causa da mesquinhez deste tesoureiro do diabo.

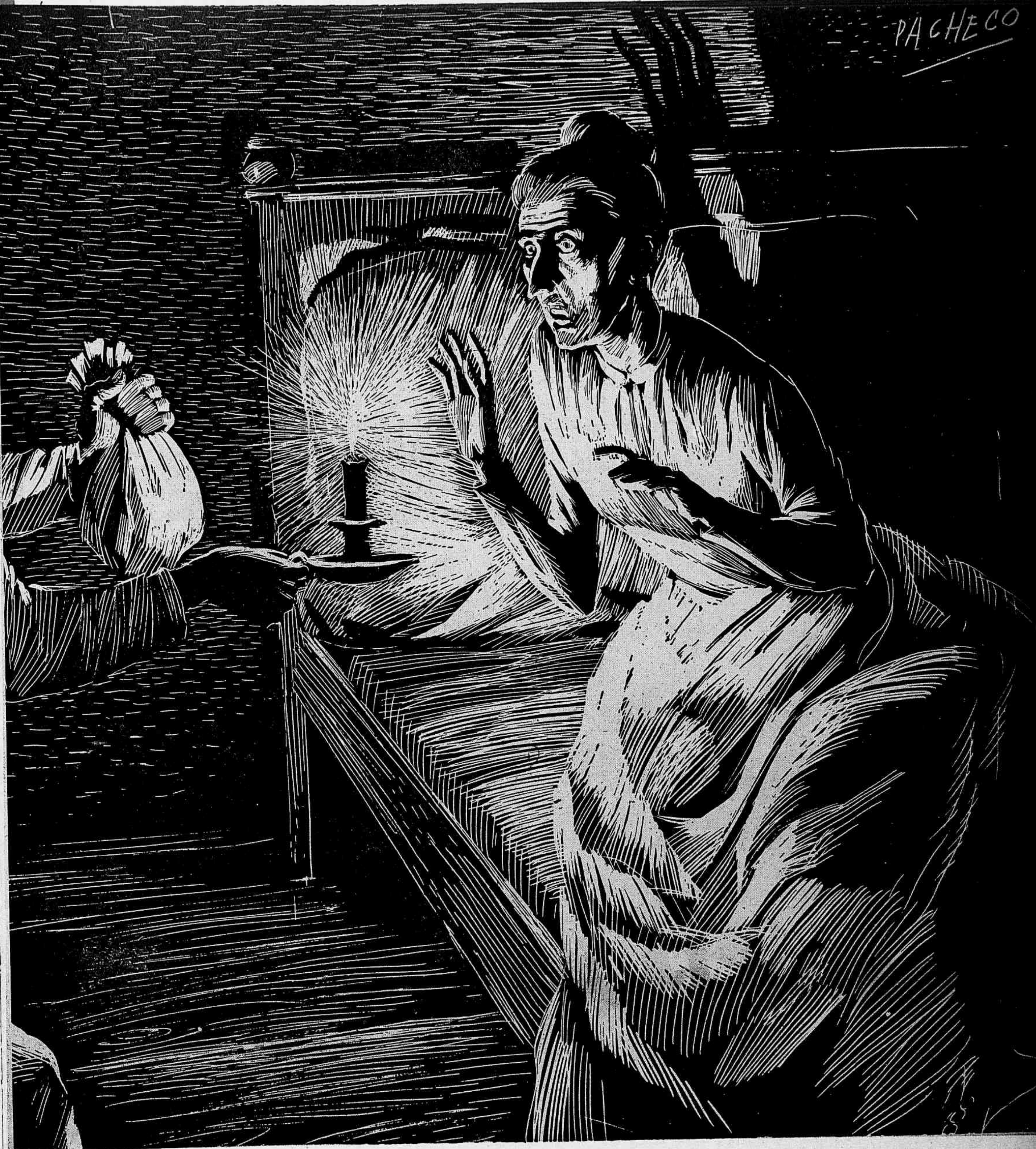
— Come duas sardinhas barrentas e cozinha só de três em três dias para não fazer despesa em lenha! Podem crê-lo?

— Junta, junta, para outros to gastarem!

O ESPÓLIO DO SR.

CIPRIANO

CONTO DE JULIO DINIZ



— O peso do teu cofre — que te l...
afogar na caldeira de Pêro Botelho!

E assim por diante iam as apóstrofes, cada qual mais lisonjeira para a reputação do modesto velho, cujos nervos felizmente se não supra-excitavam com tais estímulos.

Tinha uns invejáveis nervos do sr. Cipriano! A única das suas qualidades que lhe podiam invejar as leitoras.

Não há vício menos popular do que o da avareza, pela razão de serem poucos os que com ele lucram.

Assim, Cipriano Martins era uma personagem antipática para os seus compatriotas.

Mas quem lhe vira o dinheiro? Quem lhe descobrira a riqueza?

Neste momento, cada qual, interrogado à parte, encolhia os ombros, prolongava os beijos, enrugava a fronte e respondia:

— Diz-se.

Santa palavra! Salvatério das asserções arrojadas! Como a consciência fica tranquila quando, após uma afirmação

cuja responsabilidade não quer, a boca ofiosa te pronuncia! Descendente em linha reta daquele **traiçor** dos historiadores romanos, tu és, como teu ilustre avô, o melhor e mais universal excipiente em que se administram ao público fortes doses de boatos que ele engole de mais boamente do que quantas pílulas têm arredondado, de Hipócrates para cá, os dedos dos boticários ou apregoado os Holloways de todos os tempos.

Cipriano Martins tinha uma vez por ano as suas liberalidades, circunstância que, longe de amenizar a rudeza dos juizes públicos a seu respeito, antes a exacerbava; pois, de fato, nunca mais alto subiam as murmurações como quando em sexta-feira santa saía das algebeiras do sóbrio velho para as dos pobres da freguesia a quantia realmente importante de... cem réis em moedas de cinco.

Então é que era ouvir o povo.

— Arrancou hoje cem fibras do coração.

— Tem para chorar cem dias, o velho.

— E para jejuar outros tantos.

— Se isto assim continua, aparece-nos de alguma vez o homem enforcado em sábado de aleluia.

— Melhor, escusa o povo de queimar outro Judas.

Quando se entra na via das concessões é necessário não dar passos acanhados; sob pena de aumentar ainda mais a indisposição dos ânimos.

Consideração esta de longo alcance político, do obstatante as aparências modestas que a revestem aqui.

Cipriano Martins caiu doente, e não chamou médico.

A Câmara, que adotava o pensamento público sobre o estado financeiro do seu patricio, recusava inscrevê-lo no quadro dos pobres, razão pela qual o não visitou o médico de partido.

A Câmara andou assisada nisto e mostrou-se convencida da seguinte verdade, daída da boca de um grande vulto político:

«Quando os governos não tomam espontaneamente a iniciativa no movimento das massas, são arrastados por elas.»

Ora, a Câmara, que era o governo, e não pouco respeitável, não tinha grande vontade de ser arrastada; um dos vereadores, mais que todos, em cuja caixa de rapé estava representado em gravura o fim trágico de Mazzepa, sentia de si para si um estremecimento de grande desconforto só de ouvir o termo. Por isso, a Câmara adotou a opinião das massas.

Esta subiu ao auge de indignação vendo Cipriano desprezar a medicina.

— Olhem o miserável a regatear às portas da morte o preço da vida!

— O homem tem razão, — respondeu o barbeiro, a quem por consenso unânime fôra decretado o diploma de espírito da terra, — o homem tem razão, que bem conhece quão pouco ela lhe vale.

Este dito do ilustrado superintendente das mais respeitáveis barbas da fre-

ORLANDO
MATTOS



IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: Herbert Keeler
Para: J. K. Hoffheimer
Data: 5-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)
Caro J. K.:

Em vista da tremenda voga em que estão as biografias no cinema (Irmãs Dolly, Al Jolson, etc.), ocorreu-me que talvez pudéssemos fazer um filme baseado na vida de Jonathan Bindle. Só as vantagens da propaganda comercial da firma dele seriam fabulosas. Comunique-me a sua opinião.

Herbert Keeler, redator de entrechos.

★

IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer
Para: Herbert Keeler
Data: 6-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)
Caro Herb:
Quem diabo é Jonathan Bindle?
J. K. Hoffheimer, vice-presidente a cargo da produção.

★

IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: Herbert Keeler
Para: J. K. Hoffheimer
Data: 7-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)
Caro J. K.:
Estou realmente assombrado que você nunca tenha ouvido nada sobre Jonathan Bindle. Todos os jornais estiveram cheios dele há poucos dias. Ele teve em 1946 uma renda de dólares \$4.596.289,14, de acordo com cifras fornecidas pelo Departamento de Tesouro dos Estados Unidos. Bindle é presidente da Cia. de Bombons Super, e é considerado a terceira fortuna do mundo. Há oito anos não tinha um níquel. Hoje, possui mais de 500 milhões de dólares. Uma real história de sucesso, se é que já houve alguma. Estou firmemente convencido de que a vida de um tal homem inspiraria um documento cinematográfico que agradaria a todos os homens, mulheres e crianças verdadeiramente 100% americanos. E não se esqueça das vantagens comerciais.

Herbert Keeler, redator de entrechos.

★

IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer
Para: Herbert Keeler
Data: 7-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)
Caro Herb:

Fiquei profundamente impressionado pelo que você me disse. Verifique se o sr. Bindle quer cooperar conosco. Se ele aceitar, terei gosto em programá-lo como um dos super-especiais para 1948. Arranje-me todas as informações que puder.

J. K. Hoffheimer, vice-presidente a cargo da produção.

R. L. McCarthy

★

WESTERN UNION

Imperial Radio, Nova York, NY — 8-2-47.

Hoffheimer concorda sua sugestão biografia Bindle Ponto Aconselho comunicação sua direta com Bindle Ponto Explique que seria possível super-especial talvez tecnicolor Ponto Valor milhões para ele prestígio publicidade Ponto Abraços — H. Keeler.

★

IMPERIAL FILMES

Edifício Radio — Nova York — N.Y.
Sr. Jonathan Bindle, presidente da Cia. de Bombons Super — Edifício Titanic — Nova York — 10 de fevereiro de 1947.

Prezado senhor:

Pelo sr. J. K. Hoffheimer, um dos mais brilhantes produtores cinematográficos da indústria, foi-me feita uma sugestão para que realizássemos um filme baseado em sua vida e espetaculares sucessos e realizações. Sentimos que deve-



Conto satírico de F. HUGH HERBERT

(Autor teatral e cenarista cinematográfico de HOLLYWOOD)

★

Ilustração de O. MATTOS

IMPERIAL FILMES

Edifício Radio — Nova York — N.Y.
16 de fevereiro de 1947.

Srta. Kathleen Shane, secretária do sr. Bindle — Cia. de Bombons Super — Edifício Titanic — Nova York.

Prezada Srta. Shane:

Apreciei tanto o nosso lanche de ontem que estou certo de que, armada com os fatos adicionais que lhe apresentei, a senhorita será capaz de vencer as objeções do sr. Bindle. A senhorita é dona, se me permite, da mais atraente e persuasiva personalidade.

Incluo um permanente para o nosso Cinema Imperial, onde são exibidas todas as nossas películas, e, se me for possível auxiliá-la em alguma coisa, no futuro, qualquer que seja, peço-lhe a bondade de comunicar-me.

Cordialmente, Roger L. McCarthy, vice-presidente.

★

WESTERN UNION

Herbert Keeler — Imperial Estúdios — Hollywood — 17-2-47.

Avisé Hoffheimer negócio Bindle esquentando Ponto Ainda não entrei contacto Bindle mas estou tratando secretária Ponto Vocês já têm pronto um bom argumento Interrogação — R. L. McCarthy.

★

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Radio — Nova York, N.Y. — 18-2-47.

Praticamente nada temos sobre Bindle Ponto Apenas três linhas diretório Ponto Almoxxarifados jornais não têm fotos dele senão mil novecentos trinta nove Ponto Argumento não podendo ser preparado sem informações pedimos aporntar resumo vida dele onde nasceu onde foi educado etc. também algumas fotos recentes para que possamos escolher astro provisorio Ponto Abraços — Keeler.

★

IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: R. L. McCarthy
Para: Alfred Hines (Dep. Public.)
Data: 19-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)
Esperamos fazer um super-especial para 1948 baseado na vida de Jonathan Bindle, presidente da Cia. de Bombons

Super. Pare tudo o mais e arranje fatos sobre o sr. Bindle. Observe, por favor, que o sr. Bindle ainda não assinou um acordo conosco a respeito. Recusa-se a dar entrevistas e não gosta de popularidade pessoal, de modo que você precisará fazer uso de toda a discrição e diplomacia na obtenção das informações.

R. L. McCarthy, vice-presidente.

★

IMPERIAL FILMES

Comunicação Interna

De: Alfred Hines
Para: R. L. McCarthy
Data: 22-2-47
Ref.: Bindle (Biografia)

Passei três dias cavando material sobre Bindle, mas existe muito pouca coisa. Tem cinquenta e três anos, é calvo e um tanto gordo. Nasceu em Eggleston, Vermont, educado em escolas públicas da mesma cidade. Não é casado e não tem parentes. Os pais morreram quando ele ainda estava na escola. Mora em Roslyn, Long Island, sozinho numa casa de 28 aposentos, servida por 11 criados. Nunca dá festas. Frequenta a Igreja Batista. Recusa-se a dar entrevistas e a ser fotografado. Parece ser cordialmente detestado pela maioria dos empregados, tanto os domésticos como os da firma. Fortuna estimada em meio bilhão de dólares, o que é certo. Não fuma nem bebe. Nunca houve qualquer romance ou escândalo em sua vida que se possa descobrir, e note-se que eu falei com meia dúzia de jornalistas que o cobriram em várias ocasiões. — Alfred Hines.

★

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Filmes — Edifício Radio — Nova York, N.Y. — 23-2-47.

Já registrei a idéia Bindle Associação Produtores clamando prioridade Ponto Keeler avisou-me você logo terá tudo pronto Ponto Estou negociando Metro-Goldwyn-Mayer empréstimo Clark Gable para protagonista Ponto Que acha Interrogação — J. K. Hoffheimer.

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 23-2-47.
Clark Gable não é o tipo para Bindle. — R. L. McCarthy.

F. Hugh Herbert, autor dos argumentos de numerosos filmes de Hollywood, inclusive "Ninguém vive sem amor" (Kiss and Tell), com Shirley Temple, é um fino humorista, e não poupa os estúdios cinematográficos, com suas sátiras aceradas. Este conto, todo ele em forma de memorandos, cartas e telegramas trocados entre personalidades importantes de um estúdio (nos Estados Unidos tudo tem que ficar documentado por escrito), é uma sátira interessante e bem humorada à mania dos filmes biográficos que ultimamente vem predominando.

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Filmes — Edifício Rádio — Nova York, N.Y. — 24-2-47.

Se você pode completar negócio Bindle pela sexta-feira creio que posso arranjar com Zanuck Tyrone Power emprestado para papel Ponto Posso arranjar também Hedy Lamarr para esposa dele Ponto Favor responder — J. K. Hoffheimer.

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdio — Hollywood — 25-2-47.

Bindle não tem esposa Ponto Tyrone Power não é o tipo Ponto Favor não se precipitar Bindle ainda não assinou Ponto Estou sobre ele por todos os lados Ponto Você já completou a história Interrogação — R. L. McCarthy.

★

WESTERN UNION

Srta. Kathleen Shane — Aps. Anderson — Praça Times — Nova York — 25-2-47.

Querida Kathleen tentei encontrá-la telefone tarde toda mas você tinha saído escritório Ponto E' imperativo que eu veja Bindle amanhã ou quando ele quiser Ponto Se fizer isso para mim eternamente grato — Roger.

★

COMPANHIA DE BOMBONS SUPER

Edifício Titanic — Nova York, N.Y. 28 de fevereiro de 1947.

Sr. L. E. Buzzard, presidente da Imperial Filmes — Edifício Rádio — Nova York.

Caro Louie:

Um pobre imbecil seu empregado, cha-

mado McCarthy, anda tomando o meu tempo e o da minha secretária, escrevendo, telefonando e telegrafando constantemente sobre uma estúpida coisa que algum outro idiota da sua empresa chama de minha biografia cinematográfica.

Peço-lhe a gentileza de pedir-lhe que deixe de ser idiota e pare de me aborrecer. Sinceramente, Jonathan Bindle.

★

IMPERIAL FILMES

Edifício Rádio

Comunicação Interna

De: L. E. Buzzard

Para: R. L. McCarthy

Data: 28-2-47

Ref.: Jonathan Bindle

Incluo uma carta de Jonathan Bindle. Que diabo quer dizer tudo isso?

L. E. Buzzard, presidente.

★

IMPERIAL FILMES

Edifício Rádio

Comunicação Interna

De: R. L. McCarthy

Para: L. E. Buzzard

Data: 28-2-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Sugeri a Keeler, que sugeriu a Hoffheimer, que um filme baseado na vida de Jonathan Bindle seria uma boa idéia. As biografias estão na ordem do dia. São a coqueluche do momento. Uma vez que Henry Ford está morto e que J. P. Morgan não serve, pensei que Bindle seria o ideal. E pela carta dele verifiquei que vocês são amigos. Que tal fazer uma forcinha?

Somos a única grande companhia que ainda não fez uma biografia importante,

e creio que já é tempo de fazê-la. Bindle anda avaliado em mais de meio bilhão. E se isso não é uma história de sucesso, para uma renda recorde, eu quero ser mico. — R. L. McCarthy, vice-presidente.

★

IMPERIAL FILMES

Edifício Rádio — Nova York — N.Y. 1º de março de 1947.

Sr. Jonathan Bindle, presidente da Cia. de Bombons Super — Edifício Titanic — Nova York.

Caro Jonathan:

Obrigado pela sua carta tão gentil. Você sempre foi um patusco de marca maior, você sabe.

No entanto, nós todos aqui estamos entusiasmados com a sugestão do nosso McCarthy a respeito da sua biografia na tela, e tenho certeza de que seria um formidável drama épico da nossa era, um transcendental monumento da pujança, da inteligência e da perseverança americanas.

Peço-lhe dedicar toda a atenção ao assunto. Acabo de falar pelo telefone com o sr. Hoffheimer, nosso vice-presidente a cargo da produção, e posso lhe garantir que nunca o vi tão animado com uma película. Ele já aumentou a verba da película para dois e meio milhões de dólares e já telegrafou a Bernard Shaw uma tentadora proposta para que ele se encarregue do entrecho.

Sugiro para amanhã uma partidinha de golfe e um almoço, para que possamos discutir melhor o assunto. — L. E. Buzzard, presidente da Imperial Filmes.

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 2-3-47.

McCarthy e eu almoçamos com Bindle hoje Ponto Ele quer meio milhão direitos filmagem vida dele Ponto Quer também tudo submetido sua aprovação Ponto Senão nada feito Ponto Você acha público tão interessado Bindle justifique tanto Interrogação. — L. E. Buzzard.

★

WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Rádio — Nova York — 3-3-47.

Noite passada sondei várias pessoas respeito biografia Bindle Ponto Louella Parsons outros, inclusive jornais comerciais concordam formidáveis possibilidades Ponto Aconselho fechar negócio primeira oportunidade Ponto — J. K. Hoffheimer.

★

Da colunas de Louella Parsons, no «Los Angeles Examiner», de 4 de março de 1947:

...Estive com Jerry Hoffheimer, o mago da Imperial, numa festa, à noite passada... Disse-me que está fazendo os planos para uma estupenda biografia de Johnson Birrell, que todos vocês conhecem... Seria um terrificante sucesso...

★

Da coluna de Hedda Hopper, no «Los Angeles Times», de 4 de março de 1947:

...andei conversando com Jerry Hoffheimer. Entendi que ele tem em mão «A vida de George Bingham», que planeja fazer para a Imperial como um super-especial. O livro, disse-me ele, já vendeu cerca de 50 milhões de exemplares em dez anos...

★

Do «Hollywood Reporter», coluna de Rambling, 4 de março de 1947:

...E agora, pequenas, quem vocês imaginam que seja o atual romance de Jerry Hoffheimer, da Imperial? O nome dela é Josephine Beadle, parente próxima do general Bombom, do Exército Americano. Pelo menos foi o que me disse Jerry à noite passada. E ele pretende torná-la «estrela» da Imperial, segundo entendi...

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 6-3-47.

Negócio Bindle pode sair esta semana Ponto Faltam poucos detalhes Ponto A fim acertar tudo será necessário contratar secretária Bindle Kathleen Shane Ponto Fiz testes Shane aqui estou mandando via aérea você Ponto Quero saber sua opinião Ponto — R. L. McCarthy.

★

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Rádio — Nova York — 8-3-47.

Vi testes Shane Ponto Um sucesso Ponto Quer mesmo saber minha opinião Interrogação — J. K. Hoffheimer.

★

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer

Para: A. T. Freulich (Dep. Legal)

Data: 9-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

E' favor preparar imediatamente um contrato padrão sete anos com opções para Kathleen Shane, conforme correspondência anexa. Envie tudo por avião para R. L. McCarthy, Nova York. — J. K. Hoffheimer, vice-presidente.

★

APARTAMENTOS ANDERSON

Praça Times — Nova York

11 de março de 1947.
Sr. William Grady — Hotel Constitution — Nova York.

Querido Bill:

Depois da deplorável cena que você fez à noite passada no saguão, sinto que a única coisa a fazer é devolver-lhe o anel e desejar-lhe felicidades.

O sr. McCarthy, a quem você agrediu de maneira tão brutal e covarde, sem a menor provocação, não passa de um conhecimento comercial meu, que aliás não lhe diz respeito.

Peço-lhe a delicadeza de não tornar a procurar-me. — Kathleen.

Anexo: 1 anel



WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 12-3-47.

Assinatura Bindle infelizmente adiada vários dias Ponto McCarthy tratando assunto acidentado lar queixo quebrado Ponto Sugiro iniciar campanha publicidade intensa Ponto Abraços — L. E. Buzzard.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer

Para: H. V. Cradall (Dir. Public.)

Data: 12-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

O assunto Bindle estará resolvido em poucos dias. Quero que você trabalhe intensamente. Esperamos fazer um filme que valha a história: como um homem, na miséria apenas há oito anos, construiu um império à custa de gênio, suor e trabalho honesto, tornando-se dono de meio bilhão de dólares. Apoie-se nesse ponto. — J. K. Hoffheimer, vice-presidente.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: Herbert Keeler

Para: J. K. Hoffheimer

Data: 13-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Caro J. K.:

Bernard Shaw ainda não respondeu a nenhum dos meus cabogramas e cartas. Creio que devemos reconhecer que ele não deve estar interessado em redigir o argumento da vida de Bindle. É pena, porque ele fez um bom trabalho sobre Pigmalião! Tenho pensado em Robert Sherwood e Ben Hetch, mas acho que nenhum dos dois tem o toque de que precisamos.

Enquanto não escolhemos em definitivo, entreguei a Phoebe Quillan e Bertram Parch os trabalhos preparatórios. Os dois acabam de terminar o entrecio de um bom far-west. Já procuramos por todos os cantos e ninguém na companhia tem serviço para eles, de modo que podemos usá-los até que tenhamos o grande nome procurado. — Herbert Keeler, redator de entrecios.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: Bertram Parch e Phoebe Quillan

Para: J. K. Hoffheimer

Data: 17-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Temos uma idéia sobre Bindle que gostaríamos de discutir consigo pessoalmente, caso tenha tempo disponível. — Bertram Parch e Phoebe Quillan.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer

Para: Bertram Parch e Quillan Phoebe

Data: 17-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

O sr. Hoffheimer estará ocupado durante vários dias no corte de «Herança de amor». Ordenou-me que mandasse seu memorial ao sr. Keeler, com quem, como os senhores sabem, devem ser tratadas todas as idéias sobre histórias. — Blanche Yates, secretária.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: Herbert Keeler

Para: Bertram Parch e Phoebe Quillan

Data: 18-3-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Comunico-lhes que de hoje em diante estão dispensados dos trabalhos preparatórios da biografia de Bindle. Procurem o sr. Gipef, que lhes dará um filme seriado.

Não mais devia ser necessário repetir a redatores contratados, que, presumivelmente, conhecem nossos métodos, que não apreciamos tentativas de discussões diretas com os produtores sobre histórias, assunto que deve sempre ser tra-

tado por intermédio deste departamento. — Herbert Keeler, redator de entrecios.

Do «Hollywood Reporter», de 20-3-47: A IMPERIAL TOMA GRIPES DE EMPRÉSTIMO — Gilbert Gripes, primeiro redator da Paramount, foi cedido à Imperial para cuidar do entrecio da biografia de Bindle. Diz-se que vai colaborar com Herbert Keeler, que deixará por algum tempo o seu cargo de direção para escrever de novo. Quatro outros escritores contratados estão recolhendo fatos sobre Bindle...

Do «Variety», de 24 de março de 1947: EMIL LUDWIG PARA O TOQUE FINAL — Embora alguns bons redatores estejam trabalhando no entrecio da biografia de Bindle, diz-se que Jerry Hoffheimer, o produtor-chefe da Imperial, está interessado no concurso de Emil Ludwig, o biógrafo mestre, para os toques finais na história.

Do «Los Angeles Examiner», de 27 de março de 1947:

EM BUSCA DE BINOLE — Exaustivos testes foram iniciados pela Imperial em busca do ator conveniente para o papel de Jonathan Bindle, na sensacional filmagem da vida deste magnata, que deverá ser iniciada o mais tardar em julho. Já foram submetidos a testes 23 luminares da tela.

Do «Los Angeles Times», de 28 de março de 1947:

DIFICULDADES NA ASSINATURA — Três grandes estúdios estão tentando bater a Imperial com histórias baseadas na

fantástica vida de Jonathan Bindle, bilionário magnata dos bombons. Enquanto a Imperial proclama ter já a assinatura do herói, circulam rumores de que houve um impasse na questão.

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Rad'io — Nova York, N.Y. — 28-3-47.

Demora assinatura atrapalhando tudo Ponto Fracasso agora seria desastroso Ponto Campanha já pleno desenvolvimento Vinte milhões escolares esperam única saga verdadeiro americanismo Ponto Vida Bindle suplantará tudo matéria romance sucesso bilheteria Ponto Bindle precisa estar estúdio Abril conferência sobre história etc. Ponto Que está atrapalhando Interrogação — J. K. Hoffheimer.

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 29-3-47.

Sinto demora Ponto Voltei só hoje trabalho triste doença Ponto Bindle assinará contrato hoje tarde Ponto Estará Hollywood quarta-feira noite Ponto Seguirei também assim termine serviço dental Ponto Abraços — R. L. McCarthy.

IMPERIAL FILMES

Estúdios

(Via aérea)

De: J. K. Hoffheimer

Para: Todos os atores, diretores, redatores, funcionários

Data: 4-4-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Daremos um gigantesco banquete no

Hotel Biltmore na próxima terça-feira, 8 de abril, em homenagem a Jonathan Bindle, cuja vida vamos filmar. Pedimos-lhes o obséquio de comparecer, todos, sem falta. — J. K. Hoffheimer.

Do «Daily Variety», de 9 de abril de 1947:

UM FRACASSO O BANQUETE DO BILTMORE — Todos os membros da Imperial divertiram-se imensamente no banquete ontem oferecido no Biltmore a Jonathan Bindle... todos menos o homenageado, que primou pela ausência. Bindle desculpou-se alegando estar muito ocupado em conferência com os redatores encarregados do entrecio.

HOTEL AMBASSADOR

Los Angeles

12 de abril de 1947.
Sr. J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood, Califórnia.

Caro sr. Hoffheimer:

O sr. Bindle já leu os cinco esboços que o senhor teve a gentileza de mandar-lhe e encarregou-me de comunicá-lhe que todos são inaceitáveis. Ele não permitirá o menor deslize nos fatos verídicos da sua vida.

Pessoalmente, digo-lhe que achei todos muito bons, mas o sr. Bindle é difícil de agradar.

Estarei bastante ocupada nos próximos dias, instruindo a minha substituta, mas já no próximo domingo estarei livre e à sua disposição, como o senhor sugeriu-me pessoalmente.

(Cont. na pág. 92)







Na página ao lado: Que sorte a de Joaquinha Castilho, a menina-prodígio de Taubaté, não ter nascido no tempo da sala balão e da crinolina, do leque de renda e das rótulas. Joaquinha é do tempo do macacão e a verdade é que lhe assenta muito bem. Em cima: As mulheres se queixam de que os homens não são tão corteses como antigamente. Os homens dizem que elas não são mais tão femininas como antes. O caso é que agora homens e mulheres não são nem amigos, nem inimigos, mas competidores.

DEIXARÃO OS HOMENS DE TRABALHAR?

AS PROFISSÕES DAS VIUVAS HÁ 30 ANOS — AS DOCEIRAS, UMA PROFISSÃO EM DECADÊNCIA — O TRABALHO FEMININO TORNA A MÃO DE OBRA MAIS BARATA — "PARA COMPRAR PÓ DE ARROZ E BAITON", UM MOTIVO PODEROSO — A MULHER QUE TRABALHA FORA E A FELICIDADE CONJUGAL

De RUTH GUIMARÃES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

SUPONHAMOS que houvesse um retrocesso na história da humanidade, um milagre em grande estilo que pusesse num chinelo os do manso taumaturgo de Rio Casca. A um repórter é permitido sonhar catástrofes ou encantamentos, simplesmente para ter um assunto sensacional. De mais, Wells e Júlio Verne já imaginaram coisas piores. Bem. Suponhamos que um ditador, — mais ditador do que jamais o foram Hirohito, Hitler, Getúlio, e a coleção inteira dos cézares — pudesse algum dia fazer reentrar nos lares, para o seu lugar diante do fogo doméstico ou do tanque de lavar roupa, a mulher que dele saiu, para os escritórios, fábricas, repartições, universidades, para as corretagens a 10%, para os balcões de lojas e para as oficinas.

MULHERES DE ONTEM E DE HOJE

Nas pequenas cidades do interior, até há bem pouco tempo, mulher só trabalhava em casa. No Brasil inteiro, há menos de um século a mulher nem aprendia a ler, para não escrever cartas aos namorados. Nunca estava sem tutela. Passava diretamente da tutela do pai — o patriarca — para a do marido. Se ficasse viúva, sem um amparo

masculino, — o braço forte, — teria que lavar roupa, fazer flores, bordar, costurar, cozinhar ou morrer de fome. Não havia alternativas, além dessas, de maneira nenhuma. Isto é, havia. A algumas tudo era permitido. Havia as repudiadas da sociedade, de quem diriam as donas de casa, as acorrentadas, as servas, as superiores, enfim, com esse encrespar de lábios tão sugestivo e esse venenoso olhar que todas temos em certos momentos: — «Eu não sou dessas»...

Em certa cidadezinha, cujo nome não vem ao caso, aconteceu que Doninha, da melhor família, ficou viúva e já não tinha pais nem ninguém que cuidasse dela. Viúva e sem herança. Poderia ficar como «a prima» — prima pobre, essa apagada e lamentável figura, comum nas casas senhoriais dêses brasis, mandada por todos, atormentada pelas crianças da casa, desprezada pelos donos da moradia, feita para ouvir os murmúrios dos criados e levar recados, para providenciar as festas, cuidar das costuras, do lanche dos meninos, trabalhar sempre e sem descanso, ser desconsiderada e importuna, mesmo que nada dissesse, pois tal é o preço de ser o parente pobre, às sopas de outro parente. Pois Doninha pesou bem a questão, maduramente, fechada no quarto que de repente se

A enfermagem foi aceita pela sociedade do século passado como profissão feminina. Foi uma cunha que o feminismo conseguiu colocar no conservadorismo. Hoje, nas grandes cidades, é uma profissão rendosa e as formadas pelas escolas oficiais de enfermagem não chegam para os pedidos.





Grandes magazines das capitais aproveitam senhoritas em seções que vendem exclusivamente artigos para homens. Muita coisa usam os homens para agradar às mulheres, logo é justo que elas opinem sobre o assunto.



As mulheres invadiram as universidades. Aqui estão, como estudantes, graciosas e risonhas. Daqui a dois ou três anos, aparecerão de beca, e com maneiras doutorais e graves.



Na página ao lado: uma profissão que passou a utilizar-se com vantagens do elemento feminino: as "garçonettes" dos cafés-em-pé. Trabalho cansativo no qual a empregada não tem um minuto de descanso, não pode conversar e nem tempo tem para namorar os fregueses, pois esses demoram pouquíssimo à sua frente, o mínimo necessário para engulir em três goles o cafézinho. Apesar de toda a cansaça e do ordenado insignificante, sem gorjetas, não faltam candidatas para esses balcões.

havia tornado grande de mais. Pensou e resolveu trabalhar. Sair de casa para um escritório ou uma fábrica, seria a desculpa. Doninha não tinha coragem bastante para ficar «na língua do povo». Então vendeu as poucas jóias que lhe ficaram, comprou dois tachos grandes de cobre, dos ciganos, arregaçou as mangas do vestido preto de merinó e começou a fazer doces para vender. Era caprichosa, cuidadosa, arranjou dois moleques para vender os doces na rua, em grandes tabuleiros de madeira, e em pouco tempo era a doceira mais famosa da redondeza. Vivia bem, com uma modesta renda, e pôde pôr os filhos «para estudar». Hoje Doninha está velha e é uma suave mulher de cabelos brancos e mãos trêmulas, de dedos queimados e cortados. Chamam-na pitorescamente de dona Doninha.

Sem dúvida, fazer doces é um trabalho exaustivo. Porém quantas histórias de Doninhas e Sinhazinhas, por essas cidades perdidas, onde a mulher não trabalhava fora, num serviço leve, para não dar o que falar.

POR QUE AS MULHERES TRABALHAM?

Sim. Por que? Do ponto de vista social, seria o caso de discorrer sobre o serviço doméstico, que ainda permanece no regime da servidão, sem horário, sem remuneração, sem descanso, sem direitos e sem férias. E então nós as mulheres, que provisoriamente nos livramos dele, poderíamos ficar caladas por um minuto. Senhoras! Um minuto de silêncio, em homenagem às sufragistas, às feministas, às pobres e ridículas precursoras, condicionadas pela evolução natural da sociedade!

Em São Paulo, não é preciso procurar motivos para o trabalho feminino, fora do lar. Eles vêm ao nosso encontro, sem serem chamados. Na metrópole há mais liberdade, mais moças que vieram do interior, à procura de colocação, é o clima, a influência européia, sabe-se lá o que modifica tão profundamente a feição de uma cidade, os seus costumes e a sua gente.

Poder-se-ia sugerir que o motivo é haver menos casamentos e mais mulheres solitárias, o que é desmentido pelo grande número de mulheres casadas que trabalham. E também que em São Paulo o hábito do trabalho, como se poderia chamar a incessante atividade paulistana, está mais generalizado.

O FATOR DA MÃO DE OBRA

Os mais pessimistas diriam que as duras condições de vida, do momento — que fazem com que somente uma pessoa a trabalhar, numa família, não dê conta do recado — sejam as responsáveis pela invasão cada vez maior do elemento feminino às repartições e fábricas e escritórios.

A condição econômica influi de maneira alarmante. A mão de obra feminina é mais barata que a masculina. Todas essas razões são aceitáveis, com argumentos pró e contra. Essa questão de preço do braço feminino, por exemplo, pode ser desmentida nos concursos para preenchimento de vagas em cargos públicos, com salários padronizados, iguais para ambos os sexos. Geralmente entram 80% de moças. Nas universidades é cada vez mais numerosa a invasão de risonhas estudantes, candidatas a sábias.

A invasão não se dará, certamente, por haver um estímulo masculino. Pelo contrário. Procura-se rechaçar para dentro de casa a onda cada vez maior, a onda risonha das mulheres que querem trabalhar. O Banco do Brasil, para citar só um exemplo, abriu um concurso só para homens.

A FUTILIDADE, UM DOS MOTIVOS

Há um certo temor, não sei se da possível ineficiência, ou se do resto. Talvez de um hipotético próximo futuro matriarcado, como Monteiro Lobato previu para a América do Norte. E tal cuidado para barrar o caminho das mulheres nas atividades comerciais e industriais não será para poupar-lhes esforço, certamente. O trabalho do lar nada tem de suave. Não vejo maneira de considerar mais leve lavar uma colcha, que molhada pesa dez quilos, do que, por exemplo, bater cartas a máquina num escritório.

Com tudo isso, ainda não foi dito por que as mulheres saem de casa para trabalhar. Procurando

Esta moça, neste momento, está com jeito eficiente, trabalhando; porém, quando lhe perguntamos porque trabalha, falou com a expressão mais saborosamente radiante do mundo, esta coisa imensa: — "Gosto de comprar pó de arroz e baton, sem precisar estar pedindo dinheiro ao meu marido."





Na página ao lado: Um "batente pesado", experimentado no Rio para as filhas de Eva foi o de trocadora de ônibus. Apareceram muitas candidatas que trabalharam vários meses. Apesar de serem mais atenciosas que os trocadores e contar, por isso, com o apólo do público, parece que desgostaram da profissão. Já não se as vê mais nos ônibus cariocas.

saber-se a razão disso, é fácil ouvir de balconistas, as mocinhas bonitas das lojas americanas, que têm à tarde um círculo mais escuro em torno dos olhos e uma expressão de fadiga no canto dos lábios — que trabalham «para ajudar em casa». Essa resposta é dolorosamente frequente. Mocinhas em idade escolar, com 16, 17 anos, passam oito horas em pé, atrás de um balcão de quinquilharias, ouvindo gracinhas de desocupados.

Dem. Mas para muitas mulheres o trabalho não é uma questão premente de subsistência, do tal imperativo do momento: — quem não trabalha não come, e, entretanto, lá estão elas, firmes, na hora certa, assinando o ponto, como se aquilo fosse a coisa mais imprescindível do mundo.

Afrânio Peixoto, que nos deu retratos imortais de mulher, verdadeiros cortes anatómicos da alma feminina, dizia, em «Uma mulher como as outras»: «Elas não são iguais, não, senhor. Cada mulher é uma. E há cada uma!».

E porque elas não são iguais, não, senhor, as respostas a esta pergunta «Por que trabalha?» são as mais variadas.

— Trabalho porque preciso. Que pergunta! — replica uma viva garota de cabelos soltos, balconista de uma perfumaria. — Senão não estaria aqui. Estaria...

Não tem tempo de completar o pensamento. Atende uma freguesa, diz preços de água de colônia, de pó, de estojo de unhas, mostra potes de creme. A freguesa sai majestosamente, sem comprar coisa alguma.

— Está vendo? — E' por isso que não gosto de trabalhar aqui.

— E em outro lugar, gostaria?

— Se ganhasse bastante, como não?

Sorri, ajeita os cabelos e conclui com uma espontaneidade e uma candura que desarmam:

— Melhor não precisar, não é?

Algumas são menos sinceras. Como aquela funcionariuzinha municipal que tem grandes olhos e gosta de laços e cores vivas.

— Trabalho porque gosto de trabalhar — diz ela.

Sim. Algumas podem gostar de trabalhar, mas não gostam, evidentemente, de marcar ponto na hora certa, de ficar presas seis ou oito horas numa oficina ou num escritório, quando as tardes de verão são tão lindas e as ruas tão claras, e é bom passear de vestido leve e sapatos abertos. E' tão bom parar para ver os modelos sob as marquises da «Vogue», na hora quente do meio-dia! E' tão melhor ainda tomar o chá no «Mappin», fazer as unhas, ou ir simplesmente à «matinée», assistir à «última» do Stuart Granger!

Outra que trabalha como caixa de uma grande casa da rua Barão de Itapetininga, e tem maneiras suaves e gestos lentos, repousou o queixo nas mãos e murmurou uma justificação negativa:

— Não gosto de estar pedindo dinheiro em casa.

Algumas moças declararam que trabalham para poder sair à rua todos os dias. São filhas de pais severos, tradicionalistas, que não se ajustaram ao ritmo de vida moderno.

Outras dizem que não é bom ficar em casa fazendo tricô e arrumando cozinhas.

Fazer o jantar e lavar a louça dependem tanto de vocação como o sacerdócio. E é surpreendente constatar que a grande maioria das mulheres não gosta disso. Não falemos de mulheres moças, de adolescentes (que querem naturalmente passear), nem das balzaqueanas, — em suma, dessa barulhenta mocidade de após-guerra, que já experimentou que gosto tem fazer o que quer, e que excelente gosto tem não ter que se preocupar com os arranjos caseiros. Senhoras idosas, de pouca instrução, que nunca fizeram outra coisa que cuidar dos filhos e da casa, confessam com uma saudade impossível na voz:

— Gostar do serviço de casa, não gosto; a gente faz por obrigação.

— Mas a senhora sempre fez isso. Devia estar acostumada.

— Ninguém se acostuma. O mais que se pode fazer é conformar-se. De serviço que não tem fim, nem horário, nem compensação, ninguém gosta.

— A senhora não gostaria de fazer outra coisa?

— Agora já passei do tempo.

— E antes?

A minha idosa interlocutora tem um sorriso difícil de ser interpretado.

— Antes? — A pergunta é lenta e refletida.

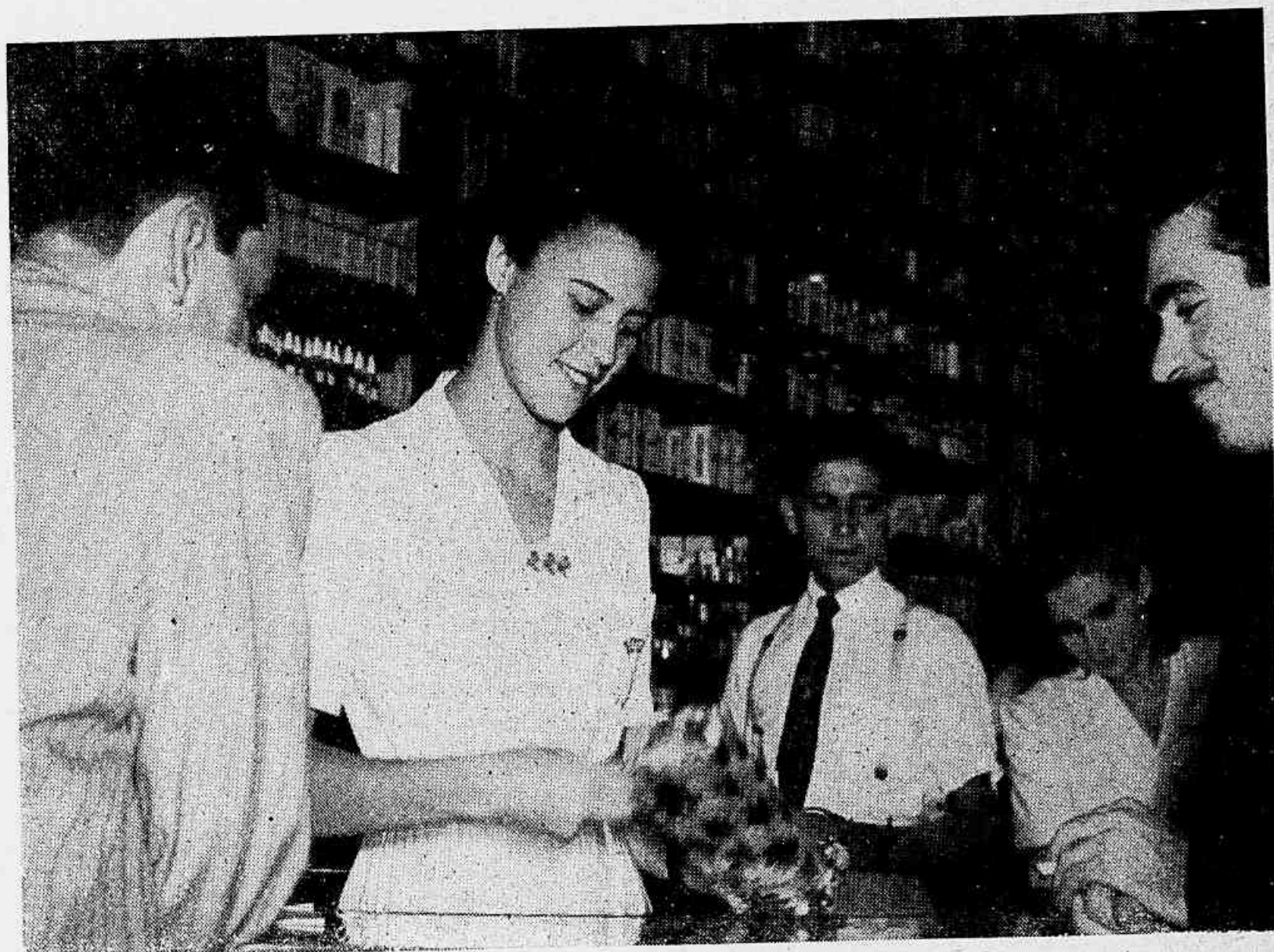
— Primeiro, não sabia fazer outra coisa, e, segundo, no meu tempo, mulher era para ficar em casa.

Certa moça que trabalha num escritório indus-

Este é um quadro familiar nos escritórios da Paulicéia. Eficiência e graça. E' verdade que nas Repartições públicas, algumas funcionárias que não renunciaram de todo aos mistérios femininos levam o tricô, para passar o tempo.



O ensino hoje em dia, seja ele primário, secundário ou universitário está aberto aos homens e às mulheres em igualdade de condições. O elemento feminino supera mesmo, em algumas universidades, o sexo forte. Instruindo-se mais, tem a mulher maiores oportunidades na vida futura.



Esta caixeira de uma drogaria da Lapa é insubstituível na seção de medicamentos para senhoras. Quando o movimento em sua seção escasseia, ela ajuda os companheiros nos outros balcões





Da esquerda para a direita: A manicure é uma das mais antigas profissões femininas. Elas fizeram um verdadeiro açambarcamento do ramo e não há homem que se atreva a cuidar das unhas de um seu colega de sexo. Os homens foram obrigados a descer e se ocupam apenas dos pés... Como diria o poeta das mulheres e dos adolescentes, na luz de opala de uma sala clara, havia jarrões com rosas vermelhas sobre o piano, — "os teus dedos cantando no teclado — e o meu beijo cantando em tua mão." — Isso sim, era permitido e de bom tom. Trabalhar fora de casa? Quando, "mi vida"? Quando? Sim. A mulher poderia ser doceira ou lavadeira. E também, depois de alguma desilusão, ou quando ficasse sôzinha, poderia ir para um convento e ser uma dessas brancas e piedosas monjas de mãos piedosas e de olhos tristes.

trial e tem o jeito mais saborosamente radiante do mundo, falou esta coisa imensa:

— Trabalho porque gosto de comprar pó de arroz e bâton sem precisar estar pedindo dinheiro ao meu marido.

Parece achar uma nova solução, antes de voltar ao «Contas Correntes»:

— A gente desacostuma de pedir.

E OS HOMENS, QUE FARÃO DEPOIS?

A mulher invadindo quase todos os setores da atividade masculina, eis uma experiência em grande escala, cujos resultados surpreendentes começam a aparecer, mas ainda não podem ser avaliados em toda a sua extensão. Que isso está mudando o conceito dos sexos e as suas relações e reações,

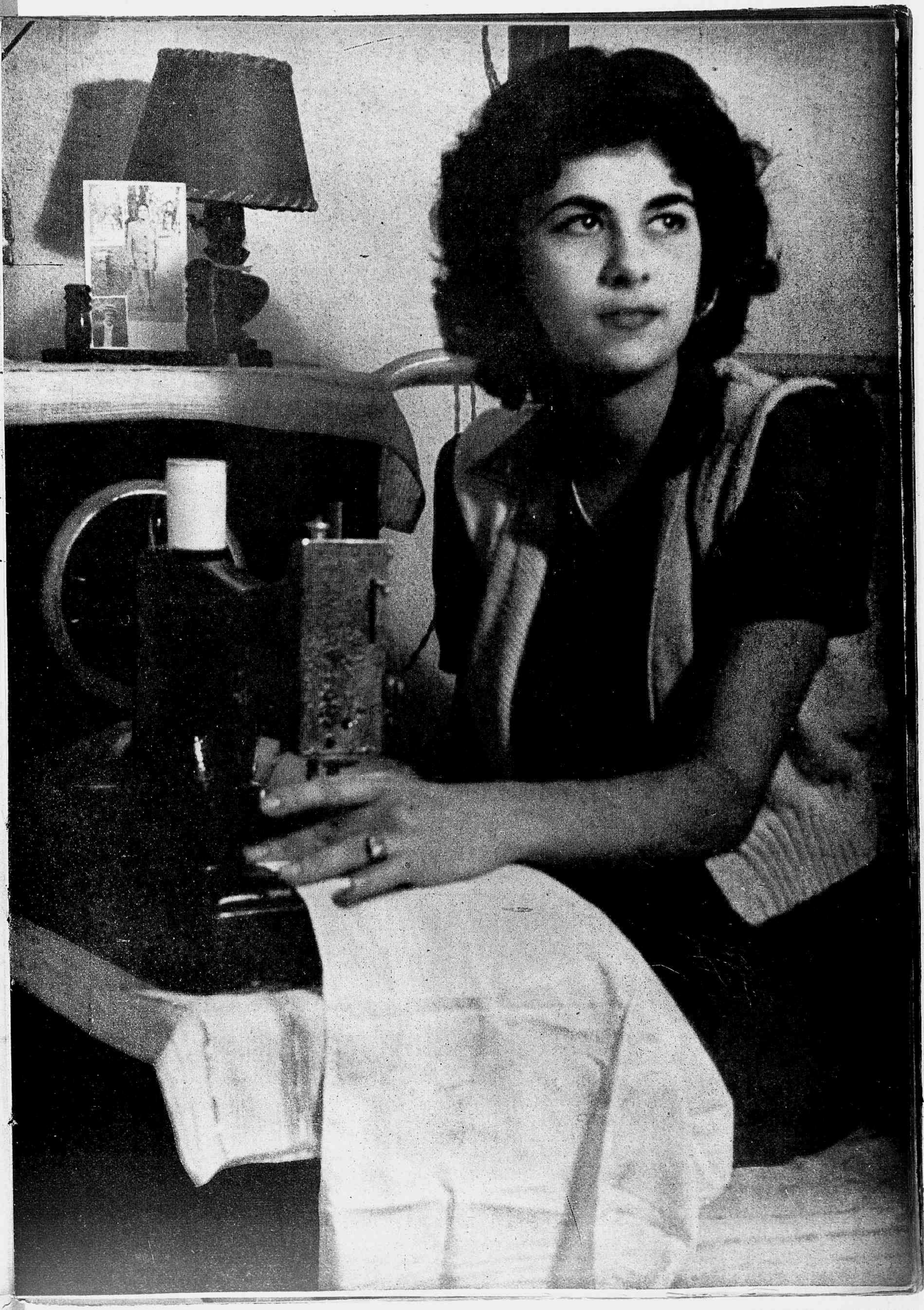
isto está. As mulheres se queixam de que os homens não são mais tão corteses como antigamente, e eles devolvem a queixa proclamando que a mulher não é mais tão feminina. Ambos têm razão, provavelmente. A época é de transição e é tudo natural e necessário. Em questão de audácia e

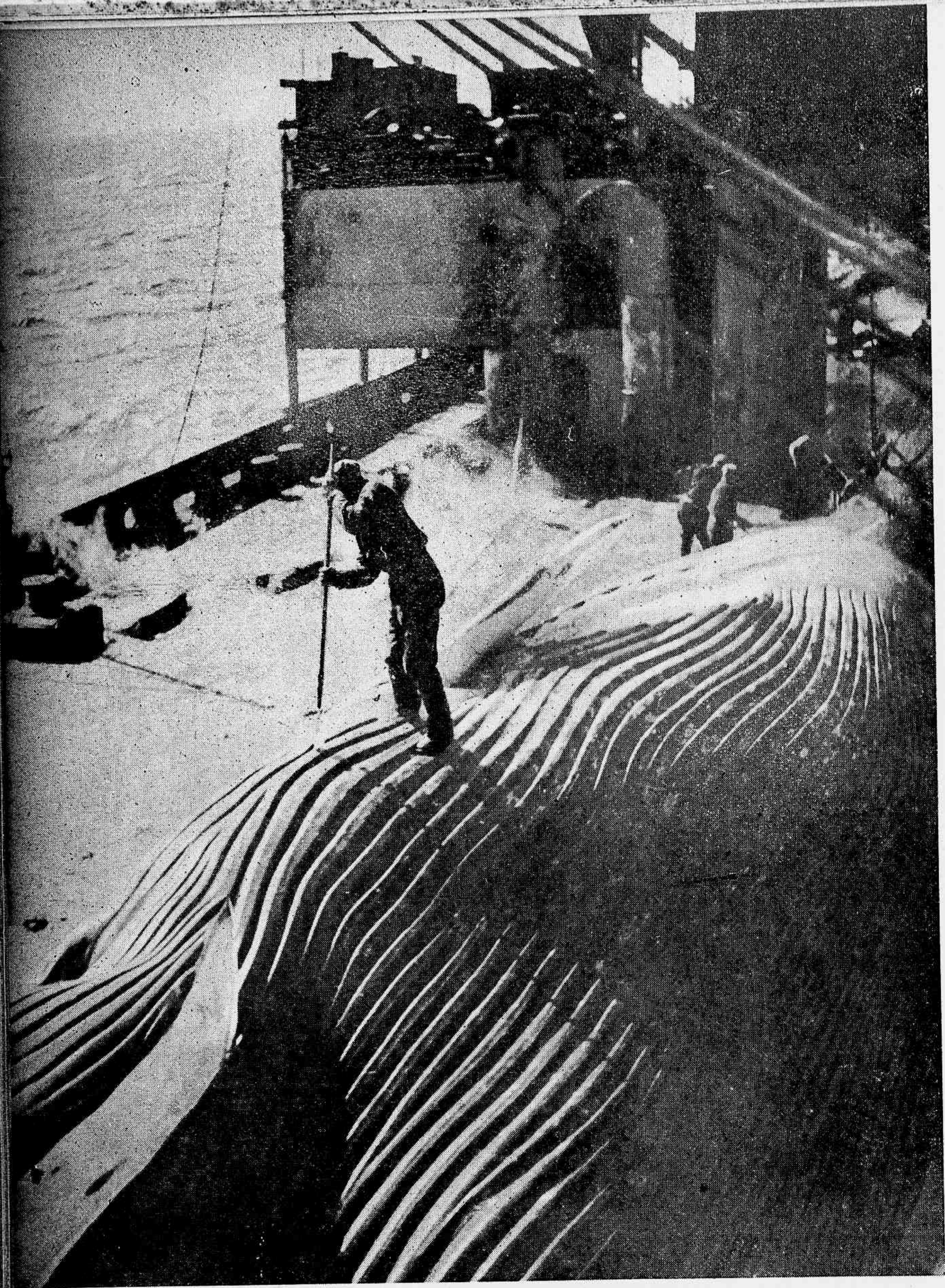
(Cont. na pág. 98)

Na página ao lado: Com o trabalho feminino em todos os setores, veio a sua independência e com esta, alguns problemas. No Rio, um dos maiores para as comerciárias que vivem sós, é encontrar uma moradia decente e barata. Esta mocinha conseguiu ambas as coisas, obtendo um quatinho na Associação das Senhoras Brasileiras, na rua da Quitanda.

Em baixo: Leveza de pluma e graça de aves harmoniosas, pairando no ar. A dança foi em todos os tempos feminina e leve.







LONDRES, abril — Depois de sete meses de penosa atividade nas águas próximas ao Círculo Antártico, o "Balaena", — cognominado fábrica flutuante, — acompanhado dos seus doze barcos auxiliares, ancora no porto de Southampton, dando, assim, por terminada uma das maiores expedições mundiais de pesca à baleia.

Quando o "Balaena" deixou o porto de Belfast, à frente da frota, suas instalações internas ainda não estavam inteiramente concluídas. A terminação das obras, em futuro próximo, permitirá melhor aproveitamento das baleias, logo que estas sejam içadas para bordo. Seis serão os sub-produtos que poderão ser confeccionados, a saber: carne para alimentação do gado, Bovril, óleo de fígado para a fabricação de vitamina A, extrato de fígado para fins alimentícios, extrato de osso para adubo e carne super-congelada para o consumo humano.

O "Balaena", que desloca 22.000 toneladas, tem uma tripulação de 300 homens, entre marinheiros e trabalhadores. Os navios auxiliares, de 700 toneladas cada um, conduzem quatorze tripulantes. Eles se abastecem de combustível e víveres no "Balaena", que recebeu, por sua vez, o auxílio de um navio-tanque duas vezes durante os sete longos meses de atividades nas águas polares.

Comandou a expedição o capitão Pedersen, um valente norueguês já perfeitamente familiarizado com as duras tarefas

Ao alto, à esquerda: Vemos aqui uma baleia e mais árduos da vida do pescador. A direita: baixo, à esquerda: Na tarefa de fabricação de

A MAIS FABULOSA PESCARIA DO MUNDO

NAS REGIÕES ÁRTICAS — O "BALAENA" E SUAS INSTALAÇÕES MODELARES — QUASI 400 HOMENS PARA PESCAR 16 000 BALEIAS — UM MILHÃO DE LIBRAS ESTERLINAS AINDA É POUCO! — TRABALHA-SE ATÉ AOS DOMINGOS... — O CACHALOTE E O MILAGRE DO AMBAR-GRIS — PARA QUEM GANHA MUITO, UMA VIAGEM BASTA!...



da caça à baleia. No comando de cada um dos doze navios auxiliares seguiram oficiais altamente experimentados e perfeitos atiradores.

A pesca à baleia exige, aliás, que os comandantes dos navios empenhados nessa penosa tarefa sejam exímios manejadores de armas de fogo. Quando eles avistam, do alto da ponte, uma baleia, descem correndo pela prancha, especialmente construída, que liga a ponte à proa, e atacam a presa com o arpão carregado de poderosa carga de pólvora e ligado a uma comprida corrente pelo cabrestante na extremidade. Às vezes se torna necessário mais de um tiro. A carga de pólvora explode no corpo da baleia e quando esta mergulha ou sossobra, o cabrestante arrasta-a para perto do navio. Uma bomba automática entra então a funcionar, enchendo a baleia de ar para que ela continue a flutuar.

Cada um desses barcos auxiliares pesca a média de duas a cinco baleias por dia.

O ESQUARTEJAMENTO

Quando o navio-fábrica está preparado para receber os cetáceos, estes são içados para bordo por uma enorme cábreia, instalada no interior do barco. No primeiro passadiço, a baleia é despojada da carne por meio de terríveis cortes, que a deixam reduzida à carcassa. Essa operação é denominada esquartejamento.

Em seguida, a carne é levada ao fogo para a obtenção do

óleo. E, assim, um a um, vão-se enchendo os 36 tanques existentes a bordo do "Balaena", os quais podem armazenar 3.000 barris cada.

A baleia fornece aproximadamente cem toneladas de óleo, ou sejam 700 barris, — fato, sem dúvida, extraordinário, — sabido que para encher sete barris são necessários mil litros de combustível.

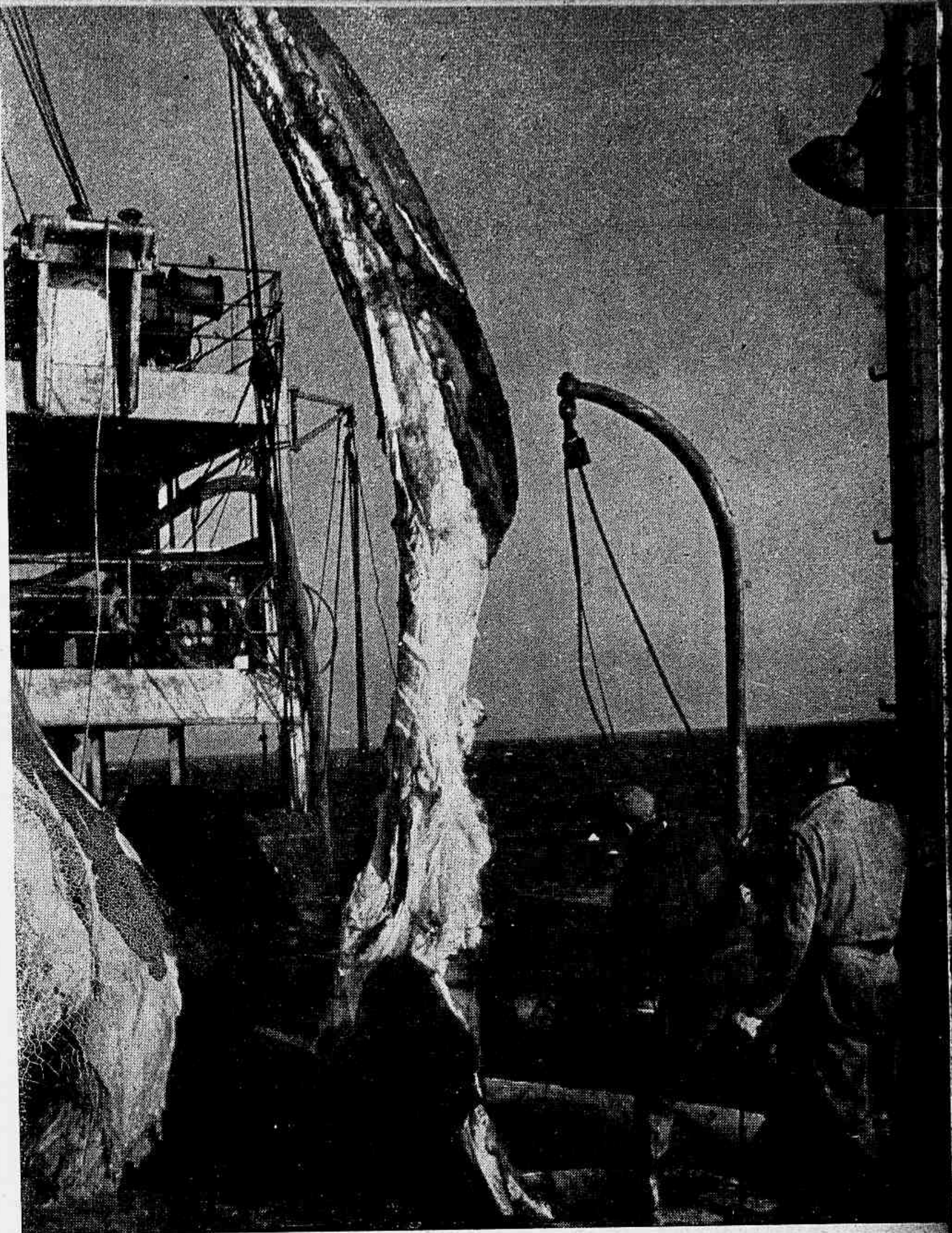
A carne é cortada em pequenas porções, que permitem o seu fácil manuseamento. A melhor parte é congelada para fins de consumo humano, ou industrializada, transformando-se em extrato de carne. Os ossos são cortados por gigantescas serras a vapor e transformados em extrato para fins de adubo.

Por exigências da própria indústria, o número de baleias que pode ser pescado no curso de uma temporada — que se prolonga de dezembro a abril — é cuidadosamente regulado de acordo com as condições de cada ano. Na temporada atual, por exemplo, o máximo concedido foi de 16.000 unidades.

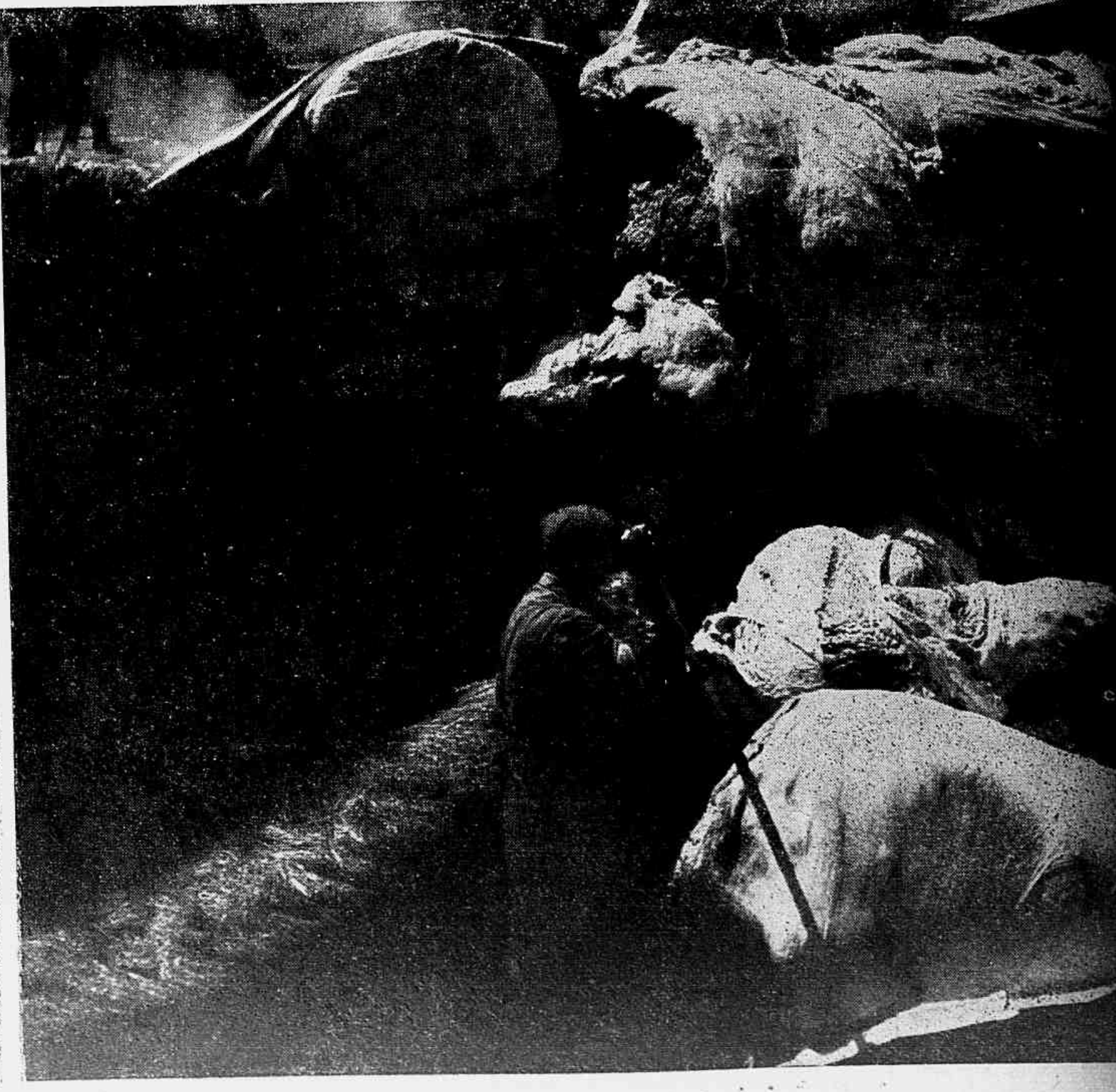
No início da temporada é permitida a pesca do cachalote — cujo óleo alcança preços elevados, pois tem larga aplicação na indústria de cosméticos, servindo outrossim para lubrificação dos maquinismos delicados e de alta precisão.

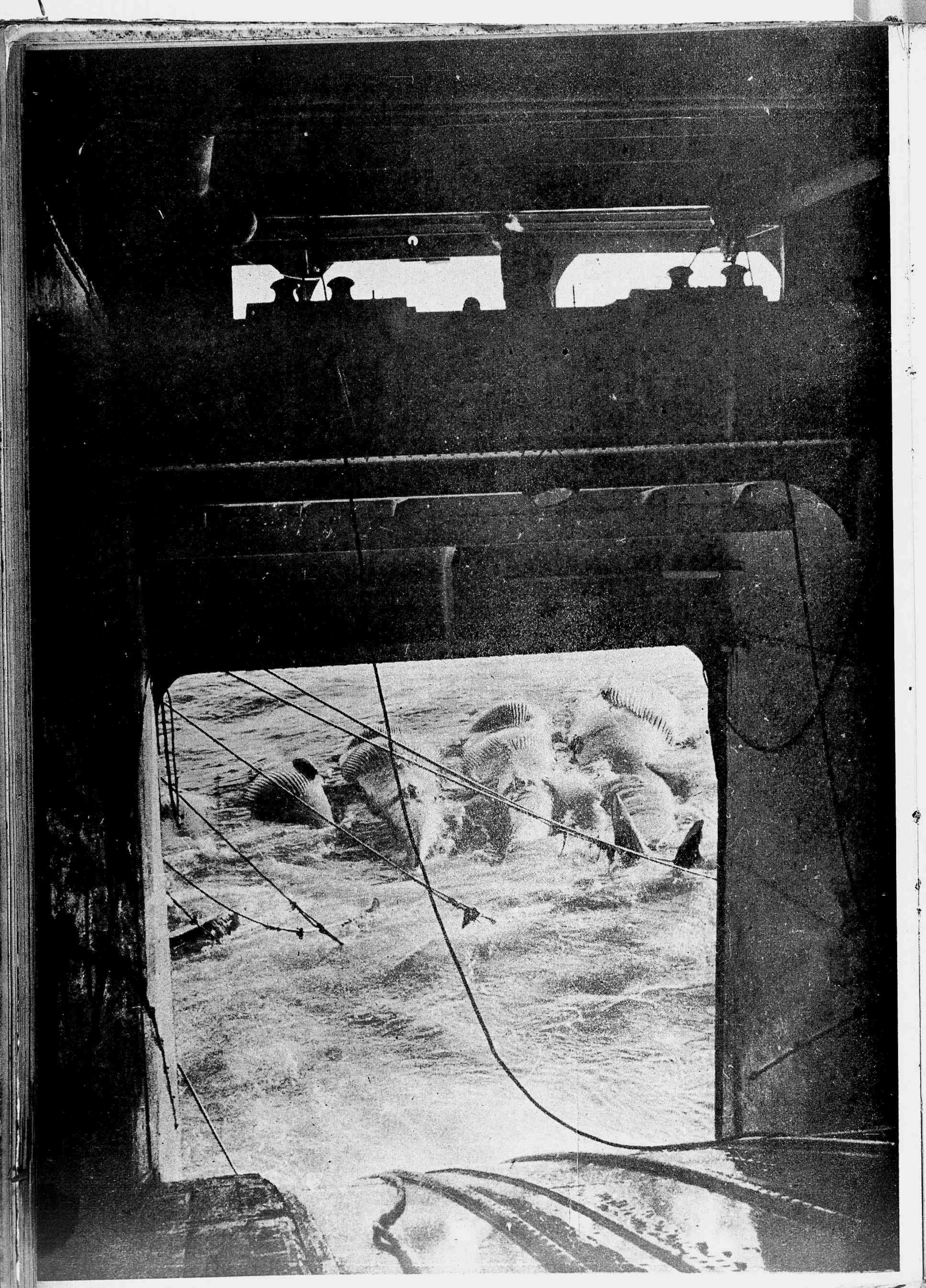
E' rigorosamente proibida a pesca de baleias em estado de gestação ou de comprimento inferior a 58 pés.

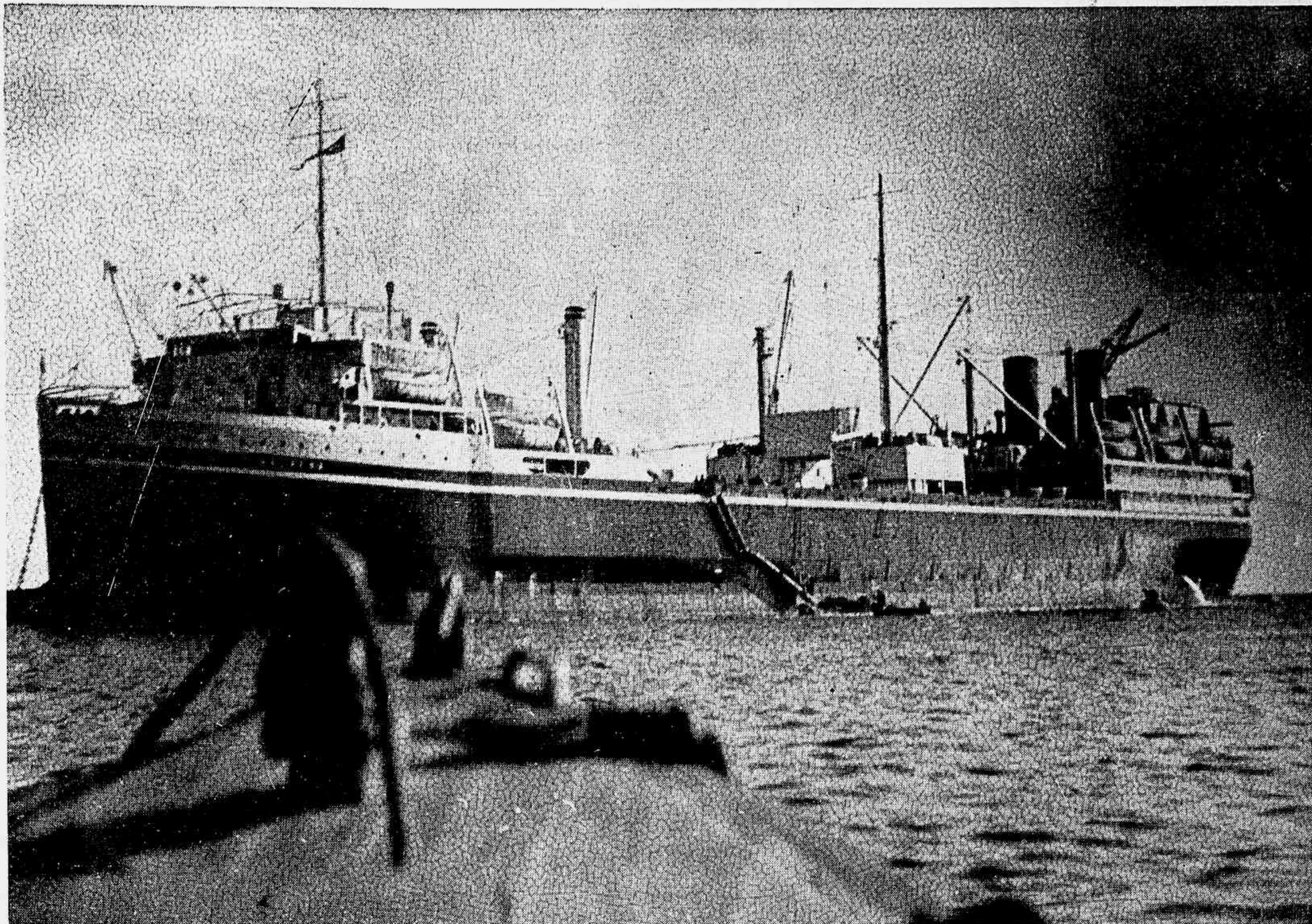
(Cont. na pág. 96)



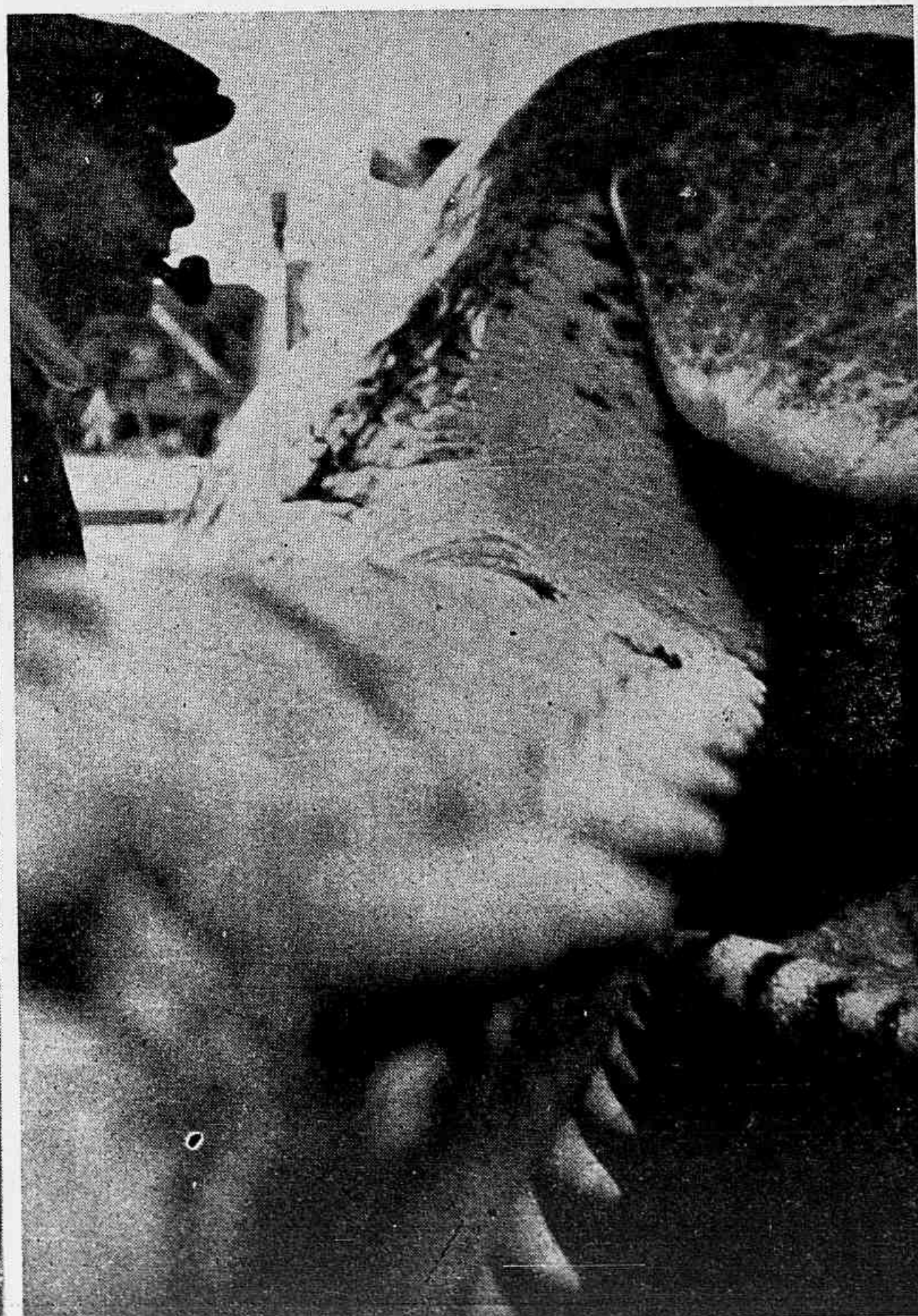
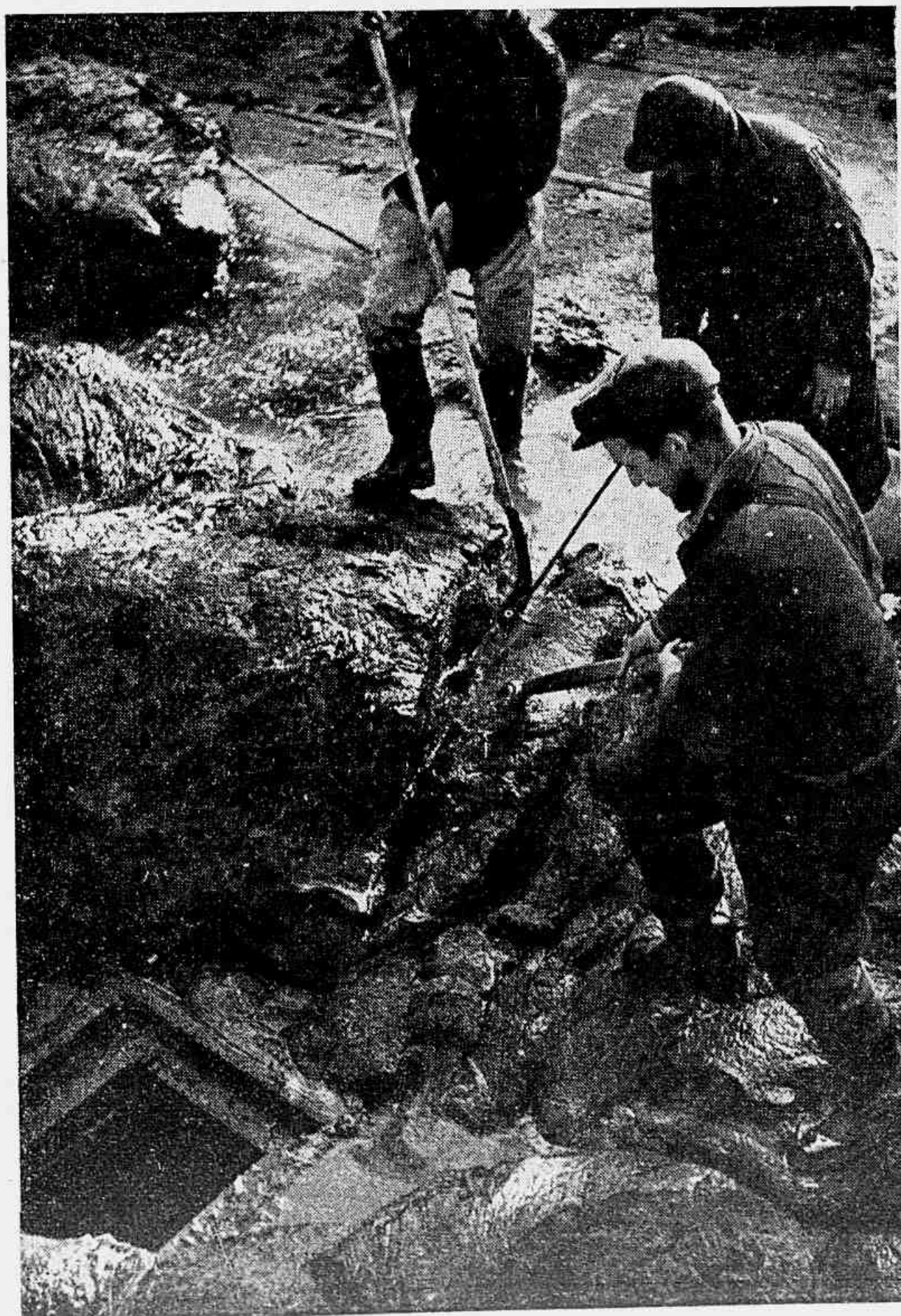
...a estendida no convés do barco, onde o homem que lhe corta a pele, parece bem insignificante. Este trabalho executado sobre uma baleia de cerca de 30 metros de comprimento é um dos mais penosos, trabalhando no interior de uma baleia.

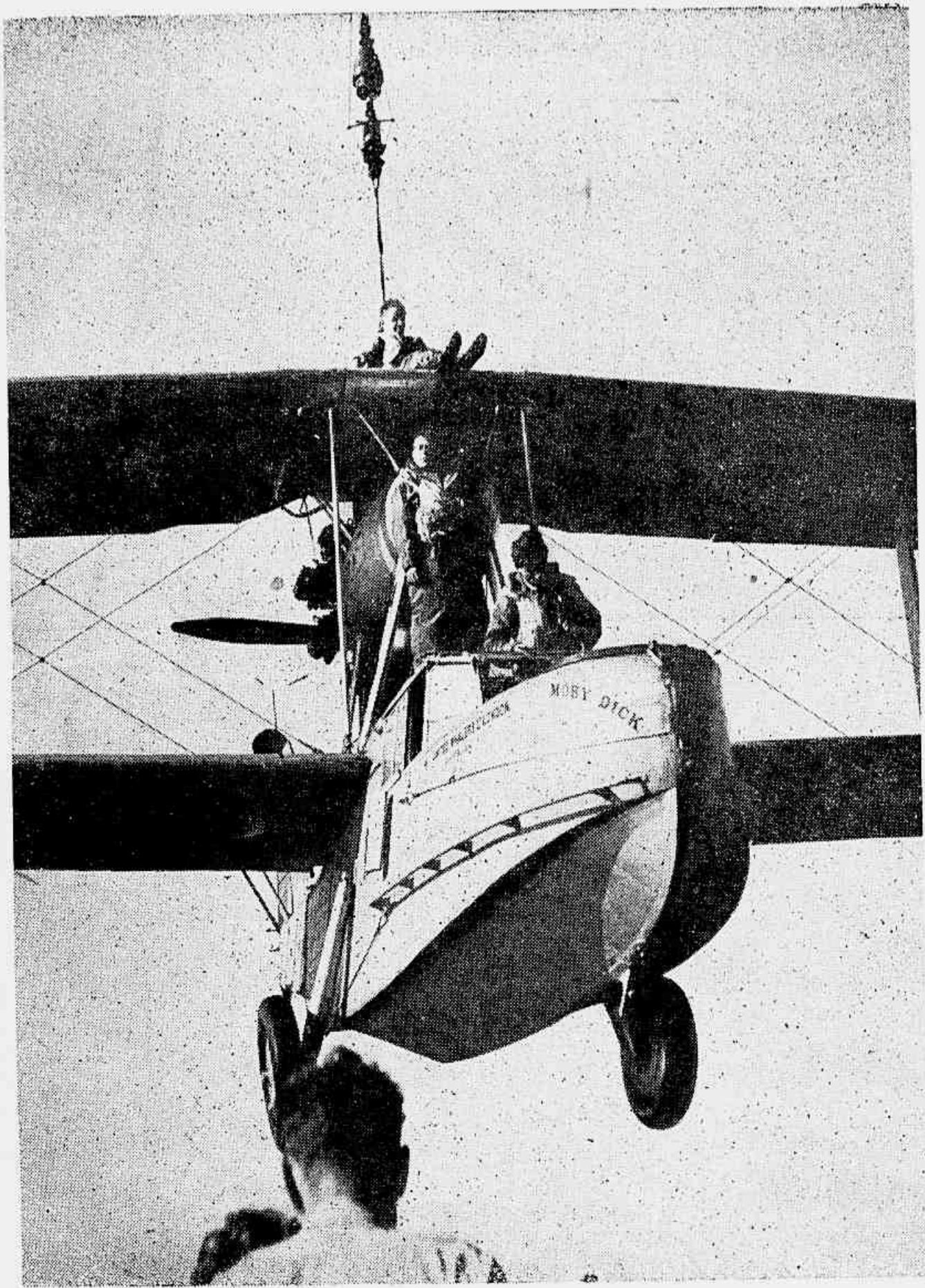
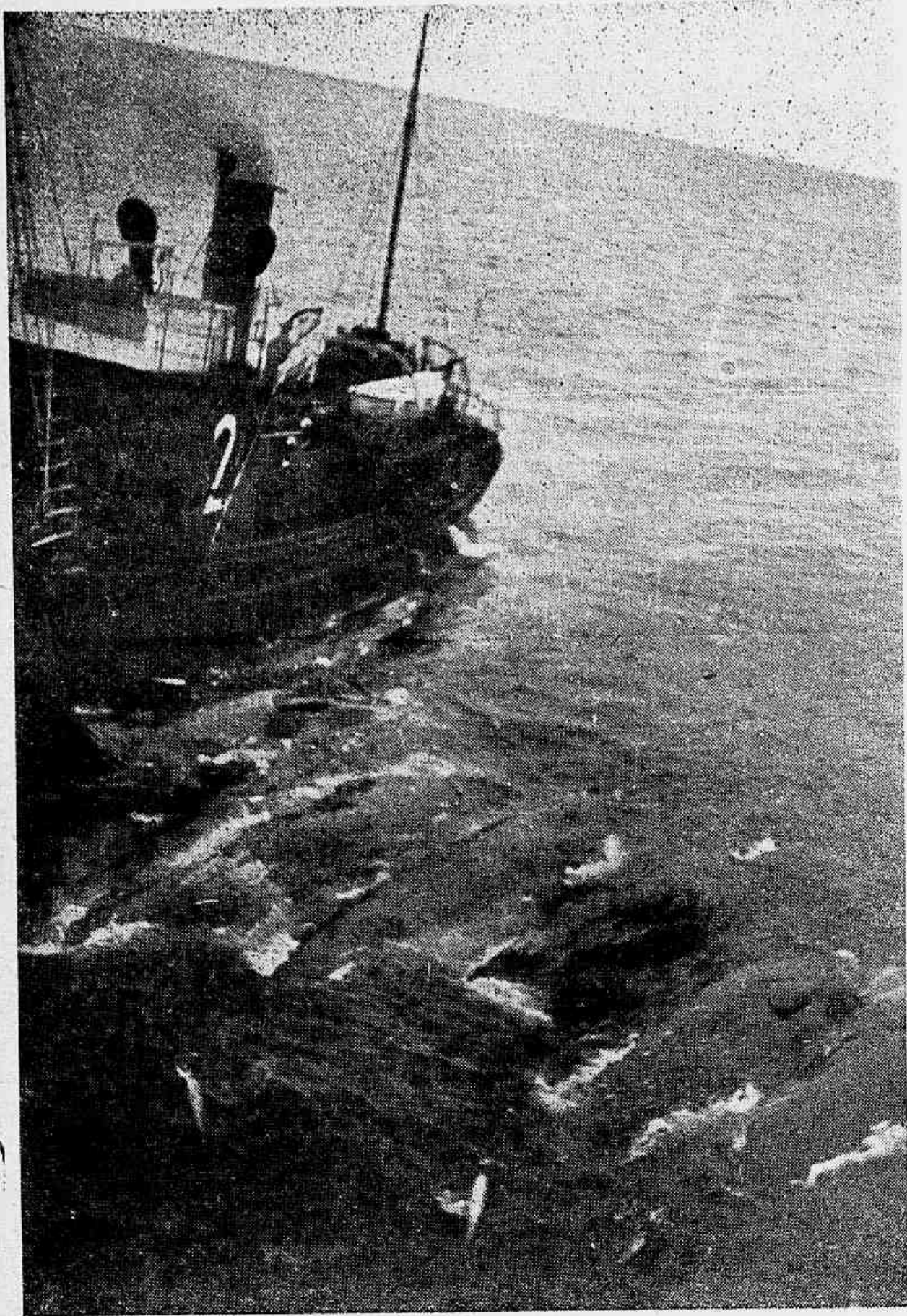






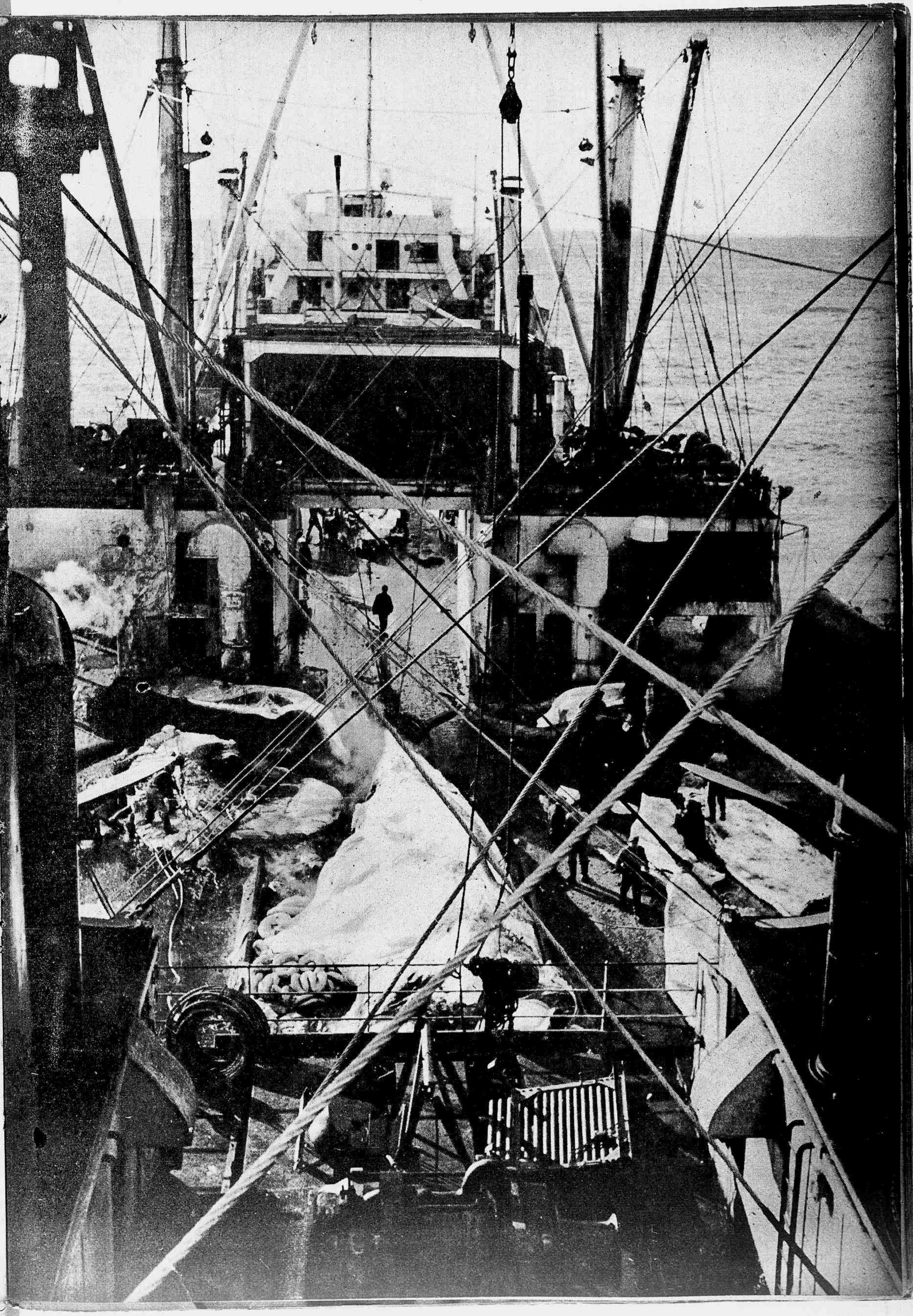
Na página ao lado: Vemos um grupo de baleias, já mortas, que vão ser içadas para bordo do "Balaena". Nesta página, ao alto: O "Balaena", grande barco de pesca à baleia, cognominado "fábrica flutuante", ancorado ao largo de Tonsberg. Em baixo: Sobre um monte de carnes estão três cortadores trabalhando para encher uma das caldeiras do barco. O que vemos acima é apenas parte dos dentes do gigantesco cetáceo — o maxilar superior.





Ao alto, à esquerda: Um dos navios-auxiliares da expedição aborda o "Balaena", trazendo a carga do dia. A direita: Um avião tipo Walrus, alçado por um guindaste do navio, é preparado para realizar um vôo de reconhecimento. Em baixo: Os trabalhadores cortam a carne da baleia em postas, antes de levá-las às caldeiras. Na página ao lado: Aspecto do interior da "Balaena", num dia de grande atividade.







MAURICE CHEVALIER CONTA AS SUAS MEMÓRIAS

MAURICE CHEVALIER decidiu dividir em três partes suas recordações de homem e de artista. Ele mesmo nos explica o motivo: «Eu sou um dos últimos personagens cuja carreira terá sido contrastada por três gerações: antes de 1914, antes de 1939, e agora. Deverei gritá-lo?».

«Ma route et mes chansons» foi a narração da infância, da adolescência e dos primeiros sucessos do delicioso *chansonnier*. Parou mesmo aos começos da Primeira Guerra Mundial, quando o rapazola Maurice, já *partner* e amante de Mistinguett, foi cumprir seu dever de soldado, indo parar, depois de pouco tempo, num hospital militar, por causa dum ferimento. Foi um livro extraordinário, cheio de u'a malícia e de uma ingenuidade ao mesmo tempo únicas. Robert Kanter definiu Chevalier escritor: «Un Dickens à l'état sauvage». E, efetivamente, havia nas aventuras de Maurice, pelas ruas e pelos cabarets daquela que era então *la ville folle*, algo dum Oliver Twist parisiense, misturado com muito Gavroche. Foi a reevocação despretensiosa e sincera daquela mesma época de que Chevalier está hoje representando o herói, no filme de René Clair, «Le silence est d'or».

«Londres, Hollywood et Paris», que acaba de sair, abrange todo o período entre as duas guerras. E' a história da glória de Chevalier: o começo duma carreira independente, fora da sombra de Mistinguett; a conquista dos grandes teatros de Paris e de Londres; o casamento com Yvonne Vallée; a extraordinária aventura de Hollywood; a decadência cinematográfica (a glória do cantor nunca foi abalada) e a volta ao país natal. Uma história simples e excitante, contada com uma verve endiabrada e com muito sentimentalismo. Sim, porque Maurice é um temperamento patético. Nunca o teriam ima-

DO TRIUNFO, EM PARIS, COMO "CHANSONNIER", AO APOGEU CINEMATOGRAFICO EM HOLLYWOOD — O SUCESSO, OUTRA VEZ, COM O FILME DE RENÉ CLAIR

Por RUGGERO JACOBBI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

ginado? E' só ver o tom das lembranças de amor, neste livro — ou, especialmente, todas as referências à mãe do artista, que fica sendo a figura principal das suas memórias também neste período. Imaginem só: até quase os quarenta anos — até o dia de sua partida para Hollywood — o malicioso cantor, o cômico elegante, o mais parisiense dos parisienses, continuou vivendo na casa da mamãe, indo e voltando do Casino e das Folies Bergères assim como as crianças vão e voltam da escola. Como mentem os mitos!

A primeira fuga da tirania de mamãe e de Mistinguett (que foi, ela, também, uma espécie de progenitora artística) verifica-se em 1921, quando Chevalier vai atuar por alguns meses numa companhia inglesa. O embaraço, a solidão, a melancolia de Momô em Londres é algo contagioso. Parece até que as brumas da cidade se expandem sobre a memória do artista e sobre as páginas do livro. De volta a Paris, o sucesso: o primeiro grande, o incontestável sucesso: a opereta «Dédé».

A reação de Chevalier diante do êxito é de espanto e quase medo. O repentino entusiasmo das multidões, dos críticos, das grandes figuras da política e da sociedade, que vão cumprimentá-lo todas as noites no camarim, deixam o cantor preocupado. Lá se foi a alegria, a simplicidade de sua vida e de seu trabalho. Maurice sabe muito bem que estas coisas são perigosas. E' difícil cumprir as grandes promessas para com o público. O delírio, na maioria dos casos, é passageiro. Ademais, ele nunca pensou em ser um verdadeiro artista, e agora não se sente com forças para continuar. Tem a impressão de que o público está sendo vítima de uma brincadeira que mais cedo ou mais tarde será desmascarada. E interrompe abruptamente suas memórias para nos contar a história de uma dezena de artistas cuja glória durou *l'espace d'un matin*. Uma série de anedotas tristes, às vezes trágicas.

A crise chega ao climax quando Chevalier começa a sentir o cansaço causado pelo excesso de trabalho. Então a alma e o físico conspiram juntos. Cada noite, diante do público, o terror de ter esquecido o papel torna-se verdadeira neurose. Deixa o teatro e vai repousar numa clínica. Paris se enche de boatos. Chevalier perdeu a memória. Perdeu a voz. Foi arruinado por sua vida de desordem, pelas mulheres, pela bebida... E Chevalier começa a reagir; de repente, consegue reerguer-se, ensaiando, com a apreensão de um novato, um espetáculo para os doentes da clínica. Cnega ao palco num verdadeiro pânico. A metade da primeira canção a crise se resolve.

De volta ao trabalho o pessimismo, o ceticismo com que o público o estava esperando, constitui um motivo favorável: a surpresa multiplica o sucesso. E' a época

Na página ao lado: Maurice Chevalier teve uma grande crise, a certa altura de sua carreira. Deixou-se dominar pelo medo do público e quase abandonou a carreira... Em baixo: Maurice Chevalier e Marcelle Darrien, sua "partenaire" no filme «O silêncio é de ouro», em que obteve um grande sucesso, sob a direção de René Clair.





Ao alto, a direita: Maurice Chevalier, — que se popularizou no mundo inteiro através de filmes como “Alvorada do Amor” e “O tenente sedutor”, — vem de publicar, em Paris, o segundo volume de suas memórias. A esquerda: Marlene Dietrich foi a grande palxão de Maurice Chevalier em Hollywood. Com ciúmes da intérprete de “Anjo Azul”, que nessa época era assim, foi que Yvonne Vallée o forçou a divorciar-se.

das grandes canções de Chevalier. A época de «Valentine». Entre os episódios de sua nova glória há um recital na Embaixada de Espanha, diante do rei e da rainha. Depois do primeiro *couplet* de «Valentine», Chevalier começa a observar o nervosismo de um espectador ilustre: Edouard Herriot. De repente, o cantor se lembra de que a canção não é exatamente casta. A força de cantá-la, ele havia se esquecido do conteúdo dela. Começa a vor, na imaginação, cenas terríveis: a rainha que se levanta e sai da sala; Herriot que pede desculpas em nome da França, o embaixador demitido, talvez prêso... Tenta mudar algumas palavras do texto, mas não consegue,

naquele transe. Chega ao fim num estado de terror e foge para casa. «Ainda molhado duma vergonha cristalizada em suor, eu andava, ao lado de Yvonne Vallée, febril, agitado, como se toda a polícia espanhola fosse ao meu encalço para me engaiolar. Nosso jantar, em *tête-à-tête* com Yvonne, teria sido um excelente assunto para uma natureza morta de um pintor macabro. Nos dias seguintes, não ouvi mais falar do caso, se bem que abrindo o jornal, todas as manhãs, esperava, já resignado, a explosão do escândalo. Títulos enormes: «Maurice Chevalier insulte la royauté» E uma noite o embaixador aparece em casa de Maurice, *très calme*, enfim

aussi calme qu'un espagnol peut être calme quand il est calme... Ele vem entregar ao cantor um presente do rei, e a cumprir uma missão confidencial: Afonso XIII quer o texto de «Valentine» para decorá-lo!

1926. Thalberg, da Metro-Goldwyn-Mayer, e Lasky, da Paramount, começam a rivalizar em ofertas fabulosas, a fim de contratar Chevalier para Hollywood. A eterna crise, a eterna indecisão recomeça. «Lá, eles não são tão ingênuos assim; acabarão descobrindo o truque... Terei que voltar à França antes mesmo de fazer qualquer filme

(Cont. na pág. 96)

Pela primeira vez, Maurice Chevalier conquistou prêmios internacionais em um dos seus filmes, — e isso se deu com “O silêncio é de ouro”, que aqui vemos uma cena, com ele e Marcelle Darrien.



SHAKESPEARE PARA AS MULTIDÕES

A FILMAGEM DAS TRAGÉDIAS E DRAMAS HISTÓRICOS DO CLÁSSICO INGLÊS CONSTITUI UMA OBRA DE DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA DIGNA DE ESTÍMULO

Por OLGA OBRY

"O moderno é o eterno, visto em termos do nosso tempo."
LUIGI PIRANDELLO

O grande êxito do "Hamlet" de Shakespeare, representado pela primeira vez no Brasil em tradução portuguesa pelo Teatro do Estudante, constitui uma nova prova da universalidade do gênio deste autor dramático. Shakespeare não foi um poeta da Corte, não escrevia para um público limitado a uma classe social, a uma nação ou a uma época. Ele é, a um tempo só, o dramaturgo das elites intelectuais e das multidões. Para alcançar as multidões, nada melhor que o cinema. E essa vulgarização, através do cinema, a obra shakespeareana vem alcançando, embora em caráter um tanto intermitente.

Os filmes extraídos de obras

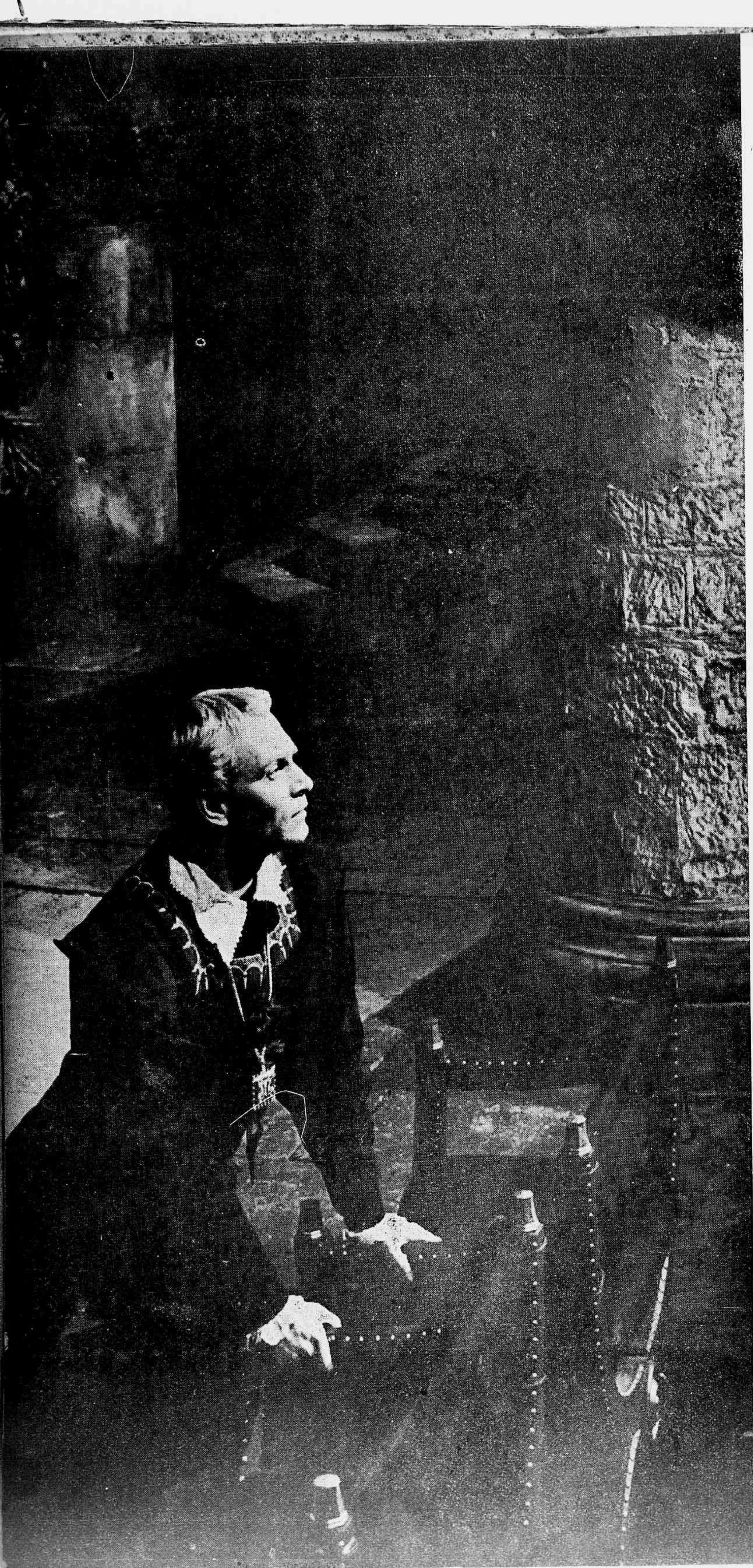
de Shakespeare são numerosos: nos Estados Unidos, Douglas Fairbanks e Mary Pickford realizaram uma versão de "A Fera Domada". Mais tarde, Irving Thalberg realizou, na Metro, para que sua esposa, Norma Irving Shearer, pudesse brilhar bem, uma versão cinematográfica de "Romeu e Julieta", com Leslie Howard no papel de galã e John Barrymore no de Mercutio. Max Reinhardt pôs toda sua maestria de diretor teatral numa versão de "Sonho de uma noite de verão", na Warner Brothers, utilizando atores como Anita Louise, Mickey Rooney, Joe E. Brown, James Cagney, etc., mas o filme foi um lamentável fracasso. Hollywood insis-

te, novamente, em nos dar Shakespeare em celuloide, — e Orson Welles, o louco Orson Welles, acaba de realizar, em tempo "record", uma versão de "Macbeth", uma das peças de maior intensidade dramática e de maior beleza literária, na volumosa bagagem do bardo de Stratford-on-Avon.

Mas farão os técnicos de Hollywood face aos técnicos ingleses, no domínio da cinematografia shakespeareana, isto é, na tarefa de converter em espetáculos de cinema as obras-primas teatrais do bardo? E Shakespeare, — que viveu na época em que não havia cenários (estes eram apenas imaginados pelos espectadores) e em que não havia atri-

Orson Welles, — o louco Orson Welles, — que acaba de realizar em tempo "record", em Hollywood, uma versão de "Macbeth", fazendo ele próprio o papel central. Em baixo: Polonius (Felix Aylmer) fala com o Rei (Basil Sydney) e a Rainha (Eileen Herlie), antes de iniciar-se a "peça dentro da peça", na qual Hamlet (Laurence Olivier) introduziu bastantes linhas improvisadas para evidenciar perante a corte a verdade sobre o assassinio de seu pai.





zes, sendo a romântica Julieta, a bela Desdemona e a sanguinária Lady Macbeth feitas, igualmente, por homens de feições delicadas, cuidadosamente barbeados e empossados, — se vivesse hoje, teria êle usado como modo de expressão a técnica moderna do cinema, para alcançar auditórios maiores? Com os seus dois filmes mais recentes, "Henrique V" e "Hamlet", o grande ator e diretor de cena britânico Laurence Olivier deu a essa pergunta uma resposta afirmativa, levando à tela as duas obras shakespearianas inteiras, intactas, sem modificações.

Laurence Olivier, hoje na casa dos quarenta, nasceu numa pequena cidade do Surrey, Sul da Inglaterra, e seu pai destinava-o à carreira eclesiástica. Entretanto, ainda menino, Laurence evidenciou talento para palco, em espetáculos escolares. Depois do colégio, foi estudar arte dramática na "Central School of Acting" de Albert Hall, em Londres. Fez um estágio prático desempenhando pequenos papéis em companhias teatrais viajando pelo interior. Foi pela primeira vez notado pela crítica londrina na peça "Fim de Jornada", "Journey's End", de R. C. Sheriff, que se desenrola nas trincheiras da primeira guerra mundial. Aos trinta anos, criava um papel difícil no drama de Mordaunt Shairp "The Green Bay Tree", em Nova York.

Já com o nome feito nestas peças do repertório moderno, foi que Laurence Olivier veio a se especializar no teatro shakespeariano. Foi êle um dos reformadores do Old Vic Theatre, ou mais exatamente um dos criadores do novo Old Vic, cujo intuito era de dar uma nova vida às peças clássicas, representando-as com bons atores, a preços populares, para o grande público. Alternando com John Gielgud — naquele tempo o melhor Hamlet do mundo — os papéis de Romeu e Mercutio em "Romeu e Julieta", êle fez novo e retumbante sucesso, em 186 espetáculos consecutivos, a mais longa série ininterrupta de representações desta obra de Shakespeare. Isso foi em 1936, ano em que o diretor americano George Cukor rodou em Hollywood seu filme "Romeu e Julieta".

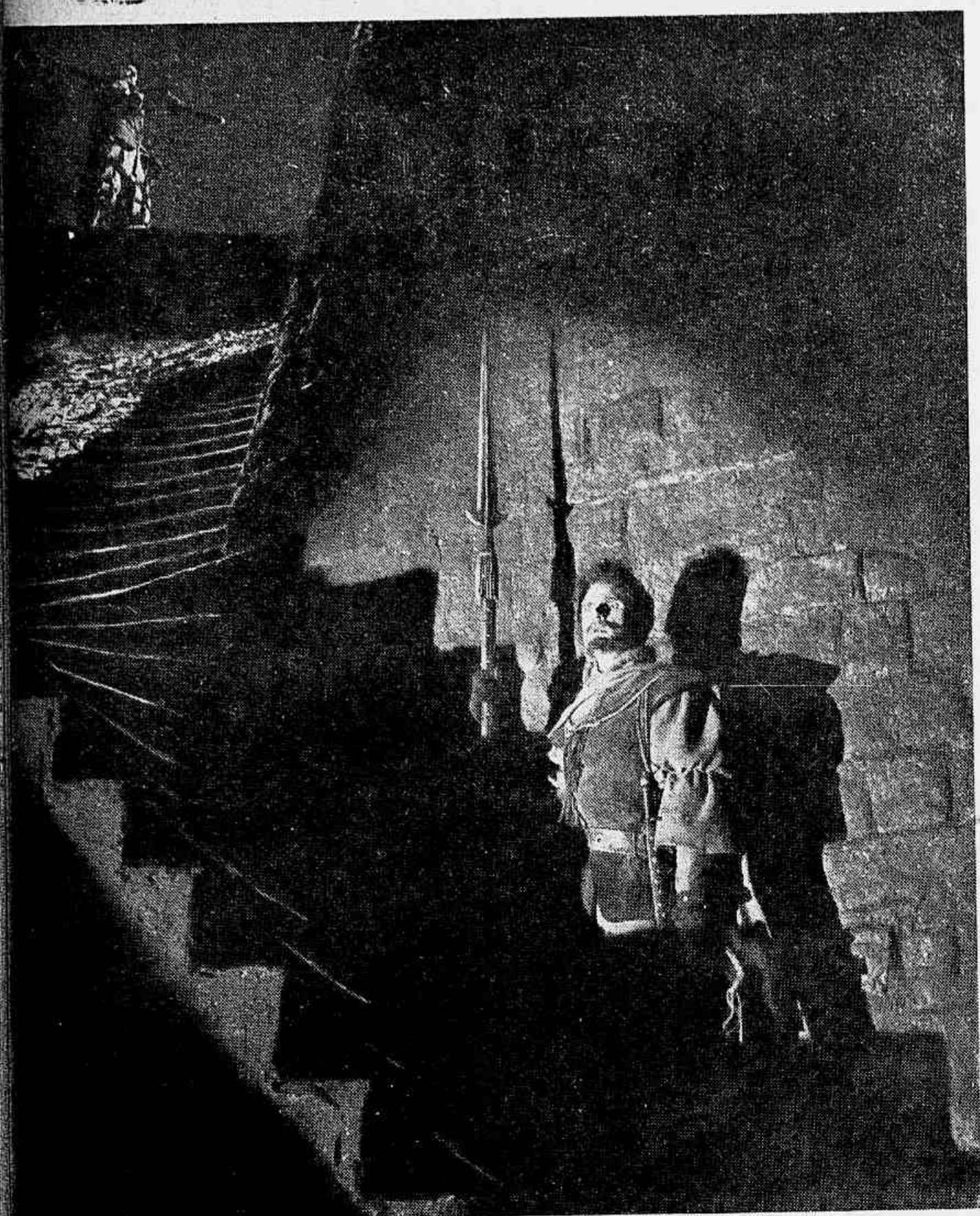
Chamado, por sua vez, a Hollywood, onde atuou em "Rebecca", "Morro dos Ventos Uivantes" e "Lady Hamilton", Laurence Olivier começou a interessar-se pela "mise-en-scène" nos Estados Unidos, mas não quis exercer o mister de diretor de cena senão na sua própria terra. Êle tomou conta de Shakespeare como êste tinha tomado as "Vidas" de Plutarco para arrancarlhes assuntos dramáticos, disse recentemente um crítico inglês. Vindo do teatro, Olivier aceitou

Laurence Olivier, no papel de Hamlet. Êle é o produtor, o diretor de cena e o intérprete do papel principal do novo filme, cuja estréia está sendo aguardada brevemente em Londres, e, pouco depois, em todas as grandes capitais do mundo.

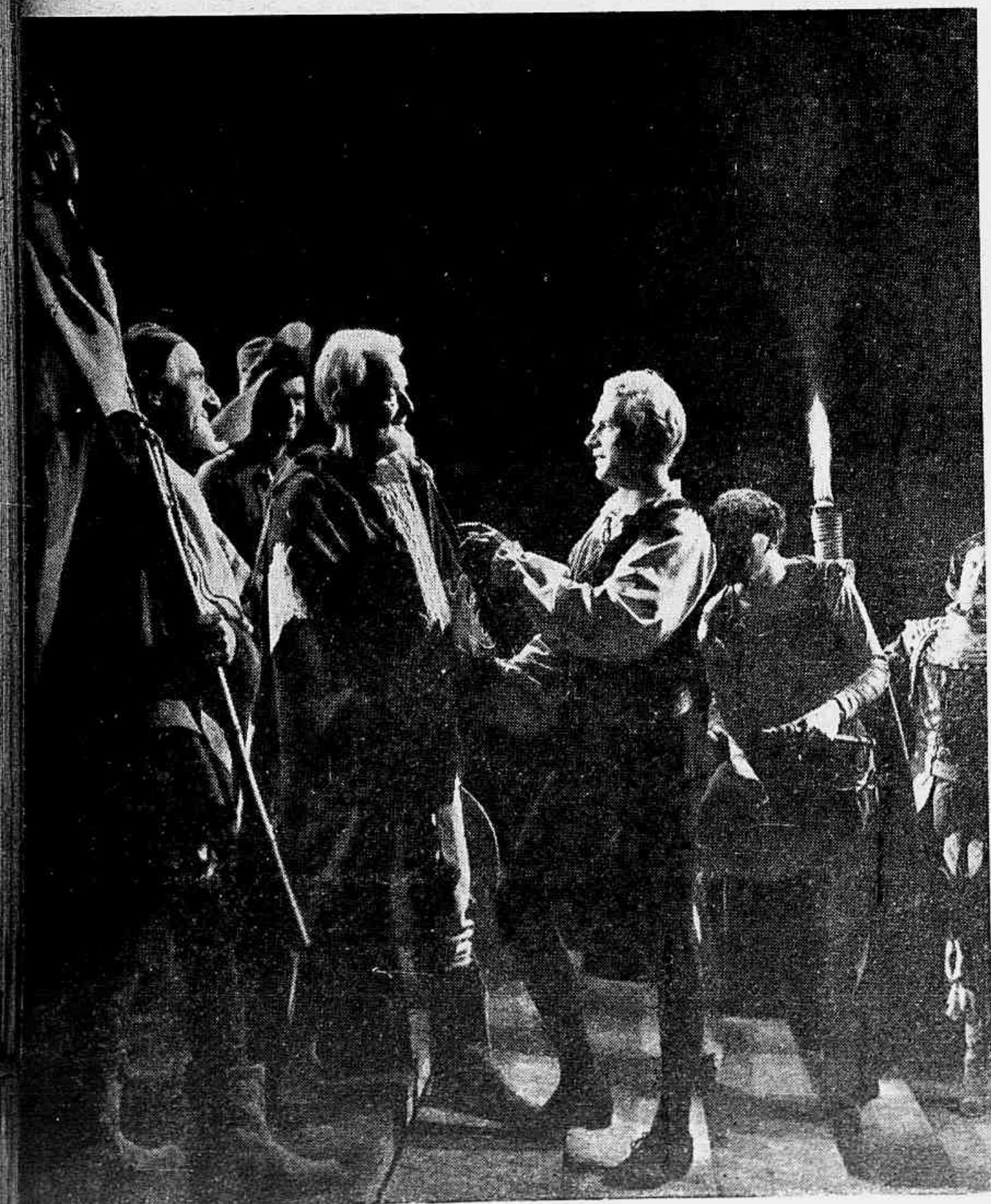


Ao alto: uma cena de "Romeu e Julieta", o filme que George Cuckor dirigiu para Irving Thalberg, então o grande produtor da Metro. Em baixo: outra cena da obra de Shakespeare, "Romeu e Julieta", com a atriz Norma Shearer e o ator Leslie Howard.





Ao alto: Na torre do Castelo de Elsinor o oficial Bernardo vem montar a guarda substituindo o soldado Francisco. Francisco (John Laurie); "Vieste na hora certa!" Bernardo (Esmond Knight): "Soon a meia noite; vá dormir, Francisco." Em baixo: Hamlet (Laurence Olivier) saúda os comediantes que acabam de chegar ao castelo. Conhecendo cada um deles pessoalmente, o príncipe esquece seu desespero para dar-lhes, sorrindo, as boas vindas. Para o primeiro ator (Harcourt Williams) ele tem uma palavra de amigo: "Bem-vindos, mestres. Todos bem-vindos... — Ah, meu velho amigo! teu rosto enrugou-se desde que te vi a última vez; vieste para desenrugar o meu, na Dinamarca?"



Cena de "Henry V", adaptação da obra homônima, de Shakespeare, com Laurence Olivier e Renée Asberson.

a evolução paralela do cinema e, de modo autenticamente shakespeariano, soube adaptar as tragédias clássicas ao espírito e às oportunidades do nosso tempo. As frequentes mudanças de cenário, indicadas apenas simbolicamente no teatro da era elizabetiana, tornavam-se possíveis pela técnica do cinema.

No seu primeiro filme do gênero, "Henrique V", executado em cores, ele brincou com efeitos cênicos, fundos pintados à maneira das tapeçarias da idade média, harmonias colorísticas. Se, para "Hamlet", ele preferiu a técnica do preto e branco, é porque, segundo suas próprias palavras, ele viu esta obra "antes como gravura do que como pintura". Um excesso de requintes colorísticos, de decoração, qualquer concessão às convenções cinematográficas teria prejudicado o sentido psicológico da tragédia do príncipe da loucura. Seu dilema do "ser ou

não ser", do querer ou não querer, do agir ou não agir, ressalta melhor num ambiente acinzentado do que entre orgias de cores.

Durante os dois últimos anos, quatro grandes atores ingleses, além de Olivier, mostraram-se no papel de Hamlet nos palcos britânicos; John Gielgud fez dele um artista decepcionado, um espírito inquieto, infinitamente trágico e solitário; o príncipe dinamarquês de Donald Wolfit, teve um caráter mais viril que sonhador; o Hamlet de Robert Helpman, o bailarino-ator, era um neurótico, como o do ator francês Jean-Louis Barrault; Alec Clunes interpretava-o com idealismo romântico. Esperamos que, daqui a pouco, poderemos avaliar o Hamlet que Laurence Olivier criou não somente para o público do teatro inglês, mas para o público mundial do cinema. A estréia do filme, em Londres, está sendo aguardada brevemente.

Aqui aparecem dois atores já desaparecidos: Leslie Howard (Romeu) e John Barrymore (Mercutio), em uma cena de "Romeu e Julieta", uma das obras de Shakespeare filmadas em Hollywood.





UMA LINDA POSE DE ANN SHERIDAN, DA WARNER BROTHERS

NOS BASTIDORES FEMININOS

HA um certo comodismo num grande número de mulheres casadas, que, absolutamente, não se perdôa. E' esse comodismo que as faz dizer constantemente: "foi assim que ele me conheceu... e pronto... Si casou foi porque gostou...". E, vão continuando assim mesmo, sem a menor preocupação de se tornarem um pouco mais interessantes do que porventura possam ser. Já acham que fazem um grande favor ao espôso em se conservarem na mesma, quando poderiam se tornar piores... Há nessa teoria a revelação de uma completa ausência de ambição, de desejo de aperfeiçoamento, de um incentivo que torne a vida mais atraente e fascinante... Tudo o que ela revela, é o completo comodismo e indiferentismo de sua dona, o que não deixa também, de depôr contra a sua inteligência. Realmente, quando o homem a escolheu para espôsa, foi porque viu nela a mulher sonhada, quer física, mental, ou espiritualmente. Ora, si uma mulher foi escolhida somente pela sua beleza física, não deverá se contentar com isso; ela não se submeterá ao desempenho de um papel de "bibelot" que apenas é admirado. Si outras foram as qualidades que motivaram a escolha, sempre existirão outras qualidades que poderão ser adicionadas às primeiras. Assim, a mulher que foi escolhida pela sua beleza, poderá desenvolver e cultivar o espírito, e a escolhida pelo espírito poderá cultivar a beleza, sem que isto em nada afete às qualidades já existentes. O homem que já amava a sua espôsa pela sua aparência, ama-la-á mais ainda pelos progressos que ela possa revelar noutros setores. E aquêles que amava a espôsa pela sua inteligência, não a renegará, absolutamente, si ela passar a cuidar mais da sua aparência, tornando-se, fisicamente, mais bela e mais atraente. Portanto, esse comodismo é prejudicial à sua própria felicidade; tenha a certeza de que o homem se causa muito mais depressa quando não há para contrabalançar com a beleza um pouco de inteligência e com a inteligência um pouco de beleza...



DE ANN SHERIDAN

ANN Sheridan, que atualmente trabalha sob a bandeira da RKO-Radio, é uma das figuras mais interessantes de Hollywood. Sua beleza serena é realçada pela sua extrema elegância. E' dessa elegância que ela dá mostras exibindo aqui o seu maravilhoso conjunto de modelos para a noite. Na página ao lado: Saia de jersey verde escuro. Blusa com bordado em lantejoulas e vidrilhos. À direita: Muito romântico é este modelo em "tulle" pérola, com corpete e "basque" no mesmo tom, em renda de seda. Em baixo, à esquerda: Em jersey vermelho, lembrando uma estátua da antiga Grécia... Corpete e cintura drapeados. Saia franzida. À direita: Em renda preta, fôrro de tafetá. Recorte sobre o busto. Saia muito ampla.



NOVIDADES DE HOLLYWOOD

Em baixo: Viveca Lindfors, da Warner Bros., usa, com uma saia parda plissada, uma "sweater" de malha verde forte. Ao lado, de cima para baixo: Jean Louis, o desenhista da Columbia, creou para Janet Blair, a "estrêla" de "Cinzas do Passado", êste elegante "tailleur" em lã azul marinho de finas listras brancas. Gola, punhos e vize do casaco em fustão branco. Myrna Loy, da RKO, exhibe a mais moderna concepção em matéria de casacos. Êste é sem gola, com transpasse na frente e abotoando do lado. Bolso grande. A graciosa Cathy O'Donnell, veste um traje próprio para gente nova. E' uma saia e um casaco largo, em veludo vermelho. Bolsos enviezados.



CHAPÉUS DE VIRGINIA HUSTON

★

Virginia Huston, a elegante "estrela" da RKO, exhibe a sua coleção de modelos para a nova estação. A direita: Ela mesma apelidou-o de "Viuva Alegre". É uma variação sobre o velho tema, diz Miss Huston. É em lrebre negra, com orla rendada. Flores vermelhas ao redor da copa. Da esquerda para a direita: Em pêlo de castor com fios dourados. Sob a aba, enfeite de penas. Também em pêlo de castor, guarnecido de penas de faisão. Em carneiro persa, negro, com enfeite de penas adornado de vidrilhos prateados. Bolsa do mesmo material.





NOITE

HOLLYWOOD se esmera cada vez mais em sua moda. Paris está enviando para todas as partes do mundo as suas sensacionais criações. A vantagem de Hollywood está, no entanto, na beleza e na elegância das «estrelas» que vestem os modelos criados pelos figurinistas americanos. As mais recentes criações para a noite, vindas de Hollywood, são as que aqui apresentamos. A esquerda: a «estrela» da Columbia, Rita Hayworth, num sugestivo modelo de cetim preto, justo no corpo e abrindo em pequeno «godet» em baixo. Larga pala de renda cobre o busto e costas. A direita: modelo para jantar, em seda preta, brilhante. Mangas kimono e faixa em cetim branco. Ligeira cauda. Na página ao lado: maravilhoso modelo para a noite apresentado por Loretta Young, «estrela» de «Um anjo caiu do céu». O corpete em jersey de seda preta, com decote muito baixo. Sala ampla, de organdi branco com listras em cores vivas.



Modelos

VARIADOS



1 — Vestido de menina em surah quadriculado. Curiosa incrustação do mesmo tecido na frente. Gola e botões brancos. 2 — Modelo em shantung rosa pálido. Sala em forma com incrustações de "godet". Incrustações também na blusa, terminando em bolsos brancos. Gola branca. 3 — Vestido de seda ou lã, para menina de 14 e quinze anos. A blusa, abotoada na frente, é guarnecida de pespontos. 4 — «Manteau» de lã rosa antigo. Fôrma princesa. 5 — Casaco de lã, para mocinha. Fôrma princesa, alargada em baixo por pregas. 6 — Para menina de cinco a sete anos, sala pregueada e casaco de linhas retas com recortes redondos



SUGESTÕES DE PARIS

NESTA página, vocês têm as mais recentes criações parisienses em matéria de chapéus. São modelos bastante originais, e que demonstram a imaginação exuberante dos criadores de moda na França. Ao alto: Alboury, apresenta um modelo que lembra as elegantes de 1900, em veludo negro, com véu negro sobre o rosto. Em baixo: E' de Marthe é este modelo pregueado, enfeitado com "paradis". Georgette de Trèze, apresenta original "turbant", guarnecido de franjas.



UMA LONGA VIDA DE ARTE



Tinha três anos quando começou a desenhar. De barriga no chão, molhando o lápis na boca, fez conscienciosamente o primeiro rabisco. Uma casa? Uma árvore? Uma boneca? Uma estrela? Nada. Apenas a alma da menina de três anos, em que as imagens do mundo pesavam tanto que não podiam ficar prisioneiras e desciam até as mãos miúdas e se derramavam em traços inseguros.

Desde esse dia Sylvia Meyer teve sempre um lápis na mão. E os olhos atentos às imagens do mundo. Sua primeira forma de expressão artística foi o pastel; talvez, analogia entre a delicadeza de suas nuances e a sutileza da sensibilidade que o sonho ainda encorajava contra a vida.

Estudou algum tempo na Escola Nacional de Belas Artes; mas era preciso seguir muitas regras, observar muitos exemplos; não gostou. Sua grande escola foi a dos irmãos Bernardelli; foi aluna de Henrique durante quatro anos; depois, foi mestra dos alunos mais novos daquele esplêndido curso de arte. Em muitas outras escolas foi professora de desenho; mas o Curso Bernardelli e o Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal são as suas grandes lembranças de professora; só neles Sylvia Meyer encontrou o clima de inteligência e de cultura que faz da arte mais do que uma habilidade manual, a sublimação da vida.

Hoje, Sylvia Meyer é aposentada, com 26 anos de magistério. Mora num pequeno apartamento de Botafogo, no mesmo bairro onde nasceu. O terraço foi transformado em "atelier"; telas estendidas entre plantas verdes; alunas que se revezam, o trabalho silencioso da criação.

Em 1930, juntando todas as economias do longo trabalho e aproveitando a licença-prêmio de vinte anos de serviço público, esteve em Paris. Ninguém a ajudou. E talvez tenha sido bom, porque além do grande aprendizado de arte dos museus e das exposições Sylvia Meyer viveu a intimidade da vida dos artistas no velho Montparnasse. Foi depois dessa viagem que começou a pintar a óleo. Em 1931 ganhou a medalha de prata do Salão. Agora não comparece mais à mostra oficial de arte:

"Querem saber logo se é moderno ou clássico. Ora, eu não prego rótulo na minha pintura. Não reconheço escolas. Tenho horror a "Mestres". Evidentemente que há certas experiências que se incorporam ao patrimônio de todos. Seria tão absurdo ignorá-las, como procurar de novo o bacilo da tuberculose, desprezando a descoberta de Koch. Mas, desse aproveitamento à cópia servil e à disciplina passiva, há todo um abismo."

No momento a artista está empolgada pelas experiências dos "novos" canadenses; acha que eles têm muita coisa a dar aos artistas de todo o mundo. Dos "grandes" tem um culto especial por Renoir; e uma ternura imensa por Modigliani, o que morreu jovem como os eleitos dos deuses.

Prepara uma exposição para setembro, a estíma de sua longa vida entre telas e pincéis. Não pinta, aliás para expor, nem para vender, nem para ser admirada. Pinta para satisfazer a uma necessidade espiritual de sublimação. O mundo de hoje, a vida cruel em que todos se dilaceram, fere a sua fina sensibilidade, a sua generosa capacidade de perdoar e de querer bem. Daí a sua fuga na arte que é beleza e na religião que é infinito.

SARAH MARQUES



PALAVRAS À MULHER QUE TRABALHA

VOU contar uma história, porque sei que, de crianças a velhos, todos gostam de histórias e delas guardam a moralidade. Era uma vez uma linda moça, tão linda quanto inteligente; era também, ao que se diz na linguagem dos nossos dias, uma alta funcionária de um ministério; conquistara o lugar, não pelos seus belos olhos, mas por um renhido concurso; de promoção a promoção seus vencimentos já atingiam, na ocasião em que a conheci, a significativa importância de quatro mil e quinhentos cruzeiros, sem contar com as naturais gratificações que a comissão lhe trazia.

Mas, apesar do alto ordenado e da convivência com gente importante que cruzava as ante-câmaras ministeriais, esta jovem continuava fiel à sua natureza, que era a simplicidade em pessoa; desejava, como qualquer moça da sua idade, encontrar, além do trabalho, o complemento natural da sua vida num lar que fosse verdadeiramente seu. E como não estava interessada em capitães de indústria e milionários, reconheceu um dia que estava sinceramente apaixonada por um jovem, que, felizmente, para dar um bom término a esta história, lhe correspondia, em seu afeto. Ora muito bem. Iam as coisas neste andar, quando uma amiga da jovem chamou-lhe a atenção para o fato de o rapaz ser de um padrão inferior ao de sua namorada e, conseqüentemente, perceber uns tantos cruzeiros de menos, sem contar com as gratificações, naturalmente.

Seria este um grave e irremediável empecilho? Para outra, talvez, mas não para a nossa heroína, que, como acabei de frisar, era a simplicidade em pessoa. Ao moço repugnava, no entanto, que a sua esposa fosse o braço forte da casa; conversaram os namorados sobre o assunto, examinaram várias hipóteses conciliadoras e, por fim, chegaram à conclusão de que, após o casamento, a jovem abandonaria o emprego; trabalhariam ambos, durante o noivado, para o financiamento do enxoval em termos de móveis, roupas, etc.; começariam, pois, a vida, sem dívidas, para que os vencimentos do marido pudessem fazer face às despesas posteriores de sustento do lar.

Tudo se passou conforme o combinado, e hoje a ex-alta funcionária ministerial é mãe de duas crianças, e declara-se perfeitamente feliz em sua nova função. Disse-me ela numa visita há pouco tempo:

— Você talvez não acredite, mas não me faz grande diferença o fato de eu hoje não ganhar nada; quando trabalhava fora, como não tinha nenhum encargo sério de família, gastava quase todo meu ordenado num luxo pessoal de bolsas caras e costumes da última moda, para estar de acordo com o ambiente em que vivia; como agora saio, apenas a passeio, não sinto a necessidade de manter um guarda-roupa farto e requintado. Tenho uma empregada para o serviço da casa e eu mesma cuido das crianças, mesmo porque não me conformaria em entregá-las em mãos mercenárias.

A história está terminada e eis o que quero ressaltar nesta crônica; há tantas mães que não precisam de trabalhar, porque os maridos suprem regularmente as necessidades da casa, e, no entanto, preferem dedilhar uma máquina a tomar conta dos filhos! Algumas passam ordenados fabulosos a amas, justificando desta forma a permanência no emprego; não compreendem que a vigilância da mãe é indispensável e insubstituível no cuidado com as crianças pequenas; a fábula das cotovias sempre advertiu sobre a permanência do olho do dono naquilo que lhe pertence, para que o trabalho seja bem feito; e eu creio que não haja bem mais precioso para qualquer mãe do que o próprio filho.

Sei que há mulheres que consideram atraso social o fato de não trabalharem fora e admitem, concomitantemente, que os serviços de escritório sejam um traço definidor de superioridade social. Talvez eu seja atrasada neste ponto e queira mesmo estar assim, mas acho que cuidar de uma criança, como serviço, é algo de infinitamente mais interessante, original e intelectualmente superior, do que bater as teclas de uma máquina numa cópia ou executar qualquer outro serviço afim de burocracia.

A educação de uma criança, segundo a opinião de muito boa gente, como filósofos e psicólogos, é uma das tarefas mais complexas e dignas de serem executadas e a sua realização cabal um fator de engrandecimento do indivíduo que a prestou; tanto isto é verdade que, nos tratados de filosofia figura sempre a educação como um capítulo dos mais importantes e, nunca, ao que eu saiba, as tarefas mezinhas de datilografia ou Hollerith.

ZOIA DE LAET



OS PRIMEIROS AGASALHOS



VOCÊ já pode pensar na confecção dos seus agasalhos. O inverno não tarda e é bom, principalmente com o nosso clima, estar desde já prevenida. Alguns tipos interessantes de agasalhos são aqui apresentados. Na página ao lado: Em bege claro, com bolsos e fôrro do capuz em pele é este encantador casaco de Ann Sheridan, da Warner Bros. Esta página em cima: Casaco de linhas retas, em pele de leopardo. A sugestão é de Cathy O'Donnell, da RKO. Em baixo: Casaco de linhas esportivas, usado por Ellen Drew, da Columbia.



Muito das LAMENTAÇÕES

RECADO A CÓSIMA DÓRIA

Muito nos alegrou sua carta, apesar de as notícias não serem totalmente boas. Uma delas é muito boa, porém, e constituirá o marco zero na história da sua felicidade, quando o tempo passar e você volver os olhos para trás. Refiro-me ao seu regresso ao lar paterno. Estamos contentes por ver que sua família se portou à altura da nossa expectativa, tratando-a com o carinho e a consideração que merece. Quanto à atitude de seu pai, não se impressione com ela; deve ser muito mais externa que interna; não age assim porque foi ensinada erroneamente pela sociedade que, para certas faltas, deve-se fazer cara de juiz; no fundo, não há dúvida de que a compreende e perdoa. Mais algum tempo, e as últimas barreiras cairão. Você deve esforçar-se, aliás, para que ele volte a falar-lhe: creia que ele não deseja outra coisa...

Por menos influência que pareça estar tendo sobre o seu espírito este regresso, ela se manifestará daqui a pouco, imperceptivelmente. Sem que você o perceba, o simples fato de estar morando com os seus, de ter deixado de ser uma alma sem dono a vagar pela cidade, fará com que um dia você desperte com idéias menos sombrias. Principalmente, não pense nunca que a vida para você está encerrada. Para ninguém, a vida está encerrada. A vida é cotidiana, tem de ser feita e refeita todos os dias. Ai está, aliás, a sua grande maravilha, e também a sua grande tragédia. Se, como no seu caso, as infelicidades passadas podem ser isoladas pelo presente e pelo futuro, em compensação as felicidades podem terminar repentinamente. Eis porque ninguém pode invejar ninguém, eis porque ninguém, também, pode dizer que sua vida está encerrada. O amanhã pertence a você, trate de fazê-lo à altura de seus sonhos.

Não vemos incoerência no fato de não poder esquecer o sucedido. Isso é natural, pois o fogo deixa sempre cinzas e brasas atrás de si. Muito nobre de sua parte não guardar rancor por aquele que não soube compreendê-la. Você está certa, Cósima Dória. Afaste-se firmemente, definitivamente, porém, não guarde ódios; esse homem, como a grande maioria da humanidade, não é mau nem bem, é apenas atrasado espiritualmente, e por isso merece a nossa comiseração. Ainda precisa aprender muito, até purificar-se para poder ser tranquilo e feliz. Dê-se a prazo, dessa mentalidade baixa é que provieram todas as infelicidades caídas sobre a sua cabeça. Por isso, deve você manter-se firme na idéia de nunca mais se aproximar dele, para que você possa expandir-se numa atmosfera à altura de sua bondade. Rancores, porém, para que? Não odeie; esqueça.

Diz você, no entanto, que está sempre pensando nele. Não cremos que seja isso a verdade exata. A figura dele aparecerá, certamente, nos seus pensamentos, não como foi e é, mas como você desejaria que tivesse sido. Não é mais a ele que você ama, mas ao amor que deveria ter sido, e não foi. Que lhe aconselhar? Que continue amando o amor, construindo a imagem de uma realidade que poderá vir a existir, mas separando-a da imagem daquele que não tem qualidades para figurar no seu mundo interior. Ele desaparecerá, e o amor ficará. Você compreenderá, então, que as duas imagens não estão indissolivelmente ligadas. Ao contrário, o amor cobriu o rosto dele com uma máscara, mas essa máscara calu agora, e está em suas mãos. Só volte a colocá-la num rosto humano em que os traços com ela coincidam cem por cento...

CONFIDENTE

WEEK-END na Cozinha

A Tê na alimentação pode haver monotonia... Observe que, de vez em quando, seus filhos ou seu espôso, que sempre foram bons "garfos", denunciam uma certa indisposição, um certo enjôo, que os levam a recusar o alimento. Às vezes você corre ao médico. outras vezes você fica indiferente, achando que tudo passará; mas o que você deveria fazer, era procurar descobrir a causa da indisposição. E, quando o fizer, não se restrinja ao estômago, porque, muitas vezes acontece que o mal está na visão... Os olhos se habituaram a ver aqueles mesmos pratos durante dias seguidos; o paladar já é conhecido e vem então a monotonia. Nessas ocasiões, uma variação no menu seria estupenda. Si você fizesse pratos novos e de aspecto atraente, quebraria a monotonia e devolveria aos seus o antigo apetite. Por que não tentar? A confecção do prato não deve ser uma coisa automática, mas deve merecer de você a mesma atenção que mereceria a confecção de um vestido da última moda...

★

SALADA DE VAGENS COM AZEITONAS

Ingredientes: 500 grs. de vagens tenras; 250 grs. de azeitonas; 3 cebolinhas, 1 cebola grande, 1 ramo de salsa, 3 colheres, das de sopa, de azeite, 1 colher, das de sopa, de vinagre, 1 colher, das de chá, de açúcar, sal.

Preparação: Tiram-se as fibras das vagens e levam-se estas a cozinhar em água a ferver com um pouco de sal e o açúcar indicado. Quando estiverem tenras, retiram-se do fogo, escorrem-se e deixam-se arrefecer. Depois que estiverem bem frias, colocam-se numa saladeira com as azeitonas e a cebola cortada em rodela bem finas. À parte, com o azeite, o vinagre, o sal, a salsa e as cebolinhas, bem picadas, faz-se um molho com o qual se rega a salada, dez minutos antes de servir.

★

PUDIM DE VITELA

Ingredientes: 500 grs. de carne de vitela assada; 50 grs. de manteiga; 50 grs. de farinha de rosca; 4 ovos; 1 pão dormido e descascado; 1 xícara, das de chá, de leite; 1 xícara de caldo de carne; 1 cebola; 2 tomates; molho de tomates, sal, salsa.

Preparação: Corta-se a carne em pequenos pedaços e passa-se na máquina. Em seguida juntam-se-lhes o pão dormido, amolecido no leite e esmigalhado com um garfo, as gêmas, o caldo de carne, a manteiga, a cebola, os tomates, e a salsa cortados em pedacinhos, e as claras em neve. Mistura-se tudo e despeja-se numa fôrma, untada, com manteiga e polvilhada com farinha de rosca. Assa-se em forno regularmente quente. Depois de assado, vira-se num prato e serve-se com o molho de tomates.

★

CREME DE CHOCOLATE

Ingredientes: 4 colheres, das de sopa, de açúcar Pérola; 2 colheres, das de sopa, de chocolate em pó; 1/2 litro de leite; 3 folhas de gelatina branca; 3 ovos.

Preparação: Põem-se as gêmas numa caçarola, adicionam-se-lhes o açúcar Pérola e quatro colheres das de sopa de leite, mexe-se tudo muito bem e leva-se ao fogo para engrossar. À parte, mistura-se o chocolate com o leite e junta-se ao creme. Toma-se outra caçarola, põe-se a gelatina com um pouco de água quente e leva-se ao fogo para derreter. Em seguida, passa-se por um guardanapo e reúne-se também ao creme. Mistura-se tudo muito bem, deixa-se esfriar acrescentam-se as claras em neve, despeja-se numa fôrma e leva-se à geladeira.



Ao alto: Originalíssimos os broches usados por Jacqueline White, da RKO. São reproduções de pés, em metal dourado. E ela os usa profusamente: na blusa, e de todos os tamanhos no cinto. Blusa de tafetá branco, cinto de couro, saia de veludo negro. Em baixo: Inspirada no México, Jacqueline White, usa uma saia de lã preta bordada com linha branca e "sweater" vermelha bordada em côres. Na página ao lado: Saia "godet", com original estampado. Diz "Eu te amo" em todas as línguas... A blusa é branca, um tanto romântica.





TRÊS MODELOS ORIGINAIS

O ESPIRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

CIOME

Madame de Sablé, que estava perdidamente apaixonada e era extremamente ciumenta do sr. de Montmorency, censurava-lhe em termos acres ter dançado várias vezes, num baile do Louvre com as mulheres mais lindas que se acaavam presentes.

— Que querias que eu tivesse feito? Que não tivesse ido ao baile? — interrogou ele.

— Não... Também eu não exigiria tanto...

E, condescendentemente, ajuntou:

— Bastaria que tivesses dançado só com as feias...

★

MATERNIDADE

A rainha Blanche, mãe de São Luís, rei de França, era antes de tudo mãe e ciosa dos seus deveres maternais. Quando o futuro rei e santo era um infante de tenra idade, resolveu ela mesma amamentá-lo. Era isso, para ela, um dever sagrado. Ela tinha um ciúme enorme do real menino. Um dia, tendo sido atacada de uma febre, uma dama da corte, mãe de um filho pequenino, resolveu tomar a si a tarefa de amamentar o príncipezinho. Quando deu pela coisa, Blanche não só ficou furiosa, como introduziu um dedo na boca do filho e o fez vomitar o leite que já bebera.

Isso scandalizou muito os presentes, ao que ela retrucou:

— Podem me tirar tudo no mundo, menos o título de mãe, que me foi dado por Deus e pela natureza...

★

NÃO BOA COMO TÃO BONS...

Narra Madame de Staël, em suas "Memórias", que a duquesa de La Ferté tinha um procedimento sob certo ponto de vista muito democrático... Em sua casa de campo esquecia-se dos ares soberbanceiros que mantinha na corte e tratava aos que viviam perto dela com grande familiaridade. E lá nisso tão longe que reunia em grandes mesas de jogo, sob sua presidência, não somente seus criados, mas os fornecedores de sua casa de campo, — açougueiros, padeiros etc. Perita em jogar "lansquenet", a duquesa trapaceava o mais que podia. Justificando-se, costumava dizer, no entanto:

— Se eu trapaceio é porque tenho a certeza de que todos eles me roubam...

★

SINAL DOS TEMPOS...

A duquesa de Biron assistia uma representação da tragédia "Ifigênia", na Comédie Française. A noite foi tumultuosa. Ia começar o ano de 1790 e já se pressentiam no ar os sinais da Revolução Francesa. Começavam já, as manifestações contra os aristocratas que ocupavam os camarotes. Alguém, das galerias, atirou uma maçã à cabeça da duquesa. Ela se abaixou, recolheu-a e enviou-a, no dia seguinte, ao seu amigo, o marquês de La Fayette, com o seguinte bilhete:

"Permita-me, caro amigo, que lhe ofereça o primeiro fruto da revolução que chegou até mim".

★

IDADE

Perguntaram a Mlle. de Murville, filha da famosa Sophie Arnould, que idade tinha a mãe dela.

— Não sei mais, — respondeu. — Todos os anos minha mãe crê que rejuvenesceu de um ano... Do jeito que a coisa vai, ela acaba sendo mais nova do que eu...

DESEJO

★

Astrogilda, esposa de Gontran, rei da Borgonha, estando no seu leito de morte, pediu ao marido: — Seria capaz de satisfazer meu último pedido, Gontran?

— Sim, rainha minha... Ordenai.

— Meu pedido é apenas este... Quero ser enterrada juntamente com meus dois médicos... (Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)

VIDA LITERARIA

OS LIVROS DA SEMANA

"O RIO QUE AMA, ODEIA, GOZA e SOFRE..." — De Alvarus de Oliveira.

Num elegante volume reuniu o sr. Alvarus de Oliveira a 2.^a série de suas "Crônicas da Metrópole", em que, na opinião de Genolino Amado, vem seguindo a tradição de João do Rio. Fez-se ele o fixador impressionista dos mais variados aspectos da terra carioca: vida mundana, social, política, literária, etc. Dá-nos, assim, um verdadeiro caleidoscópio, em que os quadros se sucedem de forma verdadeiramente surpreendente. Mas

Juntamente com esse volume, publica o sr. Alvarus de Oliveira um folheto com o título "Propaganda, marco da civilização", em que reúne várias crônicas sobre a técnica e outros problemas de publicação.

"A COMEDIA HUMANA" — De Balzac (2.^o volume)

O segundo volume da "Comédia Humana", de Balzac, apresenta a por Paulo Ronai, encerra os seguintes romances e novelas: "Uma estréla na vida", "Alberto Savarus", "A Vende-ta", "Uma dupla família", "A paz conjugal", "A senhora Firmiani", "Um estudo de mulher", "A falsa amante", e "Uma filha de Eva". Com exceção da primeira, as demais obras nunca apareceram em tradução portuguesa.

JOHN GALSWORTHY — AMIGO DE CONRAD

John Galsworthy, o grande romancista inglês foi um dos maiores amigos de Joseph Conrad. No livro que a viúva de Conrad escreveu sobre o autor do "Tufão" faz ela alusão, a todo momento, à estreita amizade de ambos. E bem curiosas foram as circunstâncias em que vieram a conhecer-se. Galsworthy, antes de tornar-se o famoso autor de "The Forsyte Saga", teve uma verdadeira paixão pelas viagens. Andou em constante peregrinação pelos sete mares do mundo. E no decurso de uma dessas viagens, travou conhecimento com Joseph Conrad, que, como sabe, passou a maior parte da existência a bordo, como oficial da marinha mercante inglesa. E enquanto Conrad ia verter em seus romances toda a experiência das viagens, Galsworthy dedicava-se à observação da burguesia inglesa, descrevendo um mundo, onde quase todos os componentes levam vida sedentária, apegados às respectivas propriedades.

"The Forsyte Saga, a principal obra de Galsworthy foi traduzida para o português pela escritora Raquel de Queiroz, sob o título geral de "A Crônica dos Forsytes", denominando-se, respectivamente seus três volumes: "O Proprietário", "Irene", "Despertar", não tendo tido a obra em nosso ambiente a repercussão que merecia.

não se limita a fixar os flagrantes: critica-os, satiriza-os, por vezes, de maneira bem ferina. Seu livro fornecerá uma contribuição aos que quiserem fazer, mais tarde, um levantamento da vida carioca nos últimos dez anos.

nica semelhante num dos seus últimos romances, cuja tradução portuguesa se anuncia.

"Alberto Savarus" é uma história em parte autobiográfica, narrada com agilidade e leveza, em capítulos curtos, onde o leitor não encontrará

aquêles famosos inventários, que fatigam, por vezes, nos romances de Balzac.

Entre as novelas menores merece menção "A paz conjugal", da qual diremos ser uma verdadeira obra prima, ratificando, aliás, uma impressão de André Gide, no seu "Journal".

O volume é enriquecido com o célebre estudo de Taine sobre Balzac. Da tradução encarregou-se Vidal de Oliveira. Nas introduções e nas notas Paulo Ronai mais uma vez revela a sua mestria. (Ed. Globo).

"NINGUÉM VOLTA ATRAS" — De Alba de Cespedes.

Alba de Cespedes é uma escritora italiana da nova geração, filha de pais cubanos. Conta 28 anos apenas. Com essa idade, conseguiu acumular experiência humana para escrever um grande romance "Ninguém volta atrás", já traduzido para vinte idiomas e com 37 edições na Itália, além de uma versão cinematográfica. Essa obra, hoje aparece em português, na tradução de Augusto de Sousa.

Alba de Cespedes adota a técnica das narrativas superpostas, que Melchior de Vogue apontava como uma grande ousadia em 1886 no romance "Humilhados e Ofendidos", de Dostoiévski, e que está muito em voga. Há no romance oito histórias, "as histórias de oito criaturas reunidas por acaso num pensionato de menores em Roma e pelo mesmo acaso separadas, seguindo todas elas destinos diversos.

Dispondo de uma rica imaginação, a autora conseguiu movimentar extraordinariamente essas histórias, identificando-as com a realidade. É a vida que aí encontramos, a vida em suas múltiplas agitações no fluxo vital cotidiano, em que as coisas marcham indiferentemente para a ruína ou para a prosperidade. Embora conservando seus caracteres femininos, Alba de Cespedes é uma escritora máscula: vê e sente como mulher, mas escreve como homem. (Ed. Ipê — São Paulo).

OUTRAS EDIÇÕES

— "Morte de um pobre diabo" — de A. C. Carvalho.

— "Cratina" — versos de Rehil Abuzar — S. Paulo.

do indicações a uns e a outros, hesitando na escolha de certos contos, procurando obter os livros esgotados de algum dos nossos melhores contistas, enfim, empenhado em dar-nos uma obra de primeira qualidade, como tudo que sai da sua pena.

Mas o tempo foi passando e não se teve mais notícia desse trabalho. Não o teria Graciliano Ramos concluído? Não julgara a Casa do Estudante oportuna a sua publicação nesta hora, em que tanto se fala em crise do livro? Afinal, por que não sai a referida antologia, aguardada com grande interesse por todos nós?

Nova editora em Belo Horizonte —

Anuncia-se a organização em Belo Horizonte de uma nova editora, à frente da qual se encontra o sr. Sebas-

UM GRANDE PROJETO QUE COMEÇA A TRANSFORMAR-SE EM REALIDADE

A grande "História da Literatura Brasileira", em 14 volumes, anunciada pela Livraria José Olympio desde 1944, estava ficando assim uma espécie de obra de Santa Enrácia, quer dizer, um empreendimento prometido, mas que não se transformava em realidade. O fato, aliás, tinha explicação, no Brasil, onde quase não há escritor profissional — e nenhum dos escolhidos pelo sr. Alvaro Lins para a monumental "História" o é — as iniciativas desse vulto são sempre penosas e cheias de obstáculos, dada a exiguidade do tempo que os que não vivem de letras podem dedicar à atividade literária.

Era de esperar-se que o primeiro a terminar sua tarefa fosse o sr. Otávio Tarquínio de Souza, ministro aposentado do Tribunal de Contas, dispondo de lazes suficientes para o esforço da pesquisa e a composição da obra.

Mas alguns dos outros colaboradores não nos davam a mesma esperança de vê-los logo concluir os respectivos volumes. Quando chegara, por exemplo, o sr. Sérgio Buarque de Holanda, tão consciencioso, mas tão lento no seu trabalho, a terminar a parte que lhe toca sobre o período colonial? E o sr. Astrogildo Pereira, outro espírito de vida intelectual só produziu um livro? E Aurélio Buarque de Holanda, competentíssimo, porém, com excessivo escrúpulo, remandando sempre para a realização de suas promessas literárias, um tempo que não lhe sobra nas atividades col-
lecionadas. Quantos anos andou ele a prometer um prefácio para a reedição do "Missi-nário", de Inglês de Sousa? Com que esforços sobrehumanos não lhe arrancou o sr. Mauricio R-
sembla uma introdução para os "Contos Gauchescos", de 3 meses Lopes, introdução que, afinal, veio magnífica e aci-
da da expectativa. E não desistiu o sr. Henrique Campos de pedir-lhe um prefácio para certa obra de Hercúano ou de Vieira? Isto quanto a prefácio, imaginem quando se trata de livros, Aurélio produz sempre literatura da melhor qua-
lidade, mas a questão é fazê-lo produzir. E outro espírito nas mesmas condições parece ser o sr. Barreto Filho.

Entretanto, para que o público não desanime — e a expectativa é grande em torno do grande empreendimento dirigido pelo sr. Alvaro Lins — a Editora José Olympio anuncia que entrega os originais dos respectivos volumes: a sr. Lucia Miguel Pereira, incumbida da "Prosa de ficção — 1870 a 1920" e o sr. Luís da Câmara Cascudo, encarregado da "Literatura oral".

Eis uma notícia alvarelha, sobretudo no que concerne ao trabalho da sr. Lucia Miguel Pereira, que, pela natureza do setor literário que abrange, representará uma das mais importantes contribuições. — B. B.



Lucia Fenechetti, nossa brilhante colaboradora, após o êxito de "Entrada de Serviço", vai nos dar seu segundo romance, "Noturno sem letto", lá em provas e a ser lançado pela Livraria Editora José Olympio.

ANEDOTÁRIO

"A FRANÇA É UM BEIJO"

Grande foi o alvoroço do poeta português Antonio Nobre, ao partir para a França em 1833. Levava a maior curiosidade de conhecer esse país e não escondia a exaltação do seu espírito. Assim, ao saltar em La Rochelle, escrevia para seu amigo mais íntimo um postal apenas com esta frase: "Alberto, a França é um beijo".

...

O ESPÍRITO DE TRISTAN BERNARD

Tristan Bernard, há pouco desaparecido, estava sentado numa mesa de restaurante, chama o garçon, dizendo-lhe que não pode tomar a sopa. O garçon imediatamente retirou o prato e apresenta o cardápio ao freguês. Tristan Bernard escolhe uma salada. O garçon serve-o e daí a minutos Tristan Bernard declara novamente que não pode comer a salada. O garçon não compreende, chama o gerente que pergunta ao freguês: — "Que é que quer, cavaheiro? Todos aqui acham essa salada excelente". — "Não discordo" — respondeu o comediógrafo. — "Por que então não quer comê-la?" — "Porque estou sem ta-heres..."

tão Erito. Eis uma notícia verdadeiramente sensacional no momento. Mas talvez ela constitua um bom prenúncio: a certeza de que a crise do livro tenderá a ser debelada, ou que, pelo menos, já não se mostra tão terrível na terra mineira, onde seus efeitos têm sido sensíveis.



Este homem, feio e calvo, é um dos grandes escritores franceses, Antoine de Saint-Exupéry. Herói da guerra, tendo perecido no posto de maior, em operações de combate no Mediterrâneo, a França promove, neste momento, a ereção de um monumento a Saint-Exupéry na Riviera. Para o público que lê, seu nome se tornou familiar através de livros como "Terra dos Homens", "Vôo noturno", "Piloto de Guerra", etc.

NOTICIÁRIO

Uma antologia de contos que não apareceu —

Há muito tempo que foi anunciada uma antologia do conto brasileiro, organizada por Graciliano Ramos, em edição da Casa do Estudante. Vimos o romancista de "São Bernardo" atarefado, pedin-

UMA GARRAFA E 3 COPOS



3 FACES RISONHAS
E FELIZES!



Crianças ou adultos, todos "sabem" que o Guarana Champagne da Antarctica é um refrigerante de paladar delicioso e de

pureza insuperável. Genuinamente nacional, o Guarana Champagne da Antarctica é a bebida ideal para todas as idades.

UM PRODUTO DA



ANTARCTICA

SEU nome primitivo era Siddhartha Sakya-muni Gautama — que traduzido, quer dizer *Gautama que pertence à tribo dos Sakyas e alcançou a meta da perfeição*. Nasceu o antigo príncipe hindu, cinco séculos antes de Jesus nascer de humilde car em meio povo. Seu pai governava a tribo Sakya, à sombra dos Himalaias. Sua mãe era uma das duas esposas do Rajá — filhas, ambas, de um rei vizinho. Quando a princesa sentiu que se aproximava o momento, saiu a pé — segundo o costume tribal — para o palácio de seu pai, a fim de esperar lá o sucesso. Mas as dores a surprenderam em caminho, e deu à luz em um tranquilo bosque de pau-cetim.

Gautama cresceu entre os prazeres da corte real de Kapilavastu. Pelo contato que tinha com o povo e o mundo exterior, era o mesmo que ser prisioneiro numa fortaleza de mármore e ouro. Levava uma existência demasiadamente irreal no seu esplendor deslumbrante. Colhia os frutos suculentos da árvore da vida, alcançando galhos cada vez mais altos à medida que crescia e se tornava mais ambicioso. E aos dezenove anos conquistou a presa mais valiosa — casou-se com sua bela prima Yasodhara. Mas o brilho do seu casamento foi empanado pela decepção. Sua mulher não teve filhos. O jovem príncipe entrou a cismar. E resolveu examinar esse rasto de pesar que maculava o jardim da sua existência. Por que, perguntava a si, mesmo, é a dádiva da vida, mesmo a mais feliz, tão semelhante a uma joia falsa dada a nós por um deus avaro? Por que razão até a existência mais ditosa tem de ser entremeada de esperanças perdidas? Valia a pena viver, em fim de contas?

Um dia saiu de carro, num passeio pelos campos, com seu cocheiro Channa. Em caminho encontraram um homem idoso, alquebrado e vergado ao peso dos anos. Gautama desviou os olhos, horrorizado. E o cocheiro sussurrou: "Este, meu príncipe, é o curso da vida". Antes que pudesse refazer-se do choque dessa descoberta, o príncipe deparou um mendigo com o corpo coberto pelas chagas de repugnante enfermidade. "Também este é o curso da vida", disse Channa. Gautama continuou a excursão. Deu com um cadáver nu, inchado, descorado, apodrecendo ao sol. "E este", disse Channa, "é o fim da vida".

O príncipe regressou ao palácio para meditar. Agora que tinha sido posto face a face com a miséria humana, estava determinado a fazer alguma coisa para remediá-la. Abriu-se com os monges errantes que vinham mendigar à porta do palácio. Escutou-os, e pediu que lhes falassem das indignidades e falsidades deste mundo. E então decidiu abandonar o palácio e os prazeres, e sair em solitária peregrinação à cata da verdade.

Quando estava pronto para começar a jornada, recebeu a notícia de que sua mulher finalmente dera à luz um filho. O povo se aglomerou em torno dele, celebrando ruidosamente o fato. "Ditosa o pai, ditosa a mãe de tal filho, ditosa a mulher de tal marido", cantavam. Mas o jovem príncipe disse consigo mesmo, taciturno: "E' mais um vínculo poderoso, que terei de romper". Com a recusa ao banquete preparado por seu pai, o Rajá, para festejar o nascimento, e, no meio da noite, entrou, pé ante pé, na alcova de sua mulher. Inclinou-se, à luz boa da lâmpada, sobre o rosto adormecido. A princesa respirava a fragrância das flores que emolduravam o leito. Com um braço rodeava a cabeça do menino. Gautama sentiu o ardente desejo de beijar os dois, mas conteve-se, temendo acordá-los. Um último olhar — e retirou-se novamente na ponta dos pés, ordenando ao cocheiro que selasse dois dos seus cavalos mais velozes.

Cavalgou ao lado de Channa pelas extensões negras e prateadas da noite: e a voz do Tentador perseguia-o. "Volte, para seres Rei, e eu farei de ti o maior monarca dos quatro continentes. Mas abandona esta louca aventura".

O príncipe, no entanto, se recusou a escutar a voz. A promessa que ela continha era vazia de sentido como o vento da noite. Ao amanhecer, chegou à margem de um rio. Cortou os cabelos

A VIDA DE BUDA

(Siddhartha Sakya Muni Gautama Buda — 563-483 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

longos e abundantes; despiu as vestes principescas e tirou as jóias, entregando-as, juntamente com seu cavalo e sua espada, ao servo Channa, a quem deu ordem de regressar ao palácio e comunicar ao Rajá e a sua esposa a resolução que tomara. Então, depois de vestir uma blusa de camponês, partiu a procurar a verdade junto aos sacerdotes sábios que viviam nas furnas das montanhas.

II

Mas compreendeu que nada poderia aprender dos mestres das velhas religiões. Não era pela ciência deles que renunciara bens e família, e tomara os

nitência e mortificar a carne. Só então — diziam — conseguiria purificar-se de seus pecados. Gautama jejuou, orou, mortificou a sua carne; a fortaleza de ânimo que demonstrou, valeu-lhe a admiração de muitos homens mais fracos. Mas com todo esse ascetismo, não lograra aproximar-se mais da verdade. O caminho da sua paz de espírito não passava pela aflicção do corpo. Recomeçou a comer e a levar vida normal. E os homens supersticiosos, que tinham acorrido a ele como discípulos, começaram a abandoná-lo, desiludidos com a sua "apostasia". Mais uma vez se viu só.

E uma noite em que repousava sob a árvore bô, debatendo-se contra a dú-



Buda

andrajos de mendigo. Tal como os Rajás da Índia, esses mestres eram os senhores do povo: traziam sujeitas as almas da massa pela superstição, pela feitiçaria, o ritual e as cerimônias. Eram uma raça de conquistadores que se diziam arianos e dividiam o povo em castas sociais superpostas, desde a mais elevada, a dos brâmanes, até dos párias "intocáveis". Não, esses sacerdotes brâmanes nada sabiam da verdade. Durante seis anos ele seguiu-lhes os conselhos no pé da letra. O único meio de alcançar a salvação, declaravam-lhe era a vida do asceta. Devia cumprir continua pe-

vida e a solidão, uma grande paz desceu sobre ele. E quando se levantou de manhã, já não era Gautama o Céptico, mas Buda o Iluminado. Por fim, compreendera o mistério do sofrimento humano, suas causas e sua cura.

III

Inicialmente experimentou grande desvanecimento pelo dom da sua revelação, e grande relutância em pregar a verdade aos outros. Mas em breve o arrasou o zelo de profeta. Partiu para a cidade de Benares, onde pronunciou o

seu primeiro sermão num parque de gamos. Cinco leigos vieram escutar.

O que dizia lhes souu a princípio um tanto familiarmente — como as doutrinas dos antigos sacerdotes. Mas, continuando a escutar, ficaram espantados e aterrados ante algo novo. Ele afirmava que o verdadeiro caminho da salvação não estava em nenhuma paragem exterior, mas no interior da alma de cada um. Cerimônias, orações e oferendas, de nada valiam. Ele não pretendia oferecer-lhes "os direitos, os encantamentos, os credos diversos, os poderes sacerdotais, ou qualquer dos deuses em que os homens tanto gostam de confiar". Declarava que, ao contrário dos brâmanes, que se perdiam em especulações a respeito da "existência futura, posterior à morte, e da existência passada, anterior ao nascimento", ele só se ocupava com o procedimento dos homens na existência atual. O filósofo que procura resposta aos vãos problemas da metafísica é tão atilado como o leigo "que, ao ser ferido por uma seta, se põe a fazer conjecturas sobre a pessoa que a arrastou, em vez de procurar extrair o projétil".

No seu esforço por arrancar a seta que o ferira, disse-lhes Buda, ele se entregara aos dois extremos da paixão — os prazeres sensuais do príncipe e as automortificações do eremita. E descobrira que tanto o príncipe como o eremita estavam errados.

Assim como a chuva irrompe na [choupana mal coberta,
Assim a paixão irrompe na mente [mal disciplinada.

Então, depois de ter procurado às cegas nos extremos da paixão, — prosseguiu Buda — encontrara a Senda Inter-média, "que abre os olhos e nos trás compreensão, que leva à paz de espírito, à sabedoria suprema, ao pleno esclarecimento". E' o domínio sobre as paixões que prendem eternamente o homem ao "interminável girar do círculo da vida, às dores do nascimento e às misérias da morte, como o escravo atado a uma roda que nunca se detém".

E então, naquela era semi-brbara, Buda proclamou o seu preceito áureo, que dois mil anos de civilização ainda procuram pôr em prática. A Senda Inter-média é um "Caminho Óctuplo de idéias justas, objetivos elevados, palavras bondosas, retidão de procedimento, meios de vida inofensivos, perseverança no bem-fazer, atividade intelectual e profunda meditação... Somente passando por esse Caminho Óctuplo da proibida-de, poderá o ser humano libertar-se do anseio das suas paixões". Essa era, em essência, a sua doutrina.

A fama e a legenda de Buda começou a espalhar-se por toda a Índia. Narravam-se muitas histórias da sua sabedoria e compreensão. E essas histórias foram-se entrececendo num grande evangelho budista.

Certa vez — contava-se — uma mulher jovem e bela viu adoeecer e definhir seu filhinho. Quando a vida abandonou o corpo da criança, a mãe enlouqueceu de pesar. Apertando ao peito o filho morto, saiu de casa em casa, pedindo um remédio que lhe restituisse a vida. Por fim, chegou à morada de um monge. Estar apiedado, murmurou consigo mesmo: "Ela não compreende". E, em voz alta: "Minha pobre filha, eu não tenho o remédio que pedes; mas sei de alguém que o tem".

"Diz-me quem é!" Implorou a mãe. "E' o Buda. A ele é que deves dirigir-te".

Ansiosamente ela foi em busca de Gautama. E o "Iluminado" declarou: "Sim, conheço o remédio eficaz. E' a semente da mostarda". Mas, quando já a mulher se regozijava com a indicação de remédio tão comum, o profeta continuou: "Tens de obtê-la em alguma casa onde nunca haja morrido nenhum filho, marido, pai ou escravo".

A jovem mãe partiu em procura do remédio. Aonde quer que fosse, as pessoas se mostravam solícitas em dar-lhe a desejada semente. Mas a mulher perguntava: "Esta casa nunca foi atingida pela morte de nenhum filho, marido, pai ou escravo?" E respondiam-lhe tris-



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotinai

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra póme nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as câimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famadas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que dão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

temente: "Tal casa não existe em parte alguma. Os mortos são muitos, os vivos, poucos". Então, mergulhada em profunda cisma, ela se encaminhou a uma floresta e lá enterrou a criança. Quando tornou para junto de Gautama, este perguntou: "Encontraste a semente da mostarda?" E a mulher respondeu: "Não, meu mestre, mas encontrei a cura. Sepultei a minha dor na floresta. E agora estou pronta para seguir-te em paz".

Gautama ensinava a alegria, não da posse, mas da renúncia. Essa doutrina da renúncia, dizia ele, está na base do segredo da vida. A nossa existência representa a jornada feita pela alma, da terra ao céu. Mas essa jornada, asseverara Gautama, efetua-se em sucessivas migrações da alma por muitos corpos. A princípio, sob a influência dos eremitas, Buda aceitou a concepção popular da transmigração das almas. Isto é, ensinou que a alma individual renasce muitas e muitas vezes, viajando de uma a outra prisão corpórea, até que, libertada por fim da necessidade de encarnar-se num corpo vivo, ia dissolver-se no Nirvana, ou beatitude celestial. Sua própria alma, dizia ele aos discípulos, tinha outrora habitado o corpo de uma codorniz.

Esta idéia tósca da transmigração das almas foi-se apurando em concepção mais poética, à medida que Buda avançava em idade. Na filosofia dos seus últimos anos, já não representava a alma como submetida a uma série de migrações pessoais. Em lugar disso, ensinava aos seus discípulos que cada alma é como um facho, cuja chama é por sua vez comunicada a outro facho, e assim sucessivamente através dos tempos, até se fundir na chama universal da vida eterna. Ou, para empregar a metáfora dos sinos, cada vida é uma nota que, desferida numa sala aberta, faz vibrar em uníssono outros instrumentos semelhantes, em toda a extensão dos corredores do tempo, até ser finalmente absorvida na harmonia universal do céu.

Desembaraçada de suas imagens poéticas, esta doutrina inculca simplesmente que as consequências de cada vida são de longo alcance, e que todo ser humano é uma parcela importante da humanidade.

Quanto à imortalidade pessoal, Buda não cria nela, nem a desejava. Cada alma humana, pensava, é apenas um fragmento da alma universal; e aspirar à imortalidade pessoal é querer satisfazer a parte a expensas do todo. As misérias humanas, dizia aos seus discípulos, são causadas pela nossa ambição egoísta, tanto no que diz respeito a este mundo como ao outro.

Mas aquele que subordina o seu pequeno Eu pessoal ao Eu mais amplo da humanidade, está finalmente pronto a terminar sua penosa peregrinação de vida e entrar no Nirvana do descanso eterno.

O Nirvana, segundo a doutrina de Buda, é "o completo aniquilamento de todo desejo corpóreo". Nir quer dizer para fora, e va quer dizer soprar. O céu é "o apagar da chama da paixão egoísta", — a completa extinção da alma individual de aflições e lutas, a nossa libertação definitiva do tempestuoso mar da existência. "A existência é o oceano; o quebrar das suas vagas, os numerosos nascimentos do homem; a espuma sobre a crista das vagas, este corpo mortal; e a praia, além, é o Nirvana, o porto seguro da paz".

Para alcançar essa paz da abnegação no seu sentido mais profundo, os homens devem despojar de inspirações egoístas as suas instituições sociais, políticas e econômicas. O sistema de castas, que afastava um hindu e outro pela "desrazão" do seu nascimento, devia ser abolido. Buda ensinava que todos os homens nasceram com "igualdade de direitos". Palavras corajosas, no frio alvorecer do mundo! "Um homem é nobre ou ignóbil conforme o seu proceder, e não conforme o seu nascimento".

Como todos os grandes profetas, Buda preservou o que havia de bom na religião de seus pais enquanto lhes condenava as instituições religiosas. Mas, ao contrário da maioria dos outros profe-

(Cont. na pág. 83)



CASA DE SAÚDE DR. BENAION

Direção técnica: DR. ALBERTO MOACIR BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA ★

SALA DE OPERAÇÕES COM AMBIENTE

ESTERILIZADO ★ SALA DE PARTOS ★

SERVIÇO MÉDICO PERMANENTE ★

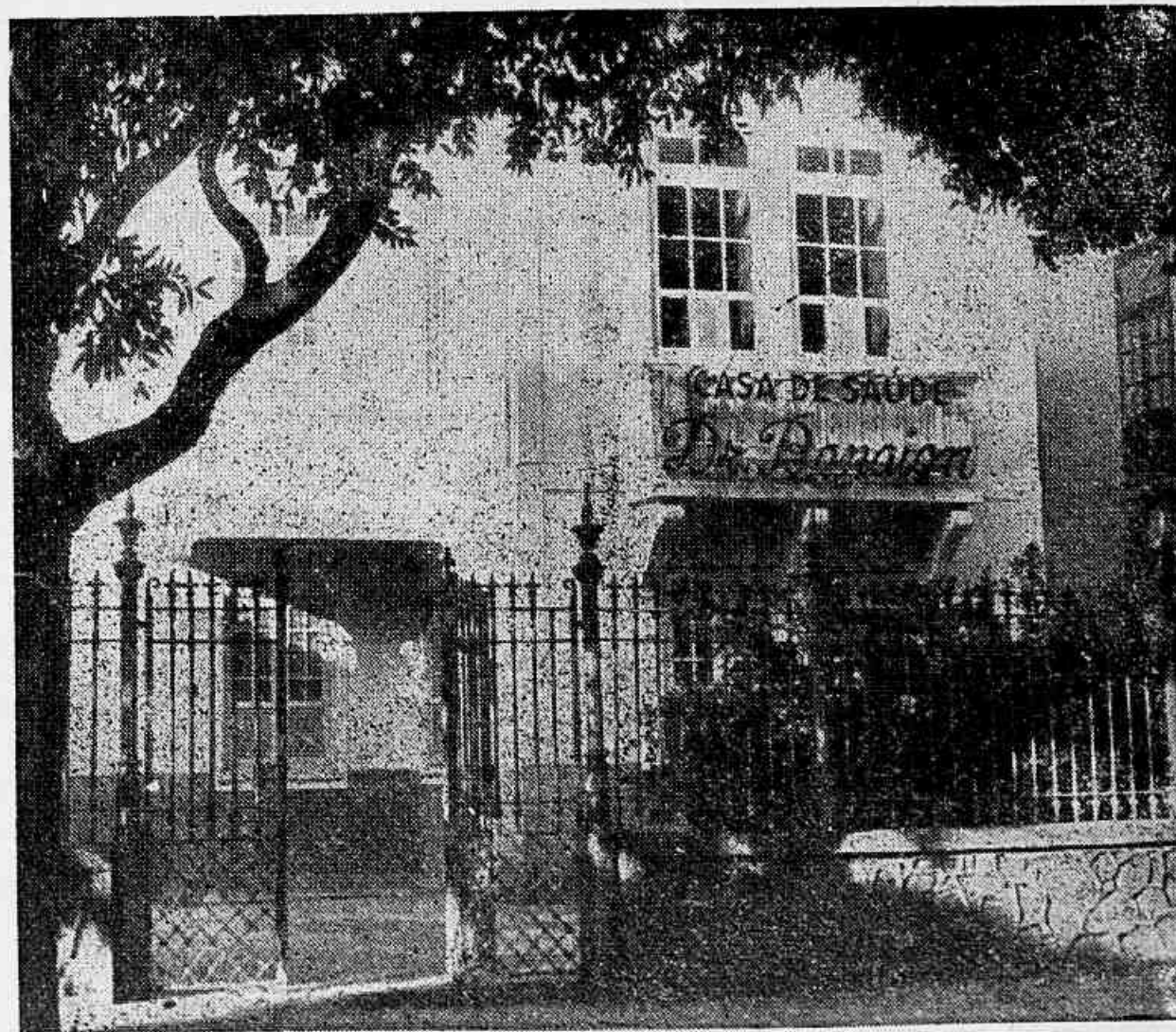
QUARTOS COM HIGIENE E CONFORTO

★ ENFERMAGEM ★ TÉCNICA

★ COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

SERVIÇOS DE RAIO X - FISIOTERAPIA - OXIGENOTERAPIA
INCLUSIVE INHALAÇÃO DE PENICILINA

PREÇOS MÓDICOS



RUA AFONSO PENA n.º 54 — Fone: 48-4933 — Tijuca.



Indas musicais

55 minutos de música selecionada no programa "nobre" do Brasil irradiado por uma cadeia das melhores emissoras do Rio, todos os domingos das 10 às 11hs e todas as 3^{as} feiras das 13 às 14 horas

Oferta da CIA DE CARRIS LUZ E FORÇA DO RIO DE JANEIRO LTDA

O tenente Gustel

(Continuação da pág. 88)

— Que idéia!... Com o dedo ele está mostrando a cabeça. — Meu caro, essas tuas idéias... qual, não há remédio!... Ah! bom! Não! estás enganado: dormi no Prater... os jornais da tarde te explicarão. — "Impossível! — dirá ele". — Esta manhã, quando fomos para o exercício, nós o encontramos na rua do Prater! — Quem irá comandar minha seção? — Talvez Walterer — isso fará uma confusão dos diabos. — Um sujeito sem coragem, sem iniciativa — aí está outro que faria melhor em ser sapateiro remendão... O sol se levantou! — Que belo dia vai fazer! Um verdadeiro dia de primavera... Diabos levem este cocheiro de fiacre! — Às oito horas ainda ele estará vivo... e eu!... Que é que estou pensando? Não vou me comparar com um cocheiro de fiacre!... Meu coração está batendo a ponto de me sufocar! Oh! não é por causa disto... é porque tenho o estômago vazio. — Gustel, seja franco: estás com medo — estás com medo muito simplesmente porque não sabes o que é isto!... Somente acontece que o medo não serve de nada... é preciso passar por isto... cada um por sua vez... um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde... para você é muito cedo... eis tudo!... Não valias grande coisa, procura conduzir-te bem, tenho o direito de pedir-te! — Vamos refletir! — Porque?... teimo em refletir... Contudo é simples: meu revólver está na gaveta de minha mesinha de cabeceira... está carregado — aperto o gatilho e acabou-se a história.

Aquela mocinha vai andando ligeira para ir para a loja onde trabalha... pobre pequena! — Adelia era também "vendeuse" — algumas vezes fui encontrá-la à noite... quando elas têm uma ocupação não se tornam vagabundas como as outras... Se Steffi dependesse de mim, eu a estabeleceria como modista ou qualquer coisa nesse gênero... Como é que ela irá saber de minha morte? — pelo jornal?... Ficarei furioso porque não a preveni... Estou divagando... não tenho nada com isto, que ela fique furiosa ou não... Desde quando estamos juntos?... desde janeiro, creio... Não, foi antes do Natal... eu levei para ela bombons de Graz... e ela me escreveu no dia de ano bom... A propósito, certas cartas que eu tenho em casa — não deveria queimá-las?... A de Fallsteiner, por exemplo — ela teria complicações se a achassem... E' o que me preocupa menos! — Aliás, eu não a acharia... poderia destruir tudo em bloco... atirar tudo no lixo! — Deixarei meus livros para Blany. — "Através da noite e do gelo... pena que não tenha podido acabar esse alfarrábio... não tenho lido muito nestes últimos tempos... Estou ouvindo um órgão que estão tocando — estão dizendo a missa na igreja. — Há muito tempo que não assisto à missa da madrugada! — Assisti com a minha divisão em fevereiro... Mas estava prestando atenção ao meus homens para que se portassem bem... portanto não vale. — Estou com vontade de entrar... talvez haja alguma verdade em tudo o que se diz... estarei duro antes do almoço! Ah! "o almoço", boa pilheria!... Vamos, entro mesmo? — Seria talvez um consolo para Mamãe saber que estive na igreja!... Clara não ligaria muita importância... Entremos sempre, não faz mal nenhum!

— O órgão — o cântico — hum! — Que é que há? — Estou tonto... Meu Deus, meu Deus, eu gostaria de poder falar a alguém antes. — Se eu me confessasse? O cura abriria cada olho se eu lhe dissesse ao terminar: "Adeus, senhor cura, vou para casa agora para me suicidar!..." Se eu fosse prestar atenção ao que penso, seria capaz de me atirar no chão chorando... Não se pode fazer uma coisa destas! mas poder chorar algumas vezes bem que alivia... Vou me sentar. — Atenção, para não dormir como no Prater! — As pessoas religiosas têm uma sorte!... Bom, aí estão minhas mãos tremendo... Se continuar assim, acabarei com nojo de mim... e é de vergonha que acabarei!

morrendo! — Aquela velha — que será que ela pede ao bom Deus... na sua idade?... Se eu lhe dissesse que rezasse por mim... porque não aprendi a rezar direito... Ah! ah! dir-se-la que ter de morrer torna as pessoas estúpidas! — De pé! — A ária que estão cantando me faz pensar nalguma coisa... em que é? — No concerto de ontem, ora essa! — Vou-me embora... não posso ouvir isto!... Devagar... minha espada está arrastando nas lages — devagar, é preciso não distrair toda essa boa gente. — Pronto... agora está melhor... o ar fresco me faz bem... Está bem claro... aproxima-se o instante — gostaria que isso já estivesse acabado! — Era logo depois que eu deveria ter agido... logo depois, no Prater... Nunca se deveria sair sem revólver... Se eu o tivesse apanhado ontem... Oh, lá lá! — Vou entrar no café e tomar qualquer coisa... estou com fome... antigamente eu não compreendia como os condenados à morte tomavam uma refeição e fumavam um cigarro... ora, desde ontem que não fumo. — E' engraçado, estou com vontade de ir ao meu café... ele está aberto a esta hora... não há ninguém — e depois, mesmo que houvesse alguém... tanto pior... darei prova de sangue frio. "Ele tomou café às seis horas, depois voltou para casa e se matou... Agora estou tranqüilo... esta caminhada me acalmou — e, depois, é admirável pensar que ninguém me força. — Se eu quisesse, poderia continuar as coisas... a América... que significa contornar as coisas?... Decididamente estou estonteado! — Estarei calmo, por acaso, porque não acredito nisso?... E' preciso que o faça, é preciso! Devo fazê-lo! Devo! Não, não quero! — Gustel, você pode-se imaginar tirando a farda e fugindo para a América? E aquele sujo daquele padeiro estouraria de rir — e até Kopetzky recusaria falar mais contigo!... Parece que peguei um fardo, só ao pensar nisso. — O polícia está me cumprimentando... "Bom dia, meu velho..." eu disse "meu velho"!...

Isso dará prazer a esse pobre diabo... nunca ninguém teve pena de mim — fora do serviço tenho sido sempre muito indulgente — nas grandes manobras dei charutos aos sub-oficiais — uma vez ouvi um soldado atrás de mim se queixando daquele serviço dos diabos... e não fiz nenhuma queixa... contentei-me em dizer-lhe: "Tome cuidado, se fôsse outro que ouvisse o que você está dizendo, você passaria maus momentos!" — O Bugho!... Quem então estará de guarda?... Os bosnianos. — Esses têm linha. — O coronel disse outro dia que em 78 ninguém teria pensado que um dia esses rapazes nos obedeceriam a um dedo e a um olhar!... Puxa, eu gostaria de fazer uma campanha como aquela. — Ei-los todos em pé deante do banco. — Continência, continência! Não há jeito de viver mais para ver a guerra. — No entanto, seria muito mais glorioso morrer no campo de honra... o médico se livra de boa... Se alguém me substituisse? — Kopetzky ou Wymetal se bateriam perfeitamente no meu lugar!... não, ele não se sairia do apuro tão facilmente. E depois, ora bolas, que me importa! não estarei lá para vê-lo!... Olha só, as árvores estão brotando... um dia abordei uma mulher no Volksgarten — ela estava com um vestido vermelho — mais tarde a transferi a Rochlitz... Creio que eles ainda estão juntos... apenas ele não fala nisso nunca — isso certamente o mortifica... Steffi nesta hora deve estar dormindo... Ela é bonitinha quando dorme... tem um arzinho candido! Todas elas têm esse ar quando estão dormindo! — De qualquer modo eu deveria escrever a ela... Porque não? E' assim que se faz. Antes de morrer é costume escrever cartas... E depois deveria escrever também a Clara, encarregá-la de consolar papai e mamãe — e assim por diante! — E depois há Kopetzky... E' uma impressão que tenho, me parece que a morte me seria menos penosa depois de me despedir dos meus... E depois minha comunicação ao chefe do regimento — os cento e sessenta florins de Ballert... tenho um bocadinho de coisas a fazer!... Não sou forçado a me matar às sete horas... Posso muito bem morrer às oito... mor-



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

est — morrer — é assim que se ~~de~~, não há errada!... O Ring — estou bem perto do meu café... agrada-me a idéia de tomar qualquer coisa... é incrível. — Depois da refeição, acendo um charuto, depois volto para casa e escrevo... ao chefe do regimento em primeiro lugar para fazer minha comunicação; depois a Clara — a Kopetzky — e a Steffi... que é que vou dizer a essa pequena doudi-vanas?... "Meu bem, não desconfias... — Que imbecilidade! — Vou pôr: "Meu bem, agradeço-te". — "Meu bem, antes de deixar este mundo, não quero deixar de..." — Nunca eu soube escrever cartas! — "Meu bem, mando-te uma última e cordial lembrança, Gustel..." — Ela abrirá os olhos num espanto ao ler isto. Que sorte que eu não goste dela!... Deve ser muito triste quando se gosta duma pessoa e... Nada de frases, Gustel, Não é mais alegre doutro modo... Terias conhecido outras mulheres, gostarias duma ou doutra, e acabarias encontrando uma boa menina de boa família que te trouxesse um dote suficiente. — De qualquer modo é uma lástima! — E' preciso que eu escreva longamente a Clara, é preciso que lhe explique que não pude agir doutro modo!... "me perdõe, minha irmã querida, e procure consolar meus pobres pais. Sei que dei desgostos e preocupações a vocês. Acreditem, apesar de tudo, eu lhes queria muito bem. Espero que um dia sejam felizes, minha querida Clara, e que te lembres algumas vezes de teu irmão desventurado, Gustel..." Prefiro não escrever! Isto me dá vontade de chorar... sinto um ardor nos olhos só em pensar... Mandarei uma palavra a Kopetzky, um cordial adeus; ela que previna minha família. Seis horas, já? — Não, bateu meia hora — três quartos. — Seis horas menos um quarto. — Oh! que linda carinha! — Que dirá a mocinha que eu encontrava todos os dias na rua Florian, quando ler minha morte no jornal? — Mas ela não sabe meu nome — ficará admirada de não me ver mais... Ante-ontem eu tinha resolvido falar com ela na próxima vez. — Ela me havia encorajado bastante... Ainda bem nova — uma pequena inocente quem sabe? — Ora! Nunca se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje... Aquêl sujeito também não deve ter dormido esta noite! — Ele vai para casa, para se deitar confortavelmente na cama — e eu! — A hora é grave, Gustel! aproxima-se o minuto fatal!... Bem, se não fosse um ligeiro arrepiço pela espinha, seria fácil — e coragem! posso bem confessar que estou disposto... Aonde vou? meu café está ali... estão varrendo... Vamos sempre entrar...

Lá está a mesa onde se jogou a partida de "tarok"... quase não posso acreditar que aquêl sujeito gor-do que joga ali todos os dias tenha sido o mesmo que me... — Nem viva!... onde está o garçon? — Hê! ei-lo que está se vestindo para o trabalho... Na verdade não vale a pena que você se ponha em forma!... Sim, mas ele terá de servir a outras pessoas depois de mim.

— "Bom dia, senhor tenente".
— "Bom dia".
— "Tão cedo assim, senhor tenente?"
— "Me deixe — estou com pressa! Vou ficar com a capa".
— "Que é que o senhor deseja, senhor tenente?"
— "Café com a nata".
— "Neste instante, senhor tenente!"
Ah! lá estão os jornais... os jornais de hoje... será que falam alguma coisa?... Se falam do que... Já ia procurar a notícia do meu suicídio! Ah! ah! — Vou ficar ali... sentado perto da janela... O garçon acaba de deitar o café com leite... Vou fechar a cortina, não quero que os outros olhem para mim... Ninguém passa na rua a esta hora... não importa... E' bom este café — uma refeição não é uma palavra vã. Isto dá ânimo, sente-se outro... fiz mal em não ter jantado... Que é que este garçon ainda quer? — Ah! ele traz os pãzinhos...

— "Senhor tenente, o senhor sabe da notícia?"
— "Que notícia?"
Meu Deus, será que ele soube de alguma coisa por acaso?... Sou um idiota, é impossível!

— "O senhor Habetswallner..."
Hein? Mas é o nome do padeiro!... Que é que ele vai acrescentar?... Ele teria vindo aqui esta manhã? Teria contado alguma coisa?... Porque que ele não continua?... Ah! parece que está falando...

— "... teve um ataque de apoplexia a noite passada".
— "Como?... Não devo gritar... não devo deixar que ninguém perceba alguma coisa... estarei sonhando?... vou interrogá-lo: "Quem foi que teve um ataque?" — Bravo! disse isto com um ar perfeitamente despreocupado.

— "O padeiro! O senhor tenente deve conhecê-lo... Ele vinha aqui todas as tardes para jogar sua partida de "tarok"... A mesa dele era ao lado da dos senhores oficiais... ele jogava com o senhor Schlesing e com o senhor Waser, o florista de defronte".

Não, não estou sonhando — tudo isto é verdade — e não chego a acreditar — vou fazer-lhe algumas perguntas... sem dar a perceber...

— "Você falou num ataque de apoplexia?... como foi isto? Quem lhe deu a notícia?"
— "Mas, senhor tenente, estamos em boas condições para saber — o pãzinho que o senhor está comendo é da padaria Habetswallner. O garoto que nos entrega o pão às quatro e meia nos contou tudo".

Prudência, prudência, não quero trair-me... tenho vontade de gritar, tenho vontade de rir, tenho vontade de abraçar o garçon... Mas não basta. Um ataque de apoplexia não é forçosamente mortal... é preciso que eu pergunte se ele está morto... mas, calmamente, calmamente... a sorte do padeiro me deve ser perfeitamente indiferente... corro os olhos pelo jornal e solto minha pergunta sem qualquer interesse:

— "Morreu?"
— "Pois não, senhor tenente; morreu na mesma hora!"

Que sorte, que sorte! — Talvez seja assim porque eu estive na igreja...

Ele esteve no teatro à noite; ao subir as escadas caiu com todo o corpo. — O porteiro ouviu o barulho... ajudou a levá-lo para cima; quando o médico chegou, tudo estava terminado".

— "Que tristeza! Ele não era velho".

Eu disse isto muito bem — ninguém poderia perceber coisa alguma... faço um esforço enorme para não gritar, para não me atirar em cima do bilhar...

"Sim, senhor tenente, é triste; era um homem tão delicado... há vinte anos que ele vinha aqui — ele se dava muito com o patrão!"

Palavra de honra que nunca me senti tão alegre... Ele está morto — ele está morto! — Tenho uma sorte inverossimil!... Se não tivesse entrado neste café, ia me matar por nada... que inspiração tive! — Onde está o garçon? — "Hê, Rodolfo!" — Está falando com o cozinheiro. — Então é veruade — ele está morto — morto como se pode estar morto! Mal se pode acreditar! — Eu gostaria de ir à casa dele, para verificar por mim mesmo. — Um ataque de apoplexia?... Morreu de raiva... a cólera deve tê-lo sufocado... E depois, que é que tenho com isto?... O que importa é que ele tenha morrido e que eu possa viver... O mundo é meu!... E' engraçado, estou molhando meu pão no café, o pão de Habetswallner! — e o estou achando muito bom! Gosto do seu pão, senhor Habetswallner! E' estupendo! — Olá, eu gostaria agora de fumar... "Rodolfo! vamos, Rodolfo, deixe o cozinheiro tranqüilo!"

— "O senhor tenente deseja o que?"
— "Um charuto".

Como estou contente, como estou contente!... Que é que vou fazer?... Que é que vou fazer? E' preciso fazer qualquer coisa, senão eu também vou ter um ataque!... A alegria me sufoca... Dentro de um quarto de hora irei à caserna e mandarei João fazer-me uma fricção com água fria... às sete e meia temos a inspeção dos fusis, às dez horas o exercício. — E vou escrever a Steffi que ela deve estar livre esta noite! E' preciso, custe o que custar, que ela saia comigo! E esta tarde, às quatro horas... espere, meu velho doutor! Estou com um bom humor excelente... você... vou reduzi-lo a picadinho!



Souto
RIO

**É O CALÇADO QUE
ACOMPANHA
O RITMO DA
VIDA MODERNA**

**A VENDA NA
CAPITAL E
NOS ESTADOS**

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

SÉDE: LEOPOLDINA — E. DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTOS

Est. de MINAS GERAIS:

Belo Horizonte — Francisco Sales
— Palma — Pirapetinga — Pôrto
Novo — Recreio — São João Ne-
pomuceno — São Lourenço — Sil-
vestre Ferraz.

Est. do ESPÍRITO SANTO:

Mimoso do Sul — Muqui.

Est. de SÃO PAULO:

Presidente Bernardes - Valparaíba
Est. do RIO DE JANEIRO:
Barra Mansa — Cambuci — Cam-
pos — Cardoso Moreira — Carmo
— Itaperuna — Miracema — Pá-
dua — Petrópolis — Porciuncula
— Pureza — Rezende — São Fide-
lis — Sapucaia — Volta Redonda.



FILIAL DO RIO DE JANEIRO

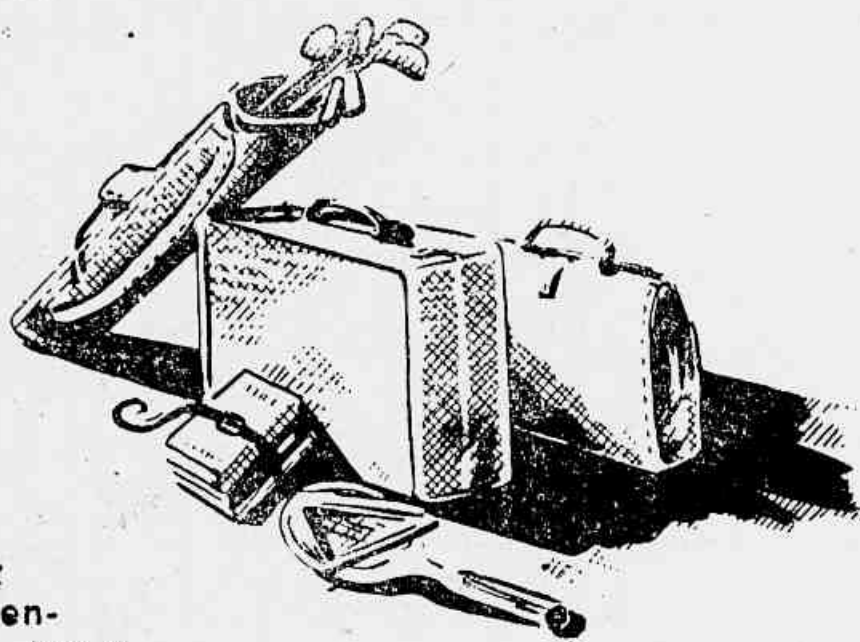
Rua da Quitanda, 72

Tels.: Gerência 23-4113 — Rêde Interna 23-1961

End. Tel. "RIJUBO" — Caixa Postal: 1200



Há sempre um motivo para Viajar — seja negócios... estudos... recreio — mas há muitas razões por que a Melhor maneira de viajar é representada pelo emblema da PAA...



Rapidez com segurança.

Regularidade que somente a experiência da PAA pode oferecer.

Assistência exemplar aos passageiros.

Atenções prestimosas a todos os seus desejos.

Repouso no requintado conforto que caracteriza os gigantescos Clippers. Portanto... da próxima vez que viajar...

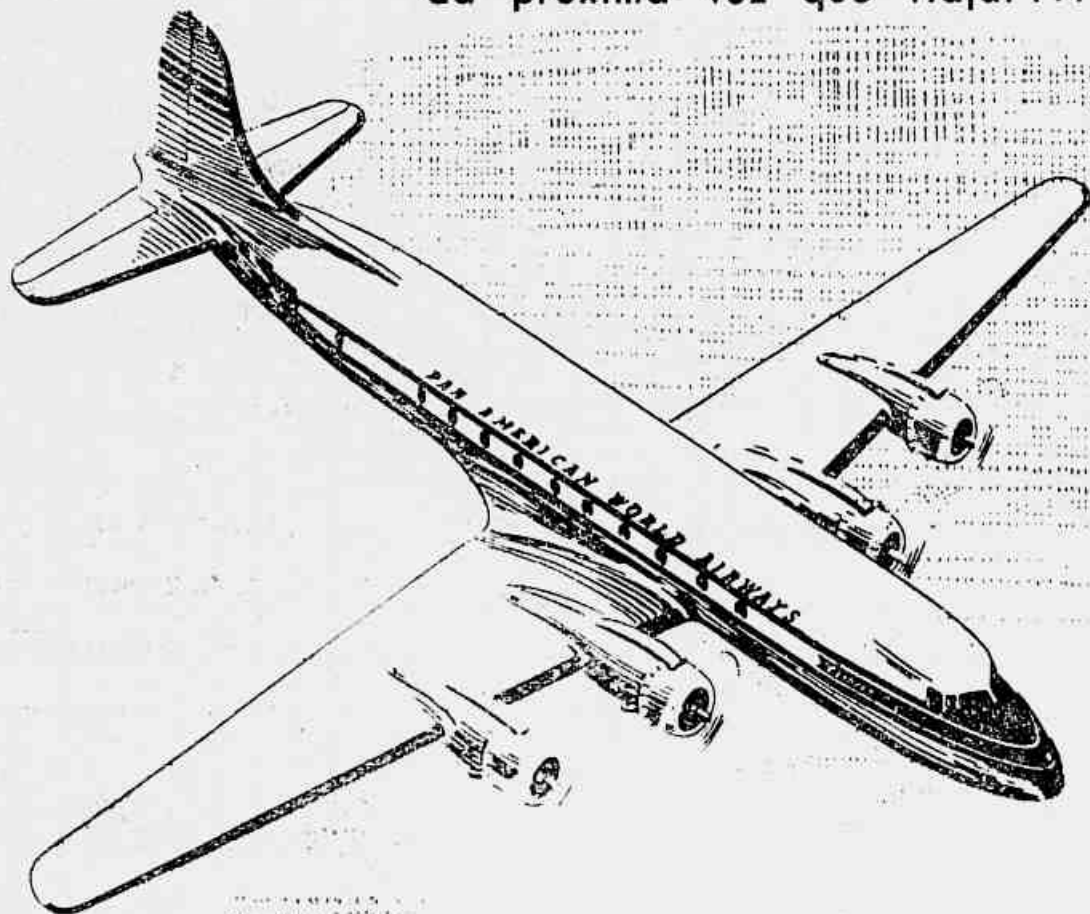
Viaje pela PAA

- Melhor maneira não há!

Sim, todos os dias, de Buenos Aires a Nova York, de Caracas a Calcutá, a PAA proporciona ao viajante rapidez, elegância e conforto que representam hoje os mais altos padrões em transportes aéreos — padrões de que V. S. pode desfrutar ao redor de todo o mundo.

Viagens por toda parte.

Consulte as Agências de Viagens ou a...



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
 *A Rede dos Clippers Voadores*



Certificado de garantia por 10 anos

Vendas a prazo, em 10 prestações
Vendas e exposição com o
Representante Exclusivo
A. BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º andar
Salas 1.009/10 — Fone 42-2455



DERMOFLORA

Sapónete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc.

Produto da FLORA MEDICINAL
Fórmula do
DR. MONTEIRO DA SILVA

Licenciado pelo Departamento
Nacional de Saúde Pública

J. Monteiro da Silva & Cia.

Rua 7 de Setembro, 195
Rio de Janeiro
A venda em todas as Farmácias e
Drogarias

Adquira o direito de ser jovem e bela
usando VELAS ANTISSEPTICAS

TAVARES

MARCA REGISTRADA
AGORA EM NOVA EMBALAGEM



A VIDA DE BUDA

(Cont. da pág. 79)

tas, não pretendia que Deus estivesse falando por seu intermédio. Não "subornou" o seu povo com a promessa de recompensas futuras no céu, ou com a ameaça de castigos no inferno. Recusou apoiar o seu código moral em sanções sobrenaturais de qualquer espécie. O homem deve libertar-se da exigência egoísta de uma vida venturosa depois da morte. Conjeturas sobre se o santo achará recompensa no Paraíso, são "mata virgem, deserto, teatro de títeres". O homem bom deve estar acima do mesquinho egocentrismo dessas questões. Buda subministra ao seu povo um conselho varonil e nobre: Faz o bem por amor ao próprio bem; por amor da tua paz de espírito; para te tornares um Siddhartha, um "homem" cuja vontade atingiu o seu objetivo.

A doutrina de Buda é de renúncia e tolerância. Ele não afirma a verdade infalível da sua religião. Nem crê que qualquer outro credo tenha direito a fazê-lo. O dogmatismo religioso, declara, leva unicamente ao ódio e à discórdia; nunca à sabedoria e à paz. O mais seguro caminho da salvação, diz ele, está no respeito mútuo de todos os homens, raças e credos. Buda recomenda aos seus adeptos não usar de nenhuma arma para a conversão, exceto a arma inábil da linguagem persuasiva. "Se não posso convencer-te, nunca deverei condenar-te".

Buda não se interessava pela teologia. Só mostrava interesse pela ética. "Nada sei do mistério de Deus, mas conheço alguma coisa das misérias do homem".

Ele tomou a seu cargo aliviar essas misérias na medida das suas possibilidades. Arquitetou um sistema de "devotação e devotamento", erigido sobre o triângulo moral formado pela moderação, a paciência e o amor.

Com seu próprio exemplo mostrava a conveniência da moderação. Tinha nascido para uma existência de prazeres excessivos, e prontamente se fartava dela. Então experimentara uma vida de excessiva mortificação, e antes de muito a aborrecera também. Por fim escolhera um caminho entre esses dois extremos, e encontrara a verdadeira felicidade na sábia doutrina de "nada em demasia". Ensinava o domínio de si mesmo, em oposição à satisfação de si mesmo. Opunha-se igualmente à embriaguez da cobiça, à embriaguez do poder, e à embriaguez do triunfo. Qualquer das três acaba por levar à loucura. O excesso de ambição, o desejo de predominância sobre os fracos e de vitória na

guerra, são sintomas de um espírito enfermo. Pois a vitória é mãe da morte, e do ódio, que é pior do que a morte.

Como, então subjugar essa sede de vitória que existe no coração humano? Pelo paradoxo da paciência, dizia Buda. Perdoando o vencedor. Tratando-o como a uma criança doente. Retribuindo o ódio com a bondade. Pois somente poderemos fazer com que um mundo de crianças selvagens e bulhentas se transforme num mundo de homens e mulheres civilizados e pacíficos. Buda ensinava a sua gente o heroísmo de sofrer sem fazer sofrer, e a coragem de morrer sem matar. Acima de tudo, ensinava-lhes a paciência — a serena paciência do Oriente — e a indulgência. "Nunca derramar uma gota de sangue pela glória de Deus".

Pois Buda professava, não a glória de Deus, mas o poder do amor. Era seu propósito "inundar o mundo de amor". Renunciara a um trono para viver entre os deserdados. E incitava os seus adeptos a fazerem o mesmo, — renunciar ao trono da sua altivez e renunciar-se humildemente aos seus semelhantes. Todo novito admitido na sua irmandade de monges — a Ordem da Túnica Amarela — era obrigado a adotar a vida de um "vagabundo sobre a face da terra". Fazia o voto de emancipar completamente o seu espírito das "coisas do tempo e dos sentidos". Dedicava-se a um único fim — a felicidade pela paz. Livre do preconceito e da superstição, simples, fiel e meigo, vivia de modo que não fizesse mal a nenhum ser vivo, — pois a crença na reencarnação inspira ao budista um sentimento de afinidade, não apenas com todos os seres humanos, mas com todas as formas de vida.

Como a abelha — sem causar dano
A flor, à sua cor, ao seu perfume —
Se afasta levando o néctar,
Assim viva o sábio sobre a terra.

Devotado a esse princípio de fraternidade e cooperação, o monge budista vestia a sua túnica amarela, carregando consigo a "malga de pedinte", uma machadinha para cortar lenha, uma navalha e a concha de beber água. Não precisava de mais para a sua proteção. Pois andava revestido da armadura invisível do seu Siddhartha — a ordem dos cavaleiros sem ódio. "Ide às nações, e pregai o meu evangelho. Dizei-lhes que o pobre e o humilde, o rico e o poderoso, são todos um; e que todas as castas se reúnem nesta religião como os rios no mar".

IV

Uma vez, na sua vida errante, Gautama voltou os passos para Kapilavastu,

O RELATÓRIO DA COMPANHIA DOCAS DE SANTOS

Como se assinala o desenvolvimento do grande porto paulista

A segura orientação administrativa que a diretoria da Companhia Docas de Santos vem imprimindo aos serviços do grande porto paulista evidencia-se no crescente desenvolvimento que o mesmo vem tendo, concorrendo desse modo para o auspicioso surto econômico de São Paulo e do Brasil. Praticamente, está agora eliminado o congestionamento portuário verificado com o fluxo de navios, depois de terminada a guerra, congestionamento esse, aliás, previsto pelo concessionário, pois não fôra possível importar o material necessário para a ampliação das instalações durante o conflito mundial. Tal resultado se deveu, em boa parte, à chegada de moderna aparelhagem, que permitiu a movimentação, em 1947, de 5.126.102 toneladas, excedendo a de 1946 em 299.613 toneladas. Esses números e essas razões constantes do relatório que a diretoria da Companhia Docas de Santos acaba de apresentar aos acionistas, com a informação ainda da conclusão dos estudos da nova relação-programa cuja estimativa do custo total de obras e aquisições a serem executadas até 1950 atingem a Cr\$ 489.160.000,00, mais 291.000.000,00 portanto do que o orçamento constante da relação-programa anteriormente aprovado, atestam o alto espírito administrativo dos dirigentes da concessionária do grande porto nacional, assim como o seu permanente zelo pelos interesses econômicos do país, cujo desenvolvimento tanto depende do trabalho e do patriotismo dos brasileiros de boa vontade.

**RICARDO brilhava
EM 1927...**



...e continua

brilhando EM 1948

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

**Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA**

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

*A mamãe não se alterava,
Papai olhava e sorria,
Se o pão em casa faltava
Creme "LUX" sempre havia.*



"CREME DE MILHO LUX"

EM PACOTES DE 1K. E 1/2K.
EXCELENTE ALIMENTO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

PRODUTO DO

"MOINHO DA LUZ"

PEDIDOS PELO TELEFONE 23-5925

MOVEIS TAPETES CORTINAS



Possuímos em nossos estoques
o que há de mais fino e moderno
e apurado gosto artístico

**MOVEIS
PASCHOAL
BIANCO**

AV. RANGEL PESTANA 1646-1670
SÃO PAULO TEL. 3.2131-2.9887

BANCO ALIANÇA DO RIO DE JANEIRO

É PREVIDENTE ECONOMIZAR

ABRA HOJE MESMO UMA CONTA DE DEPÓSITO
E SE ORGULHE DE SUAS ECONOMIAS.

C/ CORRENTES DE MOVIMENTO (sem limite)	
— para firmas comerciais	3 % a. a.
— para particulares	4 % a. a.

C/ CORRENTES LIMITADAS (até Cr\$ 100.000,00)	
— somente para particulares	5 % a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO (sem limite)	
— 3 meses	5 % a. a.
— 6 meses	6 % a. a.
— 12 meses	7 % a. a.

BANCO ALIANÇA DO RIO DE JANEIRO S. A.
RUA DA ALFANDEGA, 32

O BANCO DOS BONS SERVIÇOS

a cidade governada por seu pai, a sua terra natal. Irmãos e tios foram esperá-lo num bosque da antiga capital. E quando viram "o estado de pobreza e humildade a que descera o príncipe", desviaram o rosto e retiraram-se pesarosos. Gautama tomou a sua malga e abriu caminho no meio do povo pedindo esmolas. O Rajá seu pai, ao saber que o filho andava mendigando pelas ruas, saiu ao seu encontro.

— Por que me envergonhas? — perguntou.

— Marajá, — respondeu Gautama, — este é o costume da nossa santa irmandade.

— Mas nós descendemos de uma ilustre raça de guerreiros, homens que dão e tomam, mas que nunca pedem.

O filho fitou o pai com indulgência.

— Tu, e a tua família, podeis reivindicar a ascendência real; a minha ascendência é a dos profetas. E eles sempre viveram de esmolas. — E então, com um assomo de inato orgulho, Gautama prosseguiu: — Também eu tenho algo que dar. Quando um filho descobre um tesouro escondido, é seu dever oferecer ao pai a mais preciosa das jóias. — E Gautama pregou-lhe os princípios cardeais da sua doutrina.

O Rajá não respondeu. Pegando a malga do filho, conduziu-o ao palácio, onde os membros da família e a famulagem estavam reunidos em sua honra.

Houve um dos membros da família,

entretanto, que recusou comparecer à recepção. Era Yasodhara, sua mulher. "Se eu tiver algum valor a seus olhos, ele virá a mim", declarou.

Quando Gautama deu p. a sua ausência, saiu a procurá-la. Encontrou-a na câmara em que pela última vez a contemplara, adormecida, com o filhinho nos braços. Ao ver o solitário na sua túnica amarela, com a cabeça raspada e rosto macilento, a recordação da antiga felicidade dominou-a, e Yasodhara caiu de joelhos e abraçou-lhe os pés, soluçando.

E o Rajá, vendo a dor de sua nora, disse a Gautama:

— Meu filho, perdoa-a como ela te perdoou. Todos esses anos, Yasodhara não cessou de te amar. Tem recusado todo conforto de vestimenta e alimentação, esperando pacientemente a volta de seu senhor. Toma apenas uma refeição diária e dorme no chão, rejeitando o leito nupcial.

E Gautama, ouvindo estas palavras, baixou os olhos em silêncio.

Então Yasodhara se ergueu e foi em busca do seu filho, Rahula. Vestiu-lhe as suas melhores roupas e disse-lhe que ia levá-lo a seu pai.

— Não conheço nenhum pai além do Rajá, — retrucou o menino — Que outro pai tenho eu?

Enquanto Rahula falava, entraram na sala em que Gautama estava a comer a sua tigela de arroz.

O tenente Gustel

(Cont. da pág. 25)

importância?... — Porque? — Porque é preciso que eu me mate, ora esta, nada tem mais importância — porque é preciso-que-eu-me-mate... E' preciso? — Gustel, são horas de ficares sério... Vieste ao Prater para ficares sozinho, para refletires à vontade — presta atenção. — Deixar o exército, ir para a América — não podes fazer isto! Não dás para outra coisa — e depois, escuta, não adeantaria ir embora, este caso te perseguiria — e quando tivesses cem anos ainda te lembrarias de que te chamaram "seu imbecil" e de que quiseram partir

tua espada! — E a idéia de ir ver mamãe e Clara é também impraticável — elas se consolarão — a gente se consola de tudo... Tua mamãe chorou bastante quando o irmão morreu — ao fim de quatro semanas já não pensava mais... ia ao cemitério todas as semanas, depois todos os meses — agora só no dia do aniversário da morte dele. — Amanhã é 5 de abril — 5 de abril vai ser o dia do aniversário de minha morte, de minha morte! — onde será o enterro? Em Graz? Será um regalo para os vermes de Graz! — Que é que eu tenho com isto?... eles farão como entenderem... Que me resta fazer?... Os cento e sessenta florins para Ballert — é só isto — não tenho que me preocupar

ANGELO SANTUCCI

TINTAS PARA IMPRESSÃO

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

SUN. CHEMICAL CORPORATION — NEW YORK

RUA DO SENADO, 10 — Telefone 22-4869

A "SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S/A"

OFERECE CONDIÇÕES AS MAIS VANTAJOSAS
NOS SEUS NOVOS TÍTULOS DE ECONOMIA

★

Para a aquisição de títulos, ou informações sem compromisso, queira recortar este anúncio, e enviá-lo, com o seu nome e endereço, à rua da Alfandega, 41, Caixa Postal 400, Rio de Janeiro.

— Este homem é teu pai, — disse Yasodhara. — Eu o ouvi falar de um grande tesouro escondido que descobriu. Vai agora e pede-lhe o que te toca de direito; dize-lhe: "Sou teu filho; serei o chefe da tribo, e precisarei da minha herança. Dá-ma".

O menino abriu caminho até Gautama. — Pai, alegra-me que tenhas vindo para me dar a minha herança.

Gautama ficou silencioso, mergulhado em profunda meditação. Quando terminou de comer, levantou-se e dirigiu-se ao bosque dos arredores da cidade. Rahula seguiu-o e mais uma vez lhe pediu a sua herança.

— Pai, peço-te que me des o que é legitimamente meu.

Chegaram por fim a uma árvore bô, e ali Buda falou a Rahula com um sorriso meigo.

— Fazes bem, meu filho, em pedir o teu quinhão legítimo. — E, voltando-se para o seu acompanhante, disse: — Dá a Rahula a sua malga de pedinte, e recebe-o em nossa santa ordem de monges, e dize-lhe que me siga.

com o resto. Escrever cartas? De que serve e para que escrever? Cartas de despedida? — Parece-me que quando a gente se mata, se despede muito claramente de todo o mundo! — Todo o mundo percebe que partimos para sempre... Se os outros soubessem como pouco me importo com tudo isto, nem me lamentariam ao menos — o mundo não perde grande coisa... e eu parto sem saudades. Gostaria de ver uma guerra — mas isto não seria para já... então, palavra, tanto pior... tudo o mais não tem importância... que seja Steffi ou Cunegundes, é tudo a mesma coisa. — Conheço todas as operetas — assisti a "Lohengrin" pelo menos doze vezes — esta noite assisti a um oratório — um padreiro me chamou de imbecil — palavra de honra, chega! — Não tenho mais nenhuma curiosidade... — Voltemos para casa devagar, bem devagar. Não tenho pressa. — Vou descansar ainda alguns minutos naquele banco. — pobre oficial sem pouso! — Não vale mais a pena me deitar... terei bastante tempo para adormecer toda a minha bebedeira. — Ah! este perfume —

Todo o resto de sua longa vida, Gautama vagou de cidade em cidade, acampando nos bosques vizinhos, nos jardins, ou à margem de algum rio. E muitos foram os discípulos a quem entregou a sua "legítima" herança.

Um dia, finalmente, quando já passava dos oitenta anos, acolheu-se à cabana de um ferreiro para o almoço. Depois voltou ao bosque e estendeu-se num leito de folhas, mortalmente enfermo. Os discípulos se reuniram ansiosos em torno do mestre. E Gautama ergueu os olhos para eles.

"Não penseis que, por ter-se ido o vosso mestre, a Palavra morreu".

Mas, ao aproximar-se do "abençoado silêncio da paz", Buda, se previu a nova feição que a sua Palavra ia assumir, espantar-se-ia. Pois o doutrinador religioso que não acreditava em Deus, ia converter-se no Deus de uma nova religião.

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé").

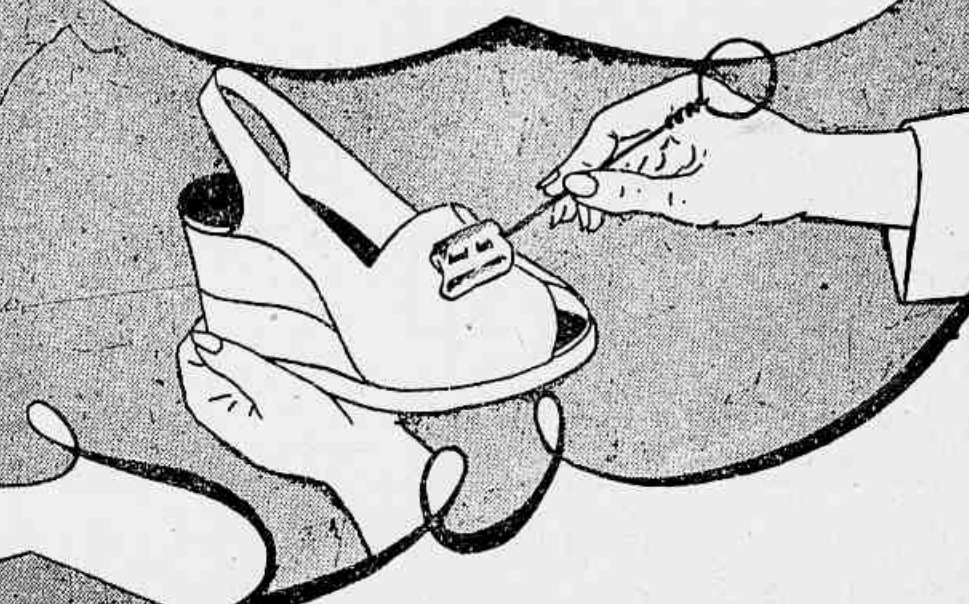
como é bom... Daqui a pouco não poderei aspirá-lo mais... Que é que há? — Olá, João, um copo d'água fresca... Hein, que é que há?... Onde estou?... Estarei sonhando? Ah, esta minha cabeça!... que vergonha!... Não consigo abrir os olhos. — Estou vestido, palavra! — Onde estou? — Santo Deus, pois não é que dormi? Como foi que pude dormir? A madrugada já está clareando! — Que horas são? Não consigo ver... meus fósforos?... será que consigo acender um?... Três horas... meu duelo é às quatro horas — não, não se trata mais de duelo, mas de suicídio! se trata mais de duelo, mas de suicídio!

— O duelo não se realizará; um paque eu me mate... Minha cabeça anda à roda... como apertada num tórno... não posso mover com o pescoço — tenho um formigamento na perna direita. — De pé! De pé!... Assim é melhor... Está mais claro agora!... o ar é doce como no dia em que eu era batedor e acampe na floresta... E entretanto que diferença — naquela hora eu tinha outro dia diante de mim... Não posso

COTTO

BLANC

Um branco
ALVO PARA SAPATOS!



COTTO

**APLICAÇÃO FACIL
E ECONOMICA, SECAGEM
RAPIDA. - 2 TAMANHOS.**



Um produto
COTTOMAR

SEC. VENDAS, AV. VENEZUELA 27-5/303-RIO, TEL. 23.1093

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1948

TAXAS DE DEPO'SITOS

SEDE RUA 1.ª DE MARÇO, N.º 66, RIO DE JANEIRO (DF)

Depósitos sem limite .. 2% a.a

Depósitos populares

Límite de Cr\$ 10.000,00 .. 4 1/2% "

Depósitos limitados

Límite de Cr\$ 50.000,00 .. 4% "

Límite de Cr\$ 100.000,00 .. 3% "

Depósitos a prazo fixo:

Por 6 meses .. 4% "

Por 12 meses .. 5% "

Com retirada mensal de juros:

Por 6 meses .. 3 1/2% "

Por 12 meses .. 4 1/2% "

Depósitos de aviso prévio:

30 dias .. 3 1/2% "

60 dias .. 4% "

90 dias .. 4 1/2% "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.ª de Março, n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Mariz e Barros, 44 — Botafogo, Rua Voluntários da Pátria, 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande, 100 — Copacabana (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1.299 — Glória, Rua do Catete, 238-A — Madureira, Rua Carvalho de Souza, 299 — Meier, Avenida Amaro Cavalcanti, 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rego, 78 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo, 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) — Saúde, Rua do Livramento, 63 — Tijuca, Rua Desembargador Isidro, 4 — Tiradentes, Rua Visconde do Rio Branco, 52 e Vila Isabel, Avenida 28 de Setembro, 412-A.

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.
EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**

Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43-3234

ANEMIA? FRAQUEZA?

DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

L. B. DE ALMEIDA & CIA.
FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS
Oficina mecânica em geral — Fogões a gás e lenha, marca "Progresso" —
Prensas para ladrilhos e escritório. Cadeiras para dentista "Almeida Pinho"
— Cadeiras para barbeiro — Bancos para jardim e Bengueiros de ferro
fundido em ornatos

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em
barras — Vergalhões — Cantoneiras "T" "U" e elxos para transmissões —
Tubos de ferro galvanizados, pretos e vermelhos, e de aço para caldeira.

RUA DOS ARCOS, 28-42

TELEFONES:

Armazem: — 22-0409 — 22-1718 — 22-2748 — 22-1584
Escr. Técnico: 42-4675 — Contab.: 22-1342 — 22-2549
RIO DE JANEIRO



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos
Importação direta — Fornecimento de "stock"

FORNECEDORA DESTA REVISTA

As chapas rijas super-isolantes

TENTEST

TENTEST de fibras de madeira, isolam o calor, frio e ruídos.
E' de aplicação fácil, econômica e rápida.

Consultem o nosso Departamento Técnico. Peçam amostras.

S. A. Mercantil Anglo-Brasileira

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

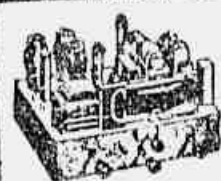
Escritório da Matriz: R. de Janeiro, R. da Candelária, 9-6.º and.
Edifício da Associação Comercial — Telefone 43-0920 (mesa)

acreditar nisto. — O caminho se abre na minha frente, cinzento, deserto... sou o único ser humano que passeia no Prater. Um dia vim aqui a cavalo com Pausinger, às quatro horas da manhã — o cavalo do capitão Mirovic — e Pausinger no seu sendeiro velho! — era em maio — tudo estava florido — tudo estava verde! Hoje tudo está despido — mas a primavera não custa! — Dentro de alguns dias, haverá violetas, junquinhos — e eu não os verei mais. — O mendigo mais andrajoso aproveitará a primavera e eu, eu estou condenado a morrer... que miséria! E os outros vão jantar em grupos como se não tivesse acontecido nada — como nós fizemos no dia da morte de Lippay... e gostamos de Lippay... gostavam mais dele do que de mim! Afinal de contas, se gostam de sair, porque não hão de sair no dia da minha morte? — Está agradável — bem melhor do que ontem — e que perfume! — parece de flores... Será que Steffi vai me trazer flores? — Nunca! Ela não virá ao cemitério... Adelia... Adelia talvez venha! — Faz dois anos pelo menos que eu não me lembrava dela... Que comédia quando rompi com ela... chorou naquele dia!... Afinal de contas, Adelia é minha melhor recordação. — Modesta, satisfeita com tudo — ela gostava mesmo de mim, eu era capaz de jurar. — Não como Steffi... Porque diabo rompi com ela?... Que idiotez! Aquilo acabou por me enjoar, eis tudo... e depois eu tinha medo de me pegar muito — que salgueirão chorão, meu Deus! — Teria podido esperar um pouco, Gustel — ela ao menos gostava de ti!... Que será que ela faz agora? Ai está uma pergunta difícil! — Há de se ter consolado com outro... A coisa era mais cômoda com Steffi — quando nos toca o prazer e a outro os aborrecimentos... não se pode pedir que a amiguinha da gente nos acompanhe ao cemitério... Quem, por conseguinte, iria se incomodar sem necessidade? — Kopetzky talvez, mas depois — vire a página! — E' triste não se ter ninguém...

Não exageremos. Há papai, mamãe, Clara... Sim, eu sou filho deles, irmão dela... Gostam de mim — mas que é que eles sabem a meu respeito? — Que faço meu serviço militar, que frequento as mulheres e jogo cartas... é só isto — Nunca lhes disse como tenho desgostos de mim mesmo — eu mesmo sabia disto? — Chega, Gustel, nada de considerações inúteis! Não faltava mais nada senão começares a chorar... Não tens vergonha! Anda, meu rapaz!... Quando se vai a um rendezvous — às manobras ou à guerra... quem era mesmo que dizia isto?... O capitão Lederer, na cantina, quando contamos a ele que Wingleder estava lívido e passara mal antes do primeiro duelo! — Sim, "o rosto dum oficial deve ficar impassível, o andar firme, quer seja o amor ou a morte que o espere" — Lederer disse isto, Gustel — Lederer disse isto!

Vai amanhecer... que é que está apitando?... Estou vendo a estação do Norte, a coluna Tegetthoff... nunca ela me pareceu tão comprida... carros lá adiante... varredores em todas as ruas... os últimos varredores que vejo. Ah! pensar nisto agora me faz rir... E' incompreensível... Talvez todo o mundo seja como eu... uma vez que se compreendeu que não há mais nada a fazer! — Três horas e quarenta no meu relógio... E' preciso saber a hora a tempo para me matar às sete horas em ponto... e afinal de contas nada me obriga a me matar às sete horas... Estou com fome... palavra, estou com fome... não admirar... não tomei nada desde... desde — ontem às seis horas da tarde, no café!... Kopetzky me entregou a entrada — pedi café com leite e dois "croissants". Que dirá o padeiro quando souber?... Ah! cachorro! — Ele compreenderá na mesma hora — saberá o que é ser oficial! — Um tipo como ele pode apanhar em plena rua, que importância tem isso... um oficial que se deixa insultar mesmo em "tête-à-tête" é um homem perdido... Se ao menos pudessemos nos bater com semelhante patife — então ele seria mais prudente... não se arriscaria a isto. E' esse

(Continua na pág. 88)



APRENDA RÁDIO

por correspondência, pelo método ultra moderno da maior escola do Brasil. Ensino prático em 25 semanas. RÁPIDO — EFICIENTE — ECONÔMICO. **V. S. RECEBERÁ GRÁTIS:** Jogo de ferramentas — Instrumento de medição — Tester — Manual de reparações rápidas — Manual de circuitos — Manual de válvulas. Mande hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.

INSTITUTO MONITOR LTDA.
RUA AURORA, 1021

São Paulo

Solicite o folheto grátis: "Como ganhar dinheiro no Rádio".

Nome.....

Rua.....

.....N.º.....

Cidade.....

Estado.....

Indo a Santos procure

HOTEL DOS BANDEIRANTES

(Gonzaga)

V. Alejandre & Cia

Av. Presidente Wilson, 5

Caixa Postal, 101

Telefones: 4-2216 — 4-2226

Santos



Em qualquer idade, CRESCIMENTO (inclusive pernas) até 16 cm ou EMAGRECIMENTO ou FORTALECIMENTO parcial ou completo do corpo, com garantidos aparelhos U. S. A. de terapia mecânica-ortopédica. PATENTES em 28 países. Sucesso imediato controlável. Referências médicas internacionais. PEÇA CATÁLOGO ilustrado GRÁTIS, escrevendo para: R. BERN C. Postal 9219 - SÃO PAULO

Matriz: RIO DE JANEIRO
RUA DE SÃO BENTO, 13 - 3.º andar
TELEFONES 23-3468 e 23-0361
CAIXA POSTAL 222

Cia. Metropolitana de Armazens Gerais

Endereço telegráfico "Cometro"

Filial: SANTOS

RUA DO COMÉRCIO, 26 - 1.º andar

TELEFONE, 4554

CAIXA POSTAL 646

USINA DE PADRONIZAÇÃO DE CAFÉ

DESVIO "FEDERAÇÃO"

S. CAETANO - E. F. S. J.

SÃO PAULO

Filial: SÃO PAULO

Edifício Central

Rua 15 de Novembro, 200 - 14.º andar

Telefone, 2-1235

ARMAZENS PRÓPRIOS EM

ANGRA DOS REIS

Estado do Rio



*Nem tudo
está perdido...*

PORQUE
AMBOS FORAM
PREVIDENTES

UM curto circuito, uma ponta de cigarro acesa e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.



COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS BRASIL



Sucursais:

Minas Gerais (Belo Horizonte) — Itajubá — Bahia — Juiz de Fora — Brasil Central — Pernambuco — Niterói — Rio de Janeiro — São Paulo — Paraná — Santa Catarina — Rio Grande do Sul.

Capital subscrito Cr\$ 10.000.000,00

Capital realizado e reservas Cr\$ 25.579.504,50

Endereço telegráfico — BRAMINAS

Agências:

Pará — Maranhão — Piauí — Ceará — Alagoas — Rio Grande do Norte — Paraíba — Sergipe — Espírito Santo.





Quasi meio século de existência é o melhor reclame da preferência à **JUVENTUDE ALEXANDRE** para limpar, fortificar e rejuvenescer os cabelos. Elimina a **casca**, faz cessar a **queda dos cabelos** e voltar à cor primitiva os **cabelos brancos**, sem os tingir; dá-lhes vigor e mocidade. Não contém sais de prata e usa-se como loção.

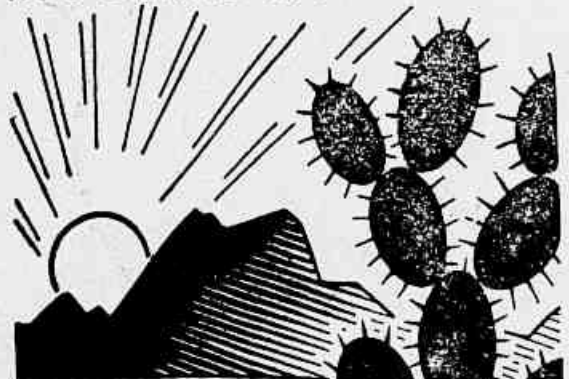
GRATIS

Peça-nos impressos sobre os cuidados dos cabelos e o melhor uso da **Juventude Alexandre**.

Vidro pelo correio 9\$000 em vale ou valor declarado.

LAB. JUVENTUDE ALEXANDRE LTDA.
Rua do Riachuelo, 101 - RIO DE JANEIRO

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico

GRANADO

BROTÕES
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS

PARQUINO

MALES DO FÍGADO?

FIGACOL

TRATAMENTO

RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ

NÃO SOFRA DO FÍGADO!

TOME

FIGACOL

UMA ESPECIALIDADE COM A GARANTIA DOS PRODUTORES DA FAMOSA

EMAGRINA

ADQUIRA NAS FARMACIAS E DROGARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

CAIXA POSTAL, 2335 - RIO

O tenente Gustel

(Continuação da pág. 86)

Indivíduo val continuar a viver, a viver feliz e tranquilo, e eu — só me resta apodrecer! — Mas ele me assassina, simplesmente me assassina... Sim, Gustel, começa a perceber que vão assassinar-te... porém isso não ficará assim! — Ah, isso não! — Vou escrever a Kopetzky, contar-lhe o que se passou... ou antes... darei parte do que se passou ao chefe do regimento... uma comunicação em regra... Ah! pensas que isto vá ficar secreto? — Estás enganado, meu velho! Tudo será relatado com exatidão. — Virei se terás coragem de aparecer depois no café! — Ah! é engraçado dizer que verei!... Há tantas coisas que eu gostaria de ver ainda... porém não poderei mais... estou liquidado!

Por enquanto, João deve estar notando que não dormi em casa. — Ele suporá o que quiser... mas não que passei a noite no Prater... tudo, menos isto, Olá! o regimento 44.º vai fazer exercício de tiro — ponho-me de lado para deixá-los passar... — Alguém abre a janela lá em cima — puxa, que pequena linda! — No lugar dela eu poria alguma coisa em cima dos ombros... Vai fazer oito dias no domingo que, pela última vez eu... nunca pensei que fosse Steffi a última com quem eu... — Esse prazer é o único que vale na vida... tudo o mais... Magnífica continência militar — muito bem, muito bem, cavalheiros — é isto que é preciso... o coronel vai segui-los dentro de duas horas!... Têm uma vida folgada, os oficiais superiores. Olá, Katzer! desde quando ele está no 44? — Continência, continência!

(Continua na pág. 89)

Coração de Corunha

(Continuação do número anterior)

Ninguém sabe nada da vida do seu Januário. Ele era casado. Isso a peonada concluiu, porque o Santo, um dia, a chamado do velho, entrou nas casas e passou pela sala, em cujas paredes manchadas pela chuva, estão velhos quadros cobertos de poeira e teias de aranha. Um deles era o de uma mulher bonita ao lado de um homem muito parecido com o velho.

Santo correu para o galpão e antes mesmo de dar o recado mandado pelo S. Januário para o capataz, ele já foi contando as novidades. Parecia até mentira que depois de tanto tempo eles descobrissem alguma coisa da vida do patrão. Nem as empregadas tinham licença para entrar nos quartos e na sala que de dia ficava muito clara com os raios de sol que atravessam o teto cheio de furos e vinham brincar por entre a poeira dos anos.

O velho não deixa ninguém entrar nas casas. Logo que chega uma cozinheira nova ele já vai recomendando:

— E' só na cozinha! Não tem de se metê pelos quartos! Não precisa fazer limpeza nenhuma lá dentro!

E' mais uma maluquice que vai se juntar às muitas do velho patrão.

— Se não fosse o tino que ele tem pra negócio, eu poderia jurar de pé junto que ele é louco!

— Que louco nem louco! O que ele é é um bandido e dos piores! Quem sabe até, matou a mulher e agora tem tanto remorso que não pode nem enxergar o retrato dela.

Isso sim, era verdade. O seu Januário não podia olhar para os retratos que pendiam nas paredes, não porque tivesse matado a mulher, mas porque, apesar de toda a dor da perda dos olhos, eles se enchiam de lágrimas.

— Naquele tempo... Nem era bom lembrar! — e o velho se afastava da sala, com os olhos queimando raiva por trás das lágrimas.

Mas um dia seu Januário amanheceu diferente. Deu uma boa para a peonada, mandou servir mais churrasco e deixou pousar na estância dois tropeiros que chegaram, coisa que ele nunca permitia. Logo que a barriquinha de erva apareceu cheia, o pessoal já começou a desconfiar e quando viram o patrão, com um brilho estranho no rosto, um brilho de alegria repassado de ódio que

lhe enchia os olhos escuros e lhes dava qualquer semelhança com um facão ensanguentado brilhando à luz branca da lua, já ficaram de pulga na orelha, escogitando o que seria.

— Nunca vi esse velho com uma cara assim! Por Deus, que se esse homem não enlouqueceu esta noite, decerto andou fazendo uma das dele!

Santo se benzeu. Tinha medo de tudo. Bastava falarem nas façanhas imaginárias do patrão para ele ficar de olhos arregalados, tremendo, batendo queixo, sem poder fazer outra coisa que se benzer com os dedos finos. Bem lembrado estava, daquela noite e daquele vulto rondando os umbús, soluçando, gemendo...

— E esse mundão de erva! Coisa que nunca se viu aqui na estância foi fatura, e agora isso! E o churrasco de hoje de manhã que encheu a barriga da gente e ainda ficou rolando!... Não! Têmham paciência, mas alguma coisa anda acontecendo com o velho!

★

Naquele dia, quase à boca da noite, correu pelas redondezas a notícia da morte do seu Augusto, lá no Rincão do Inferno. Era um homem muito conhecido. No seu tempo de moço não havia baile que ele não terminasse quebrando o lampião. Tinha um passado sujo, o seu Augusto, mas fazia tempo que não ouvia falar nele. Diziam até que andava refugiado no Uruguai. Só Deus sabe porque! Contavam tanta coisa do seu Augusto que até a gente ficava pensando se um pouco não seria mentira. Brigarias, mortes, um gaiteiro que nunca terminou a rancheira que começara a tocar, mãos tintas de sangue, chinas roubadas na garupa do cavalo, coisas que os velhos de seu tempo contavam para a rapaziada de agora, que não acreditava muito nos contadores de histórias.

Mas aquilo sim, era verdade! De fato, o seu Augusto morreu espantado num facão alheio, logo depois que viera do Uruguai, disposto a tomar conta de suas estâncias entregues a capatazes gananciosos.

Os delegados se reuniram, interrogaram a peonada, visitaram os ranchos do Rincão do Inferno, mas tudo ficou nas mesmas. Ninguém sabia nada e se soubessem de certo não contariam, pois se alguém matou o seu Augusto, esse alguém tinha de ser pior que o velho e portanto não era aconselhável meter-se em salteio com um homem que enfrentava o matador do Rincão do Inferno.

Nada ficou esclarecido. Outra das tantas mortes de campanha que ninguém conseguiu explicar.

★

Naquele dia o seu Januário mandou carrear uma vaca e a peonada, ainda mais surpresa, churrasqueou junto com o patrão, ao som da galta do Marcelo.

Mas tarde Santo contou, de olhos arregalados, que o retrato da moça que estava lá na sala, não tinha nem um grão de poeira e nem uma teia de aranha...

MORTE

(Continuação da pág. 34)

Mas assim que ele entrou uma revolução de pesar se manifestou, as irmãs de Silvino mal o viram se lançaram ao seu socorro — ele era de casa, unha e carne, elas o consideravam irmão — lágrimas abrindo comportas, Maria Angélica e Lalá caindo em ataques, ele se desculpando pela demora, Duda, a mais controlada, sossegando-o, dizendo que já estavam cientes do pensamento de Geraldo.

O fúnebre cortejo chegou ao Campo Santo, os acompanhantes saltaram dos ônibus, todos deixaram que Ernesto segurasse na alça da cabeceira, ele tinha esse direito. Entraram no cemitério, casemiras fechadas, caras fechadas, cabeças descobertas. O caixão pousou dentro da capela, o padre rezou o De Profundis, os acompanhantes em círculo, os quatro grandes cirios queimando num odor morto. De novo a marcha começou, o zelador na frente do cortejo, a guilá-lo, Ernesto sempre segurando o caixão perto da cabeça do amigo. O sol estava baixo, as sombras se deitavam, cansadas pelas alamedas de pedrinhas

de fogo, poucas árvores, lousas luxuosas, fatura de esculturas de péssimo gosto chorando a morte dos que já se tinham ido em homenagens pomposas dos que ficaram. E cruzeiros, cruzeiros, cruzeiros de prata e cruzeiros de pau, cruzeiros de mármore e cruzeiros de bronze, saudades eternas, descansas em paz.

— Ala 21, carneiro 64.

Desceram dois degraus, viraram à direita, alcançaram a ala 21, o guia levou-os ao carneiro 34, resmungando que a população do cemitério crescia assustadoramente, só não subia o salário dele, o Campo Santo quase não tinha lugar vazio e ali, mesmo, naquela ala, só restavam três carneiros, o 64, o 66 e o 68.

★

Os chofers dos ônibus buzinavam impacientes, os acompanhantes, casemiras fechadas, caras aliviadas, chapéus na cabeça, precipitavam-se, enchiam os veículos, com pouco a porta do cemitério ficou quase deserta, só com as floristas tagarelando, os três mendigos que acambaravam aquele excelente ponto e Ernesto mais dois amigos — que o eram ou tinham sido também de Geraldo.

Não esperaram muito, embora para Ernesto a chegada fosse uma eternidade. A conversa dos companheiros não o distraía, seu pensamento só remoia o que o zelador havia dito, na ala 21 restavam apenas três carneiros vazios, três, três. Os carros frearam, os mendigos readquiriram a atitude sofrida, as floristas borrifaram água nas magras hortensias, Ernesto se apressou, foi o primeiro a pegar o caixão de Geraldo, todo mundo achou que ele tinha esse direito. E a nova procissão penetrou no cemitério, o pai de Geraldo deu um cruzeiro a cada mendigo, para Ernesto era um martírio aquela nova caminhada, parecia-lhe que estava ensaiando para uma terceira jornada, da qual ele seria o carregado. E embora fossem de pessoas diferentes, as caras dos acompanhantes não diferiam de expressão, as casemiras eram também fechadas e eram os mesmos os chapéus nas mãos. O padre repetiu a mesma reza entre a luz dos mesmos cirios, o cortejo tomou o mesmo caminho feito anteriormente, com o mesmo zelador servindo de guia, tilintando as mesmas chaves, dizendo as mesmas palavras, dizendo principalmente a ala que o finado ia ficar...

Ernesto suava, o braço em calibras, todo o lado esquerdo doendo, sofrendo, querendo sofrer, não ouvindo mais o zelador dizer qual a ala, mas já sabendo pelos seus passos, pelos dois degraus que desciam, pela direção à direita que tomavam, todos estancaram diante do carneiro 66. Os dois amigos comuns de Geraldo e Silvino notaram a coincidência, cochicharam-na a Ernesto. E batendo o cimento na tampa do buraco agora ocupado, fechando o túmulo de Geraldo que iria dormir ao lado de Silvino, tagarelando sua caduquice, o zelador prenunciava que ainda aquele dia a ala 21 ficaria lotada, outro morto apareceria para encher o carneiro 68, a população do cemitério crescia assustadoramente. Então a obsessão se expandiu, vigorosa, em Ernesto, e ele ficou a fitar magnetizado o terceiro carneiro vazio, aquele tenebroso buraco de boca escura e hedionda, aberta num lúgubre chamado a que ele não tinha forças para desobedecer. E foi preciso que o arrastassem, que o tirassem daquela atitude, que todos interpretavam de piedade e

Cont. na pág. 32)

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade

de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM

R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

LUXOR HOTEL



HOTEL DE TURISMO

LUXOR HOTEL, estabelecimento que se recomenda pela sua inigualável posição, bem ao centro da linda praia de Copacabana (Pôsto 4), pelo conforto e ótima alimentação que oferece

RIO DE JANEIRO



Estabelecimento que se recomenda pela boa alimentação e conforto que oferece. ★

RUA FERREIRA VIANA, 29

PRAIA DO FLAMENGO

e a cinco minutos da

Avenida Rio Branco



Regina Hotel

END. TELEG. "REGINA"
FONE. 25-7280-REDE INTERNA

RIO DE JANEIRO

O que as mulheres bonitas dizem do Leite de Rosas

Entre as mulheres bonitas que prestam homenagem ao LEITE DE ROSAS, destaca-se hoje Rosa Radi, jovem de rara beleza e notáveis qualidades artísticas, que o cinema brasileiro descobriu e vai revelar ao público nos exuberantes cenários tropicais da super-produção nacional "Mãe".

Enaltecendo as virtudes do embelezador da mulher das Américas, assim se expressa a artista:

— "LEITE DE ROSAS traz no próprio nome a lembrança e a sugestão da formosura das rosas. Colaborador eficiente de que a mulher moderna dispõe a todas as horas, para proteger e embelezar a cutis, criou, por isso mesmo, o inconfundível tipo Leite de Rosas, o tipo feminino cuja pele macia, fresca e perfumada, só na suavidade e no encanto das rosas encontra rivais".



"O MAIS EFICIENTE E ACONSELHADO EMBELEZADOR DAS AMERICANAS"

Rua Olímpio de Melo, 619-A e B — Telefone 48-7660

MÚSICA

VIDA NOVA PARA A OSB

FALA À "REVISTA DA SEMANA" O NOVO PRESIDENTE DA ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA — "VAMOS PARTIR PRATICAMENTE DO ZERO ABSOLUTO" — MUITAS VERBAS, MAS COFRES VASIOS — OS ARTISTAS NACIONAIS — OS MÚSICOS ESTÃO AFINADOS

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

— Vamos partir, praticamente, do zero absoluto, — declarou-nos o almirante Adalberto Lara de Almeida, ao assumir a presidência da Orquestra Sinfônica Brasileira. — Sua eleição veio debelar a crise interna provocada naquela sociedade artística pelo desentendimento entre a antiga diretoria e os músicos. A OSB pacificada entra, agora, num período de reconstrução.

— O principal obstáculo é a falta de dinheiro, ponderou o almirante Adalberto Lara de Almeida.

Há uma verba no Ministério da Educação. A Câmara Municipal já votou uma outra, que depende da sanção do prefeito Mendes de Moraes. Há, também, as contribuições dos sócios. Apesar de tudo, porém, os cofres continuam vazios.

MUITAS DIVIDAS

— A sociedade, informa-nos o almirante, tem muitas dívidas a pagar. Procurarei equilibrar as suas finanças com as verbas prometidas.

Entretanto, o novo presidente faz questão de salientar:

— Não tenho um programa de ação, porque acredito que, antes de elaborar um plano, é preciso que se saiba quais são os recursos com que se pode contar. Acho-me, atualmente, empenhado nesta tarefa. Posso adiantar, logo, que a situação da sociedade é péssima. Como disse, vamos partir, praticamente, do zero absoluto.

OS MÚSICOS ESTÃO AFINADOS

Para realizar essa tarefa de reerguimento da OSB o almirante Adalberto Lara de Almeida conta com a colaboração dos músicos.

— Os músicos estão como devem estar todos os músicos, isto é, afinados, disse-nos o almirante.

O maestro Szenkar, que pedira demissão, voltará, agora, à direção artística. E, com a cooperação desses elementos, o almirante já deu todas as providências, afim de que, em data próxima, a orquestra realize seu primeiro concerto para sócios.

Por enquanto os planos da OSB são bem modestos. Consistem, principalmente, no esforço de todos os seus membros no sentido de garantir a sobrevivência da sociedade.

— O maestro Szenkar goza da máxima confiança dos músicos e dos ouvintes, observou o almirante. Conto com ele e com a orquestra.

UMA TEMPORADA COM ARTISTAS NACIONAIS

A respeito das próximas atividades artísticas da OSB, disse-nos, ainda, o almirante Adalberto Lara de Almeida:

— Até um futuro um tanto distante não teremos, em hipótese alguma, nem solistas, nem regentes estrangeiros, ficaremos com os elementos nacionais, entre os quais existem artistas de primeira ordem, como Eugen Szenkar, que iguala, se não supera alguns dos que por aqui tem passado. Devo citar, também, o maestro Eleazar de Carvalho, elemento de grande destaque.

O almirante não é contrário à vinda de estrangeiros, contratados pela OSB. Mas as contingências atuais o forçam à compressão das despesas.

— O futuro dirá o que poderemos fazer quanto à vinda de estrangeiros que reconheço ser aconselhável pois trará novos repertórios. Além disso, será sempre com satisfação que apreciaremos a técnica dos artistas estrangeiros. De qualquer forma, porém, não se poderá pensar em contratos especiais para muito breve.

E, continuando:

— Meu mandato termina em 1949, se as minhas atividades na Marinha me permitirem que chegue até lá. Porque — faço questão de salientar — a Marinha está em primeiro lugar. De qualquer forma, antes da próxima administração creio que será impossível contratar artistas estrangeiros.

RENOVAÇÃO DO CONSELHO DIRETOR

A diretoria da Orquestra Sinfônica Brasileira foi inteiramente renovada. A parte artística ficou, nova-

mente, confiada a Szenkar. E o Conselho Diretor ganhou mais dois membros: os desembargadores Espinola e Duque Estrada. Além disso, o presidente do Conselho, sr. Arnaldo Guinle, pediu demissão, devendo aquele órgão eleger, assim, um novo presidente.

Ingressando nessa nova fase, a OSB chega a um momento decisivo. Deverá, lutar, agora, para vencer as imensas dificuldades, sobretudo de ordem financeira, que val atravessando. E certamente está aparelhada para isso, uma vez que, em mãos capazes, conseguiu, agora, pacificados os ânimos, criar um ambiente de harmonia interna. E o almirante Adalberto Lara de Almeida, cuja exemplar dignidade, comprovada competência e excepcional dedicação ninguém contesta, saberá, certamente, extrair dos elementos que dispõe o rendimento máximo, fazendo com que a OSB exerça, em nosso meio musical, a função que lhe cabe de poderoso órgão de difusão cultural.



Almirante Adalberto Lara de Almeida.



BASE

DE JANE

OP	OP
----	----

Uma

abrindo
uma

CADERNETA DE ECONOMIA

NA

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL do Rio de Janeiro

SEDE
RUA 18 DE MAIO
33-35



Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

MORTE

(Cont. da pág. 88)

respeito, todo mundo gabando-lhe as virtudes de coração.

A boca da noite engolia o sol, as lâmpadas se acendiam, a brisa crepuscular corria pelas ruas, Ernesto acompanhou o pai de Geraldo, ficou na casa dele ainda algum tempo, solidário à dor da fami-

lia. Mas não pôde demorar muito, o olhar de d. Est. r não se despregava dele, Ernesto sentia-se morrer sob a perversidade daquele olhar demente. Despediu-se, saiu, foi até a casa de Silvino, estava fechada, triste com a dor abafada das cinco irmãs solteiras que haviam perdido o seu arrimo, da tia gorda, da avozinha cega. Sua presença desta vez não causou transtorno, apenas Maria

Angela e Lalá choraram um chorinho chôco, Duduca disse que as pobres estavam esgotadas, tão sensíveis, tão boastinhas! Ernesto ficou durante uma hora inteira, com pena das moças, com pena maior de Duduca, que, mais controlada, tinha de cuidar das outras, Lalá já quisera fazer uma bobagem, ia-se matando com a faca da cozinha, fôra uma luta para se conseguir tirar a arma de suas

mãos. A avozinha cega veio vindo devagar, entrou na saleta mansamente, os seus olhos não choravam mais, as lágrimas haviam secado. E depois de ficar muito tempo calada, sem mesmo dizer que fazia frio ou calor, ela murmurou docemente, sem intenção, sem malvadês, disse que Ernesto fôsse para casa, que ela estava adivinhando mais dores, em seu coração seco erigiam-se três cruzeiros entrelaçados de espinhos sangrentos. Este foi um novo choque para Ernesto, relanceou os olhos pelas moças como pedindo proteção, Lalá e Maria Angelica destamparam novos choros como se já o estivessem chorando, ele lindo nas fisionomias das mulheres que todas acreditavam na predição da avozinha — a cega nunca errara, tinha pacto com os espíritos, os quais lhe revelavam desgraças próximas, sempre desgraças. Sentiu-se de repente um estranho ali, experimentou um ódio surdo contra aquela mirrada e suave velhinha, levantou-se, não quis uma chierinha de café, despediu-se de todos.

Duduca o acompanhou, tomando-lhe fraternal o braço, Duduca era compreensiva, só ela entendia yem a gente, ele que não ligasse as bobagens da vovó, ela já estava caducando. Mas mesmo em Duduca ele sentia a dúvida latejando, dúvida era pouco, sentia a certeza de sua morte, ele não escaparia àquele dia, com o destino ninguém pode. Ficou algum tempo na porta, segurando as mãos de Duduca, ela era tão bondosa, com vontade de puxá-la a si, abraçá-la com melguice, dar-lhe um beijo longo de sentimento — o único e último beijo que ela jamais experimentara — de dizer-lhe como num poema que a amava muito, embora fôsse mentira, mas não era nada de mais faltar com a verdade, seria lindo praticar uma boa ação no seu último dia de vida, Duduca nunca tivera namorado, nunca experimentara um beijo de amor. Contudo, nada fez do que tinha desejo, disse um "ad-us" trêmulo respondido com um intencional e animador "até-logo", sei sem ter a coragem de declarar um amor fingido a Duduca, coitadinha, ela era tão feia...

Foi caminhando, sabendo que jamais retornaria aquela casa, jamais veria Duduca, já jamais andaria por aquela rua, não poderia deixar de morrer, morreria inexoravelmente antes de meia-noite, iria ocupar o terceiro carneiro vazio da ala 21, algo onipotente, onipresente, assim o exigia. Não morreria do coração porque seu coração era bom como o dum cavalo de campo, jamais experimentara falta de ar, pontadas finas, palpitações anormais, não morreria tampouco de suicídio, só bebe veneno quem é fraco de vontade, mulher nenhuma o dominava — ele as desprezava cordialmente, nunca lhes dera ousadia demasiada. ACIDENTE? A hipótese coriscou, súbita, Ernesto parou, anelante, olhando para os lados, pulsação acelerada.



um NOVO VALOR é acrescentado...

• quando você completa sua refeição com
Malzbier da Brahma

Reforce sua refeição com um novo valor... com o valor nutritivo de Malzbier da Brahma! Feita à base do malte mais rico Malzbier da Brahma completa o seu lanche, melhora o seu almoço, equilibra o seu jantar. Levemente adocicada e de sabor delicioso, Malzbier da Brahma acrescenta também um novo prazer à sua refeição. Tinha sempre à sua mesa Malzbier da Brahma para compensar a falta de um ou outro alimento. De baixo teor alcoólico Malzbier é a cerveja do lar... preferida por todas as famílias. Complete sua refeição com Malzbier da Brahma!



Ouçá as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.



EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

Record 3211

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — P. FUNDO



TUDO PARA AS ARTES GRÁFICAS

MASSA PARA ROLOS
"NEVADA" —
FUNDIÇÃO DE ROLOS

MAQUINAS GRAFICAS
EM GERAL
TINTAS GRAFICAS



REPRESENTAÇÕES Nevada LTDA.

AV. SALVADOR DE SA. 7

FONE. 32-1740

RIO DE JANEIRO

da, joelhos trêmulos. Um carro buzinou perto dele, o susto deu-lhe reação, ele pulou, encostou-se à parede como um perseguido, suando, suando, gosto amargo na boca. Fez um esforço, procurou dominar-se, conseguiu certa melhora, tornou a andar, arrastando-se para a frente, sem destino fixo, colado à parede, olhando muito para os lados antes de atravessar a rua. Chegou a um jardim enorme e deserto, sem mendigos nem namorados, sentou-se pesadamente num banco, ansiando por descanso, querendo dar repouso ao corpo moido, ao espírito torturado. Mas veio-lhe a idéia de que poderia falecer ali mesmo, gelaria até a manhã seguinte, seria carregado para o necrotério, imaginou-se na morgue, sobre o mármore duro e frio, cortado pelos legistas... Levantou-se de chofre, mais cansado, suava, correu, suava, parou, suava, caminhou normalmente, passou um carro de aluguel, ele o chamou, querendo ir para casa, lembrando-se de sua mãe, a pobre deveria estar preocupada com a sua demora. Mas quando o veículo parou ele teve o pressentimento que o auto se bateria nalgum bonde em disparada, morreria horrivelmente triturado caso tomasse aquele carro. E desistiu, recebendo na cara o palavrão do chofer, não se importando com o insulto, não tinha mais amor-próprio, o que o aterrava era o ter de morrer, era o saber que ia morrer e não poder evitar a morte. Continuou a avançar, desta vez com destino certo, desejava chegar em casa, lá se foi pelas ruas semi-d'ertas, trôpego, cauteloso, pelos passeios, amparado nas sombras, tomando sustos, calculando que aquele poste ia cair sobre suas costas e passando ao largo, voltando de novo ao passeio ao ouvir o ruído dum automóvel se aproximando, precipitando-se para o meio da rua, receoso, oh! a cornija limosa daquele telhado despencaria sobre sua cabeça se ele passasse em baixo. Viu um homem revolvendo uma lata de lixo, seria um assassino se fingindo de trapeiro, estaria de emboscada, atacaria ao dobrar da esquina, tentou correr, mas ouviu o trilo dum vigilante noturno, o guarda poderia toma-lo por ladrão em fuga, derruba-lo-ia pelas costas. E o suor empapava-lhe o colarinho, dando-lhe maior mal-star, Ernesto se feria nas palmas das mãos com as unhas, arrepiando-se aos uivos de cães de guarda, tonteando quando um gato preto cruzou um muro, ouvindo imaginários miados de agouro, vendo corvos fatais rumorejando azas fatais.

Finalmente alcançou a rua onde morava, entrou em casa todo transtornado, assustando d. Coló, atirou-se chorando entre os gordos braços maternos.

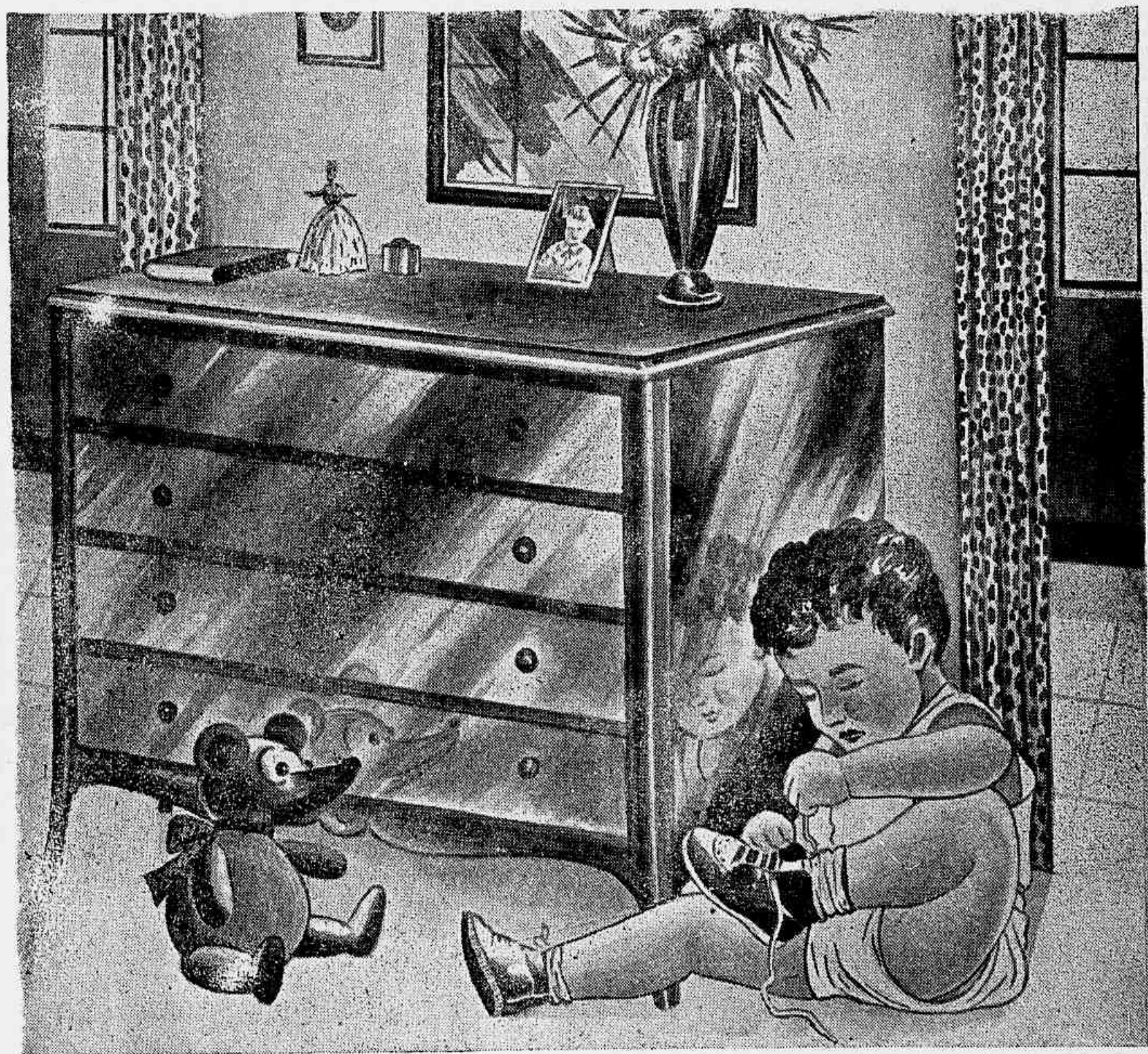
— Meu filho, onde você andava?

E a mãe-e-tanto o acalentou botou a mesa, forçou-o a provar da comida. Depois da cachoeira de lágrimas, tensão esvaída, Ernesto sentiu fome. E comeu com apetite, comeu bem, gulosamente —

era a sua ultima refeição, pensava, mas sem coragem de confessar seu temor à d. Coló — saboreando com prazer o pedaço de lombo de toda a janta, as batatinhas fritas e salgadas de todo o assado, a marmelada com queijo de todo o sábado, o café pequeno de toda a sobremesa, terminando com um cálice bem chelo daquele licor de cacáu bem idoso, só bebericado em datas especiais, acendendo por fim o seu Continental sem cortiça. Cansado pela trabalhadeira do dia, pelos choques morais, pela longa caminhada noturna, pelos acompanhamentos dos enterros, deprimido pela obsessão que o fizera escravo, a farta refeição acabou por vencê-lo, do estômago lotado espargia-se uma bemaventurança quase divina, um calor confortante es-

praiava-se em seu sangue, uma grande, uma imensa calma o pacificava. E não mais tentando reagir, considerando inútil qualquer fuga, tal como um condenado manso e conformado, ele beijou d. Coló com um fervor todo especial, todo filial, entrou no seu quarto, não fechando a porta para não dar trabalho à mãe quando não o visse levantar-se às oito do costume domingueiro para o banho de mar. Surpreendia-se agora com a serenidade com que refletia e se movimentava. Achou que devia deitar-se vestido para evitar o que — sendo livre pensador — considerava obsceno cerimonial. Mas ponderou que seria melhor proceder como se nada tivesse previsto, a fim de não o julgarem louco. Despiu-se, meteu-se no pijama, no seu melhor pi-

jama cheiroso a naftalina, deitou-se, hesitou — esquecera-se de alguma coisa, esquecera-se de algo agora muito importante. Momentaneamente os anos retrocederam em sua imaginação, o passado pulou para a frente, Ernesto reviu-se menino, um garoto magricela, de camisola a que devotava um ódio tremendo, tomando palmada porque não queria rezar, tinha preguiça. Uma onda de ternura e religiosidade o inundou. E comovido, pensando em Deus, no Céu, sem que ninguém o obrigasse, sem que ninguém o visse, ele deslizou da cama, pôs os joelhos no soalho, fechou os olhos, cheio de contrição, não se lembrava do Padre Nosso nem da Ave Maria, mas rezou assim mesmo, rezou como pôde, com suas próprias palavras, o im-



MÓVEIS
limpos e lustrosos

Óleo de peroba
O RENOVADOR DOS MÓVEIS

EMPRESA DE TRANSPORTES ATLÂNTICA LTDA.

SANTOS

Rua Martim Afonso, 171-179
Telefone. 5054

S. PAULO

Rua 25 de Marco, 140
Telefone. 3-3664

GARAGE HUDSON

AUTO POSTO ATLÂNTICA

Rua São Francisco, 142
Telefone. 5054

USEM PAPEL COUCHÉ NACIONAL KLABIN

portante era rezar, sentindo após uma bênção macia afagar-lhe o coração. Tornou a deitar-se, em decúbito dorsal, cruzou as mãos sobre o peito, cerrou os olhos, sabendo que nunca mais os reabriria. E adormeceu na santa paz dos que nunca fizeram maldade intencional, adormeceu sem medo no seio do Senhor.

★

O despertar marcado para as oito horas gritou ao ouvido de Ernesto sem que o corpo imóvel se agitasse. D. Coló

se surpreendeu com a preguiça do filho, veio até a porta do quarto, empurrou-a, achou estranho encontra-la aberta, simplesmente encostada, mas não entrou. Viu tudo tão quieto, viu Ernesto dormindo tão bonitinho, com as mãos meigamente entrelaçadas sobre o peito, teve pena de acordá-lo, coitado, deveria estar exaustíssimo, dois enterros ao mesmo tempo eram lá brincadeira?

As horas se arrastaram com a pachorrice domingueira e, de minuto a minuto, o ponteiro do velho relógio de parede

chegou às onze. D. Coló deixou a cozinha aos cuidados dasleixados de Maria (oh! estas empregadas de hoje!), de novo investigou o quarto do filho, tornou a vê-lo, na mesma posição, em decúbito dorsal, as mãos cruzadas sobre o peito — que agouro, monologou, sem poder evitar o pensamento inquieto que

"SAL DE FRUCTA" ENO

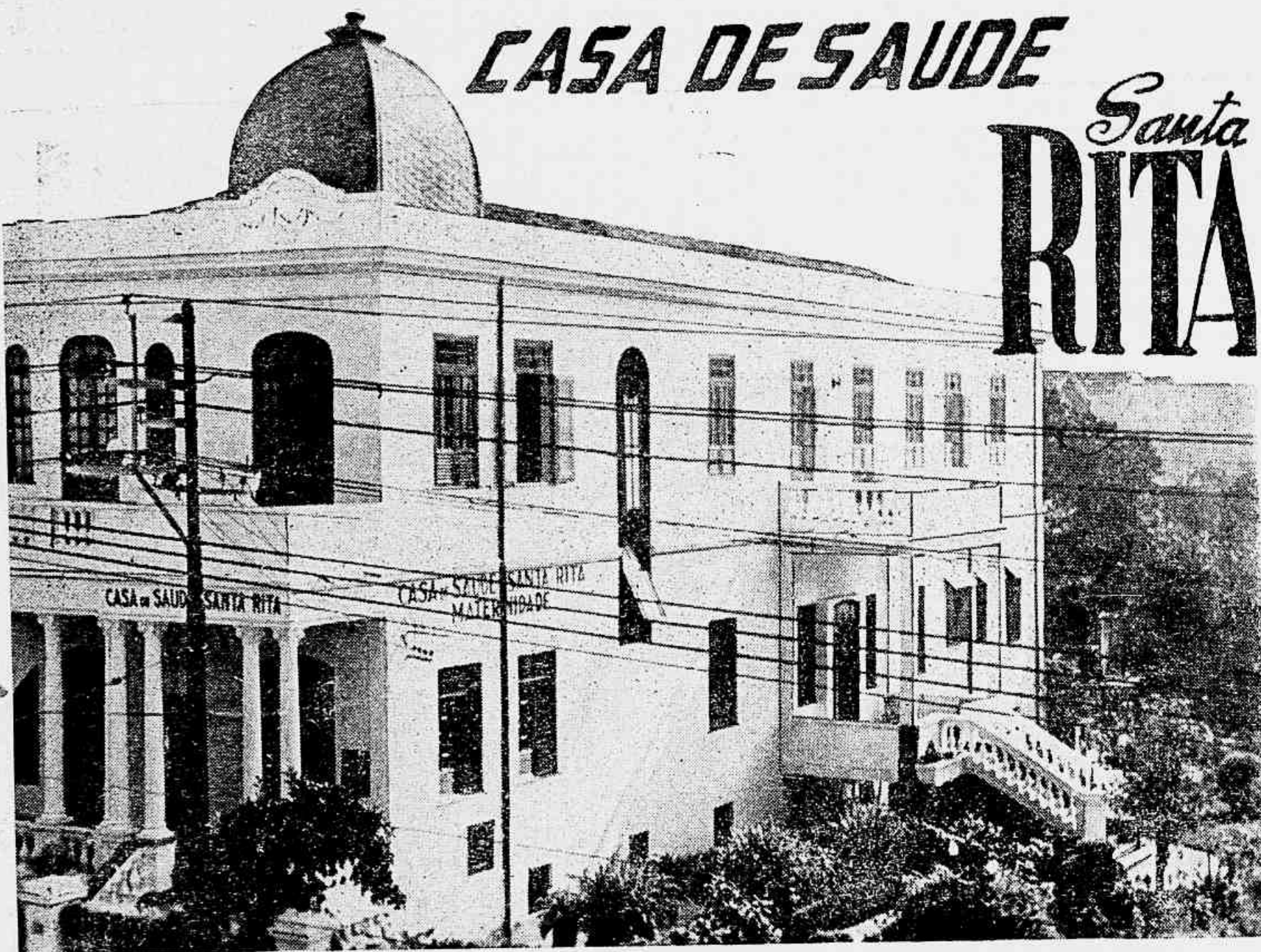
combate a prisão de ventre, eliminando os tóxicos do organismo. Eno dá bom humor diário. Mas só em vidros é "Sal de Fructa".



Antiácido
alcalinizante



CASA DE SAÚDE Santa RITA



APENDICITE

outras operações e Partos

com MÁXIMO conforto e MÍNIMA despesa na
CASA DE SAÚDE SANTA RITA

MATERNIDADE

Assistência pré-natal

GINECOLOGIA

PARTOS

Anestesia pelos gases

TENDA DE OXIGÊNIO

Assistência médica permanente

Consultas diárias das 15 às 18 hs

Equipe de cirurgiões especializados

Direção: Dr. FROTA MATTOS



Franqueada aos srs. médicos
RUA DO BISPO, 114
— RIO COMPRIDO —
TELEFONE: 48-5077

lhe alfinetara o coração. Mas ainda ficou indecisa, deixaria Ernesto dormir mais, recuperar as forças perdidas ou o chamaria? Sabia que ele queria ir ao jogo entre baianos e pernambucanos, Ernesto era doido por futebol, comprara já a entrada — até ela mesma gostaria que ele fosse, para lhe contar tudo direitinho, pois em rádio não é a mesma coisa. Mas conjecturou que os dois amigos tinham morrido na véspera, ficava feio o filho ir divertir-se, alguém poderia vê-lo, não deixaria de bater com a língua na maledicência. A indecisão aumentou com o correr do tempo, mas os prós vieram surgindo também, por fim d. Coló achou que o filho não deveria perder o importante prêmio, o nome da Bahia estava em jogo (Silvino mesmo o dissera), era um caso já de amor à terra natal, além do que, para confessar a outra verdade, o filho merecia distração, tristezas não pagam dívidas, não era luto que ia ressuscitar Silvino e Geraldo, o embate ajudaria Ernesto a esquecer, isto sem falar também no ingresso comprado, ele não era nenhum ricoço para desperdiçar dinheiro atoamente. E arrematando que sentimento a gente guarda no coração, esse negócio de hipocrisia não era com ela, ficava bem mas na alta sociedade, d. Coló entrou no quarto de Ernesto disposta a despertá-lo.

★

Oh! visões fantásticas da eternidade, imagens surrealistas do Alem convencional, que palavras sugerem, tintas coloridas, cinemas focalizam, poetas cantam. Corvos negros, azas quilométricas, abertas, rufando, abafando uma terra pré-histórica. Céu sem fundo, infinito oceano, negror sem atmosfera, grandiosidade terrificante. E um oceano compacto, oleoso, rotundo, parado, massa que sufoca, extensão que desorienta. Oh! níveis espíritos que vagais pelo espaço sem fim, desvairados espíritos que homens imaginam em difrentes escolas litero-religiosas e imprimem em idéias. E o cérebro imergindo no grande sonho, palpitação de morte imobilizando a carne, imagens poéticas de retórica tornam-se realidade em enormes anjos de imensas azas brancas, o diabo grasnando com seus cornos pontiagudos a chifrar esqueletos balouçantes, céu e inferno, paz e fogo, Deus Deus Deus. E uma corrida atônita pelo Alem na aflição prestação de contas do Juízo Final.

— Ernesto! Nenesto! Nenesto!

E a Voz trovejante ribombando em milhares e milhares de ecos pelo Infinito, a penitência do pecado sacudindo-o com milhares e milhares de mãos de invisíveis mas atormentadores purificadores:

— Ernesto, Nenesto, Nenesto!

★

Ele estremunhou, abriu os olhos, assustado, voltando brusca e bruta mente ao comum, vendo a mãe sobre sua cara: — Arre, cansei de lhe chamar, que susto, meu Deus, você estava gelado.

Num momento compreendeu que não morrera, que estava vivo, vencera o Destino — não, não, retificou-se, supersticioso, — não vencera Deus, é que sua hora não havia soado. Uma algria atordoante o esquentou, fitou a mãe com um amor nunca antes sentido, com uma gratidão nunca antes percebida, sorriu, sorriu um pequenino sorriso, achou delicioso poder sorrir, poder controlar o sorriso, aumen-

MARVIN

SOCIEDADE ANÔNIMA

Fundição e laminação de metais e depósito de ferro, aço e metais — Fábricas de pregos, parafusos, porcas, dobradiças, fios, cabos de aço e de cobre, tachas, rebites e aresas de ferro, cobre e latão. — Canos de chumbo e chumbo em lençol, fita e fios.

COBRE E LATÃO EM LINGOTES, VERGALHÕES, ARAMES, CHAPAS E TIRAS

Fone 33-3800

Endereço telegráfico MARVIN — Rio

AVENIDA DOS DEMOCRÁTICOS, 207 — RIO DE JANEIRO

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua D. Manoel, 22 e 26

TELEFONE 42-1427

—RIO DE JANEIRO—

tou-o, caiu numa estrondosa, numa gostosa gargalhada.

— O que é isso, Ernesto, meu filho, você está doido?

— Doido? Doido nada, meu amor.

Oh! era infável o fato de poder pensar, olhar sentir, jamais ligara a esses pequenos e normais fenômenos humanos, agora postos em alto relevo, embriagadamente em grande importância. Tocou-se, achou extraordinária a sensação do tato, mesmo da própria mão no seu próprio corpo, da mão viva no corpo vivo. E falou, falou, encontrando uma música encantadora na própria voz, perguntou coisas desnecessárias à mãe, só para ouvi-la também, deleitando-se em distinguir a diferença das duas vozes. Ergueu-se, sentindo-se ultra forte, como se tivesse voltado duma r temperada e longa estação de repouso, andou, flexionando os músculos, abriu janelas de par em par, uma euforia anelante inundando-o de frêmitos prazerosos, bebendo a luz violenta daquele sol másculo que lhe queimava o rosto, sorvendo o vento empoirado da cidade, misturado de mil ruídos diferentes, como a um bem raro. E devorava paisagens comuns, vistas todos os dias com tédio, sua sensibilidade antes normal ganhara uma vibração refinadamente artística e o gozo de viver, viver simplesmente, atingia-o numa exaltação primitiva. E saiu do quarto, cantando ante o pasmo de d. Coló (Colô do meu filho, a morte dos dois amigos endoidou meu filho), dilatando as narinas ao perfume penetrante da feijoadinha na cozinha, escovou os dentes encontrando um sabor especial na pasta dentífrica, metendo-se debaixo do chuveiro numa absorção sensual à água fria, ensaboando-se voluptuosamente, divertindo-se com a sugestão picaresca de ser o sabonete uma delicada e macia mão feminina. E ao alôco comou com uma gula pantagruélica, estalando a língua, gabando as virtudes culinárias de d. Coló nunca antes enaltecidas, tinha mandado comprar uma garrafa de cerveja bem geladinha, sorvia-a a pequenos goles. E só quando se lembrou o jôgo (o nome da Bahia corria perigo), só quando achou que um belo e emocionante combate futebolístico coroaaria aquela forte emoção de vida, a lembrança dos amigos tocou-lhe o coração. E ele pensou, ungido de saúde, nos dois que não eram mais desta vida, tristonho e penalizado, com uma sensação muito aguda de sofrimento, mas com essa sensação perfeita que os vivos nutrem pelos

mortos, com essa superioridade de ser vivo, e de muito distante, de muito distante...

Foi para o campo da Graça.

★

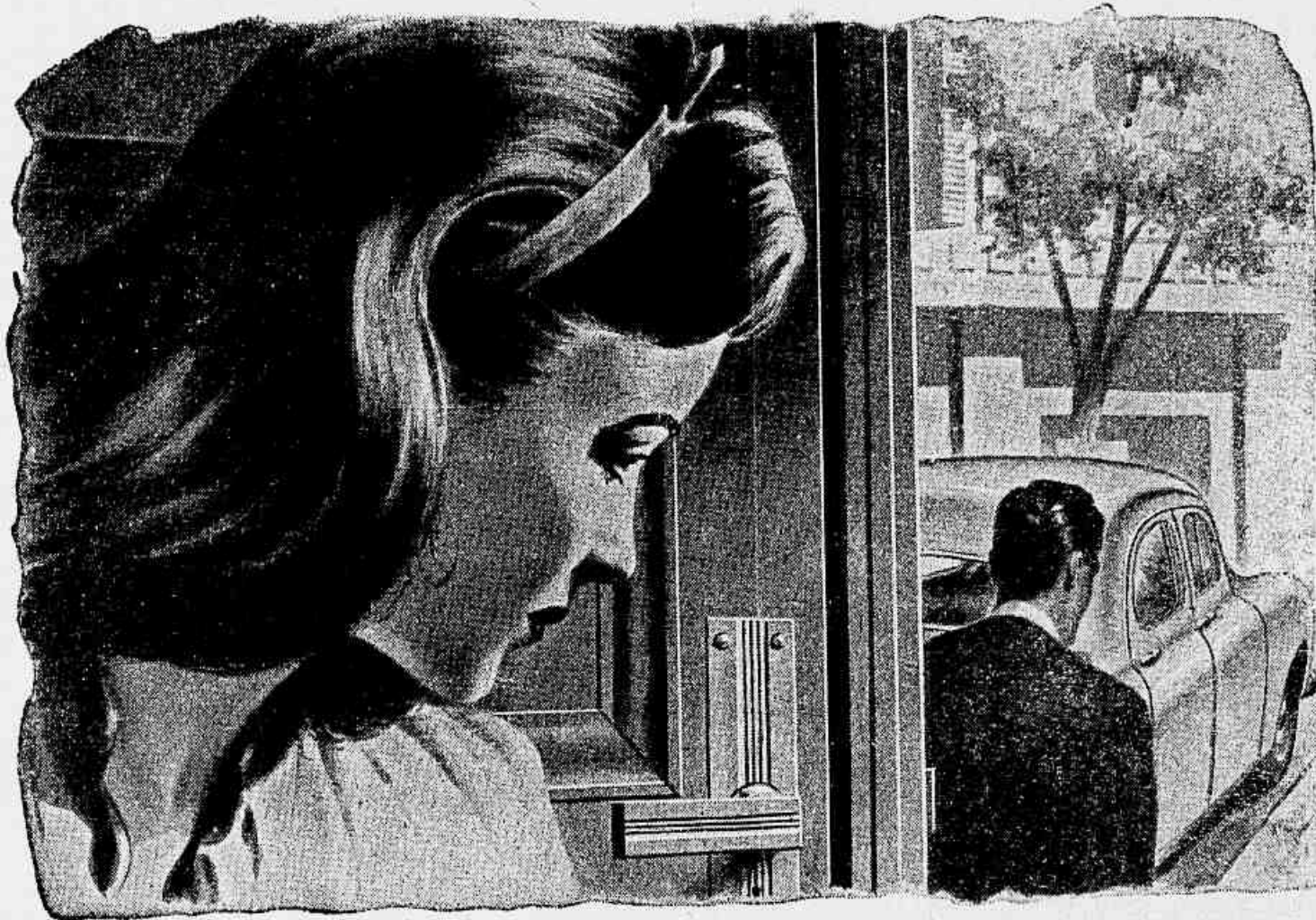
Na segunda-feira os jornais deram amplo noticiário sobre o desastre. Não suportando o peso daquela multidão delirante que superlotava as dependências do carcomido Campo da Graça, as arquibancadas ruíram estrepitosamente. Esmiuçando, os reporters presentes conta-

ram dramaticamente o pânico havido, os estragos materiais avaliados, e principalmente os dolorosos acidentes que mancharam de sangue, lágrimas e dor, a tarde festiva. Homens, mulheres e crianças, tinham sido medicados de ferimentos leves, de ferimentos graves. Durante toda a tarde e durante toda a noite, as ambulâncias da Bahia trabalharam, mobilizando médicos e enfermeiras que tratavam de simples arranhões até amputações de braços e pernas.

Todavia, dentro deste terror e sangueira, um fato assombrava a todos.

Apezar de tão grandiosas proporções materiais, embora subisse a milhares o número de feridos, somente uma morte se verificou. Dum dia para outro a pobre vítima, um funcionário público estadual, subiu ao pináculo da fama. Seu retrato, como o dum mártir, foi estampado na primeira página de todas as gazetas. Chamava-se Pompílio Carvalho Ribeiro — que nada tem a ver com Ernesto nem com a história de Ernesto. Esta, vitimado com um méro arranhão na face, continuou a viver.

Mas isto já é outro conto...



“Meu Noivo Será Meu Marido...?”



Desculpe-me, Lydia Não posso demorar hoje. Tenho um encontro com meus amigos no Clube. (É fácil conquistar um noivo... mas é difícil conservá-lo. E Lydia pensa que pode atraí-lo com sua beleza artificial).



—Minha filha. A felicidade no casamento depende de várias coisas, das quais a beleza natural é muito importante. Você está usando “maquillage” excessivo para disfarçar imperfeições da pele. Corrija-as com Leite de Colônia.



(Foi um conselho de mãe para filha. E em breve Lydia não tinha mais dúvidas quanto ao feliz fim do seu romance.) — Minha querida. Hoje vamos marcar o dia do nosso casamento. Agora, quero viver sempre ao seu lado.

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca “Brilhante” ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alfaca “Brilhante” permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca “Brilhante”. Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira — famosa pela sua beleza — considera o Leite de Colônia o seu embelezador básico.

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colônia.

É um erro disfarçar as imperfeições da pele com o “maquillage” exagerado — nocivo à vital respiração da pele. O certo é corrigir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colônia. Use-o pela manhã em massagens sobre o rosto, colo e pescoço... quando sair, como fixador do pó e protetor da cutis... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela beleza das peles eternamente jovens... eternamente lindas.

Leite de Colônia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 2870

Contra dores

ASPIRINA



O remedio de confiança

A mais fabulosa pescaria
AS VICISSITUDES
DO "BALAENA"
Durante a guerra essa indus-

tria esteve praticamente parali-
sada na Noruega. Logo que
terminou o conflito, porém, a
United Wholers Ltd. — uma

companhia internacional finan-
ciada por capitais ingleses, sue-
cos e noruegueses — entrou a
operar, financiando os empreen-
dimentos dessa natureza.

O "Balaena" em sua primeira
viagem levou a bordo dois
aviões do tipo Walrus, a fim de
auxiliarem os árduos trabalhos
da pesca. Seus serviços, porém,
não corresponderam à expecta-
tiva, de modo que serão elimi-
nados das expedições vindouras.

Acompanham a expedição
três cientistas de Cambridge,
cuja missão principal foi estudar
os meios de evitar que a carne
dos cetáceos se decompusesse
antes do seu aproveitamento in-
dustrial.

Um meteorologista do Minis-
tério da Aeronáutica também fez
pesquisas de sua especialidade,

utilizando nessa tarefa os aviões
que se encontravam a bordo.

A oficialidade e tripulação do
"Balaena" tiveram de enfrentar
sérias dificuldades, em vista de
não estarem ainda concluídas as
instalações do navio. Todavia,
a sua partida foi antecipada a
fim de que a expedição não
perdesse a temporada da pesca,
que tem início, como é sabido,
em dezembro.

A vida dos expedicionários,
longe de ser confortável e ame-
na, é cheia de contratempos e
sobressaltos. Os desembarques
são raríssimos — os homens do
"Balaena" só nesta viagem bai-
xaram à terra quatro vezes du-
rante os sete meses em que es-
tiveram a bordo.

As diversões de bordo, por
sua vez, são muito precárias.

Deixarão os homens de trabalhar?

(Cont. da pág. 48)

liberdade, vamos estranhar muito nossas filhas e
netas. Há os que dramatizam o assunto e figuram
uma sociedade de menores e maridos abandonados,
de mulheres presidentes de clubes e presidentes
da República, e de homens de avental, dando mama-
leira aos pobres bebês desamparados. E também
há maridos que, com seu profundo instinto mas-
culino, proibem às caras metades de cortarem os
cabelos, não sei se porque são retrógrados, sim-
plesmente, ou se para verificarem se ainda podem
proibir seja o que for, ou se porque pensam que
quanto mais longos os cabelos e maior o trabalho
da mulher com eles, mais curtos os seus vãos de
imaginação.

Chegam-se agora às primeiras conclusões da
mensa experiência. O professor Burgess, técnico
em assuntos do coração, diz que um casamento
oferece muitas possibilidades de ser bem sucedido
se (entre outras coisas) «a mulher tiver traba-
hado em solteira».

A mulher que trabalhou antes de casar-se está
mais capacitada para entender os aborrecimentos
do marido. Pode compreender por que ele nem
sempre é carinhoso, quando chega em casa, e por
que prefere, às vezes, um banho quente e uma sopa
apetitosa a um beijo.

A verdade é que é bem mais difícil admirar um
homem que a gente vê todos os dias de mangas
urregadas, frequentemente mal humorado, mor-
rendo o lápis ou praguejando diante do arquivo e
da máquina de escrever.

Em compensação, quanto mais fácil se torna
compreendê-lo e amá-lo, com essa ternura conso-
adora que têm as mulheres, quando, além de
amar, sentem piedade.

E agora, que fazer? Como solucionar os proble-
mas que aparecem, com o novo estado de coisas?
Como conciliar tantas coisas inconciliáveis, que já
foram discutidas e debatidas, e continuam no
mesmo?

Usar o livre arbítrio, a liberdade de escolha, o
dispor de si, ter direitos quando durante sabe Deus
quantos milhares de anos só se cumpriram deveres,
é uma experiência fascinante e é difícil de se
renunciar a ela. Bebemos do bom vinho — forte
e bom — e ele nos sobe à cabeça.

E agora?

Senhoras!
Se a
Natureza Falta
MENAGOL
REGULA!

ELLA SERIA ADORAVEL

...si não fosse doentia

SÓ uma saúde perfeita pôde dar
à mulher beleza e encanto ca-
pazes de a tornar adoravel aos olhos
masculinos!

Para ter uma saúde assim, tome
"A SAUDE DA MULHER", o remedio
que traz no nome o resumo das suas
virtudes. "A SAUDE DA MULHER"
regulariza o funcionamento do deli-
cado organismo feminino.



A SAUDE DA MULHER

CIA. T. JANER

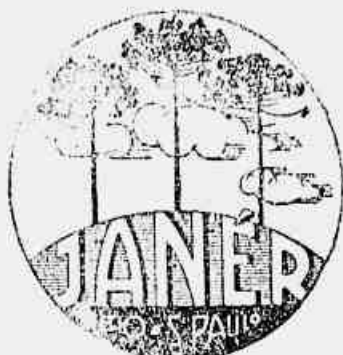
Comércio e Indústria

Rio de JANEIRO

Av. Rio Branco, 85-12.º

Edifício "CITY"

Caixa Postal 989



MARCA REG.

S. PAULO

Rua Dr. Falcão Filho.

N. 56-12.º

Edifício

"CONDE MATARAZZO"

Caixa Postal 3593

FILIAIS EM: BELO HORIZONTE, RECIFE, CURITIBA E PORTO ALEGRE

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS

- ★ PAPEL E CELULOSE
- ★ MÁQUINAS GRÁFICAS
- ★ CALDEIRAS A VAPOR
- ★ GERADORES DE ELETRICIDADE
- ★ MÁQUINAS OPERATRIZES
- ★ AÇOS FINOS SUÉCOS "BOFORS"
- ★ MATERIAL CIRÚRGICO "STILLE"
- ★ CAPTAÇÃO DE ÁGUA
- ★ EXPORTAÇÃO
- ★ MOTORES MARÍTIMOS
- ★ IMPORTAÇÃO EM GERAL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DA "NATIONAL PAPER & TYPE CO." — N. Y.

Consistiram elas, na viagem referida, de cerca de trinta películas cinematográficas, que foram exibidas repetidas vezes, e de uma boa biblioteca em inglês e norueguês.

O dia de trabalho a bordo é de dez horas aproximadamente, dividido em turnos diurno e noturno. O trabalho aos domingos é obrigatório, e remunerado em dôbro.

O ÊXITO DA EXPEDIÇÃO

A maioria dos que abraçam essa atividade com espírito de aventura, só toma parte em uma ou duas viagens, visando apenas fazer algumas economias. E' que, em geral, depois de concluída uma expedição, cada trabalhador pode exibir reservas de cerca de quatrocentas libras esterlinas, o que representa excelente pé de meia para sete meses de labor.

A correspondência destinada ao "Balaena" só foi entregue duas vezes — quando o navio estacionou para receber combustível. As comunicações entre os tripulantes e suas famílias eram feitas por intermédio do rádio.

Durante a viagem, um tripulante perdeu a vida num acidente e outro morreu vítima de envenenamento do sangue — um dos episódios mais banais nas expedições dessa natureza, a despeito de haver sempre um médico especialista a bordo.

A alimentação é, em geral, excelente, consistindo de carne fresca e salgada, gêneros em conserva, frutas e legumes congelados.

O "Balaena" fez uma viagem altamente lucrativa, pois trouxe no seu bojo cerca de um milhão de libras esterlinas em produtos e sub-produtos da baleia. Todavia, essa cifra poderia ter sido consideravelmente maior se já estivessem concluídas as instalações daquele barco. A falta de uma refrigeração adequada impossibilitou o transporte de maiores quantidades de carne congelada. Por sua vez, a fábrica de extrato de osso não funcionou, o mesmo acontecendo à maquinaria destinada ao fabrico do extrato de fígado.

Em outubro vindouro, quando o "Balaena" realizar sua próxima viagem, é de esperar que essa maquinaria esteja já em funcionamento, possibilitando, assim, lucros equivalentes ao dôbro dos alcançados em sua última excursão.

Na temporada que passou, o "Balaena" operou nos campos de pesca da mesma latitude de Oslo — 60 graus, por 90 de longitude — mas na sua próxima viagem provavelmente escolherá outro local para seu campo de ação.

Foram extremamente favoráveis as condições atmosféricas reinantes durante a expedição do "Balaena". O sol brilhou em toda a plenitude e a tempera-



Orgulho de mulher

Bonita!



UMA cutis fresca e delicada é, para a mulher bonita, motivo de orgulho. Nem a maquiagem mais perfeita consegue occultar os cravos e espinhas. Procure conservar a sua beleza. Use Rugol e verá desaparecer as manchas e as impurezas. Rugol, penetrando profundamente na epiderme, rejuvenesce os tecidos e impede a formação de rugas e pés de galinha. Contrae os poros, elimina as sardas e manchas e dá á cutis uma alvura e um avelludado admiráveis.

● Diariamente, ao deitar-se, faça uma massagem branda com Rugol, durante 3 ou 4 minutos. Removidas as impurezas e a pintura, retire o excesso de creme com um pano seco e macio. Pela manhã lave o rosto com água morna e a seguir com água fria. Passe uma leve camada de Rugol e applique, depois, o pó de arroz.

CRÈME RUGOL

Produtos dos Laboratórios ALVIM & FREITAS — São Paulo

BANCO DO COMÉRCIO, S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93/95

FONE 43-8966

Agências Metropolitanas:

MEIER

RUA 24 DE MAIO, 1355 — FONES 29-5538 — 49-2811 — 49-2600 — 29-5902

TIJUCA

PRAÇA SAENZ PEÑA, 9

FONE 48-4015

S. CRISTÓVÃO

RUA S. LUIZ GONZAGA, 415

FONE 29-3895

URUGUAIANA

RUA URUGUAIANA, 7

FONES 22-3812 — 42-2946 — 42-3833

COPACABANA

AVENIDA NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 1155

FONE 27-6888

Agências no Estado do Rio:

NOVA FRIBURGO

RUA ALBERTO BRAUNE, 104

FONE 8

NITERÓI

RUA CORONEL GOMES MACHADO, 82

BARRETO (Niterói)

RUA DR. MARCH, 29

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS, INCLUSIVE CAMBIO

Contra o esgotamento
físico e mental!

VINHO
DA
VIDA



Sinclair and Valentine
Co. New York

Tintas para impressão e todos os
demais artigos para artes gráficas.

REPRESENTANTES

Ehlermann & Cia. Ltda.
Rua Teófilo Otoni, 134
Telefone 23-0759
Rio de Janeiro

Comercial Gratex
Rua Aurora, 427
Telefone 4-5942
São Paulo

E. H. WOLFF

IMPORTADOR E EXPORTADOR

RUA LAVRADIO, 126 — Tel. 32-6130 - 32-1669 - 82-4165

RIO DE JANEIRO

Filial: RUA DO ALECRIM, 341 — End. Teleg. "ELWOS"

— Caixa Postal 836 — RECIFE — Pernambuco

tura mínima foi de 32 graus Fahrenheit. Os expedicionários ficaram surpreendidos com a temperatura reinante na zona antártica, considerando o verão ali muito mais cálido que o inverno na Inglaterra. Por esse motivo, a despeito das desvantagens de uma maquinaria incompleta, a expedição consignou êxitos acima do normal.

MAURICE CHEVALIER CONTA AS SUAS MEMÓRIAS

(Continuação da pág. 58)

— e isso vai ser o fim da carreira». Yvonne (a dedicada enfermeira durante a primeira crise, depois a esposa) acaba convencendo Maurice a aceitar.

1928. Nova York enche Maurice de terror. Todas as noites ele vai ver e ouvir as «estrélas» do teatro e das night-clubs: Eddie Cantor, Al Jolson, os irmãos Marx, Duke Ellington. Músicos perfeitos, técnica excepcional, comicidade, dança, diálogo, pantomima, vozes de ouro... Maurice sabe que tem uma voz fraca, que é apenas um dilettante de dança, que nunca experimentou a comédia: que é que ele vai fazer diante de um público acostumado a tantas maravilhas?

A estréia — diante de um público de atores, produtores e críticos, durante uma festa — obtem um êxito triunfal. E, afinal, Maurice compreende. O que ele tem não é técnica, não é cultura, não é música, não é nada: é, apenas, personalidade, simpatia, desembaraço. Algo novo, algo popular. Uma simplicidade encantadora. Naquela noite ele acaba descobrindo o segredo de seu próprio sucesso. E os «complexos» morrem.

Hollywood é então um mundo estranho, abalado pela incrível revolução que vem de se processar: a invenção do cinema sonoro. Chevalier assiste às preocupações de Chaplin, ao fim da ditadura da dupla Pickford-Fairbanks, ao desaparecimento de Clara Bow, à volta de Jannings aos teatros alemães. Seus primeiros filmes — especialmente «Alvorada do amor», dirigido por Lubitsch — colocam Maurice no primeiro lugar entre os «astros» do momento. Mas o receio da volubilidade do público permanece: ele está vendo muitos exemplos de decadência. Quer explorar intensivamente o sucesso. Entre um e outro filme realiza «tournées» em toda a Europa. Suas pagas sobem a um nível nunca visto. O preço das entradas é tão grande que o público acaba achando exagerada a fama do cantor e a publicidade que se vem fazendo sobre ele. «The most expansive artist in the world» é um rótulo antipático. A imprensa começa a atacar Chevalier, sua injustificada celebridade, sua avidez de dinheiro, seu cabotinismo. Os vencimentos dele são considerados como uma verdadeira injustiça social.

Pouco a pouco, também a carreira cinematográfica começa a se tornar difícil. Mas Chevalier tem o bom gosto de deixar Hollywood antes do eclipse definitivo. Ademais tem novos projetos, aos quais talvez a mentalidade americana não possa prestar a devida atenção. Sua amizade com Charles Boyer, ator culto, atrai Maurice numa nova órbita. Já não é mais o rapaz alegre e despreocupado das Folies Bergères: está lendo livros difíceis, está tentando se introduzir no mundo dos comediantes de classe. Até está se cansando do proverbial chapéu de palha.

Volta a Paris. Começa a sentir um ar diferente, um clima antigo, a mesma atmosfera poética e aventureira de sua primeira mocidade. O livro termina aqui, num monólogo de Chevalier diante das lembranças maternas, quase que prometendo àquela sombra de criar juízo. Os resultados deste «juízo» serão os filmes de Siódmak e de Clair. Mas isso já é matéria do terceiro volume, em que também ficaremos sabendo, du côté de chez Maurice, as travessias de seu pretensão ou real colaboracionismo com os alemães.

Chevalier é malicioso e tem seus vícios psicológicos. Não quer admitir ser um pouco pão-duro, por exemplo, se bem que o confesse, inconscientemente, a cada página. A verdade é que ele tem um complexo de horror à pobreza, que é a consequência de sua infância: daqueles anos de gavrocherie. E há também um pouco de hipocrisia quando ele nos quer contar à sua maneira os últimos anos de Hollywood, ou quando tenta culpar os empresários, exclusivamente, daquele período de antipático cabotinismo internacional. (Por que esconder, por exemplo, a valia colossal que recebeu em Roma?)

Mas, afinal, o que conta, na vida de um artista, é o sucesso. A profecia de Thalberg, de que Chevalier teria voltado grisalho à glória de Hollywood, está realizada. O projeto de se renovar, num gênero artístico diferente, também obteve êxito. E Chevalier pode ir satisfeito de ter continuado a representar, diante de três gerações, o papel de símbolo de Paris: desde o familiar e ingênuo humorismo do rapaz que piscava os olhos à platéia, até a graça melancólica do colaborador dum dos maiores poetas do cinema, naquela epopéia de saudades que é «La alliance est d'ore».

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

Relatório de 1947

A situação de prosperidade e prestígio da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil é um reflexo eloquente da invulgar capacidade de trabalho e da habilidade administrativa do dr. Orlando Cardoso. Os trechos do Relatório de 1947, abaixo transcrito, dão aos nossos leitores elementos para apreciar a segurança e o acerto com que se tem conduzido o dr. Orlando Cardoso na direção da Caixa.

SÍNTESE DO MOVIMENTO DO EXERCÍCIO: — Conforme já prevíamos em nosso último relatório, encontram-se praticamente esgotadas as disponibilidades para empréstimos, estando em andamento apenas as obras anteriormente autorizadas. Temos, entretanto, satisfação em verificar que os benefícios da nossa Carteira de Empréstimos estenderam-se a uma grande parte do funcionalismo do Banco do Brasil. Assim é que foram adquiridas por meio de intermédio, em todo o Brasil, até a presente data, 2.271 residências, das quais financiamos 1.445, sendo 887 pela Capital e 558 no interior do país. Além dessas, temos em construção mais 608 habitações, sendo 501 apartamentos e 107 prédios residenciais. A falta de habitações continua cada dia mais intensa, o que tem motivado um grande número de pedidos de empréstimos, contendo, muitas vezes, pretensões bastante justas, às quais, infelizmente, nem sempre podemos atender. Há, presentemente, 1.133 colegas inscritos e aguardando chamada para negócio, no total de Cr\$ 177.014.396,00. Não nos cabe, entretanto, impedir novas inscrições, por isso que se trata de um direito regulamentar. Outro assunto sobre o qual não queremos deixar de ponderar é o referente às aposentadorias ordinárias. A resolução da Assembleia Geral do Banco do Brasil, transcrita em portaria nº 966, de 8 de maio de 1947, que concede aposentadoria com proventos integrais ao seu funcionalismo, veio trazer uma natural sobrecarga para nossas reservas técnicas. Enquanto, em 1946, foram concedidas 16 aposentadorias, esse total elevou-se, no presente exercício, a 52. E' ainda bem maior o número de funcionários com direito ao gozo desse benefício, o que, certamente, constitui mais um aumento de encargo para as referidas reservas. Baseada, entretanto, em conselhos do atuário dr. René Celestin, nos Estatutos e no contrato firmado entre a Caixa e o Banco do Brasil, está esta Diretoria procurando, pelos meios técnicos adequados, contornar, da melhor maneira, a situação apresentada. São essas, pois, as principais ocorrências que devemos levar ao conhecimento dos srs. associados.

Cumpramos, agora, fazer algumas considerações sobre a situação econômico-financeira da Caixa, de acordo com os documentos do balanço de 31-12-47. O ativo patrimonial se compõe de 213.306 milhares de cruzeiros distribuídos em: disponibilidades, 9.866; ativo realizável, 170.361, e imobilizações 33.079.

As «Disponibilidades» representam o numerário em caixa e em conta de depósito no Banco do Brasil S. A., num total de 2.217 milhares de cruzeiros, e o restante em contas correntes devedoras. O «Ativo realizável» absorve 80% do ativo patrimonial e na conta «Imobilizações» estão representados os terrenos e construções financiados pela Caixa, sob o regime de administração.

As verbas do passivo estão assim distribuídas: reservas técnicas, 200.000; reservas de contingência, 4.507; fundo de garantia, 4.033; exigibilidades diversas, 4.230, e receitas do exercício futuro, 538, somando um total de 213.306 milhares de cruzeiros.

O total de nossas Reservas atinge, portanto, 99% do total do ativo e o exercício financeiro do presente ano apresenta um «superávit» de Cr\$ 26.550.366,40, que foi incorporado às contas das reservas técnicas.

A receita global do exercício foi de 36.195 milhares de cruzeiros, provenientes de 11.636 milhares de cruzeiros atribuídos às rendas da aplicação do patrimônio, Cr\$ 22.613.000,00 provenientes das contribuições de associados e do Banco do Brasil e Cr\$ 1.946.000,00 de outras receitas ordinárias. A renda de aplicação do patrimônio ficou assim distribuída: juros de títulos: Cr\$ 2.599.000,00, e juros de empréstimos hipotecários Cr\$ 8.891.000,00. Constitui essa renda 32% da receita da Caixa, sendo que as contribuições, dos associados e do Banco, correspondem a 63% e outras receitas ordinárias a 5%.

DESPESAS: — Essa conta apresenta, no balanço, a cifra de Cr\$ 9.645.000,00, equivalente a 26% da renda bruta, contra 16% do exercício anterior. Os benefícios estatutários absorveram 44% do total da despesa, sendo Cr\$ 2.249.000,00 de aposentadorias e Cr\$ 1.968.000,00 de pensões. As despesas administrativas somaram Cr\$ 5.428.000,00. Em confronto com o exercício anterior, houve um aumento de 85% no total das despesas, em virtude do prejuízo que vem acarretando a venda dos nossos títulos.

PENSÕES: — Durante o exercício foram concedidas 23 pensões, no valor total de 23.805 cruzeiros mensais. As baixas atingiram o valor de Cr\$ 6.013,90.

APOSENTADORIAS: — Há, no momento, 124 sócios aposentados, sendo 42 por invalidez, 23 compulsórias, 10 por velhice e 49 ordinárias. Essas aposentadorias representam um dispêndio mensal de Cr\$ 182.308,40. No corrente exercício foram concedidas 52 aposentadorias, no valor de Cr\$ 162.648,00. Extinguiram-se, no mesmo período, 7 aposentadorias, no valor de Cr\$ 19.764,60 mensais, sendo 6 por motivo de morte e 1 por reversão à ativa.

CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS: — As operações hipotecárias, no corrente exercício, foram de tal modo vultosas que esgotaram nossas disponibilidades, fato esse que dispensa maiores comentários. Concedeu a Carteira, neste exercício, empréstimos no total de Cr\$ 37.834.295,00, com as seguintes finalidades: resgate de ônus e obras complementares, Cr\$ 9.781.925,00; aquisição de prédios, Cr\$ 15.403.900,00; compra de terreno e construção, Cr\$ 9.122.470,00, e construções em terreno próprio, Cr\$ 3.526.000,00. O total dos empréstimos acima referidos foi aplicado nas seguintes praças: Distrito Federal, Araraquara, Bauru, Belo Horizonte, Blumenau, Campinas, Campo Grande, Campos, Cataguazes, Cuiabá, Fortaleza, Juá, João Pessoa, Juiz de Fora, Macaé, Macaé, Natal, Niterói, Pelotas, Petrópolis, Porto Alegre, Recife, Rezende, Ribeirão Preto, Salvador, Santos, São Paulo, Teresina, Três Corações, Uberaba e Vitória. Existem 65 Seções Prediais em diversas praças do país. Candidataram-se a empréstimo hipotecário, até 31 de dezembro, 3.335 colegas, dos quais 2.202 já foram atendidos. Aguardam chamada para empréstimo 1.133 colegas, sendo 548 associados desta Caixa e 585 do Instituto dos Bancários. A situação do «Fundo de Garantia» apresenta-se no balanço com o saldo de Cr\$ 4.023.605,80.



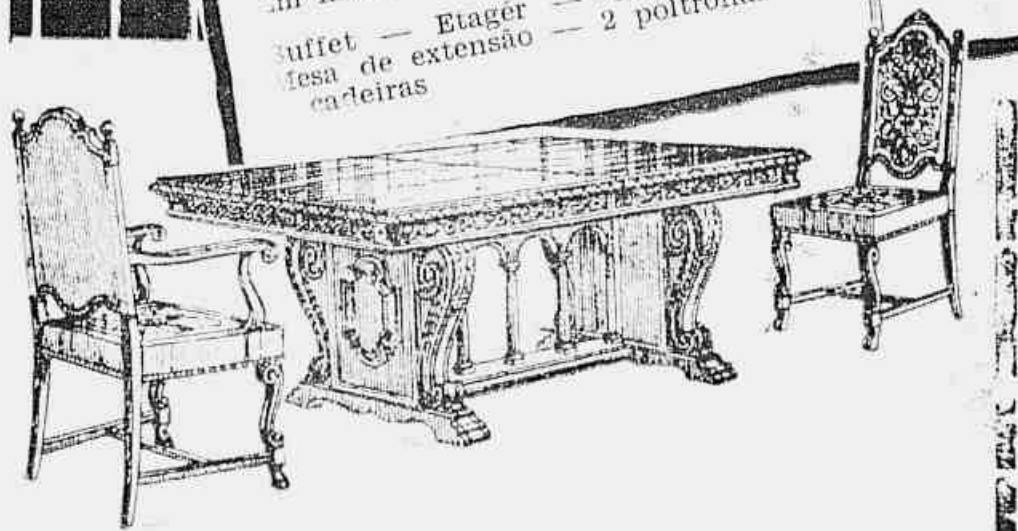
DORMITÓRIO CHIPPENDALE

Em imbuia esculpado
compensado de jacaranda:
Guarda vestidos de 3 corpos — Guar-
da casaca — Camiseiro — Cama de
casal — Mesinha de cabeceira —
Penteadeira com espelho —
Mesinha



SALA DE JANTAR CHIPPENDALE
Em imbuia esculpado

Buffet — Etagér — Cristaleira —
Mesa de extensão — 2 poltronas —
cadeiras



MOBILIÁRIOS e DECORAÇÕES

que há 36 anos se impõem à preferência das pessoas
de bom gosto

TAPETES — TECIDOS — CORTINAS

Orçamento grátis



CASA FUNDADA EM 1912

65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Epoca

Cigarros **Hollywood**



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz